

COLEÇÃO APLAUSO **CRÔNICAS** AUTOBIOGRÁFICAS

CRÔNICAS DE

MARIA LUCIA DAHL

O QUEBRA-CABEÇAS

 **CULTURA**
Fundação Padre Anchieta

 **Imprensa Oficial**

Maria Lucia Dahl

O Quebra-cabeças



Governador
Secretário Chefe da Casa Civil

Geraldo Alckmin
Arnaldo Madeira

Imprensa Oficial

Diretor-presidente
Diretor Vice-presidente
Diretor Industrial
Diretora Financeira e
Administrativa
Chefe de Gabinete
Núcleo de Projetos
Institucionais

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Hubert Alquéres
Luiz Carlos Frigerio
Teiji Tomioka
Nodette Mameri Peano
Emerson Bento Pereira
Vera Lucia Wey



Presidente
Projetos Especiais
Diretor de Programação

Fundação Padre Anchieta

Marcos Mendonça
Adélia Lombardi
Mauro Garcia

Coordenador Geral
Coordenador Operacional
e Pesquisa Iconográfica
Projeto Gráfico
Editoração
Assistente Operacional
Tratamento de Imagens

Coleção Aplauso Crônicas Autobiográficas

Rubens Ewald Filho
Marcelo Pestana
Carlos Cirne
Marli Santos de Jesus
Andressa Veronesi
José Carlos da Silva

Maria Lucia Dahl
O Quebra-cabeças

por Maria Lucia Dahl



imprensa**o**ficial

São Paulo – 2005

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação elaborados
pela Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Dahl, Maria Lucia.

Maria Lucia Dahl: o quebra-cabeças / por Maria Lucia Dahl. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005.

376p. – (Coleção aplauso. Série crônicas autobiográficas / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

ISBN 85-7060-233-2 (Obra completa) (Imprensa Oficial)

ISBN 85-7060-401-7 (Imprensa Oficial)

1. Atores e atrizes de teatro - Brasil 2. Atores e atrizes de televisão - Brasil 3. Atores e atrizes cinematográficos - Brasil 4. Dahl, Maria Lucia – Autobiografia I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros : autobriografia : Representações públicas : Artes 791.092

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional (Lei nº 1.825, de 20/12/1907).
Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 – Mooca
03103-902 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (0xx11) 6099-9800
Fax: (0xx11) 6099-9674
www.imprensaoficial.com.br
e-mail: livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800-123401

Apresentação

“O que lembro, tenho.”

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, tem como atributo principal reabilitar e resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas do cinema, do teatro e da televisão.

Essa importante historiografia cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. O coordenador de nossa coleção, o crítico Rubens Ewald Filho, selecionou, criteriosamente, um conjunto de jornalistas especializados para realizar esse trabalho de aproximação junto a nossos biografados. Em entrevistas e encontros sucessivos foi-se estreitando o contato com todos. Preciosos arquivos de documentos e imagens foram abertos e, na maioria dos casos, deu-se a conhecer o universo que compõe seus cotidianos.

A decisão em trazer o relato de cada um para a primeira pessoa permitiu manter o aspecto de tradição oral dos fatos, fazendo com que a memória e toda a sua conotação idiossincrásica aflorasse de maneira coloquial, como se o biografado estivesse falando diretamente ao leitor.

Gostaria de ressaltar, no entanto, um fator importante na *Coleção*, pois os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que caracterizam também o artista e seu ofício. Tantas vezes o biógrafo e o biografado foram tomados desse envolvimento, cúmplices dessa simbiose, que essas condições dotaram os livros de novos instrumentos. Assim, ambos se colocaram em sendas onde a reflexão se estendeu sobre a formação intelectual e ideológica do artista e, supostamente, continuada naquilo que caracterizava o meio, o ambiente e a história brasileira naquele contexto e momento. Muitos discutiram o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida. Deixaram transparecer a firmeza do pensamento crítico, denunciaram preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando o nosso país, mostraram o que representou a formação de cada biografado e sua atuação em ofícios de linguagens diferenciadas como o teatro, o cinema e a televisão – e o que cada um desses veículos lhes exigiu ou lhes deu. Foram analisadas as distintas linguagens desses ofícios.

Cada obra extrapola, portanto, os simples relatos biográficos, explorando o universo íntimo e psicológico do artista, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade em ter se tornado artista, seus princípios, a formação de sua personalidade, a *persona* e a complexidade de seus personagens.

São livros que irão atrair o grande público, mas que – certamente – interessarão igualmente aos nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o intrincado processo de criação que envolve as linguagens do teatro e do cinema. Foram desenvolvidos temas como a construção dos personagens interpretados, bem como a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferenciação fundamental desses dois veículos e a expressão de suas linguagens.

A amplitude desses recursos de recuperação da memória por meio dos títulos da *Coleção Aplauso*, aliada à possibilidade de discussão de instrumentos profissionais, fez com que a Imprensa Oficial passasse a distribuir em todas as bibliotecas importantes do país, bem como em bibliotecas especializadas, esses livros, de gratificante aceitação.

Gostaria de ressaltar seu adequado projeto gráfico, em formato de bolso, documentado com iconografia farta e registro cronológico completo para cada biografado, em cada setor de sua atuação.

A *Coleção Aplauso*, que tende a ultrapassar os cem títulos, se afirma progressivamente, e espera contemplar o público de língua portuguesa

com o espectro mais completo possível dos artistas, atores e diretores, que escreveram a rica e diversificada história do cinema, do teatro e da televisão em nosso país, mesmo sujeitos a percalços de naturezas várias, mas com seus protagonistas sempre reagindo com criatividade, mesmo nos anos mais obscuros pelos quais passamos.

Além dos perfis biográficos, que são a marca da *Coleção Aplauso*, ela inclui ainda outras séries: *Projetos Especiais*, com formatos e características distintos, em que já foram publicadas excepcionais pesquisas iconográficas, que se originaram de teses universitárias ou de arquivos documentais pré-existentes que sugeriram sua edição em outro formato.

8

Temos a série constituída de roteiros cinematográficos, denominada *Cinema Brasil*, que publicou o roteiro histórico de *O Caçador de Diamantes*, de Vittorio Capellaro, de 1933, considerado o primeiro roteiro completo escrito no Brasil com a intenção de ser efetivamente filmado. Paralelamente, roteiros mais recentes, como o clássico *O Caso dos Irmãos Naves*, de Luis Sérgio Person, *Dois Córregos*, de Carlos Reichenbach, *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, e *Como Fazer um Filme de Amor*, de José Roberto Torero, que deverão se tornar bibliografia básica obrigatória para as escolas de cinema, ao mesmo tempo em que documentam essa importante produção da cinematografia nacional.

Gostaria de destacar a obra *Gloria in Excelsior*, da série *TV Brasil*, sobre a ascensão, o apogeu e a queda da TV Excelsior, que inovou os procedimentos e formas de se fazer televisão no Brasil. Muitos leitores se surpreenderão ao descobrirem que vários diretores, autores e atores, que na década de 70 promoveram o crescimento da TV Globo, foram forçados nos estúdios da TV Excelsior, que sucumbiu juntamente com o Grupo Simonsen, perseguido pelo regime militar.

Se algum fator de sucesso da *Coleção Aplauso* merece ser mais destacado do que outros, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

9

De nossa parte coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica, contar com a boa vontade, o entusiasmo e a generosidade de nossos artistas, diretores e roteiristas. Depois, apenas, com igual entusiasmo, colocar à disposição todas essas informações, atraentes e acessíveis, em um projeto bem cuidado. Também a nós sensibilizaram as questões sobre nossa cultura que a *Coleção Aplauso* suscita e apresenta – os sortilégios que envolvem palco, cena, coxias, set de filmagens, cenários, câmeras – e, com referência a esses seres especiais que ali transitam e se transmutam, é deles que todo

esse material de vida e reflexão poderá ser extraído e disseminado como interesse que magnetizará o leitor.

A Imprensa Oficial se sente orgulhosa de ter criado a *Coleção Aplauso*, pois tem consciência de que nossa história cultural não pode ser negligenciada, e é a partir dela que se forja e se constrói a identidade brasileira.

Hubert Alquéres
Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo





Introdução

Não acredito em formulas prontas. É preciso estar sempre se renovando, se ampliando, abrindo novas fronteiras, enfrentando novos desafios. É com esta filosofia que a Coleção Aplauso amplia seu alcance publicando pela primeira vez um livro de crônicas escritas por uma jornalista e atriz consagrada, Maria Lucia Dahl.

Conheci melhor Maria Lucia quando fizemos parte de um mesmo júri no Festival de Gramado de 2004. Já admirava como mulher e atriz de inúmeros trabalhos no cinema, teatro e televisão (inclusive num filme, *A Árvore dos Sexos*, que escrevi com Sílvio de Abreu). Mas havia realmente ficado encantado com sua autobiografia, *Quem Não Ouve o seu Papai, um dia Balança e Cai*, da Editora Codecri, em que relembra sua vida com muita verve e inteligência. E incrível senso de humor, já claro pelo próprio título. Além disso, tem também publicado outros livros: *Paquetá*, *Além da Arrebentação* e *Crônicas JB*.

Confirmei tudo isso pessoalmente numa convivência agradável marcada por um misticismo e humanidade (demonstrando, por exemplo, grande corujice pela filha atriz). Foi quando surgiu a idéia de lançarmos um livro com as crônicas que Maria Lucia tem publicado às sextas-feiras no Jornal do Brasil, sempre com grande repercussão. Só fiz um

pedido: que as crônicas tivessem um cunho autobiográfico, que fossem muito pessoais para não destoar do resto da Coleção (embora me sentisse um pouco tolo em dizer isso, já que por definição crônica seria dos mais pessoais dos gêneros literários.).

14 Foi assim que surgiu este projeto, com a proposta de atingir um público mais amplo do que o atingido por um jornal carioca e dar perenidade ao que poderia ser esquecido. Porque ela merece. Lendo seu trabalho você irá sentir, como eu, a paixão dessa mulher independente, corajosa, contraditória como toda mulher. Mas sempre com uma grande sensibilidade e capacidade de colocar em palavras aquilo que estamos sentindo sobre o momento de nosso país, nosso tempo e nossa vida. Porque é sobre eles que Maria Lucia escreve.

Não estou sozinho na minha admiração pela escritora. Eis algumas outras opiniões:

Maria Lucia,
Estou escrevendo porque há muito tempo quero fazer isso. É só pra lhe dizer que lendo as crônicas sempre, fico feliz em ver como você está escrevendo cada vez melhor, se dando bem com as palavras e os sentimentos, sem nenhum artificialismo ou cacete, sem frescura, e ao mesmo tempo sem desleixo, escrevendo bem. Acho que você está uma craque e me dá orgulho.

João Ubaldo Ribeiro

Acho as crônicas de Maria Lucia Dahl, embora despreziosas, ou por isso mesmo, da mais fina qualidade literária, com todo o charme feminino da autora. Gostaria de cumprimentá-la, especialmente pela última delas – o e-mail e a corrente interrompida –, de uma simplicidade e uma graça exemplares.

Fernando Sabino

Na hora de pensarmos numa apresentação oficial, porém, fui eu que sugeri à irmã dela a que muito admirava (mas não conheço pessoalmente) a figurinista da Globo Marília Carneiro. Foi também uma maneira de homenagear outra grande artista. O resultado está aqui e tenho certeza que vai agradar. Divirtam-se e aprendam um pouquinho também.

15

Rubens Ewald Filho



A Bela Escritora

Quando a minha irmã nasceu, eu tinha três anos e quis morrer. Achei que aquele neném fazia parte de um complô para acabar com a minha vida, porque a partir daquele dia eu teria que dividir tudo com ela. A minha mãe teve inclusive o bom senso de contratar mais uma babá, porque se eu tivesse que rachar a minha seria o fim. Por causa de babá, pelo menos, ninguém ia brigar. Hoje a Maria Lucia é muito presente na minha vida e vice-versa. No bom sentido. A intimidade que tenho com ela não encontro em nenhuma das minhas amizades. Não sei se todas as irmãs do mundo são assim. A minha é. Agora sei que irmandade é uma coisa muito séria e esta palavra, pra mim, não é apenas teórica. Ela exprime, de verdade, um amor que passa por cima das pequenas diferenças. A gente pode até não se ver muito, mas não é raro eu falar com ela duas vezes por dia. Sem esses telefonemas para conferir todos os meus raciocínios, fica difícil a vida. Quando ela esteve exilada em Paris, por exemplo, me faltava um pedaço. E isso não é literatura: eu realmente sentia falta de um pedaço meu. O Reveillon e todas as datas comemorativas ficavam impraticáveis sem a sua companhia. Para quem achava que ela só podia atrapalhar, a mudança foi grande.

17

Até hoje acho que Maria Lucia se tornou atriz por acaso. Formada em Filosofia, teve todo o seu cami-

nho intelectual desviado para uma profissão que não lhe dava maior prazer a não ser o da libertação da mulher burguesa, aquela que largava tudo para ir para o Nordeste com um grupo mambembe de filmagem. Mas isso é que dá ser muito bonita. A anatomia é destino: no caso dela, a beleza falou mais alto e a empurrou para os papéis da patroa, da loura, da rica. Se ela fosse menos bonita, talvez tivesse tido mais chance de fazer o que ela realmente queria.

18 Não sei se ela era a pessoa certa para brilhar em Cannes como ela brilhava, por exemplo. É claro que, por um lado, ninguém resiste a essa tentação. Por outro lado, nada dava prazer a ela como ler e escrever. Seu primeiro convite para fazer cinema partiu de Joaquim Pedro de Andrade: *O Padre e a Moça*. Nosso pai ficou muito meio de pé atrás, porque achava que ela não devia se expor. É um filme seríssimo e hoje em dia a gente morre de rir só de pensar que um pai pudesse considerar aquilo uma transgressão. Mesmo o papai, que era a pessoa menos careta do mundo. Ele ficava chocado com tanta demanda pela beleza da Maria Lucia. E talvez, inteligente que era, sentisse que aquilo ali era um desvio.

Chegamos a trabalhar juntas, quando ela era atriz. Fiz o figurino de uma peça e de alguns filmes. Era ótimo trabalharmos com ela. Não existia, ali, o egocentrismo e o narcisismo desmedido que vejo

em algumas atrizes. Paparicada do jeito que ela era, aliás, é quase um milagre que tenha amadurecido tão bem, com tanta sabedoria e tranqüilidade de avó sensata. É que o que a realiza mesmo é o intelecto, mais do que a imagem. O seu grande barato é ler e escrever. São as duas coisas que ela mais gosta na vida. Fora os netos, é claro.

O texto dela é um cruzamento de Proust com Rubem Braga. Rubem Braga porque ele era uma pessoa carioquíssima, como ela, mas não o carioca de botequim. Era aquele carioca recolhido, caseiro, que olhava a cidade do alto. E Proust porque, ao mesmo tempo, Maria Lucia é pautada pelas “madeleines”. Basta ela ir a Petrópolis com o neto, parar no Alemão e pronto, lá vem a serra, o frio, o gosto da torta, a neblina. Rubem Braga e Proust: um cruzamento dos deuses. Com refinamento ela fala do que está do avesso, não das verdades óbvias. Pura filigrana. É isso o que eu mais gosto no seu texto. Sobretudo as sutilezas e o humor. Ela é a pessoa mais distraída do mundo, completamente imprecisa e capaz de não saber em que mês ou ano está, mas tem uma observação absolutamente aguda do universo.

No meu caso, o prazer de leitora é maior porque conheço as histórias e, é claro, muitas vezes me vejo nelas. Também ajudo a lembrar de alguns fatos em longos telefonemas, sempre muito prazerosos. Ela é obcecada por detalhes, que aos poucos vão

virando crônicas. Falamos muito sobre a infância passada em Petrópolis, por exemplo. Petrópolis, com a neblina e o cheiro de lança-perfume no Hotel Quitandinha, é fortíssimo nas nossas vidas. É a nossa “madeleine”.

Marília Carneiro

Maria Lucia por ela Mesma

Nasci durante a 2ª a Guerra Mundial, fazendo, definitivamente, parte da geração Coca-Cola, que tomava quase como mamadeira, vinda da Confeitaria Imperial perto de onde eu morava numa espécie de chácara, em Botafogo, com muitas árvores, gramado, horta e galinheiro, além das cobras, das quais lembro de uma que se enrolou no tronco da bananeira e era tão grande que meu pai teve que matá-la com um revólver. Revólver este que se escondia no armário e que também foi usado uma vez pra espantar o cachorro policial que queria morder um ladrão de galinhas, fazendo-o subir na mangueira e gritar por socorro, acordando mamãe, que ficou com pena do rapaz.

Além desses contratempos, a casa também metia um pouco de medo com seus grandes espaços, como o vão escuro debaixo da escada de madeira preta, cheio de fantasmas que freqüentavam a minha fantasia infantil.

Apesar do amor imenso que eu sentia pela minha primeira casa, bom mesmo eram as férias em Quitandinha, onde só se ouvia, às noites, o som alegre dos bailes de Carnaval dos adultos ou as festas infantis, nas quais eu ia vestida de tirolês, cantar o Pirata da Perna de Pau. Quitandinha é um sonho que permanece intacto, com seu hall de entrada de mármore cheirando a lança-perfume, casacos de lã e artistas de Hollywood, que podíamos olhar de longe, no bar.

Maravilhosas também eram as viagens de navio pros Estados Unidos e pra Europa, que duravam doze dias, intermináveis pros adultos, rapidíssimas pra minha irmã e pra mim.

Depois dessas longas férias, o Sion, o primeiro colégio, de onde vem toda a minha base educativa, cultural, religiosa e um pouco neurótica, que junto aos gritos e sussurros da casa onde morávamos muito contribuiu pra alguns anos de psicanálise, deixando, porém, assim como a casa, um saldo bastante positivo na minha vida, embora misterioso e amedrontador.

Meu pai era empresário e minha mãe, herdeira do Rhum Creosotado, remédio feito por meu bisavô, Ernesto de Souza, farmacêutico e poeta que realizava saraus em sua casa do Andaraí.

Além do Sion de Laranjeiras, freqüentei também o colégio Princesa Izabel, o Andrews e o São Fernando, não sei qual dos três, o mais saudoso.

Mudamos pra Av. Atlântica, quando Copacabana ainda era a “Princesinha do Mar” e a bossa-nova surgia desafinando a música e desafiando o horizonte. Toquei muito violão dissonante no Di Giorgio de papai, depois de aprender Noel Rosa com o mestre Patrício Teixeira.

Fiz alguns meses de Filosofia na PUC, de onde saí pra abrir uma boutique de roupas jovem em Copacabana, a Condotti, com minha amiga Sonia Ramalho.

Um dia vendemos a boutique e fomos passear na Europa.

Em Roma, conheci Gustavo Dahl, que estudava cinema no Centro Experimental e se tornou meu marido.

Voltei ao Brasil depois de um ano e fui apresentada ao Cinema Novo, de onde partiu o primeiro convite pra eu ser atriz, através do Walter Lima Jr. Fui pro Nordeste fazer a prima carioca do José Lins do Rego, que vai passar férias no delicioso engenho na Paraíba. Uma mudança radical na minha vida. *Menino de Engenho* e o Nordeste me deram uma consciência de classes, o prazer de conhecer um trabalho de equipe, todos visando o mesmo objetivo e discutindo-o em conjunto enquanto comiam à mesma mesa.

23

Meus pais, contrariados com a minha resolução de ser atriz (profissão inadequada a uma moça de família), quando viram o filme choraram de emoção, eles mesmos artistas em potencial, que tocavam piano clássico e violão popular, minha mãe, filha do escritor Gastão Penalva e membro do Clube do Eça de Queiroz, que discutia a sua obra em conjunto.

O mesmo aconteceu com minha primeira peça, *Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come*, com o Grupo Opinião. Convidada pelo Vianinha, meus pais se preocuparam novamente com essa atriz que agora faria teatro, mas quando me viram interpretando a Mocinha, no Opinião de Copacabana, se orgulharam de mim.

Nessa carreira de atriz fiz uns trinta filmes, melhores, piores, ruins, ótimos, boas e más peças, novelas, linhas de show. Mas o que mais me empolgou na vida foi escrever meu primeiro livro, que teve início quando me senti perdida depois da alta de análise de grupo, minha família adotiva, que conheci quando meus pais morreram ainda jovens, um com 57, outra com 55 anos, ambos, tragicamente, no espaço de dois anos.

24

O estado de choque provocado por tais perdas irreparáveis, seguida a de todo o nosso dinheiro colocado, em confiança, a Companhia Cívica, que pediu falência, forçando-nos, minha irmã e eu a privação de todos os nossos bens, me fez procurar o Castellar, psicanalista que me tratou de graça por anos a fio junto com o melhor grupo que se poderia fazer parte, cuja solidariedade me resgatou de muitas das minhas tristezas e depressões.

Separando-me do grupo, não parei mais de escrever.

Casei-me também com o Marcos Medeiros, líder estudantil, em 68, com o qual peguei um exílio de carona, depois de ter sido presa por um dia, com a polícia vasculhando o Teatro Princesa Izabel, onde eu representava *O Avaro*, de Molière, ao lado de Procópio Ferreira, que voltava a atuar, vinte anos depois.

Cinco anos exilada na Europa, tive uma filha, que mudou a minha vida trazendo-me um afeto desconhecido e fundamental. Joana nasceu em Paris. Mais tarde fui pra Roma com ela, e Marcos, pra Cuba com o Glauber Rocha. Fiz teatro em Roma e viajei pela Itália. Voltei para o Brasil com minha filha e continuei minha carreira de atriz cheia de altos e baixos regidos pela falta de dinheiro e a ditadura do país.

Passei momentos difíceis na carreira e na vida, até que viajei pelo Brasil, com a peça do Marcos Caruso, *Trair e Coçar é só Começar*, com um elenco de oito pessoas e passei a descrever nossa viagem em forma de crônicas, que mandava pro Zuenir Ventura, diretor do Caderno B do *Jornal do Brasil*, na época. Ele as publicava dizendo: "*Está muito bom. Só não tem dinheiro. Mas continua escrevendo...*"

25

E depois de publicada toda a nossa incrível viagem de norte a sul do país, fui contratada pelo *Jornal do Brasil*, em 1985. Ausente por uns tempos, voltei, emocionada, ao mesmo jornal e a outras crônicas, espécie de psicanálise atual, que substituiu a do Castellar, onde conto minhas alegrias e tristezas jogando nelas os fantasmas que habitavam o vão da escada preta da minha casa de infância, os relatos de colégio, as viagens à Europa, os anos 60, 1968, o exílio, a época *hippie* e as histórias de amor.



Prova dos Nove

De repente o passado transformou-se em presente. Em todos os sentidos. Sempre soube que passado, presente e futuro se entrelaçavam e correspondiam em links e conexões incompreensíveis, mas não que pudessem me deixar tão confusa sem saber em que tempo estou, feliz e infeliz, incapaz de distinguir se o passado interferiu no presente tornando-o passado ou se o presente virou passado fazendo-me sentir como há trinta anos atras.

Será esse o tempo que se chama de Mais que Perfeito? Que a perfeição é viver feliz e infeliz simultaneamente, sem tempo nem espaço? Não é... Num tempo mais que perfeito não pode haver sofrimento. Se há sofrimento é porque não é perfeito, menos ainda um perfeito que se diz "mais". Qual será então o tempo de verbo capaz de alegrar e entristecer em quantidades idênticas? Imperativo? No sentido de sermos obrigados a passar por isso pra corrigir equívocos provenientes da juventude irrequieta? Se Deus deu um cérebro ao homem, conclui-se que é porque quer que ele seja responsável por suas ações. O problema é que deu também um inconsciente, que sempre, na moita, faz tudo ao contrário do que manda o racional. Deu também uma consciência que grita do fundo do abismo tentando nos orientar mas que fingimos não ouvir, pensando ser mais proveitoso, até nos depararmos

com a *consequência* dos nossos atos, ou prova dos nove, que disfarçamos chamando de destino.

Tudo começou com um encontro mágico em Piazza Navona, em Roma. Olhamos um pro outro e ficamos hipnotizados. Dois dias depois estávamos juntos na deslumbrante praia de Sperlonga cheia de hippies coloridos diante do mar turquesa do Pacífico, pacificamente apaixonados.

28 Sentia-me flutuar. Andava nas nuvens. Era a primeira vez que isso me acontecia de uma forma calma, como uma bênção enviada dos céus e que tinha tocado a ambos. Só que, antes de tudo isso acontecer, cansada de ser estrangeira na Europa, eu tinha comprado a passagem de volta pro Brasil. Com ele, tinha se passado o mesmo. Israelense, morando há cinco anos em Londres, tinha-se cansado da Inglaterra e decidido voltar pra Israel. Resolvemos então retornar às nossas pátrias e origens e nos encontrar depois.

Vim pro Brasil. Fui fazer novela na Globo e análise de grupo com o Castellar.

Além de me oferecer trabalho, o Rio me festejou com as Frenéticas no *Dancin'Days* do Shopping da Gávea, com o show dos *Novos Bahianos*, dos Secos e Molhados e da Gal. Saí do Brasil no auge de uma ditadura melancólica pra encontrar, na volta, (apesar da mesma ditadura ainda ter durado alguns

anos), jovens, que resolveram ser felizes apesar da política e da repressão.

Nunca tinha visto país nenhum como este em matéria de alegria, descontração e criatividade. As praias povoadas de amigos por todos os lados e de todas as tribos eram seios de mãe a transbordar carinho. Nós e a natureza vivíamos perpetuamente em festa. Havia um brilho nos olhos e no ar entre os galhos que se balançavam entre os ramos inquietos. Por isso tudo, quando minha paixão ligou de Israel, não consegui sair daqui. Então ele veio me encontrar. Mas, fora de Israel há cinco anos, assim como eu, queria voltar rapidamente pra sua pátria. E para lá ele foi, deixando uma passagem pra eu ir ter com ele. Não consegui sair daqui. Disfarçava e adiava a viagem a cada mês. É que morria de amores por ele, mas também pelo Brasil. Achava que tinha tempo, pois a vida me sorria apesar da paixão longínqua. Passou-se um ano de loucuras, praia, novela e amigos quando recebi um telefonema. Era dele. Estava num hotel em Ipanema. Quase morri de felicidade.

29

Só que ele não veio só, mas com uma mulher. Por coincidência, era meu aniversário. Pensei que ia morrer de tristeza. Liguei pro Castellar. Ele recrutou o grupo e fomos todos (doze pessoas) buscá-lo a ele e a mulher no hotel, pra tomar chope num bar de Ipanema, naquela época incomparável de solidariedade humana, de apoio grupal. Ontem, por coincidência, novamente no meu aniversário,

recebi um e-mail dele, casado com a mesma mulher com quem veio ao Brasil, trinta anos antes. Era um e-mail apaixonado, atemporal, como se estivesse em Sperlonga ou Piazza Navona. Jamais parou de pensar em mim. Nem eu nele.

Concluí então que a incapacidade de viver a dois me prendeu inconscientemente à pátria amada como ao útero materno e fui dormir sozinha e apaixonada, nessa época pós yuppie, sem grupo nem Castellar.

Macaquinhos no Sótão

Já tinha voltado lá numa festa de comemoração. (A de 70 anos do Colégio Andrews, acho eu). Uma festa animadíssima num pátio enorme. O da minha ex-casa. Da casa onde nasci e morei até os dez anos de idade. Tinha, porém, me poupado entrar dentro do que sobrou da casa propriamente dita. No corpo da casa, ou seja, no meu próprio corpo, no meu ventre, no âmago da minha infância.

Hoje foi diferente. Resolvi encarar o passado diante do presente disposto à minha frente sob a forma de alunos que vão trabalhar comigo numa peça falando de adolescência.

31

O diretor do colégio me pergunta: *"Lembra dessa escada de madeira que provavelmente levava aos quartos na sua época, transformados agora em salas de aula?"*

A escada escura de madeira, onde eu passava correndo com medo dos fantasmas que se escondiam no seu vão. "Os macaquinhos do meu sótão". Os meus fantasmas. Os mesmos que me acompanham até hoje, saídos assustadoramente daquele ventre oco que materializa o meu inconsciente.

Quantas análises já me rendeu aquele simples vão de escada iluminado com a tênue luz dourada

da mesma luminária de outrora, única realidade trazida do fundo de um passado remoto como os tesouros do Titanic achados no fundo do mar.

Subia correndo os seus degraus escuros, cobertos por uma passadeira vermelha e driblava o medo que o vão me inspirava inventando uma amiga imaginária que me fazia “voar” até o quarto onde vovó me esperava pra ler Monteiro Lobato. “Conta, vovó.”

O medo era irreal, subjetivo, surgia da escuridão difusa espalhada pela insegurança da minha infância sob a forma de ameaça. Hoje a ameaça concretizou-se. Materializou-se no narcotráfico.

32

Não saíram do vão da escada, nem do inconsciente. Entraram pela porta da frente, pela porta principal. A porta do colégio, a porta da minha ex-casa, pedindo dois mil reais para não fechá-la. Mas a casa se fechou por um dia, simbolizando uma espécie de luto. Luto por termos deixado os fantasmas da minha infância terem se materializado. Luto por não se diluírem mais com a luz do dia como os vampiros que se reduzem a cinza e fumaça. Luto por não podermos acabar com eles com algumas sessões de análise. Luto por termos consentido que se tornassem reais. Luto pela pobreza e a miséria. Luto por termos criado o caos. Luto pela nossa omissão. Luto por acharmos que a favela era um lindo “presepinho” distante. 700

presepinhos. Prestes a explodir. A explodir com a gente.

"Perdeu!" dizem os traficantes apossando-se das casas dos seus vizinhos. Perdemos todos nesse jogo sem ganhadores.

Que saudades da minha casa e dos seus glamourosos fantasmas desarmados, apenas levemente entrevistados de dentro do vão da escada.

O Revólver de Brinquedo

34

Rua Visconde Silva 161. Minha casa, antes de virar o Colégio Andrews, em Botafogo. De um lado os vizinhos da família Santos Dumont, do outro, uma casa de cômodos com seus personagens de *O Cortiço*. Famílias decentes e muito pobres moravam no casarão caindo aos pedaços com suas vielas íngremes que terminavam no morro. No nosso jardim um imenso gramado dava água na boca aos meninos do lado, que olhavam cobiçosos por entre o muro de ficus cuidado por Seu Manoel, o jardineiro português. Um dia não resistiram e pularam pra dentro da casa pra jogar futebol. Tinham sete, oito anos de idade, como eu. Seu Manoel pegou a tesoura de cortar grama e avançou contra eles, que pularam correndo o muro de volta enquanto o jardineiro ameaçava cortar os seus pés. Um sentimento desagradável e difuso tomou conta do meu peito.

À noite, do quarto contíguo ao meu e da minha irmã, vovó nos lia a tradução de Olavo Bilac do livro alemão João Felpudo onde se via a figura de um "negrinho" de guarda-sol. *"Muito limpo e direitinho passa na rua um negrinho com seu guarda-sol aberto. Gaspar, Luizinho e Roberto que vivem constantemente caçoando de toda gente mal vêem o pobre passar começam logo a vaiar: olha o boneco de pixe, macaquinho de azeviche, bobo alegre! Sai, tição!"*

Fixava a figura do livro e pensava nos negrinhos que brincavam na rua olhando pro alto e apostando quem veria primeiro um balão. *"Olha lá um balão, primeiro a piar!"* Os mesmos que vendiam jornal ao papai sacudindo as moedas na mão: *"Jornal, jornal, jogo niquenal"* Também os mesmos que reprimiam o colega sem jornal que pedia: *"Me dá um trocado?"* *"Ih, camarada, você é pidão!"* Gostava daqueles negrinhos *muito limpos e direitinhos* que brincavam defronte a nossa casa correndo atrás da bola que pulava entre os paralelepípedos fugindo dos seus pés descalços. *"Me dá um trocado?"* Pediam eles com inveja do pão com goiabada que eu comia esperando o ônibus que me levaria ao Colégio Sion. *"Sai, moleque!"* Enxotava-os babá, puxando-me pelo braço.

35

Tête à tête com eles, os negrinhos, só no *Natal dos Moleques* que vovó fazia pra eles, os meninos do cortiço, *macaquinhos de azeviche*, que comiam bolo com guaraná e se retiravam, contentes, de volta a sua pobreza, revólver de brinquedo na mão.

Ontem fui a Santa Teresa almoçar com minha filha e meu neto, de carro. E quando apreciávamos a inacreditável paisagem e a aparente tranqüilidade dos moradores sentados nas calçadas conversando defronte às suas casas de portas abertas, em plena tarde, dois negros fortes nos apontaram suas armas reluzentes mandando parar o carro. Um entrou do lado da minha filha, que estava dirigindo, outro

do meu. "*Passa o dinheiro, dona.*" "Ih, camarada, você é pidão!" Lembro dos garotinhos da minha rua enquanto procuro a carteira na bolsa, revólver apontado na minha direção. "Só tenho isso, moço." Respondo, procurando o seu olhar que se desvia do meu. "*Me dá um trocado?*" Pediam os meninos da rua. O troco. Dado ao meu sanduiche de goiabada, ao frustrado jogo de futebol no gramado, a tesoura de jardineiro de Seu Manoel. O assaltante pega a minha carteira e revira-a analisando os meus cartões. Peço que me deixe os documentos, que ele os devolve. "*Moço, por favor*", continuo educadamente. "*Cuidado com o bebê que está no banco detrás...*" Meu neto grita de sua cadeirinha: "*Eu não sou bebê! O Antônio é grandão!*" O assaltante se afasta dizendo: "*Vai tranqüila, tia.*" E retira-se pra sua pobreza levando consigo seu revólver de verdade enquanto consigo finalmente definir o sentimento difuso que me causava mal-estar quando criança.

Era o de injustiça.

O Naufrágio

O navio chamava-se Andes, e era inglês. Viajávamos pra Europa nele, já que papai não entrava em avião desde que uma cartomante afirmou que ele morreria num desastre aéreo.

Minha irmã e eu éramos crianças e adorávamos o navio, apesar da comida insossa. Corríamos pelo deck, brincávamos com outras crianças, falávamos inglês e nos sentíamos importantes enquanto nossos pais enjoavam trancados no camarim. Vovó, que tinha ido pra cuidar da gente, tomava chá com limão e um bolo sem graça, que eu e minha irmã chamávamos de *bolo besta*, na mesa do comandante.

37

À noite assistíamos a shows. Dois dançarinos americanos, Marlene e Michael, deslizavam pelo salão ao som de tangos e boleros, em voga na época. Depois tiravam cavalheiros e damas da platéia pra dançar com eles.

Marlene usava um vestido justo vermelho e Michael, um smoking. Mamãe tinha ciúmes de Marlene quando enlaçava papai ao som de La Cumparsita. Mamãe fazia cena. Papai tomava uísque, antes de correr enjoado pro camarote e nós jogávamos no caça-níqueis esperando a chuva de moedas que víamos cair de dentro dele fazendo a festa de alguns felizes jogadores. Um dia a amiga que vovó fez no salão de chá e que também era brasileira nos dei-

xou umas moedas pra jogar por ela e foi dormir. Não conseguimos esperar até o dia seguinte pra entregar-lhe o bolo de níqueis que caiu quase imediatamente em nossas mãos. Batemos em sua porta, excitadas, e sem esperar entramos correndo depois de perceber a porta aberta. Qual não foi o nosso espanto ao vê-la deitada, lendo, a boca murcha de velhinha ao lado da dentadura que ria sozinha, sem dono, mergulhada na água de um copo. Ficamos ambas estateladas, com o dinheiro na mão.

No dia seguinte era a Passagem do Equador e a amiga de vovó recuperou sua imagem jovial e alegre fantasiando-se de Sarah Bernard com um vestido preto de cetim e longas luvas prateadas.

38

Enamorei-me perdidamente de um menino inglês chamado Thimoty que, aproveitando-se de minha paixão platônica, comia todos os meus biscoitos. Jogávamos pingue-pongue em duplas, meninos contra meninas, que, pobres de nós, perdíamos sempre. Também jogávamos cricket no convés, o que me entediava mortalmente, deixando-me distraída, olhando, enlevada, o meu primeiro amor.

Um dia Thimoty me pediu um beijo na escada do restaurante, o que me fez sair correndo pelo navio, o coração aos altos, até a segunda classe cheia de italianos que gesticulavam e gritavam oferecendo-me pão com salame.

Passei a fugir de Thimoty, que me chamou de pirralha, depois de eu ter pago aquele mico. Contestei heroicamente afirmando que eu era uma adulta, ao que ele, ainda ofendido, respondeu: “*Você não é nem nunca vai foi!*” Depois o vi namorando minha amiga, Milene, o que me fez chorar de raiva e vergonha.

Enquanto isso minha irmã, adolescente, dançava com os oficiais debochando de um português que lhe dizia ao pé do ouvido: “*Apetece-me beijá-la...*”

Também aprendi a jogar king com as senhoras, mas gostava mesmo era de fugir e brincar, escondido, de boneca.

39

Papai e mamãe se entediavam e contavam os dias intermináveis que faltavam pra chegar a Lisboa enquanto vovó lia o Eça pra entrar no clima. O navio começou a jogar. Mamãe desceu, enjoada, pro camarote.

Eu e minha irmã, no caça-níqueis, tentávamos a sorte. Vovó continuava lendo o Eça quando o navio jogou mais forte atirando-a no chão. O livro escorregou pro outro lado e ficou dançando pra lá e pra cá. Minha irmã e eu nos seguramos na máquina do caça-níqueis.

O navio começou a apitar. Era tarde da noite. Um leve pânico educado tomou conta dos tripulantes ingleses.

O apito continuou mais forte, e da porta de vidro que dava pro convés podíamos ver as ondas enormes lá fora.

O navio jogava cada vez mais forte. As pessoas se aglomeravam no salão de visitas.

Papai, apavorado, resolveu chamar mamãe, cada vez mais enjoada no camarote. Descemos com ele, agarrando-nos ao corrimão da escada enquanto vovó rezava no salão.

Encontramos mamãe no banheiro, passando mal. Nem desconfiava do que se passava ao seu redor.

40 Papai chamou-a delicadamente: "*Querida, você tem que subir conosco.*" Entre um soluço e outro ela agarrava-se à pia e dizia: "*De jeito nenhum*". Foi quando papai abriu o jogo e confessou: "*Meu bem, o navio está afundando!*" Então ela respondeu, limpando o suor da testa: "*Vai lá em cima ver como é que as senhoras estão vestidas pro naufrágio e volta aqui pra me contar*".

Fumacê

O Rio de Janeiro está infestado de mosquitos. Grandes, pequenos, enormes, ameaçadores, minúsculos. Nos melhores momentos de *Eu te amo*, que assisti, da minha cama, colada no Canal Brasil, lá vinham eles zunir no meu ouvido inserindo uma música irritante aos diálogos perfeitos do filme. Se fosse no cinema diriam logo: "*Que péssimo som têm os filmes nacionais...*"

Mas voltando a eles, os mosquitos, morei em Botafogo, quando era pequena, numa casa grande com terreno imenso, horta, galinheiro, gramado, um verdadeiro sítio como eram as casas de Botafogo de antigamente. Não me lembro de mosquitos. Obviamente havia um ou outro, mas não incomodavam, talvez soubessem onde era o lugar deles e ficassem no jardim.

Lembro até de bichos mais assustadores. Os ratos, por exemplo. Ratazanas imensas que volta e meia corriam casa adentro, fazendo-nos subir nas cadeiras com gritos fininhos de desenho animado. Tinha cobra também. Uma delas tão grande que papai a matou com um revólver. Também era comum, no verão, vovó colocar uma bacia branca debaixo das lâmpadas do quarto por causa dos bichos de luz que voavam alvoroçados em volta dos lustres como tietes em torno do ídolo. Mas ao verem o reflexo da luz na água confundiam-no com um novo herói,

e voltavam-se pra ele, caindo na bacia e morrendo afogados.

Mas mosquito eu não me lembro.

Verdade que logo surgiu o Flit, contra insetos, com uma bomba enorme que se acionava através de uma alavanca. Um aparelho antidiluviano, que era usado mais pra baratas do que mosquitos.

42

Mas agora, em nossos dias, onde impera uma total falta de respeito, os mosquitos são de uma audácia inacreditável, fazendo parte do contexto, como as crianças e os adolescentes atuais, e assimilam a variedade de remédios que existe contra eles absorvendo-os em pequenas doses diárias, o que acaba servindo-lhes como antídoto e deixando-os imunes ao veneno como os infelizes meninos de rua que cada vez cheiram mais cola e atacam mais gente.

Os mosquitos de agora agem em grupos como os bandidos. Enquanto os grandes nos sugam o rosto, os pés, as mãos, e tudo o que estiver descoberto, os pequenos entram dentro das roupas.

No início dessa praga, coloquei pastilhas na tomada. Foi uma descoberta. Era batata. Nenhum mosquito se atrevia a entrar num quarto com pastilha, mesmo que fosse em Búzios, paraíso deles. Saíam de fininho, davam o braço a torcer. O mesmo com os sprays, as espirais; agora não tem o que os detenha. Nem a tela na janela. Nada. Perderam o

limite, gargalhando das pastilhas na tomada, dos sprays, dos espirais, das telas.

Na casa de uma amiga no Leme, os vi voando em bandos e armando alguma coisa em grupo, no contra-luz.

Outro dia me estragaram uma festa no jardim. Morderam a minha bochecha deformando-a como uma plástica mal feita com botox de um lado só. Estragou todo o charme que estava fazendo pro homem do sofá. Pensei em processar o dono da casa. Uma amiga concordou em ficar de testemunha descrevendo com detalhes a “coisa” preta enorme, que me sugara a bochecha esquerda. Espécie de filme de terror. Matei o monstro com um tapa que me deixou de rosto vermelho, além de inchado, por causa da mordida. Passei um pouco de prosecco no lugar e desisti do processo em favor do prosecco que sorvi em alguns segundos pra esquecer da *Moura Torta* na qual tinha me convertido.

43

Ando exausta, porque passo a noite batendo palmas em torno dos mosquitos, aplaudindo a sua sinfonia em semitons. Qualquer dia amanheço morta pela variedade de sprays, pastilhas e espirais que só intoxicam a mim.

Já tive dengue uma vez e me apavora a possibilidade de ter outra. Penso nas pessoas da minha família, na sujeira da cidade com o lixo espalhado

pelas ruas, e clamo, de joelhos, por um fumacê como a um milagre de São Sebastião em prol do Rio de Janeiro. Por que não, Prefeito? Já que está difícil conter a violência e a guerra da cidade, porque não tomar providências pra que ao menos os mosquitos nos deixem em paz?

A Invasão do MST

Acho que o “inferno vermelho”, programado pelo MST pra abril chegou até aqui em casa...Só nessa semana que passou tive várias invasões de sem-terra. O primeiro foi um gato com um rabão angorá que trocou o botequim pelo meu jardim, causando um sério problema com os gatos da casa, que se armaram de unhas e dentes, e como legítimos representantes do INCRA felino os puseram pra fora aos gritos e palavrões. Mas ele voltou. Porque viu que eu e o meu amigo que passa um tempo aqui em casa nos apaixonamos mortalmente por ele e seu irresistível rabo cinzento. Percebendo isso, deita aos nossos pés, ronrona, rola pelo chão fazendo aquele charme que só mesmo o Tom faz pra aporrinhar o Jerry, puxando o saco dos donos da casa nos desenhos animados. Tento não botá-lo no colo pra não atizar o ódio dos dois outros, que, afinal, moram aqui há quatro anos, de papel passado, IPTU pago e adoção registrada. Mas quando eles não estão olhando, eu agarro o bichano, que me faz toda sorte de agrado, por mais que eu saiba que gato é traiçoeiro, interesseiro, falso. Dito e feito. Fica aqui até encher o saco, come o patê, a ração dos outros gatos, dorme de barriga pra cima, depois, retira-se sem nem um “bom-dia, cachorro” (com o perdão da má palavra) pra, certamente, tomar umas biritas no botequim, comer uma boa carne de porco com muita gordura e fazer o mesmo charme pro dono. Então eu digo: *“Pronto. Agora não*

vai mais entrar. Dois gatos, fora o da minha filha, que às vezes faz uma boquinha nas Whiskas aqui de casa, já está de bom tamanho." Mas ele agora não mia mais pra entrar. Invade a casa, como um autêntico sem-terra pulando pela árvore. Ando apavorada que ele resolva derrubá-la pra fazer um acampamento com a madeira e então escondo dele os jornais contando da plantação de eucaliptos que os seus colegas puseram abaixo pra não dar a idéia... Nossa!... Pessoas que lidam com a terra deveriam saber o quão sagradas são as plantas, quanto tempo demora um eucalipto daqueles pra crescer, mesmo levando em conta que o tempo em que se fala em reforma agrária nesse país remonta a muito mais. Desde as Capitânicas Hereditárias que os donatários são os mesmos... Mas as pobres das árvores não têm nada com isso, gente. Que estas, aos menos, sejam poupadas! ...

E não ficou por aí. Como prometeu o Stedile, não foi só o gato que veio, não. Depois dele uma aranha do tamanho da minha mão. Nunca vi nada tão grande, que se mudou pro teto do meu quarto. Penso que não seja caranguejeira, pelo menos, ou então depilou as pernas pra fingir que é do bem.

A primeira noite fui dormir no quarto de cima e deixei o meu pra ela. Na segunda achei um desaforo e voltei com minhas cobertas, livro e óculos lá de cima. A aranha, nem tchum! Continuava no mesmo lugar, fazendo fiau. Meu amigo queria matá-la (ai,

homens!), mas eu proibi e resolvi fazer dela uma aliada contra os mosquitos. Chama-se Ariadne e pelo que parece é gente boa... Mas, se a moda pega, daqui a pouco até aquelas de perna cabeluda e bigodes eu vou ter que agüentar...

Então ganhei uma garrafinha de colocar água pra beija-flor, fiz tudo o que minha amiga mandou: coloquei um tanto de água, outro de açúcar e no dia seguinte...a garrafinha parecia uma colméia crivada de abelhas. Pensei logo em comprar uma máscara e começar a produzir mel, (pros sem-terra não dizerem que minha casa é improdutiva), mas meu pedreiro disse que aquilo era uma espécie de "abelha-cachorra" que só fazia comer. Por que será que ando atraindo esse tipo de gente?

47

Como se não bastasse encontrei um morceguinho morto no dia seguinte no tapete da sala. Lindo. Parecia um miniguarda-chuva aberto.

Mas, para que também não invadissem o meu espaço, que diminui a olhos vistos, mesmo sendo contra matar qualquer tipo de bicho, preferi que os gatos o tivessem matado antes que sugasse o meu pescoço. Se bem que paira uma dúvida no ar. Pois à noite passada, quando eu estava com insônia, vi um vulto na varanda e pensei: "*Mais um integrante do MST, meu Deus!*" Mas quando olhei melhor vi que ele não tinha foice nem cartaz na mão, mas uma capa chiquérrima, bem cortada e escura, com pinta de

importada de um país frio e dois caninos bastante afiados que lhes saíam dos lábios superiores. Então acendi a luz e vi um morcego voando rapidamente em direção à lua cheia e os três gatos (agora enturmadados pelo medo), entrarem, arrepiados, debaixo do banco de azulejos azuis.

Eu e Meu Gato

Um belo dia dei por falta de um dos meus gatos. (Gato-bicho, certamente, pois o outro, já sumiu há mais tempo, com uma gatinha que podia ser sua bisneta.) Procurei por toda a casa e nada! Fiquei preocupada, pois a última vez que o vira estava cabisbaixo, travado, "na fossa". E como ele nunca teve em sua breve vida esse perfil de Tania Scherr, retratado pelo *Pasquim* dos anos setenta, fiquei preocupada. Quem não fica, morando no Rio de Janeiro? Se esfaqueiam os gringos na praia em plena luz do dia, tomando sorvete, quanto mais um pobre gato cinza e vira-lata que já nasce predestinado a se tornar churrasco? Procurei a semana inteira até que o vi de relance no telhado, nem te ligo pra um passarinho que antes o fazia dar botes como uma jararaca faminta abocanhando—o num átimo de segundo para jogá-lo aos meus pés. Tentei várias vezes convencê-lo de que aquilo era um presente de grego, que me fazia chorar de compaixão, mas ele me olhava, orgulhoso, jogando, dramaticamente, a vítima à minha frente copiando os tigres do Discovery Channel. Como não consegui fazê-lo descer, telefonei pro veterinário que ficou de vir pegá-lo de jeito. Mas não veio, então ele sumiu de vez até que a minha vizinha o encontrou em seu quarto, em cima das almofadas defronte à televisão. Fingi que não o tinha visto até ligar pras pet-shops e encomendar uma bolsa de carregar animais. Como os preços variassem de 180

a 25 reais resolvi chamar o meu primo, pegar uma carona com ele de carro até o veterinário, deixar o gato com o próprio, e, enquanto isso, comprar a bolsa mais barata.

Deixamos o carro na garage da Pet-shop, trancando vários carros de donos de bichos que estavam sendo atendidos e subimos com o gato gritando num moto-contínuo, qual sirene de ambulância. Como estivesse embrulhado numa colcha, só com a carinha de fora, pra não fugir (já que eu ainda não tinha comprado a bolsa), as pessoas achavam que eu o estava sufocando.

50 – *Solta ele, coitado!* Disse a dona de um poodle de lacinho azul que cheirava a tartaruga de uma senhora gorda.

– *Aí, brother! Vai matar o pobrezinho!* Profetizou um pitboy, que aguardava a vez com seu pitbull.

Conheço o meu gado, ou melhor, o meu gato, pra saber que se saltasse do meu colo comeria o piri-quito verde que andava pela varanda junto com o papagaio e a arara vermelha antes de desaparecer para sempre.

Graças a Deus fomos chamados, meu primo, meu gato e eu para a entrevista com a veterinária.

– *Qual é a raça dele?* Perguntou a moça.

– *Vira-lata*. Respondi, espantada, pelo óbvio da questão.

A doutora me olhou absolutamente chocada, como se eu tivesse chamado alguém de anão ou aleijado e pronunciou o apelido politicamente correto de gato vira-lata, que agora se chama: "*Felino s.r.d.*", ou seja, "*Sem raça definida.*" Enquanto isso o gato urrava e resolvemos, eu e meu primo, sair pra comprar a tal bolsa-transporte enquanto a moça lhe dava uma geral.

Fomos a pé, conversando, compramos a bolsa de 25 reais e meu primo sugeriu que visitássemos umas casas de azulejos antigos ali perto. Entramos em todas as lojas, olhamos azulejo por azulejo e depois de concluir que antigo mesmo só os sobrados maravilhosos que os abrigavam, resolvemos almoçar. Discutimos Aristóteles, Urbano II e as Cruzadas, os projetos do PT que não saem do papel, sabe-se Deus por que cargas d'água, falamos de amenidades e, quando vi um cachorro boxer, a mil por hora, arrastando sua dona que parecia a bordo de um ski aquático, lembrei-me do gato no veterinário, do carro trancando os outros carros e dei um grito. Quando chegamos perto da porta do consultório, vi uma fila de pessoas agarradas a animais de todas as espécies, como se estivessem prestes a entrar na Arca de Noé. Os seguranças vociferaram:

51

– *A chave do carro ou chamo a polícia!*

Ninguém tinha conseguido sair da Pet-shop e nos encaravam, furibundos, balançando as chaves de seus automóveis presos pelo nosso. O pit-boy, do pit-bull, foi o pior de enfrentar. Chegou até ameaçar tirar a focinheira do bicho pra a gente ver o que era bom pra tosse. Um rapaz com um mico no colo, com a mesma cabeleira e barba do Che Guevara que ele trazia estampado na camiseta, dizia impropérios. A senhora distinta que nos tinha visto na sala de espera chamou meu gato de s.r.d. Então chamei sua tartaruga de velha e o poodle, de gay enquanto o papagaio lá de cima gritava repetidamente: "*Acabou? Acabou?*"

52

Meu primo foi tirar o carro, debaixo de vaia, enquanto me ocupei de meu srd e seus curativos na orelha, colocando-o com muita dificuldade na bolsa-transporte.

Então entramos no carro (ainda sob vaias) e o gato ligou de novo a sua sirene que serviu pra que avançássemos todos os sinais até Botafogo, onde, finalmente, descansei em paz.

Macaca Sofia

Minha amiga saiu do banheiro, depois de demorar horas se maquiando pra jantar na Osteria.

– *Estou parecendo Macaca Sofia?*

Minha filha, que passava pela sala, perguntou espantada: *“Quem é Macaca Sofia?”*

Até eu levei um susto com a lembrança da Macaca que tirei, divertida, do fundo das minhas recordações. Não sei se foi do meu tempo, ou se ouvi contar dela por meu pai, que em geral brincava, só pra me deixar desconcertada bem na hora de eu sair: *“Ih! Tá parecendo Macaca Sofia!”*

53

Pois bem. Macaca Sofia não era nenhuma prostituta da época, dona de prostíbulo ou bordel. Macaca Sofia era uma macaca mesmo que habitava o Jardim Zoológico e não sei se a vi em pessoa (ou em bicho, no caso), ou se só ouvi falar dela, ficando mesmo íntima da macaca sem que a própria nem mesmo tomasse conhecimento de mim. Minha irmã (figurinista doente!) diz que viu a macaca no Zoológico, mas que só se lembra da saia pregueada que ela levantava pra mostrar a calcinha branca. Enfim, Macaca Sofia, na minha infância, era sinônimo de sem vergonhice, exagero, de mau gosto, de cafonice, pro estilo rigoroso da época, pois maravilhada com sua própria imagem

refletida no espelho da *trousse* dourada, diante da qual ficava horas, a macaca, encantada, passava o dia, inocentemente botando pó de arroz, ruge, (o antecessor do blush) e batom como se ali, do meio daquela platéia que a assistia com risos de deboche, fosse sair o seu Príncipe Encantado que a compreenderia e tiraria daquele lugar, tornando-a feliz para sempre.

54

Tenho muita simpatia por esse tipo de personagem dos quais as pessoas zombam por exibirem sua criatividade com a ingenuidade da criança, do animal ou do louco. Como os pacientes da Dra. Nise da Silveira, como Dona Olímpia, de Ouro Preto, que só foi considerada uma velha maluca porque nasceu antes da era hippie com seus figurinos coloridos e maquiage à la Macaca, que também arrasariam nas passarelas fashion de hoje em dia.

Mas mesmo com toda a simpatia que eu pudesse nutrir por Sofia, foi a macaca que sempre me alertou pro mico do exagero, reprimindo-me com sua *trousse* de maquiage do fundo do meu inconsciente.

E quando comecei a copiar a Twiggy (top-model dos anos sessenta, amiga dos Beatles e dos Rolling Stones), tatuando aquelas pestanas imensas na base dos olhos com delineador negro, baixava logo o meu pai no meio de uma viagem lisérgica pra dizer: "*Qual... Igualzinha a Macaca Sofia...*"

Acho que a Macaca simbolizou um pouco a loucura pra minha geração. A extrapolação, o que às moças direitas não era devido, obrigando-nos a nos contentar com um ligeiro batom Tânger côr da pele e alguns beliscões dados por minha mãe nas minhas bochechas à guisa de ruge, antes da festa, numa época pré-Xuxa, bem antes das crianças já saírem maquiadas no carrinho com as babás.

Prefiro o mistério da Macaca Sofia. Sua criatividade, ingenuidade, individualidade e inspiração.

Tem um quê de trágico na figura delicada de Sofia. De Quasímodo, de artista, de bobo da côrte. Queria que ela soubesse do meu amor por ela, contar-lhe o que representa pra mim, como ela marcou a minha geração. E declarar-me, com todo respeito, sua macaca, eterna, de auditório.

Turismo no Rio

Hoje andei pela rua do Catete. Que esplendor aqueles sobrados enormes e imponentes que restaram por misericórdia divina, conseguindo bravamente resistir aos horrores arquitetônicos construídos a esmo, num estilo *neo-acredito* que os rodeiam à guisa de progresso. Quem autoriza esses acintes? Que tipo de gente permite essa degradação?

56

O Catete tinha que virar uma Lapa com seus casarões funcionando como restaurantes, casas de show, seja lá o que for que os conservasse eternamente em sua beleza centenária. Espécie de Soho mil vezes mais bonito, com o nosso art-nouveau dando banho no americano enquanto a cidadania e a auto-estima deles, gargalhando da gente em contrapartida. Por que será que ninguém por aqui se interessa por cidadania? As ruas imundas, o patrimônio depredado, as plantas e os animais se extinguindo...

"Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste, criança... Não verás país nenhum como este!... Imita na grandeza a terra em que nasceste!" Por que só os poetas têm a sensibilidade pra entender o Brasil e criança nenhuma se toca?

Entro agora no Museu da República com seus imensos jardins, brinquedos, cinemateca, lojinha de *souvenirs*, visitação pública e exposição sobre o Getúlio. Um verdadeiro oásis em matéria de civilização. Que

coisa boa ser turista num Rio civilizado. Resolvo não fazer nada além de me divertir. Como faço em outros países, andando pelas ruas, vendo as pessoas, as lojas, os restaurantes. Entro no Estação República. Que viagem! Adoro passear sozinha., parar pra olhar um detalhe, depois, pra saborear um doce, por que a função do turista é curtir a vida sem culpa... A torta de limão se esparrama pelo prato levando-me de volta à infância como as madalenas de Proust. E como uma criança, mergulho no prazer absoluto que uma torta dessas é capaz de proporcionar. Fecho os olhos pra que não haja nenhuma interferência e fico somente eu e a torta. Saio do restaurante e vejo os guardas tirando os camelôs das calçadas, civilizadamente. Que lindas as pedras portuguesas das ruas que se apresentam, antes escondidas pelas barraquinhas dos ambulantes. O ideal seria não prejudicar as pedras nem os camelôs. Como autêntica turista resolvo fazer compras e entro no Parque dos Tecidos em busca de um edredon. Os vendedores, toleram educadamente a minha indecisão entre cores, texturas, tecidos e tamanhos.

57

Pego o metrô de volta pra casa. Nenhum cisco no chão, nenhum som. Diria-se que um outro povo diferente do de cima habita os subterrâneos da cidade. Uma espécie de seres intergaláticos, donos de uma invejável civilização.

Do último andar da estação Botafogo já ouço os gritos dos vendedores, o som dos auto-falantes

dos carros, dos pagodes, piso no lixo do chão. Que fim teriam levado os extraterrestres dos porões do metrô? Com certeza embarcaram rapidamente em suas naves devido ao choque de civilizações.

Volto pra casa, espécie de ilha paradisíaca dentro do caos e alguém me liga pra dar a notícia da morte do Fernando Sabino.

Fernando poderia ser um dos extraordinários habitantes do metrô. Ninguém mais educado que ele, protegido dentro do seu apartamento rodeado por sua incrível biblioteca. Quando escreveu sobre Zélia Cardoso, fez parte de um programa de auditório cujo tema era criticar o livro jogando pedras no seu autor.

58 Defendi-o contrapondo à *Zélia, uma paixão*, os deliciosos *Encontro Marcado*, *O Grande Mentecapto* e *O Homem Nu* entre outros 50 livros e crônicas cheias de humor, inteligência e leveza incomparáveis.

À noite, ele e Lígia Marina me ligaram pra me agradecer.

Também encontrei-o com a mesma Lígia Marina num festival de cinema em Natal. Enquanto eu via os filmes, profissionalmente, com olhos de jurada, rolava no paralelo a história de um antigo namorado que há vinte anos morava nos Estados Unidos, e que, de férias em Fortaleza, gostaria de me rever. Fiquei nervosa e contei pro resto do júri o que estava se passando comigo.

– *Não se deve mexer com o passado, aconselhava o Dolabella.*

– *Pode acabar com o teu festival!* Dizia o Flávio Marinho

– *E se for uma alegria? Uma bênção?* Perguntou o Fernando. *Você vai se privar delas?*

Pesei os prós e os contras e me decidi pelo conselho de um expert em *encontros marcados*. De um corajoso que nos deslumbrou mais uma vez escrevendo o seu próprio epitáfio: "*Aqui jaz Fernando Sabino, que nasceu homem e morreu menino.*"

O Centro da Cidade

Desço no metrô Uruguaiana e despeço-me de uma amiga combinando nos encontrar dia quinze, às quinze, em frente ao Meridien, na passeata pela paz. Uma senhora meio atordoada tenta acertar o passo com o meu dizendo que não vai adiantar nada marcharmos, porque a paz no planeta já era. Respondi que é mesmo difícil achar que alguma ação surta efeito contra a obsessão de mercado do mundo, o olho do Bush no petróleo, na água, na Amazônia, mas, eu, como cidadã, como ser humano, quero, preciso, me manifestar contra esse horror nem que seja como uma forma catártica de tratamento pra não *pirar*. Não sei o que a mulher entendeu, mas pegou o gancho da palavra *pirar* e começou a me contar as maravilhas do seu anti-depressivo de última geração. E sorriu um sorriso enigmático, misto de Monalisa com bicho-preguiça.

60

Passamos pelo camelódromo da Rua Uruguaiana, tropeçando em ímãs de geladeira, Barbies com enxovais, canetas, óculos, bolsas e carteiras Vuitton, cuscus, água de coco, bikinis, camisetas, camisinhas, bonés, santos, chumbinhos pra matar ratos, pais, avós, tios, tudo ao som de música sertaneja vendida nos CDs piratas e da mulher falando.

Um mendigo com pernas pede um real pra comprar um lanche. Um outro sem elas corre entre as nossas em cima de uma espécie de skate gritando "*oba!*"

Oba! "Oba por quê? Pergunto aos meus botões... Uma menina de rua dirige-se à senhora do anti-depressivo tentando se aproveitar da sua aparente simpatia. "Vovó, me dá um dinheiro?" "Não dou!" Grita a mulher, inesperadamente, fazendo o povo virar a cabeça, uma expressão furiosa no lugar do antigo sorriso educado. "Vovó é a sua mãe, ouviu bem? A sua mãe!" O que me fez pensar que o tal calmante não deve ser tão eficiente assim. "Essas meninas de hoje em dia não têm a menor educação, não acha não? Já detesto que me chamem de tia, agora me chamar de vovó...?" "Acho mesmo é que elas não têm nenhum tino pra negócios", comento apertando o passo entre os mendigos com perna e sem perna e sumindo na multidão.

61

Pego o elevador errado no prédio da Presidente Vargas e desço 35 andares enganada pela pressa. Uma mulher entra no 34º e de repente faz com os dedos mindinho e polegar a réplica de um celular inexistente. O elevador lotado pára em cada andar. Ninguém desce. A mulher disca um número e começa um diálogo no celular inventado. "Alô? Querido? Tudo bem? Jóia... Saudades... Eu já tô indo pra aí, viu, fofinho? A que horas? Hum..." E deixando o "celular ligado" esperando, ela pergunta ao ascensorista: "Quanto tempo vai demorar, moço?" O homem, boquiaberto, olha pras pessoas pedindo socorro. E diante do silêncio generalizado ela retorna ao seu "celular", derretida. "Não demora nada, querido..." E mudando subitamente de tom

grita pra dentro do seu telefone imaginário: *"Olha aqui, Jurandir, se aquela vagabunda estiver contigo eu parto a cara dela, ouviu bem? Eu parto a cara dela!"* O ascensorista grita: *"térreo!"*, pra alívio dos passageiros que somem, apressadíssimos, em todas as direções enquanto a mulher guarda cuidadosamente o seu "celular" na bolsa e ajeita o cabelo.

O Petroleo é Deles

Há muito tempo que não pego ônibus por isso estava inteiramente mal informada quando peguei um pra atravessar o Túnel Velho, de Copacabana pra Botafogo, tentando entrar pela porta detrás quando, pelo que entendi, "se entra agora pela porta da frente. Por isso fiquei algum tempo pagando mico, batendo no vidro detrás até que várias pessoas gritaram ao mesmo tempo pra eu entrar pela frente. Obedeci imediatamente dando até uma corridinha ridícula pra não atrasar ninguém," quando me deparei com algumas pessoas que se espremiavam e se acotovelavam. O motorista fechou a porta e entalou todo mundo naquele espaço mínimo que se situa entre o motorista e a roleta. Olhei pro resto do ônibus e ele estava vazio. Perguntei à senhora de rosa na minha frente por que ela não passava pro outro lado. Em resposta ela me deu um sorriso sem graça, olhando pra baixo. Perguntei pra um outro senhor que me respondeu com um muxoxo. Tirei o dinheiro da bolsa pra pagar o ônibus, mas a aglomeração era de tal forma no micro – espaço da frente que me lembrei do dia em que fui ver o Paul Mc Cartney no Maracanã e jurei que se saísse viva dali subiria a escadaria da Penha de joelhos três vezes, as do Cristo Redentor quatro, ou o que quer que fosse que me tirasse daquela situação.

O desconforto ficou de tal forma dentro do ônibus que interpelei de novo a senhora da frente:

– *Agora a senhora vai ter que passar porque daqui a pouco eu preciso saltar.*

Ela se espremeu o máximo que pôde, sem graça, e eu passei.

Sentei, aliviada, numa das cadeiras na parte detrás da roleta e perguntei à trocadora o que aquelas pessoas estavam fazendo entulhadas ali na parte da frente. A mulher me respondeu que estavam ali porque eram idosos, como se se referisse a uma espécie de leprosos ou portadores de alguma peste que tivessem que se manter isolados dos outros.

64 – *Mas por que não passam, não sentam? Perguntei.*

– *Por que não pagam.* Respondeu a trocadora, impávida.

Fiquei perplexa. Quer dizer que aqueles velhinhos (eram todos muito velhinhos) que estavam ali na frente não podiam sentar porque eram i-do-sos? A perplexidade se transformou em indignação.

– *Quem disse que eles não podem sentar? Perguntei me controlando, se eles têm o direito a não pagar segundo a lei?*

– *A lei permite que eles se sentem nas cadeiras da frente.* Respondeu a trocadora.

– *Mas tem pouquíssimas cadeiras na frente. Ponderei.*

– *Aí é que tá o problema. Continuou a trocadora. Então não pode sentar.*

Uma mulher do meu lado emendou:

– *Se o motorista abrisse a porta detrás eles poderiam sentar. Tem um monte de cadeira vazia, era só liberar.*

A trocadora disse que isso era proibido pela companhia do ônibus e que aquele motorista já tinha sido suspenso por três dias porque uma vez liberou cadeiras pros idosos na parte detrás.

65

Um senhor que estava no meio do ônibus gritou que aquilo era mentira e que estava no estatuto do idoso que ele, idoso, era obrigado, por lei, a entrar de graça no ônibus e sentar. Ele mesmo se incluía nesse caso mas preferia pagar do que aceitar aquela humilhação. Era essa a palavra: humilhação. Por isso a senhora de rosa abaixava os olhos e não respondia sujeitando-se a perder o equilíbrio e se agarrando a roleta. Não pude acreditar no que via.

A moça ao meu lado disse que tinha vergonha de ser brasileira e que o Brasil não tinha jeito. Fiquei bastante triste pensando como um país pode tratar assim os seus velhos, roubando-lhes todos os seus direitos. O direito de aposentadoria integral adqui-

rida, o direito à saúde, aumentando-lhes estratosféricamente os preços dos planos e dos remédios, o direito aos hospitais dificultando-lhes a entrada ao máximo e até o direito de sentar!

Na primeira página do jornal a notícia do petróleo achado no Assentamento de Solidão me chamou a atenção. Será que a coisa vai virar agora? Que por ironia do destino, os assentados de Solidão vão dar uma de James Dean no filme Giant, ficar biliardários e expulsar todo mundo de suas terras repletas de jazidas de petróleo?

66

Mas a imagem do James Dean todo preto de óleo chorando de alegria em frente a Elizabeth Taylor dura só até a página 2 quando um velhinho desdentado anuncia na mesma reportagem que o petróleo encontrado no seu acampamento em Solidão vai lhe dar o direito a 240 reais mensais pagos pela Petrobras.

Desço em Botafogo em meio a um grupo de mendigos que dividem, como cães, uma quentinha, enquanto um rapaz grita, do ônibus que se afasta, pra eu falar sobre essa injustiça na minha coluna do jornal.

– *Que injustiça mesmo, hein, moço? Grito de longe. Ando um pouco confusa... Qual delas?*

O Parque de Diversões

No último dia de sol raptei duas amigas que almoçavam no restaurante japonês e nos mandamos pra Barra, rumo à Casa Cor.

A referência que tínhamos dela é que era próxima ao Motel Hawai. Mas em vez do Hawai fomos parar no Hollywood, qual aspirantes a estrelas, deslumbradas pelo brilho do neon. Perguntamos ao porteiro se o Hawai era ali ao que ele respondeu que o Hollywood era melhor. E depois de explicarmos que não estávamos interessadas em motéis, descobrimos o caminho certo e aí começou a viagem.

A casa de vidro idealizada por Thiago Bernardes e Paulo Jacobsen tem a leveza de uma libélula pousada na exuberante Reserva do Itanhangá. Só a sua maquete em cima da mesa lembra um prisma de cristal refratando a luz e as cores.

67

Antes da agradável Sala da Imprensa conferimos os dois banheiros, já que nos liberaram o dos homens, que prefiro ao das mulheres, sem aquelas flores de plástico.

Refesteladas nas poltronas confortáveis e comendo pequenos chocolates na Estação Embarque, uma recepcionista nos mandou esperar a van. Fiquei pensando se ela teria nos achado muito velhinhas já que nos livros de alfabetização atuais a palavra

“van” substituiu a palavra “uva” que antigamente “a vovó via”. Agora “vovó vê a van” que a leva às peças de teatro e aos shows de Roberto Carlos. Mas quando ela chegou vi “turistas” de todas as idades dentro dela embora parecessem crianças viajando na Disney.

Dentre os “brinquedos” novos, adorei os pisos de cimento que se transformam em azulejos coloridos no “Jardim dos Hóspedes”, o revestimento de parede à prova de som do Home Theatre, a luminária gigantesca do La Lampe, na porta do Fumoir, cujo nome voltou a ter um apelo irresistível ao pecado, depois que fumar não é “politicamente correto.”

68 Na alegre “Lavanderia”, diria-se que fadas gordinhas sopram bolhas de sabão enquanto Branca de Neve espera o Príncipe, lavando as roupinhas dos anões.

Lindo é o Jardim da Praça reconstituindo a Floresta da Tijuca com arcos de pedra, bromélias e chafarizes. Pena que não o vemos das janelas do Snack Bar onde tomamos champanhe, por causa da água que cai como chuva pelos vidros das janelas.

Mas o espaço onde poderia permanecer pro resto da vida, apesar de ter passado por muitos acontecimentos, é sem dúvida a “Estufa”, de cortinas japonesas de madeira, poltronas de couro com pano indiano, paredes de vidro e uma vegetação

composta por enormes bambus que a rodeiam. A Estufa é pra mim o sonho de consumo máximo, o mais cobiçado objeto de desejo, o mais agradável brinquedo do Parque de Diversões. O desagradável fica por conta da ditadura do audiovisual que impõe à decoração de hoje um pacto com a tecnologia, cujo "must" é a televisão, símbolo de modernidade e informação obrigatório no banheiro, cozinha, varanda e garage, podendo mesmo se desdobrar em cinco pequenas e uma enorme numa única sala como um pesadelo. Eu desligaria todas e só deixaria a do Home Theatre. Um luxo!

Pra dar um tempo nelas fui passear nos jardins executados pela Cruzada do Menor com os meninos simpáticos contando suas histórias.

69

Depois "mergulhei" noutro jardim, o da Encosta, cuja iluminação mágica de Maneco Quinderé é uma profusão surpreendente de "vagalumes" piscando distraídos entre a exuberância das flores.

Então pegamos novamente a van e, de muito bom humor, desembarcamos na "casinha da bruxa" que é ao que nos remetem os incríveis chocolates com design expostos nas lojas da Sweet Brazil.

O Rio Gay

Existe uma fase na vida em que todo mundo se reencontra. É quando se volta da longa viagem intuitiva que se fez dando cabeçadas em busca de uma biografia. Às vezes equivocada. Será? Vai ver que se não tivesse a primeira parte, aquela em que a gente não se reconhece mais, não passaríamos pra segunda, a outra mais recente, na qual nos identificamos outra vez com a essência diluída pelo ego em vaidades vãs. E como um caleidoscópio que passa a repetir suas próprias possibilidades de combinação, me surpreendo ao rever antigos amigos dispersos no tempo de diferentes ideais.

70

Uma espécie de interlace entre passado e presente, como se, por exemplo, os atores da novela das seis entrassem de repente na trama das oito, numa mistura confusa de cenários.

Começou com um telefonema da Itália onde morei há mais de vinte anos. "*Maria Lucia?*" Perguntou uma voz ultra familiar, embora estrangeira. "*Sono io, Lamberto.*" Aquilo me deu uma alegria tão contagiante que a casa toda começou a dançar ao som da Mina. "*Parole, parole, parole...*" E às minhas reminiscências romanas se incorporou o Raul Cortez na praia de Sperlonga: "*Vou gravar essa música com a Maysa, no Brasil...*"

Chegou meu amigo Lamberto com mais dois italianos e um guia gay do Rio de Janeiro debaixo do braço.

Resolvi conhecer o Rio gay. Acho que não o frequentava mais desde o *Sótão*, que fez presença nos anos 80, na Galeria Alaska, onde a gente ia dançar *La vie en Rose*, da Gracie Jones.

Consultei o guia. Impressionante. Se alguém não quiser, não precisa botar o pé num território hétero na cidade.

Começamos pela praia *homo* em frente a Farne, de onde tivemos de sair depois que um bofe indiscreto paquerou o namorado do Lamberto. E entre tapas e beijos fomos comer no quiosque *GLS* (gays, lésbicas, simpatizantes) em frente ao Copa.

Adolescentes *L* sentadas no colo umas das outras eram maquiadas por um jovem *G*, que se movimenta rapidamente, de patins, em frente ao estojo de batons coloridos sob o meu discreto olhar *S*. Um travesti pobrezinho dublava a Maddona com um vestido menor do que ela e um par de sapatos cujos calcanhares saíam pra fora.

À noite fomos ao Les Boys dançar música thecno até eu olhar em volta e me ver como única mulher rodeada de *barbies*, o que me deu a sensação de estar no filme errado. Saí de mansinho, sozinha, e na ida pro carro fui abordada por um negão.

Pensei: *"Pronto. É hoje. Quem mandou?"* O cara chegou bem perto e perguntou: *"Tá sozinha?"* Ouvi a minha voz respondendo: *"Não, moço, estou esperando uns amigos..."* O homem insistiu: *"Amigos, nada. Sábado à noite e você está sozinha!"* Consigo enfiar a chave na fechadura do carro e ele segura a porta paralisando minha mão e meu coração. *"Sabe por que você está sozinha?"* *"Não"*, balbucio apavorada. *"Não sei."* *"Porque não está com Jesus"* diz ele me entregando um santinho escrito *"Jesus te ama"* com o endereço da Igreja Universal, enquanto eu quase desmaio no banco do carro. Jesus!...

Lagoa

Hoje retomei minhas andadas na Lagoa depois de um longo período de preguiça. O corpo agradeceu de joelhos. Dei a ele um tratamento completo, tipo: barba, cabelo e bigode.

Andei, como ando sempre, pelo lado da Lagoa, propriamente dita, em vez de ir pro lado do Jardim Botânico, fiz alongamento naquela espécie de gangorra parada, depois, de sobremesa, fiz um shiatsu debaixo das árvores. Um sonho. Por que é que passo tempos sem fazer isso, deve ser um tipo qualquer de mazoquismo.

Vou e volto pelo mesmo lado, o que da minha casa, até o Caiçaras, ida e volta, dá uma hora. Acho a Lagoa uma das paisagens mais bonitas do Rio e agora que a cidade resolveu adotar um clima temperado, ficou mais chique ainda. A Lagoa cheia de nuvens. Podem me achar maluca, mas estou adorando esse friozinho. Foi a única vantagem que "Maria levou" com a mudança assustadora do clima. Recebi um e-mail sobre um aviso do Pentágono que a Inglaterra vai virar a Sibéria, a Europa vai submergir e outras coisas pavorosas que estão acontecendo pelo mau uso das reservas naturais, tudo em nome do petróleo, da grana... Tenho pena dos nossos filhos e netos que vão pegar a brabeira, que será irreversível em 2007, segundo o Pentágono, que vem pedindo providencias desde 79, coisa que faz o

Bush gargalhar. Bem, quem ri por último ri melhor, se ficar alguém pra rir de alguma coisa, né? Mas, enquanto não explodem esses governantes todos, bem que tiro uma casquinha do friozinho do Rio. Não me importaria a mínima se ele virasse uma cidade feito Curitiba, por exemplo. Acho insuportável aquele calorão. Mas, voltando à vaca-fria, isto é, à Lagoa nublada, foi uma felicidade andar por ali, vendo a Mesa do Imperador posta ao ar livre, ser rapidamente desfeita por algum mordomo mais consciente, os Dois Irmãos virarem um só, talvez por zelo do irmão mais velho que o cobriu com uma nuvem cinza à guisa de cobertor. O Cristo Redentor, nesse dia não tinha Cristo. A montanha acabava sem ele. Deve ter ido ver o filme do Mel Gibson sobre sua vida.

As torres de sinal da TV Globo também não estavam. Cansadas de televisão, devem ter acompanhado o Cristo no cinema. Uma flexa de andorinhas tentou fazer verão, acendendo o céu com uma luz cor de rosa que se apagou depois que elas passaram, contrariadas com as nuvens cinzentas que voltaram. Para alegrar o fim de tarde escura, a Rocinha acendeu as luzinhas brilhando na encosta do morro mais iluminado a cada dia. Muitos cachorros grandes, vários pequenos, uns vestidos, outros nus, correndo com a mesma naturalidade dos vestidos.

Amigos passam correndo dando um rápido adeus. Moças saradas com namorados idem se beijam e

se abraçam nos quiosques. Mas o mais belo ser que encontrei foi um negro de trancinhas. Um negão gay. Um “negay”. O mais chique de todos, tomando sol.

As garças outrora tão elegantes com seus pescoços longos tornam-se corcundas e se enfiam em seus casacos brancos por causa de um ligeiro chuvisco. Vi algumas de pés pretos, outras de amarelo, não sei se colocaram meias ou tênis pra fugir da marola desajeitadas como senhoras gordas dando pulinhos e correndo a beira-mar.

Angústia

Vou a pé da Gávea a Botafogo pensando nos livros de Juca e Chico, heróis politicamente incorretísimos dos contos da minha infância: *"Estava eu alegremente atravessando a ponte e... tararaque! Mas que baque!"*

76 Paro em frente a um estreito portão de ferro em plena Marquês de São Vicente entreaberto para o nada. Por detrás dele, se entrelaçam bananeiras, gibóias, plantas rasteiras e alguns lagartos espreitam, desconfiados. Diria-se um estranho terreno baldio, muito, mas muito pequeno, fora do tempo e do espaço. De forma meio difusa, surge lá dentro uma menina de aproximadamente três anos...Fala sozinha com sua amiga imaginária, acompanhada por seus dois cachorros policiais: Dick e Diana. Seu Manoel, o jardineiro, apara as folhas do muro feito de ficus, com sua grande tesoura. Um gambá entra no galinheiro espalhando ovos e causando estardalhaço. As aves, esbaforidas, esvoaçam por entre os puleiros, cacarejando. O galo abre as asas ameaçador e ameaçado. Seu Manoel dá uma paulada no gambá que cai com a língua de fora. A menina pára, estarecida. A cozinheira pega o gambá pensando no belíssimo assado que servirá, à noite, na área de serviço. Vai convidar seu noivo eterno, o Orlando, para jantar. *"Não conta pra sua mãe, viu?"* Não. A menina não conta.

Corre com Dick e Diana pelo caminho de marias-sem-vergonha vermelhas que lhe oferecem sementes que estalam entre os seus dedos espalhando-se em futuras flores pela terra num moto continuum. As formigas, alvoroçadas, carregam pedaços das sementes nas costas, cumprimentando-se, educadamente umas às outras, com um *selinho* nas faces morenas. A menina senta na terra e pega um inseto cinzento que imediatamente transforma-se numa bola ao contato da sua mão. A menina conta a sua amiga imaginária que faz coleção de “vira-bolas” e tira do bolso do avental uma caixa de vitaminas Viscineral abrindo a sua tampa de papelão onde se encontram dezenas de bichinhos misturados as cápsulas preto e brancas. “*Por que não se mexem? Por que não viram mais bola?*” Pergunta a menina, espantada. A cozinheira explica que morreram, por falta de ar. “*O que é morrer?*” Pergunta a menina tomando consciência de um sentimento novo: a angústia, (nome que os escandinavos davam a um rio dos infernos). “*Morrer é ficar duro, assim, de língua pra fora, como esse gambá.*” Filósofa, o jardineiro luso.

77

A menina joga os insetos mortos em cima da grama junto com as sementes de marias-sem-vergonha e as cápsulas de remédio receitadas pelo Doutor Mario Olinto, e cansada dos males do mundo, resolve dar um tempo voando por cima do gramado verde cantando com sua amiga imaginária e dando adeus a Dick e Diana que vão ficando pequenininhos lá em baixo. “*I’m forever blowing bubbles, pretty bubbles in the air...*”

A Velha CNH

Aproveito a espera das respostas dos quinze mil projetos que devo ter encaminhado às empresas em busca de recursos (ufa!) e tiro um dia de folga pra renovar a carteira de motorista. Folga?

Tento vislumbrar alguém por detrás dos despachantes e desesperados que tumultuam a frente do balcão do Detran. "A senhora podia me dar uma informação?" "Olha a fila, madame, támo aqui desde de manhã..." Reclama um homem de bigodão. "É só uma informação..." Balbucio, assustada, mudando de fila. "Esse balcão é só pra própria pessoa". Diz uma moça por detrás do novo balcão. "Não pode ser despachante nem amigo da pessoa. A senhora é amiga da pessoa?" "Não senhora." "Eu sou a própria pessoa." "Então fala, madame." "Renovação de carteira..." Gaguejo amedrontada. "Caduca?" Quase respondo: "É a sua!" influenciada pelo comportamento da turba violenta quando a moça, impaciente, faz uma nova pergunta: "Caducou no centro?" Que centro, meu Deus? Nervoso? Penso, confusa, fazendo um senhor de bigode fino tomar-me a carteira das mãos poupando-me o iminente linchamento. "Botafogo." Respondeu ele com um ar superior. "Se caducou em Botafogo não podemos fazer nada aqui no centro." Disse a moça virando-se de costas e me deixando com a carteira na mão como se fosse uma tia velha que eu insistisse em internar num

asilo sem vaga. E antes que eu tentasse perguntar mais alguma coisa, o homem de bigode olha-me com desprezo, mostrando-me um cartaz com os respectivos endereços de renovação de carteira correspondentes a cada bairro.

Me mando pro Leblon. *"Sabe onde é o Detran?"* Pergunto a um flanelinha empenhado em disputar com outro a tutela do automóvel. *"Lebrão?"* *"Não, moço, Detran."* *"É hospital, é?"* *"Não, moço, Departamento de Trânsito."* Um guarda vem em meu socorro e depois de informada, me deparo com quatro pessoas de cera que me encaram detrás de um outro balcão como uma espécie de junta médica. Entrego-lhes meus documentos. *"E a velha C.N.H?"* Pergunta-me um deles. Faço uma cara simpática pra esconder minha ignorância. Quem seria CNH? *"Está perdida?"* Continuam meus inquisidores com um sádico prazer. *"Não sei, moço."* Respondo agora suando frio, sentindo-me num exame oral de Matemática ou Física.

Um dos componentes da "junta" me entrega, disfarçadamente, o que me pareceu ser uma "cola" onde decifrei, que CNH era a sigla de "carteira nacional de habilitação". *"Caducou?"* Pergunta o homem, fazendo evoluções com um palito na boca. *"Completamente, moço. O tempo é implacável. Fazer o quê?"* *"Tem que comprar um Darj no Banerj mais próximo"*. Diz ele me despachando.

Rumo ao banco em busca do santo *Darj* como se procurasse uma planta curativa pra uma querida tia caduca. A fila se estende pelo Banerj, organizada como num ritual sagrado. Encaro a fila, pego o *Darj*, volto ao Detran e o mesmo inquisidor atrás do balcão me pergunta: "*E o Renavan?*" Exausta depois desse dia de folga e com uns vinte neurônios à menos, respondo: "*O Renavan? Ah, não o tenho visto ultimamente...*" Confundindo o nome do documento com o de um namorado de uma antiga empregada. "*Olha aqui, minha senhora, estamos fechando, tá?*"

Um guarda me conduz educadamente até a saída, e me sentindo como quem leva pau, irremediavelmente, no exame, volto pro carro, abatida, eu, o Renavan e a minha velha CNH.

Búzios Again!

Faço os *spas* da Lígia Azevedo desde o primeiro, nas Rocas, quando um estelionatário infiltrado no grupo foi algemado pela polícia durante o jantar e saiu de barquinho com os policiais deixando-nos boquiabertos diante do prato de sopa. Lá se vão quinze anos que o estelionatário foi abandonado à sua sorte e que os *spas* foram se tornando um hábito que se prolonga desde que percebi que perder três indesejáveis quilos em uma semana, brincando de massagem, alongamento, aeróbica, hidromassagem e caminhadas inesquecíveis pelas praias de Búzios, substituía o mazoquismo insuportável dos regimes caseiros, onde, trancada entre quatro paredes a vítima, suando frio, começa a temer a loucura vislumbrada em assustadoras visões de quindins diabólicos ou brigadeiros gigantes.

81

O radicalismo desse primeiro *spa* onde o total da soma das calorias consumidas não podia ultrapassar 400, fazia alguns *spasianos*, famintos, fugirem à noite, sendo vistos empanturrando-se nos restaurantes da moda, disfarçados de turistas, o que os tornava duplamente gordos no dia seguinte, pelo peso dos excessos e da culpa. Por sua vez, os que se propunham cumprir o programa à risca, saíam do *spa* sem saber como era a cara de Búzios, confinados nos hotéis como uma maratona de análise de grupo, onde a privação da comida e infelicidade conseqüente dela acabavam transformando os colegas de regime em inseparáveis confidentes.

Os hábitos mudaram bastante desde então. As calorias permitidas se multiplicaram e também os exercícios e o tempo de lazer, outrora evitado como prevenção a depressão.

O hotel Nas Rocas também foi trocado pelo Brava Hotel, com vista espetacular da praia do mesmo nome, numa localização estratégica que faz com que a lua surja do deck da piscina como um coelho alaranjado saindo da cartola de um mágico.

82

Ninguém mais precisa fugir pros restaurantes da moda, pois o Briguitta's, Cigalon, Sawasdee, Parvati e Pátio Havana oferecem espertos cardápios lights o que coloca o spasiano na mesma categoria dos outros filhos de Deus (um pouco mais gordinhos talvez), com direito até a vinho, se a garrafa for devidamente dividida por todos.

Hoje é meu dia de drenagem linfática. O que será isso? Quando a moça me leva a uma cabine e lá dentro, trancada, amarra pelo meu corpo tiras negras com plaquinhas de metal agarro a mão dela. "*Você vai me deixar ser eletrocutada aqui, sozinha?*" A moça sorri. Dou um grito e ela se vira perguntando o que foi. "*Está dando choque!*" Respondo, em pânico. "*Mas eu ainda nem liguei!*" Diz ela retirando-se com um sorriso. Pergunto o seu nome pra que eu possa gritá-lo em caso de necessidade. Mas mal ela vira as costas esqueço-o para sempre. E aquela *ginkobiloba* toda que tomei pra

memória durante tantos anos? Era uma fraude? As plaquinhas de chumbo começam a tremer de leve pelo meu corpo me fazendo carinho. Quando me apaixono por elas, se desligam automaticamente. Por que será que o amor é assim?

Vago pela Rua das Pedras procurando antigas referências. Impossível. Estão todas camufladas pelo incessante crescimento da cidade que virou uma espécie de Ibiza no tamanho e na língua oficial que vai se tornando o espanhol.

Quem se lembra do *Clube da Esquina*, único point da cidade, parada obrigatória da juventude carioca que se aliava aos *drop outs* que tinham deixado o Rio de Janeiro pra viver a utopia da Ilha, alojados em barcos? ...*Ando meio desligado eu nem sinto meus pés no chão...* Tocava a banda em tempos de estrada de barro, pés descalços, Frenéticas, Rita Lee, Paolo dando canja ao piano e paixões avassaladoras surgidas à luz das enormes estrelas nas incontáveis praias desertas.

O delicioso doce de maçã light da Sonia me liga outra vez ao presente e me faz sentir os pés no chão, agora dentro de comportadas sandálias de salto à caminho do hotel prendendo-se nos intervalos das pedras que calçam o tempo e o espaço.

Casa Cor de Novo

Peguei minha amiga no Leblon e voltei ao CasaCor, no Itanhangá.

84

Depois do breve passeio de van, fui mostrando a ela o roteiro que fiz da outra vez, esperando pra ser apresentada mais tarde ao Quarto de Menina, que visto do catálogo, me encantou, e alguns outros espaços que não tive tempo de curtir na outra ala. Enquanto me detinha aos detalhes, minha amiga olhava o todo que lhe era apresentado como novidade até que paramos na Estufa, onde tinha um simpático coquetel. Lá encontrei antigos conhecidos e ficamos tomando champanhe. Depois de um certo tempo, minha amiga resolveu dar uma volta pra ver outras modas... Fiquei esperando por ela na Estufa quando terminasse o papo sobre bromélias com o paisagista do espaço. Mas no meio do assunto as luzes se apagaram e o Casa Cor começou a fechar fazendo eu perder minha amiga para sempre. *"Quem mandou eu dizer na outra crônica que queria morar na Estufa sem sair nunca mais de lá? Era força de expressão, meu Deus, não precisava dizer amem..."* E já ia perguntar se alguém ali tinha um colchonete guardado no armário quando pensei, apavorada: *"Minha amiga é filha do Lúcio Costa, o maior arquiteto do Brasil, será que foi seqüestrada para que revelasse algum segredo aos jovens decoradores, ávidos por*

preciosas informações? Céus! Como é que vou pagar pelo seu resgate?"

Corri, nervosa, pra pegar a última van que ainda saía em frente ao Jardim de Hóspedes com aquela deliciosa piscina fininha, que obriga qualquer preguiçoso a praticar natação antes de tomar o primeiro drinque na parte quadrada e relaxar, sem culpa, debaixo dos coqueirais...

Salto na estação de embarque, já vazia, cheia de chocolates. Penso em comer alguns, mas e se uma bruxa me trancar numa gaiola e me pedir pra mostrar o dedo esperando eu engordar como João e Maria? Melhor não tentar e me concentrar na saída. Mas aonde?

85

No meio da escuridão, percebo que não tenho dinheiro não só pra pagar o resgate da minha amiga, como até mesmo pra pegar meu carro no estacionamento! Minha carteira tinha ficado na bolsa dela, que era maior. *"Moço, me empresta cinco real?"* Pergunto a um transeunte perdido que saiu gritando: *"Assalto!"*

Passei pela sala escura do Lulú Santos e resolvi esticar os braços pra frente com medo de tropeçar na foto da Scarlet Moon ou esbarrar com algum fantasma de surfista que se afogou na Califórnia. Meu Deus! *Nada do que foi estava sendo de novo do jeito que já tinha sido um dia...* Estiquei mais os braços porque a essa altura já estava quase entrando no Home

Theatre. *"E se eu pegasse um drinque no bar pra aliviar o sufoco?"* Pensei, quando vi um vulto que ao vislumbrar meus braços esticados pra frente gritou: *"Frankenstein!"* Felizmente era a Shirley, uma jornalista que conheci na Sala de Imprensa. E depois de jurar que eu era eu, acendendo como prova, um fósforo chiquérrimo que ganhei no *fumoir*, perto do meu rosto, ela se convenceu e resolveu me ajudar. Sabia a planta da casa de cor. Contei do sumiço da minha amiga, mas ninguém a tinha visto. Trouxeram o meu carro, último remanescente no estacionamento. Não precisei nem dar a senha. Tudo escuro. Onde será que fica a saída? Passam dois empregados. Ofereço-lhes carona. Eles dão um grito. Digo que sou do bem, que só não quero ficar perdida, no escuro... eles olham desconfiados vendo aquela mulher sozinha àquela hora. São faxineiros daquele espaço enorme.. Ela mora num barraco na Rocinha, ele n'outro, no Vidigal. *"Deixo vocês em casa, tenho mesmo que passar por lá..."* Ambos são do Nordeste. Vieram tentar a vida no Rio. Deixo primeiro a moça na Rocinha. *"É perigoso por aqui?"* Pergunto, meio insegura. *"É não..."* Responde ela, sorrindo.

Deixo o rapaz no Vidigal. *"Você mora longe?"* *Moro, não..."* Responde ele, subindo uma ladeira infundável.

Chego em casa e ligo depressa a secretária eletrônica pra saber se os sequestradores de minha amiga fizeram contato.

– Fui comer e beber no Snack Bar... Diz calmamente a voz dela. Depois passei na livraria e me esqueci da vida...

Desligo, aliviada, e vou dormir, exausta, depois de tentar fazer no meu quarto, de balde, inúmeras tentativas de decorações.

A Lapa

Desde a década de oitenta que eu não voltava à Lapa. A moda era ver o show do Casanova, com Marisa Caveira de transformista. Entrava no palco mancando com um sapato alto, outro com o salto quebrado, contava milhares de desgraças, ia se empolgando com o próprio infortúnio e acabava atirando sapatos, bolsa, peruca, e por último, os dois seios feitos de jornal amassado na cabeça do público em protesto contra sua infelicidade. Marisa era aplaudidíssima e depois de tirar o último disfarce, virava um rapazinho magro e tímido que corria pro camarim. Que fim terá levado Marisa Caveira? Mas deixei de freqüentar o seu show quando um travesti invadiu a casa com duas garrafas na mão, e, à la filme de cow-boy, quebrou os gargalos de ambas na quina de uma mesa gritando pros clientes: "*Daqui de dentro ninguém sai!*" O visual era o de Tony Perkins em *Psycho*, encarnando a mãe. Ficamos todos encostados na parede com o cara enlouquecido avançando no sentido do camarim. Quando já estava quase entrando nele, o porteiro fez um sinal pra gente dar o fora, abrindo a porta da boite por onde saímos todos correndo pra nunca mais voltar.

88

Depois foi o Capela. Ia muito jantar lá com meus amigos atores. Mas um dia fui com o Rodrigo Santiago e outros colegas. Rodrigo estrelando alguma novela das oito que não me lembro mais qual era. De repente uns caras da mesa de fundo invoca-

ram com ele. De costas pra mesa dos malandros, ele nem reparou. Mas eu, de frente pra eles, fui ficando branca. Começaram a gritar que não iam aturar mulherzinha de TV Globo no restaurante deles. E antes que virassem Madames Satãs e nos fuzilassem, peguei Rodrigo pela mão e corri com ele e os outros amigos, que nos acompanharam sem entender direito o que estava acontecendo. Entramos no meu fusca. Os caras vieram depois, quando eu já arrancava com o carro. Foi então que decidi que não dava mais pra brincar de Lapa. Que o Rio de Janeiro tinha se tornado uma cidade muitíssimo violenta.

Pois voltei à Lapa neste fim de semana depois de ter visto o show *Dois nêgo e uma Branca*, num espaço novo ao lado do João Caetano.

89

Depois fomos jantar no Capela. Fiquei impressionada. É o *point*! Todas as pessoas conhecidas de todas as áreas estavam lá, como se fosse a Fiorentina dos anos 70! Vários elencos de teatro, gente de música, televisão, confraternizando com os frequentadores locais. Depois andei pelas ruas olhando aqueles prédios magníficos misturando *art-deco* com *nouveau*, resultando num novo estilo mais doido, mais enfeitado, mais brasileiro. Se fosse policiado e respeitado, poderia-se morar no bairro, como em Miami, onde se disputa a tapa cada apartamento na parte antiga da cidade, mil vezes mais feia e sem graça que a Lapa. Mas com aquela quantidade

de mendigos dormindo nas ruas, e sem sombra de policiamento no bairro, quem se habilitaria? Sabe de uma coisa, Prefeito, sou mil vezes mais pegar esse bilhão de dólares do Gulgenheim e investir no cais do porto e no centro da cidade. O Rio não tem só praia, tem uma arquitetura primorosa, caindo, literalmente, aos pedaços! Alô, Maria Elisa Costa, dá uma volta pelo centro da cidade pra ver se o Dr. Lúcio não concordaria comigo...

Um Chopes e Dois Pastel

Estava pensando na paulistização do Brasil que veio vindo, veio vindo e quando a gente se deu conta, tudo virou *paulisssta*, assim mesmo, com vários ss.

Além de nós, cariocas, termos tido de sofrer muitas humilhações, como, por exemplo, sermos obrigados a viajar de avião pra São Paulo, quando se quer ir pra Bahia (!), ver o mercado, no Rio, se transformar em paulista tendo-se mesmo que ligar pro *Disk Cook*, em São Paulo, pra pedir uma comida de um restaurante carioca aqui do lado, assistirmos as lojas cariocas fecharem, transformando o Rio numa cidade *latinha*: "*Lá tinha*" uma padaria, "*lá tinha*" um açougue, lá tinha o Bicho da Seda que fechou 67 anos depois engolido por algum paulista, lá tinha aquele tal restaurante, lá tinha os estertores das Casas Sendas, comprada por outro paulista, o Pão de Açúcar, e por aí, vai, fora os "vende-se e aluga-se" em todos os bairros do Rio de Janeiro, que sabe Deus pra onde irão.... mas o mais grave de tudo, o mais grave, gente, é a paulistização do sotaque! O sotaque de São Paulo é o sotaque oficial do Brasil, o sotaque nacional do país! Nada contra, só é esquisito que agora, no Rio de Janeiro, se fale paulista. Seria o mesmo que, assim, do nada, todo mundo começasse a falar nordestino, cearense. Nada contra também, mas estranho...Descobri isso quando vi meu neto, carioca, nascido em Los Angeles e criado no Rio desde o primeiro ano de sua vida,

falar coisas tipo: "*Agennnnda, vennnda, fazennda*" com muitos enes, e só não pedir "*um chopos e dois pastel*", porque ele tem quatro anos e ainda não toma chope. Então fiquei pensando: mas por que cargas d'água, o meu neto fala paulista? E concluí que é por causa da televisão que ele assiste o tempo todo que não está no Tabladinho, com outras crianças. Tudo culpa do Discoverey Kids, (que eu amo de paixão), mas que só fala paulista, assim como os outros canais de desenho animado. *A Pantera Cor de Rosa* fala paulista, *Jay Jay, o Jatinho*, fala paulista, *Bob, o construtor*, fala paulista, *Tom e o Jerry* falam paulista, *o Popeye* fala paulista e o *Mr Magoo* também. A dublagem oficial do Brasil agora é paulista, além dos atores das novelas que carregam nos enes, erres e esses... Claro que comecei a achar o máximo o sotaque do meu neto, porque ele é a pessoa mais bonita do mundo, por isso pode falar como quiser, mas que é intrigante, lá isso é... E o orgulho dos esses chiados do carioca, dos nossos erres arrastados, do Rio ter sido uma das únicas cidades brasileiras cuja pronúncia vinha diretamente do português, sem mistura africana, italiana, indígena... Nós, cariocas, inventamos o brasileiro oficial... Pois qual nada, minha filha, tudo isso se foi, numa evolução normal e compreensível, só que eu levei um susto, desculpem, foi só isso! É normal a miscigenação de raças, de línguas, de hábitos, sempre fui à favor, mas essa história paulista é meio recente demais pra minha cabeça... Enfim, deixa pra lá... É a evolução natural da vida, mas quem disse que isso também

não é difícil de aceitar? Por exemplo, minha amiga, Martha, telefonou de manhã cedo pra me contar, (cuidadosamente, pra não me matar do coração), que o Marlon Brando tinha morrido... É a evolução natural da vida? É. O cara tinha 80 anos, pôxa. Mas não deixa de ser esquisito um mundo sem Marlon Brando, o deus da minha adolescência. O único que não tinha saco pra tietar ninguém, que não estava nem aí pra "celebridades", prêmios, que não gostava de aparecer, que se lixava pra tudo a não ser pra natureza, pro Tahiti... Estava velho? Céus! Mas velho como, se foi ele que revolucionou a maneira de representar em Hollywood, copiada até hoje por todos os que passam e não passam por lá? E o Kowalsky, do *Bonde chamado Desejo*? Quem é que pode substituir?

93

Claro que tem Johnny Depp, que é outro deus da geração atual, e, embora não consiga me lembrar de outros, deve existir mais alguém. O problema é que vai ficando difícil viver sem referências de fantasias... É toda uma geração que perde o símbolo de seu tesão, de sua paixão, de sua irreverência inovadora, raríssima nos anos cinqüenta... Gosto de gente contestadora, de indivíduos que se destacam por sua forma de agir diante do estabelecido. Detesto qualquer tipo de globalização, nacionalização, "miamização", "paulistização", banalização dos costumes que se estabelecem por uma moda imposta pela "força da grana que teima em destruir coisas belas..."

Copacabana me Engana

Foi em meio a um papo animado entre minha irmã, uma amiga e eu, voltando de Correias, que, perdi, para sempre, a entrada pra Copacabana, na Linha Vermelha.

94

Descobri que o meu senso de direção não era essas *brastemps*, nos anos setenta, quando meu ex-marido, desesperado com minhas idas e vindas a bordo do velho fusca, implorava ao meu lado: "*Não seja insegura querida, quando você achar que é pra direita, vai pra esquerda!*" Mas se a sinalização das estradas do Rio de Janeiro fosse mais precisa que o meu senso de direção, porque então espalhar tantas placas pela cidade implorando-nos por tudo o que é mais sagrado que "*acredite na sinalização*", como se fora um dogma de fé, sem base científica, ou espécie de mantra que se vai lendo repetidamente ao longo do caminho na tentativa de se fazer a informação ser absorvida pelo inconsciente? Por ser uma pessoa crente não duvidei que a entrada pra Copacabana ficava imediatamente após a entrada pro aeroporto, (pra quem vem de Petrópolis) como me foi indicado pelas placas. Mas por causa delas fomos parar na Penha, Irajá, Guadalupe.

Dez horas da noite: ninguém na rua. Diria-se um deserto de Sahara com seu calor característico.

Diante da impossibilidade de troca de informação com algum ser vivo, continuamos, já exaustas, a viagem, até sermos surpreendidas por um motel. Salto aliviada do carro e acompanhada das minhas companheiras de infortúnio toco a campainha de uma portaria vazia. Esperamos na porta, as três, até que esta se abriu, fechando-se imediatamente em seguida, e por detrás dela: ninguém!, contrariando a crença de que quando uma porta se abre é porque, infalivelmente, tem alguém por detrás dela. Mas a experiência demonstrou que não. E agora? Que faremos, três senhoras distintas presas na transparência de vidro do hall de um motel em Guadalupe? Tocamos outra vez a campainha e um novo "abre-te Sésamo" nos liberou de volta a estrada vazia. Num acesso de fúria descontrolado minha irmã começou a gritar: "Táxi! Táxi!" ao eco guadalupense que a arremedou irônicamente: "Táxi! Táxi!" Assim como uma miragem no deserto, um homem surgiu da escuridão. Fitei-o determinada. E certa de que não era alucinação, avancei com o carro na sua direção, o que o fez fugir apavorado temendo um assalto. Então abri a janela do carro e gritei do volante: "Moço! Pelo amor de Deus, onde fica Copacabana?" Em disparada ele gritou de longe, com o dedo indicador apontando uma abstração: "Tem que fazer o retorno!" E desapareceu na escuridão deixando o mesmo eco gozador repetir em seguida: "Retorno, ôrno, ôrno..."

95

Milhares de retornos se nos apresentaram à frente como as várias possibilidades de uma janela de com-

putador: retorno Penha, retorno Irajá, retorno Av. Brasil... "*Clicamos*" num deles com o mouse da nossa (péssima) intuição e fomos parar na Av. Brasil, o que seria um alívio, se não estivéssemos, sem saber, no sentido inverso à Copacabana. "*Gente, eu nunca vi esses lugares...*" comentei com as companheiras de viagem. *Vocês, por acaso, conhecem a Oficina do Bibi, o Motel Bem bom? O Rei das carne fresca?*" Ao que minha irmã, superior, respondeu: "*Claro. É porque vocês não frequentam a zona Norte, não fazem locação de cinema feito eu...*"

96 Diante desta declaração de auto-segurança fortalecida pelas placas de sinalização que continuavam pedindo que *acreditassem nelas*, continuei indo em frente, mesmo me sentindo uma herege, pois por mais que tentasse não conseguia crer que alguma daquelas estradas pudesse me levar a Copacabana.

Mais alguns quilômetros de desconfiança até me deparar com a prova dos nove à minha frente em forma de seta escrito: Campo Grande. Tá vendo? Eu sabia! Mais uma meia hora de Campo Grande até que de repente, como por milagre, um novo retorno à direita indicava a palavra mágica: Copacabana. Ela mesma.

E como o filho pródigo que finalmente retorna ao lar depois de um longo período ausente, desembarco, feliz, diante de uma das minhas primeiras e mais belas referências na vida: a Princesinha do Mar.

Descobrimo Paquetá

Um alto-falante grita o horário das barcas, aerobarcos e catamarães de uma forma que se entende somente o final das palavras ou o eco de alguma delas. Os poucos passageiros à espera da barca, dão tanta importância às notícias como se o locutor estivesse lendo a bula de um remédio, um tratado incompreensível de Física ou mesmo tendo uma briga definitiva com a mulher.

Defronte aos bancos de madeira, numa tevê sempre ligada, Xuxa e seus baixinhos berram a todo pulmão: *"É pique, é pique, é pique! É hora, é hora, é hora! Ra-ti-bum!"*

97

Enlouquecida, procuro um empregado que abaixe o som daquela tortura. Descontrolado, controle na mão, o homem tenta em vão me libertar daquele hospício. Ao som da televisão junta-se o barulho dos carros passando pelo viaduto, o das buzinas estridentes e o de uma britadeira que sacode os meus nervos em ritmo de terror. Não sei se começo a chorar ou desisto da viagem até que um homem de crachá se apieda da minha sorte e me conduz a uma sala um pouco mais distante da loucura vigente.

Não espero muito até a chegada da barca, que no seu ritmo próprio e calma abençoada me tira daquela ilusão diabólica de tempo e de espaço.

A tranqüilidade e a beleza da Baía de Guanabara me emociona com seu castelinho de contos de fadas olhando-nos do alto da Ilha Fiscal.

Passamos por debaixo das pilastras da Ponte Rio-Niteroi com as cracas pegando nos seus pés. Diria-se um pavão suntuoso com seus pés toscos disfarçados em desconfortáveis sapatas.

Uma hora contemplando o deslumbramento da baía, até desembarcar em Paquetá, que em tupi-guaraní, significa: "Muitas pacas", "muitas conchas" ou "muitas pedrinhas caídas do céu".

98 A falta de automóveis, o silêncio e o mistério que envolvem um bairro-ilha, ou uma ilha-bairro, me remetem ao paraíso perdido da infância com sua vegetação abundante, seu cheiro forte de frutas maduras e o colorido berrante de suas flores.

Pego uma charrete com dois cavalos brancos rumo a casa de Regina Yolanda numa viagem regressiva a um tempo perdido que vai pouco a pouco se recuperando numa surpreendente delicadeza e inocência. Ninguém nas ruas de terra batida nessa quinta-feira de sol.

Paro pra observar a Maria Gorda, o suntuoso baobá plantando em 1627.

– *Por que ela é tão gorda, D. Maria Lucia?* Pergunte-me Maria, a ajudante nordestina de Regina.

– *Ora, Maria, se a gente começa a engordar com quarenta, imagine com 376!*

Na casa aconchegante da praia do Catimbáú, rodeada por enormes pedras redondas, com vista desenhada pela Serra dos Órgãos, tiro o relógio e procuro me adaptar ao verdadeiro tempo descompromissado e generoso.

Regredida em velhas lembranças de infância, (não exatamente de Paquetá), mas de livros de viagem em ilhas perdidas, passeio pela orla só minha, como um Robinson Crusóé de bermudas velhas e camiseta furada, e sem resistir ao chamado do passado paro numa das raras padarias da ilha e devoro duas caixas de Esquibom, em forma de pequenos bombons, que como as “madeleines” de Proust me conduzem a um estado pré-culpa católica de colégio de freiras, quando ainda pertencia ao Todo, antes de despen-car, como Eva, do paraíso, com Adão.

99

No retorno pro Rio, um rapaz, radinho de pilha no ouvido, grita na barca que morreu Saddam Hussein.

Subitamente arremessada de volta à guerra pego um táxi debaixo do viaduto e pergunto ao motorista: “Morreu Saddam Hussein?” Ao que ele me responde ajeitando os óculos escuros: “É ruim, hein, madame?”

A Selva Carioca

Uma coisa pode-se dizer dos bandidos do Rio de Janeiro: que são muito criativos. Além de jogarem água por baixo da porta do apartamento pro dono da casa abri-la assustado, e ser assaltado com revólver na cabeça, ou fumaça em vez de água, pro pobre futuro assaltado achar que é incêndio, agora eles usam cachorros. Como a polícia.

100

Tinha eu ido ver o show da Dona Ivone Lara, no Teatro Rival, de onde saí com meus amigos em estado de graça, quando resolvemos tomar chope no Bar Luiz, fazendo a linha cidade à noite, onde se vê os prédios mais lindos do Rio. Isto é, veria-se, se pudessemos observá-los tranqüilamente como num país normal. (Será que ainda existe um?) Infelizmente e como sempre, o Bar Luiz já estava fechando. (Jamais consegui pegá-lo completamente aberto! É uma perseguição!) Por causa disso, entramos outra vez no carro em direção à Lapa e como sempre, me perdi em meio a um beco estreito com pouquíssima iluminação. Quatro cachorros policiais avançaram no carro como nos filmes de terror, rosnando e saltando na frente dele e fazendo eu me atrapalhar na direção. Olhei pelo retrovisor e vi dois caras se divertindo em atirar os cachorros que quase conseguiam pular no capô. Meu amigo, ao meu lado, mandava-me acelerar o máximo que pudesse e eu comecei a pensar que se tivesse que atropelar os bichos, eu o faria, mesmo sendo apaixonada por cães.

Mas é difícil passar por cima de quatro cachorros grandes ao mesmo tempo, furiosos e dispostos a ganhar a parada. Os bandidos continuavam a rir no retrovisor, quando vi o carro da polícia que chegou na contra-mão, causando alvoroço nos animais e seus donos. Engrenei uma segunda e consegui sair do beco e do sufoco com o coração acelerado. Olha, Prefeito, não dá pra brincar de Lapa sem o mínimo de segurança! Eu sou a maior defensora do centro da cidade. Se fosse possível, até gostaria de morar num daqueles casarões *art-nouveau* deslumbrantes, ou mesmo num prédio maravilhoso na Av. Beira-Mar. Mas diante das circunstâncias seria melhor uma morte mais indolor, quem sabe, tomando cicuta, por exemplo, antes de mudar pra lá?

101

Nossos assaltantes não deviam ter mais de dezesseis anos... Aí volta a questão da maioria no Brasil, levantada depois do assassinato brutal do casal de namorados em Embú-Guaçu... E como sempre acontece depois de uma tragédia semelhante, o país começa a defender a pena de morte. Do pastor Jece Valadão ao rabino Henry Sobel, presidente da Congregação Israelita Paulista, todos fazem discurso a favor dela, embora digam que sua religião é contra... O Jece, no programa da Luciana Gimenez, (onde teve até direito a aplausos de pé), e o rabino, por incrível que pareça, na passeata, em São Paulo, pela paz! Como se assassinar, para os menores no Brasil, não fosse a consequência lógica da forma violenta com que são tratados desde que nascem,

de mães menores e sem família, mendigando pelas ruas sem nenhuma noção de certo ou errado, de afeto, de educação. Esses meninos de rua já nascem em campos de concentração, Sr. Rabino, condenados à morte! O que alguém precisa fazer urgente é condená-los a uma vida decente, sem torná-los escravos nas fazendas dos políticos, matá-los na porta da Candelária, escurraça-los por onde passam, jogá-los na Febem, não pra que sejam educados, limpos e nutridos, mas pra que as ruas fiquem livres deles da mesma forma que se livram do lixo que jogam pelas janelas de seus Mercedes prateados. O *outro* ainda existe muito pouco pro brasileiro, ou quase nada, e a "lei do Jerson" permanece quase intacta como se o *outro* não fossemos nós mesmos e que a mesma casca de banana jogada da janela do carro não nos fizesse também escorregar...

Deixo meu amigo em Copacabana onde ele tem que pular por cima de famílias de mendigos acampados antes de abrir os três portões de ferro da sua portaria de mármore e chego finalmente em casa onde vejo o Corpo de Bombeiros na porta. Começo a ficar paranóica, achando que a culpa é minha, lógico. Quem sabe esqueci o forno ligado com os congelados do Sabor de Pecado dentro, o ar ligado, o computador aceso, ou deixei incendiar aquela espiral de matar mosquito por causa da dengue? Então, quase em pânico, pergunto ao bombeiro o que aconteceu dessa vez!

– *Pobrema de captura, madame.* Responde ele.

Espero os bombeiros saírem do edifício até que os vejo carregando uma coruja assustada nas mãos. Tinha entrado pela janela do oitavo andar e ficado em cima da geladeira, como um pingüim de louça, mordendo quem se aproximava.

Então me despedi dos bombeiros e da coruja que gritava e resolvi *dormir com mais um barulho desses...*

O Mico no Fashion

Fui almoçar na Chocolate, no Fashion Mall, e resolvi colocar uma sandália de salto de cortiça, há um ano guardada no armário, sem ver a luz do sol, aguardando o verão. Quando andei até o meu carro ouvi um ruído estranho, como se alguma coisa tivesse ruído ou ia-se ruindo aos poucos.

Conversava animadamente com Bitucha no restaurante quando o garçon veio me avisar que acontecera uma coisa esquisita com os meus sapatos. Olhei pra baixo e vi as tiras de cortiça agarradas aos meus tornozelos calcando umas “rolhas” espalhadas pelo chão. A cortiça se esfacelara e se transformara numas bolinhas marrons tipo cocô de bode, daqueles que puxavam o carrinho quando eu era pequena na pracinha de Petrópolis.

104

Muito fina e discreta, fingi que não era nada e agradei ao garçon que saiu com cara de horror.

Não ia perder aqueles docinhos minúsculos de sobremesa nem parte do meu *prosecco* que ainda permanecia no cálice por causa de uma cortiça. Chutei as bolinhas pra baixo do sofá e continuei conversando com minha amiga até chegar a conta. Então tive que tomar uma providência que foi sair arrastando as sandálias sem sola, agarradas aos meus pés por tiras de camurça até a sapataria mais próxima. Uma faxineira surgiu do nada com uma

vassoura enorme e uma pá, apagando rapidamente o meu rastro no mármore impecável do shopping. Cheguei na Arezzo, arranquei finalmente o que restou das sandálias dos pés e comprei outra, de salto de borracha, imune, espero, a esse tipo de mico. Deixei as tiras de camurça de presente pra vendedora, que as segurava pelas pontas como rato morto, perguntando o que fazer com elas. Me retirei segura, calçando firme, depois da morte súbita da sandália em meio a um agradável almoço no shopping.

Nunca pensei que pudesse, pelo menos nessa encarnação, passar por coisa parecida de novo. Pois decorridos alguns meses, fui a um coquetel só de mulheres. Achei engraçado pôr uma blusa de organdi bordada, da minha mãe, comprada na antiga Casa Canadá. Há muito mais tempo que a sandália do shopping, a blusa permanecia no meu armário, como relíquia, intocada, sabe Deus há quantos anos desde Quitandinha ou, quiçá, do cassino da Urca? Saí de casa arrasando. O faz-tudo da rua perguntou porque eu não fazia mais novela. O dono da agência de automóveis, por que eu não voltava pro cinema. Sorri de longe, dando um adeusinho discreto, tal celebridade, e no meio do jesto, ouvi um ruído esquisito, mas como estava próxima ao Santa Martha pensei fosse alguém testando uma AR-15 básica. Olhei pra cima do morro e vi um neon vermelho como uma faixa onde não consegui ler os dizeres, não sei se é um

Bob's recém aberto, fazendo uma linha popular, um MacDonald's, ou um anúncio do Comando Vermelho, o que me convenceu de que o barulho vinha realmente dali.

Entrei no carro e quando engrenei a primeira ouvi de novo o mesmo barulho e pensei que a engrenagem do carro estivesse meio problemática, embora eu tivesse acabado de consertá-la depois de vários orçamentos que oscilaram de 820 reais em Botafogo e 160 na "Broadway", praça de oficinas de carros atrás do Maracanã. Adivinhem quanto paguei? Fala sério...

106

Cheguei então ao meu destino, na Delfim Moreira, saltei do carro e quando fui fechar o trinco da porta, um novo "rrrrrrrrrr". Pensei tratar-se de um assaltante pedindo a carrrrrrteira, mas como não vi ninguém, atravessei a rua depressa. Quando toquei o último botão do elevador, outro rrrrrrrrr. Ih...Pensei... Será que esse troço vai enguiçar como fez uma vez com a dona da casa, às três da manhã, obrigando-a a dormir entre o décimo e o décimo segundo andar falando todo tempo comigo no celular? Mas o elevador estava perfeito, entrei na sala e todos elogiaram a minha blusa que contei ser da Casa Canadá.

– *Nossa! Mas tão moderna! De tiras desiguais de vários tamanhos...*

"Tiras?" Perguntei-me intrigada. "Minha blusa não era fechada, de botões de veludo preto com brocados dourados e justa no corpo?"

Mas, como sou distraída e culpada, achei que não prestara atenção, até esticar a mão pra pegar uma bala de leite condensado, e como num castigo imediato por estar fugindo do regime, o "rrrrrrrrrr" nesse momento foi de tal ordem que as pessoas congelaram-se nas suas posições, como aqueles jornalistas que dão notícias do estrangeiro pro telejornal local através de uma telinha, imóveis, e de boca aberta. Também fiquei petrificada quando percebi que quem fazia aquele barulho não era pivete nem morro e sim a minha blusa, essa mesma, da Casa Canadá, que se encontrava em frangalhos, como uma múmia que evaporando ao contato com o ar livre depois de séculos guardada num sarcófago.

107

Voltei pra casa em farrapos. O faz-tudo da rua me olhou horrorizado, o dono da oficina fingiu que não me viu e meu neto perguntou se eu tinha lutado com os Power Rangers.

O Gato de Programa

108 Era um gato de botequim, chamado Júnior. Pensei muito tempo que esse “Júnior” significasse “Jr.”, aquela abreviatura que se acrescenta depois do nome, para se homenagear o pai, como Sammy Davis Jr., por exemplo. Mas não. O gato se chama Jú-ni-or, por causa do Júnior da Sandy e não do Sammy, ou melhor, ninguém teve intenção de homenagear o pai dele, ilustre desconhecido aqui das redondezas. Acontece que ele, o Júnior, fugia do botequim onde morava, pra visitar as senhoras do bairro que passaram a dar a vida por ele, além de muita comida, claro. Tornou-se assim um verdadeiro garoto de programa com seu visual de “angorá made in Paraguai”, um rabo enorme que abana, *nonchalante*, de cá pra lá, em câmera lenta, os bigodes sempre bem aparados, o miado dengoso. Como freqüentasse muitas casas ao mesmo tempo, as mulheres começaram a brigar na rua.

– *Ele é meu!*

– *Seu, coisa nenhuma. Não sai lá de casa.*

E assim o Júnior pôde fazer um bom pé de meia até que o dono do botequim, e seu dono de direito, faliu, (como aliás, parte do bairro e do Brasil) e teve de se mudar pro subúrbio. O nordestino veio falar comigo de sua preocupação com o gato. Gostava de mim, da vizinha, era tão bem tratado, enfim, se

a gente quisesse ele poderia deixá-lo conosco, já que gato não gosta muito de mudança e tinha se habituado por aqui...

– *Fica comigo. Respondi. É meu. Ninguém tasca.*

Mas os meus próprios gatos ficaram furibundos e, unidos numa gangue, armados de unhas e dentes defenderam o seu ponto e puseram o Júnior pra correr.

O garoto de programa voltou-se logo pra minha vizinha que mora sozinha e é roxa por ele. Pra competir comigo, ela começou a comprar rações mais finas, patês mais poderosos que colocava, dengosa, num pratinho de porcelana escrito: “Sofisticats” fazendo charme pra ele perto da minha própria porta! O sofisticats, a sedução provocada pela vizinha através de decotes, mini-saias e voz sexy, aliado ao fato dos meus gatos vira-latas atacarem-no em cima do muro como seguranças de celebridade, fizeram com que o Júnior, optasse básica e oficialmente pela vizinha, mas, sua alma de garoto de programa continuava fazendo charme pra mim e, imagino, pras outras mulheres do mundo. Fiquei na minha, mas não desisti totalmente e, as vezes, no escuro, ia encontrar com ele no portão. E então eram muitos abraços, afagos e carinhos, fora os beijos espetados que ele me dava através dos bigodes. Então, na semana passada, a vizinha, passando por cima do seu próprio ciúme, veio me contar, em prantos, que ele tinha desaparecido.

Dei um pulo da cadeira disposta a sair imediatamente atrás dele. Meu primo (que morre de inveja do sucesso que o gato faz com as mulheres), aproveitou pra chamá-lo de cafajeste mal agradecido.

Unidas na desgraça, eu e a vizinha nos revezamos pagando micos diversos, eu, batendo boca com um porteiro que não me deixava subir até o *play* pra ohar os telhados da vizinhança, ela, entrando em prédios vazios com uma lanterna na mão. Debalde. O Júnior sumira de fato.

110 Um dia um amigo da minha filha disse que o estava vendo num buraco do meu telhado. Mas só ele que o via, feito aquelas aparições da bíblia que só um privilegiado, tipo Moisés, tem acesso. Até que ouvi um miado, mas meu primo disse que aquilo era um "*wishful thinking*" da minha cabeça e que eu estava ficando paranóica por causa do gato. O fato é que emburrei e fui dormir, quer dizer, se os mosquitos deixassem, porque aqui em casa eles atacam em arastões voadores como "Os Pássaros" do Hitchcock. Mosquitos de todas as espécies, mínimos, enormes, de chifre, sem chifre, marrons, preto e branco... Então peguei a minha bomba de *Raid*, saí, como aquelas mulheres que usam bombinhas paralisantes pra transformar assaltantes em estátuas de sal, e fui "assuntar" no jardim. Então ouvi-o chorar. Ele, o gato. Chamei a vizinha, um amigo dela francês, e os dois subiram com uma lanterna e dois espelhos no meu telhado. Os espelhos serviram pra encontrá-lo

no fundo de um buraco inatingível, acuado pelos “seguranças” felinos aqui de casa, aliados a um gato louro, chefe de gangue, o Ruço, que apareceu no pedaço. Esnobou a vizinha. Não quis se rebaixar descendo em público no colo dela pra mulherada da rua não ver. Então ela desceu primeiro, e ele depois. A cabeça erguida, o rabo em pé, soberbo como Maria Antonieta indo pra guilhotina, sob os aplausos das mulheres e a tromba dos machos: gatos e homens.

À noite houve uma conciliação. Minha vizinha trouxe um vinho francês e o seu amigo, da mesma raça que o vinho. Até meu primo, (que no fundo também não resiste ao charme do Júnior), saiu da toca, e o gato, elegantíssimo, fingiu que não estava faminto, e deu uma lambiscada no seu patê de *foie gras*, dentro do prato de porcelana escrito: “sophisticats” e balançou o rabo no compasso de uma música de Ray Charles.

O Mapa do Brasil

Aprendi a ler e a escrever no colégio Sion, imitando a caligrafia redonda das freiras, a qual conservo até hoje, como uma marca registrada.

Na folha de papel almaço do primário, colocávamos cuidadosamente o nosso nome no cabeçalho, seguido da data que começava por:

Distrito Federal, 20 de janeiro de 1955, por exemplo.

112

Nasci no Distrito Federal e nele fiquei até a época do Juscelino, quando mudaram o Distrito Federal pra Brasília. Achava aquilo esquisito... a gente não era mais capital... não escrevia mais Distrito Federal, caprichado, com a caneta Parker 51... imagina mudar pra Brasília, no meio do mato! Eu, hein? *"...Não vou, não vou pra Brasília, nem eu nem minha família, mesmo que seja pra ficar cheio da grana. A vida não se compara, mesmo difícil e tão cara. Quero ser pobre sem deixar Copacabana..."* Cantávamos da janela lá de casa, de frente pro mar.

Houve também outras mudanças assim, sem ninguém perguntar se a gente queria. Viramos Estado da Guanabara, por exemplo. Não rendia tanto no cabeçalho do colégio quanto Distrito Federal, sei lá porque, talvez seja porque o primeiro cabeçalho a gente nunca esquece.... depois veio a ponte Rio-

Niterói pra confirmar que éramos todos uma coisa só. Quer dizer, no mapa, né? Porque na prática, o carioca que chamava niteroiense de além-mar, passou a chamá-lo de além-ponte. Com todo o deslumbramento de Niterói, que por causa do preconceito carioca, só fui descobrir anos depois...

Mas hoje, vi no jornal que o mapa do Brasil ia mudar! Fiquei apavorada porque já recebi um e-mail mostrando o novo mapa da Amazonia, onde em vez da floresta está escrito: território universal!!! Com direito a crachá pros brasileiros entrarem no seu próprio território, (desculpe, no território universal), gente e animais falando inglês. É isso aí, bicho! E como se não bastasse esse susto, vejo agora que o mapa inteiro do Brasil vai ser reformado. Primeiro achei que iam fazer que nem na favela, um puxado daqui, outro dali, pra alongar ou subir a propriedade e fiquei apavorada pensando: "*Será que vão mudar a forma de coração do Brasil?*" Abrir mão do Distrito Federal e escrever no cabeçalho: Estado da Guanabara, foi horrível, mas já passou. Agora, quererem mudar até o coração da gente é demais... o que nos salva dessa loucura, é que alguém, certamente, já o deve ter registrado... Cabral não ia marcar a touca de perder uma marca dessas...D. Manoel, o Venturoso, Villegaignon, Maurício de Nassau, Washington Olivetto... Depois entendi, que (talvez por causa do registro ou de algum tombamento posterior), não iam mexer na forma, mas na decoração. Seria, assim, uma espécie

de CasaCor... Eu arrasto o Piauí pra cá, você o Acre pra lá, São Paulo vira dois, o Amazonas vira quatro. E o Rio? Será que vão dividir o Pão de Açúcar, por exemplo, ou ele será a própria divisória entre estados de nomes americanos, como Nova Nova Iorque, Nova Nova Zelandia, Novíssima Hampshire... Qual será o sentido dessa arrumação, hein, gente? É arrumação ou armação? Eu tô bem, aqui no meu canto... Se o Rio for dividido vai ter que ter dois governadores, dois prefeitos, ou clonar o Cesar Maia, a Rosinha...Um Cesar querendo trazer o Guggenheim pra metade do Rio, o outro importando o Louvre pra outra metade. Uma Rosinha de cabelo crespo, outra de alisamento japonês, cantando em dueto na hora da prestação de contas do Estado, com direito a votação na revista Caras: *"Você prefere a básica ou a alisada?"*

Pra que mudar o mapa, meu Deus? Agora, depois de velha, a gente vai ter que quebrar a cabeça pra saber se Macapá tá no Sul, se Curitiba encheu o saco do frio e se mudou pro Nordeste... Pros idosos então, vai ser mais uma maldade! Vão ter de abrir de novo a internet pra saber o novo formato do mapa do Brasil. Só pode ter sido idéia do Berzoini...

Sabe de uma coisa?

Pode mudar à vontade... Não tô nem aí...

Eu, que ainda chamo a Rua Vinicius de Moraes de Montenegro, o Shopping Botafogo, de Sears, a

C&A de Metro-Copacabana, o Rio-Sul de Solar da Fossa, que marco encontro com a minha irmã na porta da casa do Arilno!!! (amigo do meu pai que morava onde hoje é a DPZ, na Lagoa), eu, que não lembro mais nem do número do meu telefone, vou lá decorar o novo formato do mapa do Brasil? Ora, por favor, *deixa em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágoa!!!!*

Passeata

Será que ser cidadão é uma mania, brigar por seus direitos e pela justiça, um vício? Porque encontrei na passeata contra a guerra, no sábado, as mesmas pessoas que estão em todos esses tipos de manifestação. Que adoram uma reunião, basta acenar com um tema interessante. Que nem tiro ao pombo, lança-se um objetivo no ar e pronto: *óia nós aí tra vez....* Só que antigamente éramos mais numerosos, os maníacos. Pra se usar as expressões de época: mais engajados, mais militantes, menos alienados, mais loucos! A classe cultural inteira era representada por seus expoentes máximos. Agora, não. Os expoentes máximos não vão. Nem os mínimos. Encontrei muito poucos. Por isso fico achando que curtimos um tipo de vício. Como quem joga baralho, por exemplo. Pinta um parceiro, pronto. Já se improvisa ali mesmo uma mesa. Ninguém tá pensando em dinheiro, não. É vício, mesmo. Foi assim que me senti na passeata de sábado. Os mesmos parceiros de sempre. Isso é muito bom. Claro, alguns desertaram, mas a maioria estava lá. Firme. O mesmo *frisson* de antigamente. Muitos telefonemas. *E-mails*. "*Você vai com quem? Encontrar aonde? Com que roupa?*" Uma excitação. Pretexto pra se reunir em torno de uma causa. O problema é que depois de uma certa idade as pessoas deviam começar a usar crachá, porque ninguém mais lembra nome de ninguém. Aquele mal estar... "*Oi, há quanto tempo!*" A pessoa te beija, íntima,

você beija a pessoa certa de que a conhece. Mas e o nome? Nenhuma dica. Da onde? Às vezes a gente conhece pela voz. *A voz continua a mesma, mas os cabelos...* Uns caíram, outros ficaram grisalhos... Quem era magro ficou gordo, tudo bem, a gente compreende, mas rola um certo problema quando a pessoa muda de cara. Vira outra pessoa. Porque tem que haver uma certa coerência com a cara que a pessoa tinha antes, se não é sacanagem... Outro dia uma amiga íntima chegou da Europa, vinte anos depois. Era morena ficou loira, tinha nariz grande, ficou arrebicado, não tinha peito, estava uma Vera Fischer, tinha olhos pretos, estavam verdes. No que ela disse que era ela, meu primo, já meio bêbado, perguntou: *"E quem assina em baixo que você é você?"* Pôxa, pegou mal... lh... Depois foi outra amiga que chegou toda contente dizendo que uma ex-colega nossa de colégio iria chegar. E chegou. Só que não foi ela quem chegou, mas uma outra. Nem pior nem melhor que a que eu conhecia, mas outra. Fiquei parada enquanto ela me dava beijos. Aí a amiga comum deu a dica: *"Que bom que vocês se encontraram finalmente!"* Pensei com meus botões: *"Gente, é ela!"*

117

Tá na hora do crachá. Isso vai facilitar muito as coisas. Evitar muito mal entendido, chateação... Mas a letra tem que ser bem grande pra ninguém ficar procurando os óculos...

Petrópolis

Peguei meu neto de cinco anos que sentou em sua cadeirinha no carro e rumamos à Petrópolis. Aproveitei estar sozinha com ele pra poder fazer o mesmo roteiro que fazia com papai até Quitandinha.

Parei no Alemão da serra. Comemos croquete.

– *Não como carne.* Disse meu neto. *Só frango.*

Tomei Coca-Cola, como antigamente. E ele, mate. Meu neto nasceu na Califórnia e tem uma alimentação chegada a natural. Toma soja em vez de leite, não gosta de doce, enquanto eu fiz questão de comer os mesmos de quando era pequena: um folheado coberto com uma cobertura crocante de caramelo, que eu e minha irmã chamávamos de “vidro”.

118

Os croquetes eram os mesmos, mas o doce de vidro tinha gosto de manteiga, o que não me importou a mínima. Não fui ali pra comparar nada, mas pra ter o prazer de levar meu neto à minha infância perdida.

– *Vovó, cadê o alemão?* Perguntou ele baseando-se no nome da casa que se diz de um deles.

Fiquei pensando onde estaria ele. Na minha infância estava lá, servindo no balcão junto da mulher, e não era de muito papo, se auto-protegendo do mundo, num período pós-guerra, em Petrópolis, onde Stephen Zweig e Sra. tinham-se matado.

– *Conta a história do croquete, vovó.*

Inventei uma série de loucuras que os croquetes faziam no prato, dançando e brincando uns com os outros com diálogos criados por nós dois.

Distraída, na hora da conta, não achei minha bolsa.

“Pronto. Pensei. Sou louca mesmo. Deixei a bolsa pendurada nas costas da cadeira pra escolher os doces no balcão e, é claro, que a roubaram enquanto meu neto brincava com os croquetes...”

Cochichei com o garçon:

– *Roubaram minha bolsa.*

119

– *Roubaram?* Gritou ele.

A sala inteira me olhou atravessado, enquanto três homens mal-encarados me fulminaram da mesa ao lado.

Voltei ao balcão. Nada. A vendedora, passada, revistou em cima das vitrines.

Voltei pra mesa e meu neto perguntou:

– *O que foi, vovó?*

– *Perdi a bolsa.*

– *Perdeu, nada. Você deixou a bolsa no carro.*

Saímos do Alemão, de bolsa, que, obviamente, estava no carro e continuamos a viagem.

Gostaria de mostrar a ele o Bar das Onças, onde minha família parava, indefectivelmente, os adultos pra fazer pipi, minha irmã e eu pra vomitar. Por quê é que os adultos faziam tanto pipi? Ninguém mais pára hoje em dia pra isso. E as crianças, por quê vomitavam tanto naquela época? Penso que contribuíam pra isso, os carros estofados de lã, num país tropical, sem ar condicionado e 40 graus a sombra, além das curvas da estrada, naturalmente.

120

A viagem tornava-se bastante longa naqueles tempos com os pipis dos adultos e enjôos das crianças. Lembro-me de minha avó dizendo-me:

– *Não olha a sua irmã vomitar se não você vomita também.*

Bastou ela falar pra que eu, imediatamente, olhasse, interessadíssima, minha irmã vomitar uma maçã meio verde, até vomitar também. Claro, não ia perder pra ninguém...

Mas, voltando ao bar, onde uma pobre onça magra andava, aflita, de cá pra lá, dentro de uma pequena jaula, ao mesmo tempo em que micos comiam bananas no jardim, (como no filme dos *Simpsons* sobre o Rio de Janeiro), construiu-se o

Motel Ítalo, já que ninguém mais vomita nem faz pipi, penso eu.

– *Estamos em cima da montanha, vó?* Perguntou meu neto meio desapontado, pensando, com certeza, que eu o levaria a um tipo de precipício.

Passamos pelo D'Angelo, parada obrigatória na minha biografia e depois pela Katz onde meu neto acabou tomando sorvete de casquinha.

Sentado em sua poltrona, D. Pedro II nos olhava do alto de seu monumento e de sua praça.

– *Quem é esse, vó?*

– *D. Pedro II, Rei do Brasil.*

– *Rei? E cadê a coroa dele?*

– *Está no museu onde vamos depois.*

– *O rei é casado com a dama?*

– *Não. Com a rainha.*

Pretendia ir ao museu e a pracinha mas começou aquela chuva trazendo o "russo" característico de Petrópolis, que convenceu meu neto de que estávamos realmente no topo da montanha junto com as nuvens cinzentas. Então fechamos as janelas e brincamos de avião.

Posto Nove

Minha amiga liga pra nos encontrarmos na porta da Laura Alvim. Veríamos um filme francês num daqueles cineminhas gostosos, em frente ao mar. Saí de Botafogo quinze minutos antes, pois domingo não tem nenhum tráfego por aqui pra compensar o inferno diário que é a Mena Barreto dia de semana. Achei que em cinco minutos estaria lá. Era só atravessar o túnel.

O trânsito começou a enguiçar na Siqueira Campos. Peguei a Av. Atlântica e depois de meia hora tive que fazer a volta no Meridién porque domingo a praia é mão única... pro lado que eu não quero ir. Faço o retorno e enguiço de novo na Barata Ribeiro.

122

Resolvo pegar a Lagoa virando na Bolívar pra me livrar do transtorno. Todo mundo teve a mesma idéia que eu. A Lagoa não anda. Minha amiga me esperando na porta do Laura pra ver o filme francês. Esqueci a agenda. Não sei de cor o número do seu celular.

Chego finalmente no cinema, quase uma hora depois. Ninguém na porta. Nem sinal de amiga ou de estacionamento por ali. Entro na Gal. Osório e me deparo com a Feira Hippie. Dou a volta no quarteirão e vejo uma vaga milagrosa. O homem do Vaga Certa me faz um sinal esquisito. Quando me aproximo ele me diz, entredentes, pra eu dar

um tempo, porque tem uns caras assaltando na rua. Pergunto se estão armados e ele me responde: "*E precisa, madame?*" Páro na vaga, que afinal não é tão certa assim, e espero até o homem me liberar pra sair. Vou até o cinema só por desencargo de consciência. Agora só na sessão das sete. O que não tem remédio, remediado está. Então sento em frente ao Hotel Sol Ipanema, tomo uma água de côco e fico sentindo a brisa do mar. No vidro detrás de um carro cheio de adesivos de karatê, leio esta pérola: "*Quem lê é corno*". Uma pixação num muro afirma que "*Só Jesus tira os demônio das pessoa.*" Olho a praia vazia e retorno ao Posto Nove. Anos 70. Plena ditadura militar. O namorado engajado, recém-exilado em Paris. Um policial aparece na minha casa e pede pra eu acompanhá-lo pra depôr no Dops.

– *Vamos no seu carro, diz ele, "pra não chamar a atenção."*

Minha babá, que ainda morava comigo, diz que só passando por cima do seu cadáver. O policial tranquiliza-a dizendo que eu voltaria logo.

Me levaram a uma sala onde o delegado me esperava por trás de uma placa escrito: "*Amore*". Disse que eu jamais esqueceria o seu nome. Tinha razão.

Me trancaram numa sala sozinha com uma pia. Depois de algum tempo a porta se abre e entra

um cara que fica de costas pra mim, lavando as mãos. Pra minha surpresa ele diz que me conhece do teatro. *"Sou advogado, posso sair e entrar aqui. Você quer que eu ligue pra alguém?"* Pensei que aquilo poderia ser uma armação, mas como não tinha opção, resolvi arriscar e pedi pro "advogado" ligar pra minha irmã, dizer que eu estava presa e mandar que ela tirasse tudo lá de casa. "Tudo", eram alguns livros do Guevara, outros de Marcuse e retratos do meu namorado nas passeatas .

Mais tarde eu soube que não era armação, que ele era advogado e que ligara pra ela tomar as providências necessárias. Continuei "presa" até que o Delegado Amore abriu a porta de repente.

124

– *Você quer sair daqui agora?*

"Outra armação", pensei, mas vamos nessa.

– *Me dá uma carona até a Barra no seu fusca pra eu pegar meu carro na oficina. Depois te deixo ir.*

Se meu fusca falasse, diria que eu fui dirigindo ao lado de Amore que me ordenava: *"Avança o sinal. Avança! Você está com a polícia!"* E quando o guarda nos parava ele mostrava a carteira de delegado e quando ele nos liberava, olhava pra ver a minha reação. Eu sorria um sorriso de Mona Lisa. De repente ele passou o braço atrás do meu ombro

e perguntou: *"Como é que você pode achar graça naqueles cabeludos, sujos, baderneiros? Por quê é que você não gosta de um sujeito bem vestido e apresentável feito eu?"* Fiquei gelada e continuei com um sorriso de louca, a mil por hora na Av Niemeyer, avançando todos os sinais.

Quando chegamos na porta da tal oficina ele me disse segurando as minhas mãos como o xerife pra mocinha, num filme de *cowboy*:

– Espera só um pouquinho, meu bem, deixamos o seu carro aqui, pegamos o meu e vamos dar um passeio pela Barra, combinado?

125

Continuei no tipo, e quando ele saltou pra pegar seu carro, engrenei uma primeira no meu fusca e saí em disparada até o Posto Nove, onde dei um mergulho pra pensar melhor. Depois liguei do orelhão pra minha irmã:

– Liga pra Varig, e diz que eu embarco hoje pra Paris, no primeiro avião.

Desliguei o telefone, passei na casa dela e à noite estava no aeroporto acompanhada pelos amigos e pelo fantasma de Amore, que eu achava que a qualquer momento poderia se materializar. (No pior sentido, é claro).

Praça Serzedelo Correa

Quando cheguei na Praça Serzedelo Correa, algumas pessoas rodeavam um corpo. Era o de um menino. Coberto por um plástico. Negro como ele. Alguns lhe descobriam o rosto pra ver o horror da morte. Uns se benziam. Outros passavam reto. Uns tinham pressa. Outros nem se davam conta absorvidos por pensamentos, buzinas, contas sem pagar. *"Quem vai de Bic? Três por dois."* Ofereciam os camelôs. E o menino lá. Vencido pela morte. *"Marginal, cheirador de cola, viciado em cocaína. Bem feito. Quem mandou?"* Uma senhora reconheceu-o como o pivete da véspera. Aquele, ameaçador, que lhe pediu um trocado. *"Já foi tarde." Me dá um trocado, tia? "* O troco. *"Bandido bom é bandido morto. Pra aprender. Tomara que sumam também com os outros. Que deixem livre a portaria. Moleques! Isso aqui fica assim de mendigos! O porteiro avisou pra eles sumirem. Mas eles nem ligam! Não tão nem aí! Só querem roubar pra comprar cocaína, maconha, cheirar cola... Porque não vão trabalhar? Vagabundos! Bem feito! E fica a gente aqui pagando IPTU pra essa gatinha ocupar a calçada. Não olha pra eles não, meu filho! Finge que não vê! Que eles não existem. Sai moleque! Tenho trocado não!"* O troco. *"Bem feito! Esse não assalta mais. Menos um." "Vai de Bic? Três por dois!" "Vamos ali no bar comer um hamburger. Aproveita agora que os outros não vêm atras da gente. Ufa! Mas pôxa, será que vão deixar esse corpo aí, atrapalhando o*

tráfego? Até quando a gente vai ser obrigado a conviver com esse cadáver? Não olha, não, menino! Segura esse sanduiche direito. Anda, come. Pronto. Lá vem outro pivete. Ah, que fome, nada! Não dou dinheiro não. Cês querem é comprar cocaína! Tudo bandido! Malandro! E a gente aqui, pagando imposto! Olha quantos tem ali na porta da igreja. Isso é uma pouca vergonha! Copacabana! Ai de ti! Lá vem eles! Bando de abutres! Anda, entra logo na portaria. Não foi nada, não, Dona Emília. Um pivete que morreu. Bandido. Ladrão. Cheirador de cola. Já vão tirar dali. Pronto. Já foi. Já foi tarde."

Era só uma criança morta. Coberta por um plástico negro feito a sua vida.

Niterói

Só conheci Niterói quando fui trabalhar em algumas peças no seu Teatro Municipal ou mais tarde no Teatro Abel. Uma correria, do Rio pro teatro, do teatro pro Rio em meio a estréias nervosas e diretores histéricos. No fim da peça voltávamos pro Rio direto, incapazes de conhecer bares ou restaurantes locais atraídos pela turma de amigos que freqüentava a Fiorentina, o Degrau ou o Varanda, que nos esperava impaciente no Rio.

128 Quando voltei do exílio na Europa, em 74, um paquera me levou pra ver a Ponte Rio-Niterói, que eu ainda não conhecia. Pegamos o carro, de madrugada, (bons tempos aqueles) seguimos pela ponte, pagamos o pedágio, paramos no seu ponto mais alto, saltamos e ficamos olhando, deslumbrados, a vista da baía, depois pagamos o pedágio de volta pro Rio e voltamos, nunca entendi porquê. O barato era passar pela ponte, como se Niterói não existisse, talvez numa postura elitista de época que dizia que o melhor de Niterói era a vista do Rio. Quem sabe, inconscientemente por causa disso, é que só fui conhecer a cidade de Niterói agora, numa tentativa proustiana de recuperar o tempo perdido.

Raramente me deparei com vista mais deslumbrante que a do Museu do MAC em cima da Praia das Flechas, dando pra Ilhazinha da Boa Viagem com sua igreja do século dezessete, rodeado

de pedras de formas estranhas como as de Itapuca e a do Índio e de montanhas e morros de todos os formatos e tons azulados emoldurando a baía no auge do seu esplendor.

Como é bonito Niterói! De uma tranqüilidade que parece o Rio de vinte, trinta anos atrás, pois apesar de ser uma cidade grande, civilizada e limpa ainda guarda o charme de uma época rural, com um certo ar bucólico, muita gente conversando no meio da rua à noite e casarões antigos normalmente habitados, com suas janelas abertas dando pra rua.

Fiquei louca com os restaurantes dentro de casinhas *art-nouveau*, como o Florescer, com os parques de árvores centenárias super-conservados e o museu do Ingá, antigo prédio da Prefeitura, com uma coleção de Cícero Dias, Di Cavalcanti, Anita Malfatti e Ivan Marquetti entre outros. (Lembro quando visitei a casa do Ivan em Ouro Preto, na década de 60, e que ao passar por uma pontezinha de madeira que levava à casa, ela caiu comigo junto. Fiquei agarada num barranco, vendo o abismo atrás de mim, enquanto meu marido, na época, tentava me puxar pra cima. (Será que você lembra disso, Ivan?) Nunca mais retornei a Ouro Preto depois desse trauma!)

Passei tranquila pelas praias das Flechas, Icaraí, Charitas, mas o mais incrível mesmo foi passar pelo caminho que leva a Jurujuba e olhar a vista de cima da pista de asa Delta, depois comer pastel de sirí no Caneco Gelado do Mário, um bar popular

equivalente aos da Lapa.

No charmoso restaurante Singular, à noite, ouve-se violino, gaita e violão e a cidade é tão tranquila que o próprio Prefeito aparece pra curtir, naturalmente com os amigos, dentre eles, o atual Secretário Estadual de Cultura, Marcos Gomes que conheci numa casa de pescador em Camboínhas, onde os militantes políticos se escondiam, em plena época da ditadura. A vida nos faz belas surpresas...

130 Pegamos o carro de volta ao Ingá, onde fiquei hospedada e no meio da rua movimentada, entre grupos de pessoas conversando despreocupadas com o copo de chope na mão, paramos o carro pra dar passagem a uma porca que atravessou calmamente com seus três porquinhos.

Fiquei absolutamente encantada, mas minha amiga niteroiense, Ana Maria Nunes, preocupou-se terrivelmente com o fato, dizendo à amiga do lado: *"Pronto, lá vai ela dizer na crônica do JB que Niterói tem porco na rua!"*

O Tempo Passa...

Fui ver o filme do Silvio Tendler sobre o Glauber. É bonito, emocionante e muito engraçado também por causa dos depoimentos das pessoas, pela falta de papas na língua e inteligência brilhante do protagonista, enfim, pelo personagem anárquico que Glauber foi. Mas uma coisa me impressionou: como morreu gente de lá pra cá! Gente que ainda estaria moça, gente que estaria velha, contando tudo, dá uns dez! Alguns se foram de morte natural, outros tragicamente. Voltando novamente ao Caetano, de "*susto, bala e vício*", tudo isso junto, ao mesmo tempo. Geração inquieta, que gostava de riscos...Muitos eu nem esperava ver no enterro do Glauber, ali, arrasado, chorando... Foi de lascar, além do Glauber, ver meus amigos, ex-namorados, ex-marido, mortos. Claro, a gente morre, né? Fazer o quê? Rezar por alma, mas quando se vê muitos companheiros de viagem que já se foram, dá uma sensação esquisita...

– *É idade. Dizia meu pai, aos cinqüenta e poucos anos. "Todo dia agora eu tenho que ir ao cemitério. Quando chego o coveiro já me cumprimenta: Ôpa! Estamos virando íntimos..."*

Gente! Achava que isso só acontecia com meu pai... Meus amigos, não, imagina... Nós éramos jovens e eternos. Isso de morrer, era pros outros. Ficar velho também. Uma vez, eu tinha trinta anos, quando

uma amiga da minha irmã me falou depois de vários chopes:

– *Nossa! Você era tão bonita no filme do Walter Lima...*

Meu chope entalou. Como “era?” Meu Deus, eu só tinha 30 anos! No filme eu tinha 23, não era tão longe assim...

Não tenho esses grilos de idade, muito menos naquela época, mas trinta anos, pôxa! Até Balzac dava força pras mulheres de trinta que acabaram ganhando, um apelido sexy, e viraram “balzaquianas.” Tinha até uma música de Carnaval que a gente cantava, nos bailes infantís: *“Papai Balzac já dizia... Paris inteiro repetia: Balzac já deu na pinta! Mulher só depois dos trinta!”* Pois agora parece que Balzac não está mais com nada. Quem faz sucesso são as meninas de quinze outra vez, as Lolitas... Manequins, atrizes... As de trinta já fazem papel de mãe... Nós, que amávamos tanto a revolução, até isso revolucionamos nas décadas de 60, 70. Uma das condições das mulheres liberadas era não mentir idade. Porque antes, todas pagavam mico, escondendo ou falsificando, na carteira, a data de nascimento. Minha mãe mentia não só a idade dela como a nossa: minha e da minha irmã. Uma vez, numa viagem de navio, quando eu já tinha dezessete anos e minha irmã, uns anos mais, fumávamos no deck, quando ouvimos minha mãe responder a uma senhora que perguntou nossa idade:

– *Onze e treze.*

E a mulher, espantadíssima perguntou:

– *E fumam?*

Outra vez, mamãe teve uma crise de asma e meu pai chamou o Prontocor. Minha mãe estava sufocada, quase à morte, sem poder falar. O médico examinou-a e achou que a coisa era séria. Eu, rezava num canto, quando ouvi o médico perguntar:

– *Quantos anos ela tem?*

Papai respondeu:

– *48.*

133

Imediatamente, mamãe balançou o dedo, e falou com uma voz perfeita:

– *48, não. 36!*

A minha geração, não. Tinha que ser verdadeira e mentir a idade era uma caretice. Naquela época, tudo bem... Agora é que tá começando a ficar um pouco difícil... Mas se alguém me vir falsificando um documento, por favor, chame atenção pro mico. Se bem que hoje em dia já não sou mais radical... Quem quiser que falsifique, ponha botox, faça plástica, lipo, silicone, plante bananeira na avenida como a Dercy, diga que tem quinze anos, eu acho ótimo...

Agora, bom mesmo seria se o fato de falsificar datas fizesse com que as pessoas vivessem mais. Porque não é fácil ver aquela quantidade de amigos que se foi. Difícil encarar... Só se espiritualizando cada vez mais, entrando em sintonia com o Eu Superior, fazendo muito *johrei!*

Mesmo assim, além disso tudo, melhor mesmo é continuar achando que isso não acontece com a gente, como uma amiga minha jovem, que passando pela porta do cemitério, me perguntou, pintando a boca:

– *O que quer dizer: “revertere ad locum tuum”?*

Respondi:

– *Volte ao teu lugar.*

Então ela respondeu com voz de quem passa baton:

– *Meu? Eu, hein? Tô fora!*

Festival de Gramado

Uma semana fora do tempo, em Gramado, aquela cidadezinha cenográfica, um pouco Jacques Demi, de onde se espera, a qualquer momento, Catherine Deneuve sair de uma loja, cantando em meio a guarda-chuvas coloridos .

Gramado não é real, mas uma espécie de Disney, por isso vive de ficção. *"A mi, me encanta..."* Como dizia o chileno, nosso amigo, convidado do Festival. Um pedaço do Brasil lembrando a Alemanha dublada em espanhol. Trilegal, bah...

A "casa da Barbie", fica na entrada da cidade. Não sabia que ela era gaúcha... E uma série de lojas de brinquedos, onde eu ficava horas esperando os bonequinhos saírem das casinhas de madeira pra marcar o tempo no termômetro.

Quanto churrasco, tché! Sagus de vinho... E os chocolates? Mandei o regime passear pelos jardins floridos repletos de fadas e duendes e devorei-os todos: os brindes em forma de kikitos, os que se ofereciam expostos nas "casinhas da bruxa" os bonbons distribuídos no hall do cinema e até as barrinhas do frigobar que diariamente me enchiam de culpa fazendo-me jurar pra mim mesma que no dia seguinte caminharia ao menos uma hora pela cidade ou na esteira do hotel, o que nunca aconteceu, ou porque eu enlouquecesse com as

lojas de couro, suéters ou echarpes tecidas a mão, fazendo verdadeira romaria entre elas, ou porque a van estivesse sempre pronta esperando pra nos levar às cachoeiras de Canela, ao templo Budista de Três Coroas ou aos fondues espalhados pela serra e pelos pratos numa irresistível combinação.

Tem coisa melhor que fechar-se num quarto de hotel e ficar entre parênteses?

Pois fiquei assim no Serra Azul, onde só me lembrava que era eu quando alguém deixava um bilhete debaixo da porta... pra Gustavo!

136 Também, quem manda, depois de todos esses anos de separação continuar cantando como a Gal Costa: "*Meu nome é Dahl!*", apesar do divórcio? Coisas da profissão. Combina mais com o Dahl que com o Pinto...

Minha única obrigação era ver os filmes. Quatro por noite, me equilibrando na passarela vermelha em meio aos gritos das meninas desmaiando pelo Thiago Lacerda. Depois discutir os prêmios com os outros membros do júri, preocupadíssimos em não esquecer nenhum detalhe, nenhum tipo de interpretação em meio a tanta coisa boa, tanta menos boa, tanta coisa ruim. Festival é assim...

Engraçado como os jovens, hoje em dia, agradecem todo o tempo a mulher e aos filhos. Todos os que ganharam prêmios procederam assim. Graças

a Deus que eles se tocaram. Quem falasse em “esposa” como os jovens de hoje em dia, e ainda por cima dedicando a ela o seu prêmio, pagava mico na minha geração que não tocava no nome do companheiro mas passava o tempo “discutindo a relação”... Que tempos aqueles, meu Deus, tão rigorosos... O que foi isso, companheiro?

Eu tinha também que pensar nas roupas que poria (num clima que variava entre 7 e 28 graus) depois que me trouxeram a mala, extraviada no aeroporto onde a polícia me parou porque na minha bagagem tinha metal... “*Que metal, meu Deus?*” E o branco que me deu, até abrir a mala e tirar um secador de cabelo em forma de revólver que quase me rendeu a prisão como terrorista?...Bah...

137

E depois do parênteses no hotel, a cenografia, o cinema e a fantasia vivida durante uma semana em Gramado, a real do calor do Rio de Janeiro que resolveu fazer logo 39 graus no dia em que cheguei. A fila pro táxi no aeroporto e as contas na mesa da cozinha pra pagar! Tanta conta, gente! E a secretária-eletrônica piscando 40 recados, os e-mails que ainda não li, o surdo-mudo aos gritos na minha porta pedindo o dinheiro do carro que lavou. Que carro, meu Deus? Não era a van que vinha pegar a gente junto com a Simone, recepcionista gaúcha que me chamava de tri-querida?

E a geladeira vazia, a obrigação de ir ao super-mercado, cadê os chocolates em cima do frigobar? Sou

uma desgramada! Ninguém merece tanta realidade assim jogada na cara de repente, depois de uma semana de fantasia... Acho que vou voltar pra Três Coroas e me proteger dela no templo budista ao som dos mantras, em technicolor, com legendas em Português, nos braços do Richard Gere...

Dorinha

Conheci Dorinha no final dos anos sessenta. Na praia (Posto Nove), nas festas da Delfim Moreira, ao som de Trini Lopez e “cha cha chas”; no Jangadeiros; Zeppelin; Varanda; Fiorentina; nas estréias da vida e na vida, em geral.

Fazia parte de um trio de moças bonitas que estavam sempre juntas e na fossa, o que era moda na época, mesmo que todo mundo estivesse curtindo loucamente e não houvesse nada de errado com ninguém. Era politicamente correto. Na fossa ficavam as heroínas de Godard e de Truffaut, e nós, as cariocas, vestidas como francesas de preto e gola roulé, “sofrendo”, nas poltronas estofadas do Cinema Paissandú, perguntando como Ana Karina, em *Pierrot le fou*: “*Quoi faire? Quest-ce que je peu faire?*”

Ficávamos também na fossa, por herança da década de cinqüenta, com as letras de Antônio Maria, *Ninguém me ama, ninguém me quer*; e de Maysa Matarazzo: *Ouça, vá viver a sua vida com outro bem...* ou porquê, nos anos 60, “discutíamos a relação” até não haver mais relação a ser discutida.

As mulheres também entraram na fossa quando descobriram que a tal “relação aberta” inventada pela nossa geração (à la Sartre e Simone de Beauvoir), como reação a caretice e hipocrisia dos rela-

cionamentos anteriores serviam muito mais pros homens que ficavam mais à vontade pra transar com todo mundo, sem culpa.

Mas tudo servia de pretexto pra se entrar na fossa. Ser menor de idade e barrada na porta do Black Horse, ficar sem roupa nova no fim de semana porque a costureira não a entregou a tempo, enfim, éramos bastante criativas pra inventar um pretexto pra não ser alegre num mundo tão injusto, quando o Santo Guerreiro lutava contra o Dragão da Maldade. Ser feliz nos anos sessenta era uma alienação!

140 Por causa desse número sofrido, obrigatório, Dorinha e suas amigas, Ionita e Tânia Sherr, foram apelidadas de Trio Tumba, pelo Jaguar, que as desenhava numa enorme fossa (literalmente), no *Pasquim*.

Foi Leila Diniz que acabou com a fossa da moçada da zona Sul dando gargalhadas estrondosas com o barrigão de grávida exposto ao sol escaldante da praia de Ipanema. No começo, eu, *enfant de Sion*, patricinha do Country, achei cafonérrimo. Depois comecei a compreender que, mesmo as *enfants de Sion*, moravam do lado debaixo do Equador, e que, por causa disso, deveriam se comportar de forma diferente no verão do Rio, em vez de importarmos roupas escuras de Paris, mocassins da Itália e de sentirmos *caffard*... Hoje em dia vejo que foi a Leila,

uma das primeiras, que, sem engajamento com o Cinema Novo, com a *Nouvelle Vague*, com Sartre e Simone, com a revista *Elle* ou qualquer outro manual de costumes da época, mudou as regras e liberou geral. Ao mesmo tempo embarcávamos na era pré-hippie quando em vez da fossa passamos a curtir o amor e colorir nossas roupas. Dorinha fazia parte desse grupo e foi então apelidada de Dorinha Paz. E continuou nessa, mesmo tendo ficado cega de um olho quando um louco entrou com ela no elevador e jogou-lhe um ácido no rosto, o que a fez usar óculos escuros para sempre.

Depois encontrei-a mais tarde, em Paris, já nos anos de chumbo, casada com o Rui. Tinha virado Dorinha Guerra. Então continuei no exílio, ela voltou pro Brasil e não ouvi falar mais dela, fora uma vez, *en passant*, quando Anecy Rocha me disse que ela estaria numa cidade do interior, menos fossenta, numa fase nem paz nem guerra. Isso no final dos setenta! Portanto, foi com extrema surpresa e tristeza que recebi um e-mail do Luiz Alberto Sanz (O Nenem) dizendo que Dorinha “estaria desaparecida desde o dia 19 de novembro último, quando saiu as dez da manhã da casa de sua tia, no Rio, pra comprar uma passagem de volta pra Uberaba onde vive há anos. Seu destino era uma agência de viagens em Copacabana. A partir daí desapareceu. Seus parentes e amigos nunca mais a viram. Não retornou ao lugar onde estava hospedada (e onde as bagagens

ainda estão a espera), não pegou o ônibus nem chegou a Uberaba por outros meios.

Foram essas as últimas notícias de Dorinha, que, aliás, (fico sabendo também) que não se chama Dorinha, mas Maria Auxiliadora Ribeiro de Oliveira.

Se alguém souber do seu paradeiro, por favor, acene, pois ela é parte querida e integrante de uma geração que sobreviveu a fossa, a droga, a tortura, a prisão, a ditadura, mas, sumir assim, às dez da manhã, em 2003, quando ninguém mais toma ácido, é preocupante e inédito!

Aqui e Agora

Ando ficando cada vez mais pra dentro. Minha amiga de adolescência, diz que é porque a gente já saiu e badalou tudo o que tinha pra sair e badalar e que agora enjoamos. Estou pior que Macunaíma... Ai, que preguiça... Depois que saio até gosto, acho graça. Mas aí chega um momento (cada vez mais rápido) que quero ir embora, não importa a hora, não importa se o convidado de honra ainda não chegou, se ainda vão servir o prato quente, se o jantar ainda não está na mesa, se o garçon não trouxe a conta. Me dá uma coisa. Quero voltar pra minha casa imediatamente. Não ver mais ninguém. Minha amiga diz que isso acontece com ela também. Deve ser da idade. Me lembro de umas amigas de minha tia que só faziam o que queriam (pra escândalo da família) e se justificavam dizendo que *"não tinham mais saúde pra estar seguindo etiquetas."*

143

Mas pensando melhor (já que fico sozinha é pra pensar melhor mesmo, se não de que adiantaria?), acho que sempre fui assim. Quer dizer, a minha essência é assim. Porque primeiro vem a essência, depois a gente vai "adquirindo" uma outra personalidade, ou acrescentando esta personalidade adquirida a original, àquela que não muda, pra depois voltar outra vez pro início de tudo e ver que na verdade, nunca saiu de lá. Mas é importante essa outra personalidade. Se não, a gente não teria biografia... Quando eu penso nas milhares de tribos que freqüentei, de

lugares, de países, me dá um cansaço... Mas também me orgulho muito de tudo isso. Porque se não tivesse saído não poderia me dar ao luxo, agora, de me virar pra dentro. Ia pensar em quê, em quem, aonde? Uma biografia tem que ser bem feita. Como um roteiro. Os pedaços que não prestam, que não acrescentam, a gente corta, edita, deleta, joga fora. Vai enxugando até o filme ficar perfeito e só ficar o que é bom.

Mas o engraçado é que descobri que ando repetindo nas situações mais novas, as reações mais antigas. Porque essa história de querer sumir das festas, de não ver ninguém, não é de hoje, não...Lembro muito bem da babá me procurando num aniversário de criança quando de repente, depois de comer dezenas de olhos de sogra com guaraná caçula, me escondi detrás da cortina pra ninguém me achar. "*Menina! Vem cantar parabens!*" E eu lá, detrás da cortina, falando sozinha. A festa comendo e eu conversando com minha amiga imaginária, a Vêla. Por que é que a fantasia é sempre melhor que a realidade, gente? Milhares de crianças ao vivo e a cores, uma mesa inteira de doces, salgados, refrigerantes, e eu lá, comendo pastel de vento com minha amiga inexistente, a Vêla. Depois de fazer o número da vítima, claro. Toda festa era assim. "*Quer brigadeiro, querida?*" "*Não posso comer chocolate...*" Respondia com uma voz lânguida. "*O Dr. Mário Olinto não gosta...*" As mães me mostravam como exemplo. "*Tá vendo que menina ajuizada? Não é como você que cai de boca nos bombons!*" Dizia uma delas dando um piparote

numa criança gorda. Vai ver que a idade também faz a gente voltar no tempo e agir como criança... Porque eu agora só gosto de brincar. Será que estou ficando gagá? Não. Acho que estou ficando sábia. Reaprendi tudo com o meu neto. Adulto tem mania de regras, horários. Como dizia meu pai: "*ô, coisa pau...*" Criança vive o "*aqui e agora*". Começa um jogo e logo se interessa por uma folha que caiu no chão e levanta-se para vê-la. Ai olha pra cima e vem contar que aquele mosquitinho bonitinho que parece uma asa delta pequenininha caiu na teia da aranhinha. Não tem essa de "*primeiro vamos acabar de montar o quebra-cabeças, depois brincar com a folha*". Criança não quer acabar de fazer nada, mas começa a fazer tudo. Se a folha caiu do lado dela, era o corte que faltava pra indicar o tempo de "*passar ao outro programa*" como dizia a PRK-30, programa humorístico de rádio da minha infância. Adulto quer logo organizar a brincadeira de uma forma racional. "*Amanhã a gente brinca com a aranhinha, filhinho...*" É claro que a criança esperneia! O amanhã só existe na cabeça do adulto, como é que a criança vai trocar o presente pelo futuro? Tive essa sensação nas viagens lisérgicas. A medida do tempo não é a do relógio, mas a da satisfação e alegria. Pra que mudar o que está bom?

145

Voltei um pouco à infância e as viagens de ácido da juventude (sem ácido, é claro, que a época das "experiências" já se vai ao longe!) Estou adorando brincar. E sabe de uma coisa? Acho que o tempo é uma grande caretice...

D. Maria, a Louca

Ontem fui ver a exposição do Centro Cultural Banco do Brasil. Das mais bonitas que já vi. *História da pré-história*. Fiquei olhando aquelas urnas funerárias provenientes do Perú e da Colombia e pensando como parecem com as esculturas de Picasso. Como a arte surge do inconsciente, da essência do artista, vai se re-buscando, se agregando, se aperfeiçoando até retornar novamente à essência, como as urnas pré-históricas e as esculturas de Picasso.

Pensei que nós, os comuns dos mortais, também somos assim na vida.

146 Vejo-me agora, com a minha idade, retornando a minha verdadeira essência depois de passar por mil buscas, viagens, experiências, umas imprescindíveis, outras, meras bobagens, direito e avesso, fazendo, afinal, parte de uma única biografia... Retorno a menina que eu era, nascida num Rio de Janeiro tranqüilo e cheio de casas deslumbrantes, com portões que davam pras ruas, sem grades nas portas e janelas. E saio outra vez por elas, como antigamente, passeando com minha babá. Escolho o fim de semana onde a cidade fica meio deserta e revejo ainda alguns casarões da minha infância, como a casa do Simões da Silva, na Rua Visconde Silva, onde eu morava, pequeno museu, que abrigava uma coleção de cabeças de índio reduzidas; passo pela casa de uma moça que diziam ser louca,

e cujo sintoma de loucura era jogar as jóias pela janela, vejo o hospício na esquina da Rua Visconde Silva com Macedo Sobrinho, alguns sobrados... a casa *Art-Nouveau* da Condessa Pereira Carneiro ali perto, que continua enfeitando o bairro assim como algumas poucas. O resto modificou-se, transformou-se, desdobrou-se.

Entro e saio por ruas sem saída, reconhecendo, desconhecendo, constatando, voltando ao passado, até optar pelo presente e ir assistir ao filme do Almodovar, no Estação Botafogo, (uma benção pro bairro), junto com os cineminhas do Unibanco e seu café cheiroso cheio de bolinhos de Tia Nastácia..

O bom de ter voltado a essência, é que gosto muito (como gostava) de passear e sair sozinha. Sempre fiz isso nos lugares onde fui como turista e achava que era bom sair assim a toa, por ser Paris, Roma, N. Iorque. Mas não. Concluí que adoro sair sozinha em qualquer lugar do mundo. O Rio então, fica lindíssimo e posso passear por ele, já que sou carioca e não turista estrangeiro, correndo, por isso, menores riscos do que eles.

147

A platéia absolutamente gay do Estação, me fez achar que tinha trocado de endereço e me metido no Le Boy, em Copacabana. Mas depois concluí que o público homo era devido ao Almodóvar e ao filme brasileiro, também gay, na sala ao lado. Mas e o que dizer do Centro Cultural Banco do Brasil

onde não me lembro de ter visto um hétero? Será que baixou uma nave com 4.400 gays aqui no Rio como na série de abduzidos do Spielberg? Me enganei de estação de metrô e saltei em S. Francisco, na Califórnia? Ou simplesmente, neste fim de semana, os cariocas combinaram todos de sair do armário ao mesmo tempo?

Voltando à exposição, vejo a parede de sambaquí, construída no século 5 antes de Cristo, no Piauí, com a mais perfeita e delicada tecnologia composta por conchas e caramujos, aprecio os muiraquitãs sagrados, expostos na vitrine, ouço o comentário do público gay e concluo que deve estar ali, quem sabe, talvez por serem mais sensíveis que os héteros, defronte a tv, assistindo futebol?

148

Quero levar meu neto pra ver os bichos virtuais, ouvir o som das selvas, ver os desenhos rupestres que se parecem com os dele antes que ele se afaste em busca de outras sofisticações que fazem parte de todas as vidas, até que se volte outra vez pra eles, os desenhos rupestres, fechando o círculo curioso do desenvolvimento.

Passeio também a pé pela Rua Primeiro de Março, com suas igrejas e construções magníficas da época do Império.

Passo pelo Paço Imperial e vejo uma placa, num dos casarões, que hoje pertence a Faculdade Candido Mendes, dizendo que ali viveu D. Maria I, a

Louca, cujos gritos de desespero ecoavam pelo quarteirão.

Nunca tinha lido essa placa, coisa que só se faz mesmo andando a pé, então me perguntei se essa nova-velha mania de ficar sozinha não ia me levar à loucura, trancada num outro casarão, eu, que já me chamo Maria, que morei perto de um hospício e de uma louca?

Mas me acalmei lembrando que detesto gritos, que jamais ficaria aporrinhando os outros com eles, e sobretudo, porque felizmente não nasci na época do Império, sendo mulher e solitária, sem ninguém pra me entender, sem os gays pra conversar, sem poder trabalhar no que gosto, vestida com espartilhos incômodos, sem tomar banho e com aquele calor! Tô fora! Não tenho porque enlouquecer agora quando, graças a Deus, posso andar livremente pela cidade, pegar o metrô, ir ao cinema, ver todas as exposições da cidade, ter vários amigos e usufruir da arte sem ser obrigada a me encarcerar, aos gritos, em minha própria casa, como D. Maria I, partilhando com seus quadros de Franz Post o medo de ficar louca.

Celebridades

Os primeiros artistas que conheci na vida foram bailarinos, um casal, que dançava no navio “SS Brazil” que ia pros Estados Unidos levando nossa família de férias. Chamavam-se Marlene e Michael. Acho que eram americanos, não sei, nunca falei com eles, mas via-os dançar, e só prestava atenção no vestido decotado dela e na sua saia esvoaçante que, junto com o som de seus saltos com taxinhas, ofuscavam o par discreto, cuja única função que eu notasse, resumia-se a levantá-la no ar. Gostava de vê-los, achava-os coloridos e irreais como um par de bonequinhos animados, mas não me atraíam se passavam pelo deck com suas vestimentas normais causando frisson entre os turistas que viravam as cabeças apontando: *“Olha os artistas!”*

150

Depois era o quarto da cozinheira lá de casa, sempre com as novidades da última Revista do Rádio que trazia, invariavelmente, Marlene ou Emilinha na capa. Dentro, um questionário: *“Gosto e não gosto”*, onde os artistas da Rádio Nacional se repetiam em respostas óbvias, tipo *“não gosto de giló, de sapato apertado”*, ou outras bobagens do gênero. Mas a cozinheira endeusava-os como... celebridades... Já minha mãe achava que celebridades mesmo eram os artistas americanos que vinham de Hollywood especialmente pro bar de Quitandinha onde bebiam expostos ao público numa espécie de aquário. Mamãe apontava-os dizendo: *“Este é*

o *Cesar Romero*", (cuja escultura de barro colorida, com um chapéu de mexicano ornamentava a mesinha de cabeceira de babá), junto com São Jorge e São Sebastião, as celebridades dela.

Já eu, não me interessava nem um pouco por aquelas pessoas desconhecidas. Em matéria de artistas, gostava de Alvarenga e Ranchinho pela alegria contagiante que causavam nas festas de aniversário minhas e da minha irmã. Mas celebridades mesmo, pra mim, (as únicas que eu queria estar perto e agradar) eram meu pai e babá que me emocionavam às lágrimas, fazendo meu pequeno coração disparar de amor e prazer.

Mais tarde, adulta, na Europa, minhas amigas só faltavam infartar em vistas de um Marcelo Mastroiani, uma Monica Vitti ou da Princesa Soraya, quando comiam, tranquilamente, num restaurante qualquer. Eu detestava aquela tietagem. Uma noite fui jantar com um namorado inglês que levou Mick Jagger e Ringo Star, no auge da fama, pra me impressionar. Não gostei de conhecê-los assim, de perto, desmistificando-os. Preferia-os no palco esvoaçantes e decotados como deuses inatingíveis, comunicando-se com o público através da emoção.

151

Quando fui pro exílio na Europa e aluguei minha casa pra um amigo, por telefone, as pressas, ele, um decorador famoso na época, trouxe o Jack Nichol-

son pra se hospedar aqui (!) porque o artista não queria ser visto nem reconhecido por ninguém.

Aqui não tinha perigo. Botafogo não fazia idéia de quem fosse aquele amigo do meu amigo que entrava mudo e saía calado. Uma vez Pelé e Gal também passaram de carro para pega-lo. Contou meu amigo depois.

– *Pelé, eletricista?* Perguntei, distraída.

– *Não. Pelé Rei!!!* Respondeu ele.

152

Dessa vez os portugueses da rua desconfiaram, mas depois acharam impossível que Pelé Rei e Gal Costa em pessoa, estivessem na minha porta e se desinteressaram de olhar pra dentro do carro.

Assim foi também com o Omar Shariff, que fazia parte do grupo onde eu estava, numa estréia de cinema no Meridién. De lá ele convidou a todos pra dançar no Regine's, no térreo do hotel.

Ao entrarmos na boate, o ator disse, simpaticamente, ao porteiro, referindo-se a nós:

– *They are all with me!*

Ao que este respondeu num Inglês ainda mais puro:

– I know them all, but who are you?

“Conheço eles todos. Mas quem é o senhor?”

De modo que acho mesmo que lugar de celebridade é no palco ou na cama, depois de criar fama. De preferência, sem passar pelo deck.

A Broadway Brasileira

154 Cansada das oficinas de Botafogo que dão diagnósticos e preços aleatórios, e depois que a própria Ford me cobrou R\$ 101,00 por um anti-chamas no bairrro, e R\$ 76,00 pela mesma peça do meu Ford Ka no centro, desisto da zona Sul e sigo os conselhos de um motorista de táxi que me conta que os melhores mecânicos do Rio, mais conscienciosos e baratos estão na Mangueira, reunidos na mesma zona. Pergunto a um amigo, músico e freqüentador da Mangueira, se conhece a tal zona onde se conserta carros ao que ele pergunta imediatamente: “A Broadway dos mecânicos?” Diante dessa resposta peguei meu carrinho e rumamos pra lá.

A tal Broadway fica debaixo de um favelão, onde moram os donos das oficinas. A escolha é vasta. Pode-se parar no “Rei do Parachoque”; no “Só retrovisores”; no “Radiador Amigo”, que também oferece “almoço e *janta*”; na Oficina do Agulha, que tem injeção eletrônica; consertar o ar condicionado, na Rebeca que vende ventoínhas; ou na Natasha, especialista em amortecedores, além de todos os outros serviços. Um rapaz, espécie de recepcionista da “Broadway”, vem ao nosso encontro:

– Qual o problema, madame?

Respondo que o carro está quase morto e que ainda por cima, depois de velho, deu pra virar a mão pra direita!

– *Esperem um segundo. Vou chamar o Jayme, o mecânico mais “fera” do lugar.*

Chega um rapaz educadíssimo e competente que faz, realmente, juz ao apelido de “fera”.

Enquanto ele tira peça por peça do meu carro, morre de rir e chama os outros mecânicos pra ver as velas retorcidas, ainda “originais” do carro e o filtro de óleo negro e amassado que meu amigo diz que vai mandar pro filho, artista plástico, em Los Angeles, pra fazer uma “instalação.”

155

Depois de colocar as peças no lugar, Jayme explica que tem que tirar tudo de novo pra procurar sua chave que caiu em algum lugar do motor.

Um homem com cara de lobisomem que observa o trabalho, comenta que *“esse deve ser um bom lugar pra esconder as coisa...”*

Enquanto esperamos, meu amigo e eu vamos tomar uma cerveja no *Picão’s Bar* e comer pastel num carrinho defronte. Vou procurar uma Coca light pela redondeza, única exigência, me parece, impossível de se encontrar na Broadway, onde as pessoas são gordinhas e ninguém se preocupa com a forma. Apelo então pra Coca normal, e enquanto espero

o troco, a dona do bar, uma senhora grisalha, tira a dentadura da boca, pega uma escovinha e começa a escová-la enquanto dá conselhos à ajudante, referentes ao cozimento da galinha ao molho pardo. Meu amigo diz que vai sair dali porque está enjoado.

Fico sozinha olhando, fascinada, a dentadura que brilha, inusitada, nas mãos da dona. Pego o meu troco e volto ao *Picão's*, lotado de gente tomando cerveja e falando alto.

156 Um cheiro insuportável de borracha queimada toma conta da Broadway. A dona da nossa oficina, uma moça de cabelos vermelho-sangue, explica que os mendigos roubam os fios elétricos e queimam-nos na praça pra vender o cobre.

Gatos passam, magros e famintos e meninos se divertem pulando uma corda inexistente.

Enquanto Jayme limpa o meu motor e troca peças do carro, meu amigo vai embora, trabalhar. Não há perigo. Estou entregue. A moça de cabelos vermelhos me convida pra conhecer a sua casa, que tem, no banheiro, uma toalha de banho desenhada com o escudo do Vasco. Um cachorro pequeno e bravo não me deixa aproveitar a acolhida da anfitriã. Desço outra vez pra oficina, pago um preço justíssimo pelo trabalho perfeito de Jayme e peço instruções pra voltar pra zona Sul. Um cara chamado Nojento chama o amigo.

– Aí, tu num quer uma carona pra zona Sul? Vai nessa!

E virando-se pra mim, garante:

– Pode ir descansada, ele é de minha inteira confiança.

Penso um pouco e prefiro levar o amigo de inteira confiança de Nojento comigo do que me perder na Mangueira.

Engreno, cautelosamente, a primeira de um carro zero depois do concerto.

– Vai madame, pode ir! Diz o amigo de Nojento, fazendo evoluções com um palito na boca.

157

– E aquele ônibus imenso que vem ali, moço?

– Encara, madame. Encara! Por isso que mulher não dá certo, tem medo...

– Onde fica o viaduto que não chega nunca, moço?

– Não fica nervosa, madame, a gente chega lá.

– O senhor tem certeza que conhece o caminho?

– Conheço. Só não sei se é pra lá ou pra cá.

– Onde é que nós estamos?

– *Continuamos na Mangueira, madame.*

Meu Deus, quem sabe seria melhor eu desistir de tudo e sambar? Pergunto a um guarda onde fica o viaduto.

– *À direita, aponta ele.*

– *Num falei pra senhora?* Pergunta o amigo de Nojento.

– *Tá legal, moço. Mas como é que eu posso passar pra outra pista?*

– *Encara, madame. Tem que encarar! Sobe na calçada e faz aquela contramãozinha de leve...*

158

Olho pra ele, incrédula.

Por isso é que mulher não dá certo. Tem medo...

Subo imediatamente na calçada e faço a contramãozinha de leve.

– *Tá entregue, madame.* Diz o amigo de Nojento, orgulhoso, descendo finalmente no Flamengo. *Quando quiser consertar o carro já sabe o caminho...É só encarar, madame...*

Parem o Mundo Que Eu Quero Saltar

Cansada da guerra do Iraque, da guerra do tráfico, da guerra do cotidiano, do assalto à Modern Sound, do "boa-noite Cinderela" que deixou de ser exclusivamente gay pra se generalizar como golpe em pleno Amarelinho, das tristezas da vida, resolvo parar o mundo e saltar. Deixo o carro em casa e viajo no tempo, e no táxi, até Copacabana, antes de sua *copacabanização*.

Nasci na Arnaldo de Moraes, onde nasciam as pessoas naquela época do pós-guerra. Portanto minhas primeiras referências de vida transformadas em lembranças, pertencem a Princezinha do Mar.

159

Conta-se nos dedos as que ainda estão de pé, resistindo ao tempo, e bota tempo nisso. Uma delas é a loja *Lealtex*, por exemplo, que surgiu junto com a *Motex* e uma porção de outras "ex" obedecendo ao apelo de um estranhíssimo inconsciente coletivo começando a ser "*prafrentex*". Teve também a moda do "s" depois do nome que surgiu com o *Bob's*, na Domingos Ferreira, já numa tentativa explícita de americanização, e também a *unissex*, que começou com os cabeleiros e se estendeu por roupas, cosméticos e jóias surpreendendo quem tinha deixado um Brasil e uma ditadura bissexuais pra encontrar, sabe Deus porquê, uma anistia *entendida*...

Referências concretas mesmo, contam-se nos dedos, como a *Kopenhagen*, a *Cirandinha*, o *Lucas*, o *Alcazar*, o *Bar Bico*, o *Miramar*, a *Lúculus*, (fiéis ainda a um gosto cada vez mais “prafentex”), e o *Centro Comercial de Copacabana*, a primeira tentativa de Shopping-Center, único lugar que se comprava *bobs* enormes pra fazer *mis-en-plis* antes da *touca* numa época em que os cabelos deviam ser rigorosamente lisos como o dos Beatles.

Quanto as lembranças, nem sei se cabem numa crônica, se eu começar, por exemplo, de onde morava, no Posto Seis.

160 O esgoto em frente ao prédio é o mesmo. Lá isso é, não tem essa do saudosismo colorir tudo de cor de rosa, não. Uma vez no colégio, escrevi pro Juscelino dar um jeito naquela língua negra... Será que ele recebeu a carta?

Saio da Atlântica pra Nossa Senhora de Copacabana e surpreendo-me na Galeria Alaska (muito antes dela virar a mão). Tinha ali dentro o cinema Royal, que eu ia com meus pais ver a sessão passatempo (ninguém tinha o hábito de ver televisão lá em casa e aquele índio da TV Tupi ficava horas plantado esperando público em preto-e-branco..). Tinha os desenhos animados da UPA, a coisa mais moderna e genial que assistí, tinha *Mr. Magoo*, tinha o seriado de um cara que me esqueci o nome que viajava no espaço e regulava um motorzinho na barriga...

Tinha também o Cinema Alaska que passava filmes adultos (isso não quer dizer pornô – só porque depois a galeria, teve uma fase em que virou um pouco sinônimo disso – mas foi antes dos crentes moralizarem-na em cultos contra o demônio..).

Descendo a Nossa Senhora a gente entrava no Metrô, com *ar de montanha* lá dentro e uva caramelada lá fora, pra enfrentar as filas dos musicais cujos figurinos da Debbie Reynolds, em *Cantando na Chuva*, minha irmã copiava pras festas de quinze anos.

Ao lado, o Art-Palácio passando *Amanhã será tarde Demais*, com *Pier Angeli*, *impróprio pra menores*.

No Rian, em frente a praia, fui barrada em *David e Betsabá*.

Na *Colombo*, me entupia de olho de sogra enquanto vovó tomava chá.

la também à *Americana* comer cachorro quente com banana-split (Bons tempos aqueles que ninguém engordava!).

Comprei muito mocassin pro colégio, na *Polar*, que hoje virou *Paquetá*, talvez fugindo do frio...

Jantei muitas vezes com meus pais na *Myrthes Paranhos*, sacudindo os brincos enormes enquanto explicava o cardápio...

Comia também *chiken a la King no Chatô*, batatas especiais do *Le Mazô*...

Depois, a primeira transa na Rua Rodolfo Dantas...O mesmo edifício de portaria de mármore... e a primeira vitrola portátil *Motorolla* do *Josias Studio*, pra ouvir, absolutamente apaixonada, as músicas do *Black-Horse*. Um último tremor de terra no Iraque no rádio do táxi me traz de volta ao mundo onde os musicais da minha infância se transformaram num insuportável filme de horror.

Rhum Creosotado

Ganhei o livro do Lula Vieira sobre antigos comerciais brasileiros e fui direto procurar o do Rhum Creosotado, cujo remédio pertencia a família da minha mãe e o versinho, de uma simplicidade e síntese extremas (feito pelo meu bisavô, Ernesto de Souza, e não Bastos Tigre, como pensam alguns), fizeram com que várias gerações o decorassem enquanto viajavam de bonde. Quem é que tendo passado dos 50, não se lembra dele?

*“Veja, ilustre passageiro
O belo tipo faceiro
Que o senhor tem a seu lado.
No entretanto, acredite,
Quase morreu de bronquite,
Salvou-o o Rhum Chreosotado!”*

O anúncio original consistia apenas num cartaz do versinho puro, sem figuras, discretamente pregado nas paredes do bonde que eu pegava com a babá, pra ir de Botafogo ao Bar Vinte. Adorava o bonde. O passeio começava por ele. Babá conversava com todo mundo. Eu ficava ajoelhada no banco de madeira, de costas, falando sozinha, com minha amiga imaginária e apreciando, orgulhosa, o anúncio do Rhum. Observava também os homens que viajavam no estribo ou que desciam do bonde andando, fazendo um tipo passo de tango, cruzando as pernas pra saltar numa elegância esperta, de malandro.

Também gostava de dormir no colo de babá acordando diante do Bar Vinte, ao lado do Cinema Astória, e mergulhar na piscina do Club recebendo aulas de natação com o Professor Carlos Reis. Ficava horas nos braços daquele senhor bonito, de bigodes grisalhos sentindo um imenso bem estar. Talvez fosse uma paixão enrustida, de Electra, já que ele se parecia com meu pai, ou que eu o imaginava assim...

Mas voltando ao Rhum Creosotado, as vezes saíam discussões intermináveis quanto às decisões a se tomar e minha tia se retirava, invariavelmente de olhos vermelhos da reunião, fungando, com um lenço na mão O Rhum pertencia à família de mamãe, mas eram os maridos das herdeiras que tomavam conta, sobretudo meu pai, que apesar de ocupadíssimo com outros trabalhos, era o que mais tinha “tino pros negócios.”

164

Depois veio o primeiro anúncio do produto com ilustração. Era a de um passageiro olhando uma louraça saudabilíssima, sentada ao seu lado, com o versinho escrito em baixo. Metade da família chiou, como sempre. Eu gostava do desenho, não sei feito por quem, em estilo *art-deco*. Não entendi porque o Lula Vieira, no seu agradável livro sobre os anúncios da época, colocou um do Rhum, que eu jamais tinha visto, onde uma mulher chatíssima, de maiô de duas peças, sorri, feito Doris Day. Claro que aí o versinho perde o sentido, pois a “Doris Day” do anúncio não está ao lado de passageiro nenhum...

A família da minha mãe também era dona de outro remédio: o Trinós, menos famoso, cujo comercial era uma musiquinha de rádio, que os compositores levaram lá pra casa, pra apresentarem a papai, tocando violão, já que ainda não era comum, gravador:

*“Se tens digestão pesada
Com ânsias e dor atroz,
Tome trinós, camarada,
E deixe o caso entre nós!”*

A musiquinha foi aprovada por papai. Outra briga na família. Titia tomava água com açúcar e dava bombadas na asma com sua inseparável bombinha. Mamãe tinha dor de cabeça e tomava cafiaspirina.

165

Uma alegria, além do bonde, era ir à Rádio Nacional assistir ao vivo e a cores o programa de Alvarenga e Ranchinho, patrocinado pelo Rhum.

– Eh, cumpade... A gente pega na conversa e esquece de cantar...

Mas um dia eles vieram me entrevistar na platéia, talvez perguntar o meu nome, e eu emburrei e serrei os lábios numa espécie de malcriação. Vovó ficou furiosa comigo, então me virei de costas pros artistas, me ajoelhando na cadeira, como fazia no bonde e só os reencontrei nas festas de aniversário minhas e de minha irmã.

Além deles tinha Blecaute que fazia ao mesmo tempo a felicidade das crianças e das empregadas que vinham todas assistir e paquerar os artistas, disfarçadamente, deixando pra trás a cozinha.

Maravilhosas aquelas festas onde a família fazia as pazes até a próxima reunião do Rhum Creosotado, a vida dos pulmões, (embora titia estivesse, sempre, prestes a sacar sua bombinha de asma da bolsa..).

Que Onda...

Vicente Pereira já tinha falado dela: a grande onda que acabaria com a terra entre 2000, segundo Nostradamus, e 2012 segundo o calendário maia. Ele até escreveu uma peça sobre ela, *A Onda*, que chegou em plena noite do Oscar quando uma família fútil da Barra curti a cerimônia transmitida pela televisão. A família continuava torcendo, grudada no vídeo, esperando ansiosa a abertura dos envelopes enquanto o apresentador lia: "*E o Oscar de melhor ator vai para...*" enquanto o mundo acabava lá fora.

Era uma idéia primorosa. Eu fazia a amiga da dona da casa que entrava dizendo: "*Só vim pra dizer que não venho...*", mas aí o mundo acabava e "ela", a personagem, tinha de ficar.

167

Lembrei de todas essas histórias de ondas com o Tsunami da Tailândia. Que onda... Meu neto nascendo nas montanhas e as pessoas morrendo na praia. Literalmente. E continuam morrendo enquanto outras passam o *reveillón* em Copacabana (debaixo de um foggy estranho), vão ao futebol ou assistem ao Oscar. Foggy... eu, hein? Ai de ti, Copacabana... Enfim, o mundo tá ficando esquisito... Não é mal, não é bom, é esquisito... Meu primo diz que ficou esquisito desde que acabou o restaurante Antonio's. Que aquilo foi um marco. Antes e depois do Antonio's.

O Antonio's fazia ainda parte de um Rio menor, herdado de um tempo com menos gente, onde todos se conheciam, tinham conta, "penduravam", se ajudavam, se emprestavam, dormiam até no sofá do restaurante. Ninguém achava que ia morrer esfaqueado, assaltado, aviltado enquanto ficava ouvindo o Tom Jobim cantar *Garota de Ipanema* na varanda aberta. Também se namorava mais. Tinha homem, tinha mulher, tinha gay, tinha de tudo. Não era esse três em um que é hoje, que a gente compra o pacote trissexual, ou metrosexual, como diz a Hilde... Que onda... A escolha era farta... Morríamos de rir. Não de tédio nem pela violência andando pela praia de madrugada discutindo a relação.

168

Os bares não fechavam. Saíamos do Antonio's e íamos pro People's, ali em frente, de madrugada.

– *Pê-i-pê-ó!* Soletrava a cantora famosa no orelhão da esquina. Escreve aí: *Pipó!*

Nada fechava. Hoje em dia fechou tudo. Até o Cervantes, em Copacabana, que sempre varou as madrugadas. Não sei do Bar Bico que também era páreo. Mas o Cervantes... E pra comprar remédio agora naquelas farmácias que se dizem abertas 24 horas? Abertas mas de "burca". Só se enxerga o olhinho apavorado da vendedora louca pra se livrar da gente. E aí elas mandam o remédio via um buraquinho no vidro ao mesmo tempo em que se

entrega o dinheiro pelo mesmo lugar, como num empate de cartas. Porque se não for ao mesmo tempo, quem garante à vendedora que se vai pagar? Que onda... Imagine se a gente não pudesse comprar alka-seltzer ou engov, na saída do Antonio's a qualquer hora em qualquer lugar? Nunca mais se voltaria à farmácia que tivesse cometido tal falta de elegância...

O Rio era menor. Ninguém morava na Barra, por exemplo. Ninguém. Ficava tudo aqui pelo miolo, a graça era essa, ninguém se espalhava. Espalhar pra quê? O bom era juntar, conhecer todo mundo, ter intimidade, pertencer.

De repente o Rio cresceu, o mundo cresceu, virou *yuppie*, ninguém mais conheceu ninguém. (Ou passou a fingir que não conhecia). Virou bonito ser importante, não responder ligações, não atender os amigos. Ser *yuppie*. Foi aí que acabou o Antonio's, junto com a intimidade, a solidariedade, a amizade, os grupos. Passamos à era dos desgarrados. Ninguém mais pertence a nada, à ninguém. Daí o esforço solitário pra se pertencer às grandes organizações que substituíram a família... Trocou-se a solidariedade pela competição. E começou o pesadelo. Porque o homem foi feito pra viver com seu semelhante, não pra fugir dele como o diabo da cruz. Que onda... *Ô coisa pau* essa moda dos anos 80, como diria minha avó... Grana, grana, grana. Resultou no Bush, na extrema-direita se unindo na

Europa. Bem feito. Cantavam? Pois dançam agora. Já a onda *hippie* deu origem a ecologia com seu caminho alternativo descoberto com a volta à natureza, às raízes. Vivia-se a ideologia do paz e amor... Aqui da janela do sítio do Silvio Flores (um dos que acabou fugindo da cidade), fico pensando em tudo isso... Bom lugar esse pra se construir outra arca de Noé no caso da grande onda... Mas afinal, pra que é que Noé teve tanto trabalho com os bichos, se foram eles os únicos que se salvaram do Tsunami? Que pressentiram a catástrofe e se mandaram antes da grande onda? Talvez naquela época a coisa estivesse mais feia do que agora e não houvesse mesmo pra onde escapar. Que onda...

170 Que festa de arromba vamos fazer no sítio do Silvio pra comemorar a vida e unir as pessoas antes que tudo se feche pra sempre, que tudo se espalhe, que tudo mude e se esvaia de vez na grande onda.

Que onda...

Almoço no Campo

As amizades vão fazendo bodas de prata, bodas de ouro e transformando os amigos em casais antigos, onde um sabe de cor como é o outro, o que é que ele vai falar, em que hora, as reações de cada um, seu ponto fraco, o seu forte, e começa-se a implicar uns com os outros como nos velhos casamentos. Só que nos casamentos, a coisa pega, e com amigo não, a gente nem computa, esquece.

Outro dia fui pegar dois amigos de fé, dois irmãos camaradas, pra almoçar na casa de uma terceira, no campo. E bota campo nisso. A casa que ela construiu, sozinha, fica no alto de um morro no meio de uma floresta..

171

Começa a discussão desde o Jardim Botânico, entupido, com um tráfego insuportável. Meu ar refrigerado quebrado. Não tive tempo de consertá-lo. Como o tempo encolheu, acho que cada um ficou com uma pequena cota dele e qualquer imprevisto fica sujeito à uma negociação que acaba sempre sendo adiada.

– *É por isso que não tenho mais carro.* Diz minha amiga se abanando com o folheto de um futuro edifício horroroso na Barra. *Ou a gente tem sempre um zero, tinindo, ou então, táxi.*

– *Há muito tempo que eu só pego táxi.* Emenda o amigo detrás. *Não tenho mais paciência pra estacio-*

nar, ter os papéis em ordem... Hoje em dia, só táxi!.

– *E porque vocês não pegaram um?* Pergunto me esforçando pra ficar zen.

– *Qual é o táxi que sobe aquela ribanceira?* Diz a amiga. *Aquela estrada de lama?*

– *Então não reclamem do carro, do trâns...*

– *Ai!!!*

Freio de repente com o susto, o que faz o automóvel detrás me xingar de *barbeira, mulher!*

– *Que foi?* Pergunto me controlando enquanto procuro o o CD do Bryan Ferry pra acalmar.

172

– *O ônibus!* Responde a amiga que tinha gritado. *Achei que você não o tinha visto...*

– *Só se fosse cega!* Grito mau *humorando.*

– *A gente vai pegar a Linha Vermelha?* Pergunta ela. *Tenho pavor de assalto!*

– *Pára de falar nisso.* Diz o amigo detrás batendo numa madeira imaginária. *Fica puxando o baixo-astral!*

– *Eu não sou baixo astral!*

Minha amiga emburra. O amigo detrás também.

– *Esse trânsito não anda. Sabe de uma coisa? Avisa ele. Acho que não vou mais. Me deixa num táxi.*

– *Eu não acredito!* Respondo começando a perder a paciência. *Você me fez te pegar em Copa, pegá-la em Ipanema, passar por esse caos que é o Jardim Botânico, à toa? Ah, não, agora você vai!*

– *Mas porque será que uma pessoa resolve morar tão longe?* Pergunta o amigo amarrando a cara.

– *E sozinha...* Comenta a amiga....

– *Gente, vocês quiseram vir, não foi?*

Erro a entrada da ponte e tenho que fazer o retorno na estrada novamente.

173

– *Nossa! Mas você não vai sempre ao sítio?*

– *Vou. Mas sou distraída. Vocês sabem disso.*

– *Há trinta anos! Diz o amigo detrás. Mas pensei que depois de tanta análise...*

– *Ai!* Grita minha amiga outra vez.: *"Olha o quebra-molas!"*

– *Assim não dá!* Digo perdendo a paciência de vez.. Assim quem vai saltar sou eu!

Quando chegamos, o almoço já estava acabando.

– *Não vou pegar a estrada de volta, no escuro. Avisa o amigo.*

– *E eu não vou deixar de comer por causa disso.*

Pego uma cerveja pra relaxar. O amigo emburra. Não bebe. Como de tudo e ainda as várias tortas de sobremesa. O amigo fica me olhando e ao relógio, ao mesmo tempo. A amiga enturmou com o resto da festa. Eu também. Ficamos curtindo o campo. Demos uma volta no lago.

Pegamos a estrada de volta, no escuro. Meu amigo de tromba.

174 Entro na indicação zona Sul e perco a Linha Vermelha.

– *Tudo bem, assim a gente curte a iluminação de Manguinhos.*

– *Não chama Manguinhos. É Fundação Oswaldo Cruz. Corrige o amigo pra me chatear.*

Deixo cada um em sua casa e volto pra minha, aliviada. Assim que entro ouço os recados na secretária. Um deles é do meu amigo, animadíssimo, como se nada houvesse: *“Oi, querida! Liguei pra você não perder o Festival Seinfeld no Multi-Show. Está o máximo!”*

Os Shows da Vida

Sexta-feira minha amiga Bitucha me convidou pra ver Bethânia no Canecão. Diante da minha indecisão, ela disse que já tinha visto o show e que era simplesmente imperdível. Pensei na Maria Bethânia, de quem Anecy Rocha falava como sua melhor amiga na Bahia e melhor cantora do Brasil, muito antes dela ser Maria Bethânia e cantar para o Brasil. Conheci sua voz através de uma fita que Anecy me mostrou cantando canções brasileiras antigas. Um dia, Anecy, que estava viajando, me ligou pra dizer que sua amiga da Bahia iria substituir a Nara Leão no Teatro Opinião.

Fui assistir ao show e depois cumprimentar Bethânia no camarim para dizer que tínhamos em comum, a amizade da Néci. Mas ela não me deu chance de falar. Depois que a cumprimentei, disse-me um “obrigada” seco, com a mão estendida e se virou de costas, sem um sorriso sequer. Conte pra Néci que riu e disse que era um número que ela gostava de fazer. Mas eu passei muito tempo com uma impressão desagradável de Bethânia, mesmo ela tendo ido à casa dos meus pais com a Suzana Moraes e na minha, com Anecy, Gilberto Gil, Nana Caymmi e Guilherme Araújo. Ficava calada e não demonstrava o humor incrível das histórias que Néci me contava dela.. Por causa disso impliquei e apesar de ouvir muito *Carcará*, em 45 rotações, achava-a exageradamente dramática e depois

daqueles seus shows dirigidos por Fauzi Arap, que fizeram fama, só me lembro mesmo de assistir seu irmão Caetano ou ouvi-lo cantar no exílio, *London, London, in loco*. Mas agora, graças a Bitucha, que jurou que eu me arrependeria amargamente se não fosse ao Canecão, tive o privilégio de assistir a algo que não presenciava desde a década de oitenta. Digo oitenta, porque não me lembro de ter visto nada que me desse vontade de repetir *ad aeternum* ou que me emocionasse tanto quanto *Brasileirinho*. Desde Gal Fatal, Gal Tropical, Novos Bahianos ou Vinícius, Tom, Miúcha, Toquinho e Edson Frederico, esses últimos também no Canecão. Foram shows obrigatórios, que se via inúmeras vezes, que se cantava junto, que a gente ria, chorava, se emocionava e comentava. Obrigatórios também eram os shows das Frenéticas no Dancin' Days do Shopping da Gávea, de onde guardo até hoje o cartão de entrada. O show das Frenéticas era diferente, obviamente, e sua proposta era divertir. Mas divertir muito mesmo, na época mais divertida da minha vida, como se o Dancin'Days fosse um substituto do Black Horse dos anos 60 onde eu ia aprender a dançar cha-cha-cha com o Bob Zagury e voltar pra casa de pilequinho de uisque Drury's (!) cantando *Pepito, mi corazon*, o sol entrando pela porta da boate, com o Pica-Pau, leão de chácara, dando bom-dia.

São épocas memoráveis da minha vida: o Black, o Dancin'n Days, os shows da Gal com aquele cabelo

incrível e corpo irretocável cantando *Baby*, Os Novos Baianos tocando *Brasil Pandeiro*, acho que no palco do Cinema Astória; as Frenéticas bonitas e gostosas no Dancin; e depois, bem depois, Adriana Calcanhotto, no Mistura Fina, criando uma versão especial pro *Caminhoneiro* de Roberto Carlos; o que assisti era uma coisa comportada, sem graça, algumas de qualidade até, outras só chatas, déjà vu e nada, mas nada mesmo que eu quisesse ver de novo, que me fizesse vibrar ou que se comparasse de longe a Vinícius e Tom contando histórias de Ipanema entre um e outro uísque no palco, antes de cantarem Ipanema da época pré-Sergio Dourado com aquela paixão e deslumbramento. Paixão e deslumbramento igual ao que vi Bethânia cantar *Luar do Sertão*, *Vai boiadeiro que a noite já vem*, *Sussuarana* e outras canções do gênero que ouvia meu pai tocar ao violão e que aprendi eu mesma, depois, com Patrício Teixeira, meu professor querido, cujos cadernos com as letras e posições, guardo até hoje. *João Valentão é brigão...*

177

Mágicos também são os cenários e a luz do show de uma simplicidade e requinte impressionantes. Meu Deus, o que é o Brasil pra quem entende bem dele?

Gostei até de sair de novo por causa desse show. Estava achando tudo meio chato, *meio pau*, como dizia minha avó. Sair pra quê, se não tem mais Black, Tom, Vinícius, Novos Bahianos, Frenéticas, Dancin'Days?

Mas tem Bethânia cantando *Luar do Sertão* e se ela me desse uma colher de chá e acrescentasse *Anda, Luzia* ao incrível repertório já constituído, acho que levava um colchonete e acampava pra sempre no Canecão.

A Farra do Boi

Fui ver o filme do Mel Gibson, depois de muito hesitar. Mas foi tanta a polêmica que resolvi dar uma olhada, porque afinal de contas, é uma história sempre boa de se lembrar. E depois, a discussão sobre quem matou Jesus, romanos ou judeus, me incentivou à uma refrescada de memória. Igualzinho a invasão do Iraque onde invasor e invadidos se matam pelo poder, pela grana e aquela baixaria de sempre. É verdade que os romanos eram mais elegantes, mais políticos ou inteligentes que os americanos, não impondo aos invadidos nenhuma forma de religião... (Não sei se isso adiantou muito no caso, né?) ... Mas voltando ao filme, parece que fui assistir à Farra do Boi. É de uma falta de gosto, inverossimilhança e sensacionalismo insuportáveis. Não há Cristo que pudesse resistir a tanta tortura sem morrer antes da crucificação. Mesmo com a ajuda de Simão, o cireneu, com as paradas pra discutir quem vai pro trono ou não vai, como na absolvição de Barrabás, por exemplo, e outras atrações que interrompem a todo momento a paixão de Cristo fazendo do filme uma espécie de programa do Ratinho, pois até o desespero de Judas com aqueles diabinhos de quinta, fazendo caretas, parece uma pegadinha. Corta o clima completamente, quer dizer, o clima da tragédia que foi o suicídio de Judas, à qual todos temos na cabeça, porque em matéria de "clima" mesmo, o filme não tem nenhum. Quando vai pintando unzinho vem um

efeito especial tipo diabinho podando-o pela raiz. E o que será que quiseram dizer com aquele Herodes gay? Foi pra aporrinhar mais ainda os judeus? Porque, gente, já ouvi falar horrores de Herodes no Sion, mas que ele usava cílios postiços, peruca e baton, foi a primeira vez. Pra mim, foi isso que pegou pros judeus: Herodes gay. Por que Pilatos se apresenta machíssimo, lindo e chiquérrimo com aquela roupinha de romano, já Herodes, não sei porque cargas d'água, é uma boneca daquelas antigas, do tempo da Galeria Alaska.

180

Os pontos fortes da *Paixão* são a luz, o figurino, a maquiagem (só os ricos têm dentes, o resto é tudo 1001: um dente, zero, zero, um) como deveria ser realmente na época. Os atores também são ótimos e as mulheres não têm aquelas sobranceiras tiradas nem boca pintada pra fora como nos filmes bíblicos de Hollywood e a idéia de todo mundo falar Latim e Aramaico é bem interessante, mesmo tendo feito o ator que faz Jesus declarar que aprender aramaico foi pior ainda do que ficar crucificado o filme todo, com uma coroa de espinhos na cabeça. A única palavra que entendi desta língua, foi "idiota", que aliás, se diz muito no filme. Era um alívio. A cada "idiota", as pessoas se entreolhavam, cúmplices, dando um refresco à tortura incessante.

Falar em tortura, assisti, no Jornal da tv, sob os olhares complacentes dos jornalistas que sorriam, a malhação do Judas, na Semana Santa. Não sei o

que há pra sorrir daquilo: umas criancinhas inocentes dando porrada num boneco que eles não têm noção de quem seja, até ele se despedaçar sob os aplausos dos adultos. Por mais que seja Judas, por mais que seja traidor, precisa ensinar tortura à população, desde pequenininhos? É por isso que outro dia li no jornal que tinha um cadáver dentro de um saco plástico preto na praia de Copacabana. Os adultos armaram a barraca ao lado dele e as crianças volta e meia suspendiam o plástico pra ver a carinha do cadáver e sair correndo as gargalhadas. Gente...

Mas voltando ao filme, não perdi o meu tempo. Mesmo com todo o sensacionalismo ele me fez refletir sobre romanos, americanos, traficantes, poder... Tudo igual desde Cristo, ou antes dele.. Tudo puxando o tapete uns dos outros. Dudú e Lulú não são diferentes das tragédias de Shakespeare. O que foi Ricardo Terceiro, senão um Dudú um pouquinho mais chique armando a queda do império de Lulús, Beira-Mares, Escadinhas (lembram dele?) e talvez outros ainda mais importantes cujos nomes não saem no jornal?

O filme serviu também pra eu me sintonizar com Jesus, do qual sou devota, fã, tiete inflamada. Mas desde que saí do colégio Sion, que não me achava "digna" dele. Juro! As freiras puseram isso na cabeça das crianças deixando-nos com a auto-estima no pé! E mesmo com toda análise, antidepressivos

e depois de ter falado com um padre maravilhoso na PUC, ainda assim, não me achava merecedora da comunhão!!! Era tanta a culpa de existir que o padre dizia: "*Pode comungar, minha filha, que bobagem...*" Mas nem assim eu acreditava... O filme serviu pra eu voltar ao tema e meditar novamente sobre isso. E na primeira oportunidade que tive, que foi na missa de 113 anos do Jornal do Brasil, comunguei de novo!!! Mais de trinta anos depois! Hesitei um pouco a entrar na fila, depois pensei: "*Quem disse que não sou digna e merecedora?*" Então levantei-me decidida e encarei as freiras do Sion que me olhavam dentro da minha cabeça dizendo: "*Qual! Tsi, tsi, tsi! Ne mérite pas la croix!*" "*Mereço, sim.*" Sorri pra elas em troca, me sentindo tão bem que não podia estar errada. Acho que elas me entenderam também, pois acabaram sorrindo de volta. Então abracei Notre Mère, (aquela que só falava francês) ...Ufa! Que alívio...

Acho que devo isso, de uma certa maneira, ao filme do Mel Gibson... Ou será ao tema poderoso?

Rod Stewart e a Festa Que Não Houve

Foi na década de oitenta que meu amigo inglês, Peter, que estava hospedado lá em casa me comunicou:

– Sabe quem vai dar uma festa de arromba aqui na sua casa?

Fiquei um pouco espantada de alguém estar armando uma festa de arromba na minha casa sem que eu tivesse o menor conhecimento do assunto. Achando que era brincadeira, perguntei: “*Quem?*”

– O Rod Stewart. Respondeu Peter.

– Rod Stewart?

– É. Conheço ele de Londres, falei de você e acho que vocês vão se adorar. Foram feitos um pro o outro...

– É ruim de eu ser feita pra ele, hein, Peter?

É claro que o roqueiro deveria estar esperando se deparar com uma morenaça boazuda, (como todo gringo que se preze), já que só elas povoam os trópicos nos seus imaginários, além dos papagaios e macacos. Quanto a mim, não gosto de ser imposta a ninguém, muito menos ser confundida com uma tiete enlouquecida.

Ainda achei que pudesse ser brincadeira até concluir que Peter falava sério, quando me lembrei que já tinha me aprontado outras. Trazido, por exemplo, dois cães imensos que hospedou com ele lá em casa, que além de uivarem à noite, um deles ainda comeu remédio de rato, no jardim, e amanheceu com os pelos brancos, da noite pro dia, mal comparando, tipo assim, Maria Antonieta quando soube que ia ser enforcada. (Com todo o respeito). O cachorro tinha virado o negativo dele próprio, e eu, corria de um lado pro outro pra atender o veterinário enquanto o dono do cão envenenado chorava.

184

Depois foram os pais dele, que ele chamou, de Londres. Como eu ficasse perplexa, Peter justificou que eles ficariam pouco tempo e que só os convidara porque eles nunca tinham visto uma folha tão grande como a da minha trepadeira jibóia.

Os pais vieram ver a raridade. E realmente a mãe, ainda de malas na mão, parou em frente a jibóia e disse: "Oh!", com seu sotaque britânico chamando o marido que passou reto, não dando à planta, a mínima bola.

Ficaram todos lá em casa. Os cachorros e os pais. E agora o Rod Stewart?

– Não! Gritei.

Peter não acreditava que eu pudesse recusar um tal

convidado. Não entendia que eu adorava ouvi-lo mas não fazia a menor questão de vê-lo, a não ser num palco.

Nessa altura começaram a chegar os preparativos da festa: a comida, o som. Mandei voltar tudo num raro acesso de juízo quando lembrei que o cantor tinha quebrado todo o quarto do Copacabana Palace onde se hospedara antes.

Ainda por cima meu namorado ia chegar de São Paulo, onde morava, e eu queria ficar sozinha com ele.

E enquanto eu mandava todo mundo embora, a secretária do músico ligou.

185

– *No!!!* Respondi em Inglês, categórica.

– *Mas por que?* Perguntou ela, *"It's his birthday!"*

– *"Happy birthday!"* Desejei e desliguei o telefone com um: *"E não se fala mais nisso"*, enquanto Victor, choramingando, colocava as coleiras nos cachorros (um marron, outro grisalho) pra espairecer na rua, eu colava um cartaz na porta avisando que não tinha festa, meu namorado chegava, exausto, depois de ter ficado horas preso num nevoeiro na Ponte Aérea e a mãe de Peter, olhava pro marido, balançando a cabeça e dizendo com seu sotaque britânico: *"Oh!"*

A Má Notícia

Acordo com um telefonema da Zezé Motta.

Depois de um ligeiro papo sem sentido ela confessa que tem uma má notícia pra me dar. Olho ao meu redor e minha filha e meu neto estão comigo. Elimino qualquer possibilidade da notícia se relacionar com os dois. Fico um tempo sem entender o que ela quer dizer. Acho que é porque o aviso: "*Má notícia*" é uma espécie de luz vermelha que se acende no cérebro seguida de uma sirene que o bloqueia por segundos antes de se entrar em pânico.

– *O Marcos sofreu um acidente.*

186

Meu cérebro ainda não absorveu a nova informação.

– *Onde ele está?* Pergunto me agarrando ainda a antiga realidade, a única que conheço, a imagem do Marcos.

Custo a entender o silêncio que se fêz no telefone até admitir o pior.

– *Ele morreu?*

– *Foi.* Disse ela liberando o choro.

Mesmo diante da evidência continuei me prendendo a uma suposta realidade, última tentativa de me

proteger do sofrimento. *"ah, imagine, falei com ele três dias atrás e ele estava ótimo..."*

Desligo o telefone e fico olhando pra parede até minha filha chegar e perguntar o que houve. Só então começo a chorar ao ouvir o som da minha própria voz contando o que aconteceu.

O telefone não pára mais. Ele era querido. Um dos poucos exs sempre presente e carinhoso com todos: as exs que se transformavam em amigas, amigas mesmo, sem nenhuma escorregadinha no passado e os amigos propriamente ditos, ou irmãos camaradas. Gostava de juntar todas as tribos. E ele pertencia a várias. Ia à todas as festas. Muitas no mesmo dia. Era uma companhia garantida. E quando me ligava pra sair e eu dizia:... *"Acho que vou ficar em casa hoje..."* Ele respondia: *"A vida é muita curta pra se ficar enfiado em casa vendo bicho no Discovery Channel!"* Tinha que aproveitá-la desde de manhã quando se obrigava a correr na praia. À tarde tinha que armar mil negócios pelo telefone e à noite ir a todos os lugares, fazer amigos e influenciar pessoas.

A última festa que fui, foi com ele. A da revista *Flash*. Esperei 40 minutos além do horário combinado. Fiquei furiosa, como sempre. Liguei pro seu celular. *"Um trânsito horrível..."* Respondeu, inventando uma desculpa esfarrapada, como sempre. Conversamos sobre tudo: trabalho, futilidades... É

claro que eu fui embora e ele ficou na festa. Ainda bem que nos despedimos com champanhe.

"Estranha geração essa que morre tão cedo."
Dizia a mãe de um amigo meu. Foram tantos os que se foram... De susto, bala, vício, acidente de percurso... Me visto pro seu enterro marcado pras 10. Sua última festa. Grande confraternização de exs, atual, amigos novos, amigos antigos. Todos chocados com a morte. Como se ela jamais tivesse feito parte do nosso vocabulário. Mesmo depois de tantas perdas. Nossa geração experimental gostava de experimentar a vida. Corríamos riscos, mas certos de que tudo acabaria bem.

188

O enterro aconteceu uma hora depois do combinado. E enquanto eu chorava, ouvi uma vozinha no meu ouvido que cochichava entre soluços.

– *Sempre atrasado...*

Era uma das exs.

E dessa vez a gente perdoou o atraso e riu.

As Máquinas

Vivemos uma geração baseada na tecnologia (uma das únicas vantagens do século 21) e quem não se insere nela fica à margem da vida e sujeito a pagar mico. Eu bem que tento. Desde garota que já começava a aprender a dirigir o carro do meu pai, com o Deusdedith, porteiro do meu prédio na Av. Atlântica. Depois me matriculei na escola de direção do Seu Marinho pra aprender a dirigir Jeep, mesmo papai dizendo que os americanos iam acabar com as mudanças dos carros e que em bem pouco tempo só haveria automóveis hidramáticos. Mas eu gostava de fazer mudanças. Aliás sempre gostei. Gosto de mudar e não mudo mais porque o preço das coisas já não me permite muito. Mas naquela época era mole. Aprendia-se a dirigir, a datilografar no Curso Ted, e não tinha mais muita coisa, não. Tava limpo. Sabendo dirigir e datilografar era-se uma mulher moderna, inserida no contexto. Os aparelhos domésticos eram sempre os mesmos e o máximo que se tinha a fazer era apertar um botão, ou pra ser mais precisa, girá-lo.

189

A geladeira durava vinte anos, as vezes passando de geração pra geração. A lá de casa era eterna. Ninguém pensava em substituí-la. Era gorda, grande, pesada, branca, diria-se uma mãezona sempre disposta a oferecer suas entranhas. Elas (as geladeiras), vinham para ficar. Eram pesadas, ocupavam o seu

espaço, faziam parte da família. General Electric, chamava-se. GE para os íntimos.

O fogão Cosmopolita também era para sempre. De oito bocas, sempre ávidas a se acenderem nutrindo-nos carinhosamente de comida quente. Quem é que em sã consciência pensava em mudar de fogão? Por quê? Era como os casamentos. Com a diferença que todos se entendiam muito bem com suas geladeiras e fogões, mas com os casamentos... A geração da minha mãe não mudava de mulher ou marido porque era proibido pela sociedade. Não porque *preferisse* aquele par. O casamento *tinha* que ser eterno, diferente das máquinas, que eram. Mas como tudo o que era sólido desmanchou-se no

190 ar, geladeiras, ar refrigerados, máquinas de lavar e casamentos duram muito pouco hoje em dia começando a dar defeito mais ou menos à partir de um ano ou dois, fazendo os envolvidos no assunto trocar seus parceiros ou máquinas cada vez mais rápido por um modelo mais novo. Ninguém mais tem tempo de se afeiçoar a uma *Enxuta*, por exemplo, novinha, bonitinha, mas que quando você menos espera, apronta uma cilada, saindo de linha sem avisar. Ninguém saía de linha antigamente porque ficava mal visto. Hoje em dia, a expressão sair da linha ficou tão antiga que só existe no dicionário.

E essa instabilidade que se vive agora exige um tremendo jogo de cintura. Porque as máquinas te desafiam o tempo todo com tecnologias de últi-

ma geração, mostrando todo tempo que as coisas mudaram e que você ficou pra trás. Esperei uma semana por um cartucho de impressora e quando ele chegou era um perfeito estranho. Fez capricho, emperrou, tentei colocá-lo do jeito que colocava o antigo, mas ele, nada. Na dele. Não deu uma dica. E como, em geral, isso acontece aos domingos, não tinha quem chamar e fiquei o fim de semana inteiro olhando pra impressora emperrada, mal humorada, fazendo beicinho, incapaz de me dar uma pala, de me orientar.

O programa de e-mails tem de ser trocado sei lá de quanto em quanto tempo, fui informada quando liguei pro meu servidor. "*Outlook o quê?*" Perguntou o técnico do outro lado do telefone dando uma gargalhada. "*Mas minha senhora, tem que mudar a configuração!*"

191

A secretária eletrônica que costumava dar cinco toques até você vir atender, dando tempo pra a gente se locomover até ela, passou a dar três e agora um toque, acompanhando o tempo do relógio, que também encolheu. Então, se você estiver no banho, por exemplo, tem que sair pingando pra atender a secretária, (se for urgente), porque hoje em dia você está aí para servir as máquinas e não elas a você. Você que se habitue ao tempo delas, as mudanças, aos modelos, as cores. Tem-se que ficar eternamente atento, esperto. É um desafio. Como uma gincana muito rápida " *agora isso, agora*

aquilo, vamos lá, anda!" Se a gente não se dá conta que as coisas mudaram, fica como uma senhora que vi na boca do guichê outro dia tentando comprar ingresso pro cinema. Quando a bilheteira perguntou: *"Meia?"* Ela respondeu lisonjeada: *"Imagine... Tá me achando com cara de estudante?"* *"Não, de idosa."* Retrucou a bilheteira.

Coitada da senhora, meu Deus, estava distraída e não se deu conta de que já tinha se desconfigurado há algum tempo como o meu Outlook express!

Os Piratas no Brasil

De repente a geladeira nova ficou esquisita. Ah, meu Deus, ela também? Chamei um rapaz pra conserta-la que veio com mais dois.

– *Muito pesada, madame...* Explicou o rapaz.

Tudo bem, moço, respondo olhando aqueles negros fortes, descendentes diretos dos escravos no Brasil, que continuam arrastando geladeiras pelas “cortes” ...

– *Pobrema de gás.* Disseram. *Está quase sem nenhum...*

193

Ah, meu Deus! Até ela? Enfim, a geladeira pode se dar ao luxo de perder o gás, ficar cansada... Mas eu? Ha! E o trabalho? E a culpa? Queria mesmo era ler a *História da Vida Privada no Brasil*, do Felipe Alencastro, enrolada no meu cobertor, aproveitando o barulhinho da chuva lá fora... Uma maravilha a passagem que conta como Gonçalves Dias, ridicularizando os poemas vigentes, escritos ainda em Português de Portugal afirma que os brasileiros já tinham o seu próprio sotaque, e debochava dos poetas que ainda rimavam “mãe com também” ...

Estava eu rindo dessa pequena observação, quando os homens vieram se despedir. Notei a falta de um deles e perguntei se já teria partido antes dos

outros.

– *Não senhora.* Disseram os rapazes. Está colocando a saia.

– *“Saia?”* Perguntei, espantada, pensando na pouca ou nenhuma intimidade que tinha com aqueles homens pra que fizessem uma piadinha daquele nível. Mas, pra ser educada, dei um ligeiro sorriso, que se transformou em risada pensando naquele homenzarrão de saia... Estaria ele se fantasiando para o “entrudo?”

194 – *A saia da geladeira, madame.* Respondeu um dos homens, seríssimo.

Fiquei passada ao me lembrar que geladeira também usa saia... Mais uma afinidade comigo, além da de perder o gás, assim, de repente... Quem sabe, diante do orçamento elevado que me deram, não seria melhor sugerir-lhe um anti-depressivo, um uisquinho, um Lexotan?

Acordo do devaneio e levo o último rapaz até a porta, depois de ter esperado alguns minutos pra que colocasse a saia, saio de casa e passo em frente a um botequim onde tocava *Enrosca*, do Fábio Jr. Começo a viajar, lembrando-me de *Ciranda, Cirandinha*, uma série antiga da Globo que falava de jovens, com o próprio Fábio bem mocinho, como

ator, Lucélia Santos, e não me lembro mais quem. As pessoas de dentro do botequim começaram a me olhar até que um bêbado, sem camisa nem sapatos saiu lá de dentro e, quase caindo, perguntou, gentilmente, se eu queria dançar. Respondi que não, muito obrigada, mas dançar assim na rua às dez da manhã era um tanto estranho... O dono do botequim fez um sermão pro bêbado que retrucou, ofendido, olhando pra mim:

– Só por que sou caipira não posso ter bom gosto?

Achei por bem parar de pagar mico na Voluntários e resolvi comprar o CD com a música que estava ouvindo. Pra meu espanto, todas as lojas de CDs, (que não eram poucas) tinham fechado. Perguntei numa delas, que virou brechó, o que tinha acontecido. O dono da loja me respondeu que em Botafogo não existia mais nenhuma que vendesse discos. *"Quem poderia pagar por um CD novo que chega da fábrica na loja à R\$ 28,00, cada um? Por quanto é que poderíamos vende-lo?"*

195

Então esse mesmo ex-dono de loja de CD me fez reparar como tinham se fechado diversos lojas ali perto. Só numa rua fechou a padaria (que parecia eterna), o restaurante que há pouco tempo tinha fila na porta, a loja de roupas masculina e o botequim! Pra botequim fechar, quer dizer que tá feia a coisa... e enquanto pensava em todos os lugares que tinham-se fechado desde que eu me enten-

do por gente, lembrei-me do Nildo Parente me contando, (num restaurante já fechado): *"Só em Copacabana acabaram-se os cinemas: Copacabana, Metro-Copacabana, Alvorada, Caruso, Riviera, Alaska, Royal, Rian, Art-Palácio, Bruni-Copacabana, Condor Copacabna, Ritz, na Galeria Ritz, Cine-Leme, Cinema 1, na Prado Jr, e Alpino, na Gustavo Sampaio, que eu me lembre..."*

Os cinemas foram desaparecendo ao longo de muitas décadas, mas as lojas dessa rua fecharam de um mês pra cá, fora as casas que estão a venda ou pra alugar... Penso, esbarrando numa banquinha de CDs cheia de *Fabios Jrs*.

196

– *Quanto é, moço?*

– *Cinco real.*

Devo confessar que comprei o CD pirata. Fazer o quê, gente? Esse país é pirata! Até que melhorou bastante pirateando CDs, por que muitos anos depois de ter acabado o tráfico de negros no mundo, o Brasil continuava a piratear escravos!

Os Sapatinhos Vermelhos

Comecei a receber um monte de e-mails do mundo inteiro. Meu Deus, que pessoa importante me tornei de repente? Que sucesso imenso faz o *Caderno B* no Iraque... Só de condes, príncipes, parentes e amigos do Rei é um e-mail por dia, sempre em inglês, dizendo que bilhões de dólares estariam depositados no banco de uma cidade qualquer barra pesada do Oriente e que, incapazes de ter acesso a essa conta, por causa das devidas circunstâncias atuais, vinham me propor o imenso favor de retirar essa quantia do banco pra eles recebendo pra isso um troco de um milhão de dólares, ou de euros, o que eu preferisse, sendo necessário apenas que eu fornecesse o número da minha conta no Brasil, e entrássemos em contato. Também recebi dois e-mails da Loteria Federal da Holanda, dizendo que fui a feliz ganhadora de uma soma inacreditável de dólares. Como? Eu? Mas se nunca joguei na Loteria de nenhum país, muito menos da Holanda onde não boto o pé desde o exílio em Paris? Tem também um suíço muito educado que avisa que meu computador está pra explodir a qualquer momento de tantos vírus. Uns capetas ainda mais terríveis mandam e-mails no nome de editores do JB com seus respectivos endereços certinhos. Nesses, eu caí, é claro. E quando chamei o técnico aqui em casa, tinha uma coleção de 15 vírus com os nomes mais absurdos, uns alegres, como "The Red Shoes", quer dizer, não tão alegres assim, já que na história original, a heroína, de

sapatinhos vermelhos, possuía por um saracutico obsessivo não pára de dançar até se jogar, exausta, na linha do trêm tentando se livrar dos tais sapatos, que só param de dançar quando alguém lhes corta os pés! Então, não se deixem levar pelos encantos de umas inocentes sapatilhas de cetim... Fora esse, teve uns, tipo XPTO, V8, U2 e outros códigos semelhantes. Depois disso fiquei doente, mal, mal... Tudo certo nos exames de sangue, nos exames de tudo, mas eu me sentindo mal, mal... "*Virose.*" Dizem os médicos, monossilábicos. Então, concluí que os vírus devem ter saído do mundo virtual para o real nessa era de interação, causando doenças esquisitíssimas ou achaques que vão e voltam ao seu bel-prazer para imobilizar-nos e prender-nos na cama. É a maldição do milênio. Pode ser que Catarina, aquele ciclone que fez todos aqueles estragos no Sul tenha sido um vírus, furibundo, saído de um e-mail fatal, contido algum tempo no arquivo de algum inocente PC. Quem garante que podemos confiar plenamente numa máquina? Não era em 2001 que os computadores acabavam por possuir vida própria ditando regras e impondo situações? Pois já estamos em 2004... Quem sabe a Microsoft é uma agente da CIA contaminando o mundo com sua computadorização ou padronização, ou os tais vírus que a Al Qaeda ameaça o mundo vem através do nosso próprio micro? Quanto mais me convencia disso, mais ficava doente, quer dizer, sentindo calafrios, calores, febres, ansiedade, sujeita a saracuticos como uma vítima do Red Shoes até que tive que ir à cidade pagar três meses de um IPTU, que mesmo

pago, me garantiram que eu teria que pagar de novo pois tratava-se de uma segunda via. Porque segunda via se nunca perdi a primeira que levei de prova até o guichê da Prefeitura, não sei, mas, como foi-se o tempo em que se sabia para onde ia o dinheiro dos impostos, antes deles viajarem pra Miami, Suíça ou Bahamas, paguei sem discutir, mas me sentindo exausta, entrei no restaurante Empório Sabor de Pecado, na Marechal. Câmara. Que gracinha de lugar, de comida de atendimento! Só paguei o mico de pedir pra desligar o ar condicionado porque a tal da virose tem horror a frio. Os pobres clientes, da Icatú Seguros, advogados da OAB, e todo tipo de gente compreendeu o meu estado pois quase todos já tinham passado por isso. Mas quando chegou meu frango no vapor desossado com arroz de linhaça e tortinha de queijo arranjado lindamente no prato pelo chefe Riva, dei uma melhorada básica e de olho na sobremesa, até rejeitei o feijão temperado com ervas aromáticas em prol de uma torta de chocolate crocante dos deuses. Depois fiquei fascinada com os chocolates em forma de ovos dourados, coelhos, hortas com grama, cenouras, legumes, galinhas, pães de mel e chocolates de Boas Festas escrito: "Eu te amo" "Felicidades" e outras gracinhas irresistíveis. Levei pra casa meio metro de "Eu te amo" pra comer com o meu neto que se apoderou imediatamente do A de Antonio e eu fiquei com os coraçõezinhos vermelhos que enfeitam as letras substituindo a compulsão da dança dos "sapatinhos" do e-mail pela do chocolate nos coraçõezinhos do mesmo tom.

Novos Tempos, Novos Cortes

Não sei o que veio antes: os cortes rápidos dos filmes e das séries de televisão, ou o novo pique da cabeça-gente. O fato é que agora penso do jeito que é editado o *Sexo Frágil*, por exemplo. Só que não tenho um bom editor, como o Guel Arraes, e o meu pensamento vai e volta me deixando confusa... Tá difícil de editar minha biografia. Pra começar, se eu tivesse um bom editor, deixava pouquíssimos *flash-backs*, que aliás, caíram em desuso, e agora eu entendo porque: atrasa muito a vida da gente... *Flash-backs*, com raras excessões, são um saco! A gente fica pensando que podia ter feito diferente, querendo tirar e pôr, mas aí, já foi, não se tira nem põe. Ainda mais que a minha biografia começou a ser, praticamente, filmada, isto é, com direção, quer dizer, depois da infância, na época da *Nouvelle Vague*, do Cinema Novo, onde as cenas se arrastavam como em *Deus e o Diabo* que o Geraldo Del Rey levava metade do filme carregando uma pedra ou a Delphine Seurig que se ausentava do presente passando o filme todo se lembrando do *Ano passado em Mariembad*... Ai! Como eu queria cortar as pedras da minha biografia, e todos os *Mariembads* que me puxam pra traz! Não é só porque vivi essa época que o meu "filme" tem que ser assim... Tudo bem. Era assim. Pensava-se assim. Mas agora, se pudesse cortar a biografia, eu cortava, e com as sobras, dava pra fazer dez filmes. Chatos, é verdade, tristes, ninguém tá negando, só masoquista ia querer ver

aquela aporrinhção, mas que dava pra fazer dez filmes, dava. Mas eu não faria. Nunca! Jogava tudo fora! Montes de celulóide desperdiçados, no lixo. Ai que alívio! Queria ser leve como o *Sexo Frágil*, colorida... Não ia deixar nada cinza, longo... Ah, eu com uma tesoura na mão!... Na próxima encarnação quero ser editora de televisão...

O problema são os livros... Porque a cabeça da gente fica assim também pra ler! Estou lendo uns quatro livros ao mesmo tempo. Estou adorando todos, mas não consigo me fixar em nenhum! Acho que esse é um hábito que se generalizou no mundo... Falo com meus amigos e está todo mundo nessa. Deve ser essa ansiedade que acompanha a todos agora, nessa fase de anti-depressivos. Porque pôxa, entre o Cinema Novo e a *Sexo Frágil*, deveria haver um equilíbrio! Meus marcadores de livro agora são como controles remotos. Fico zapenado com eles de livro em livro. Quando falo com as pessoas elas me dizem que também estão assim: zapeando livros! Que será que vai acontecer com a gente depois? Os filmes vão ter abertura e *The End*? E os livros? Serão cada vez mais pockets? E o prazer de ler, de "viajar" na história, ficou aonde?

Antigamente a gente se deixava "viajar..." Agora, no meio da história, a cabeça fica atormentando e os cortes que ela faz são de péssimo gosto. No melhor da trama corta pra: "Onde é que eu vou arranjar dinheiro?" Lê meio capítulo e pensa na

faculdade da filha. Mais duas páginas e vem a conta do telefone, do celular. Mais página e meia, o plano de saúde... Olha tá difícil se concentrar... Ai fica parecendo que a culpa é do livro, coitado, que só tá ali pra dar prazer... Quem sabe outro livro, falando de outro assunto? Pronto. Começa a zapeação como se no terceiro parágrafo a gente não se lembrasse do IPTU... Aí pára o livro pra tomar o anti-depressivo, não lembra mais do que leu, liga a tevê. Zapeia, zapeia, pôxa, essa televisão não tem nada! Aí passa pelos Telecines, assiste um pedaço do Canal Brasil pra ver os retratos dos amigos quando jovens, aí enjoa de ver os amigos moços e vai ver bicho no Discovery até o leão arrancar a perna do pobre viadinho indefeso e a gente desligar a televisão e tomar um Lexotan pra dormir. Pronto. Já deu. The End. Corta.

Olha, já vi tempos mais amenos quando vovó passava meses lendo *Reinações de Narizinho* pra mim e pra minha irmã que não tínhamos que pagar conta, só viajar, sem cortes, com Narizinho, Pedrinho e Emíla, diretamente pro céu.

O Caderninho de Sacrifícios

Um dia meu pai descobriu que estava diabético e a família se reuniu, preocupada, na sala de jantar. Corri pro meu quarto e me abracei ao cachorro imaginando a morte iminente de papai até que minha avó veio em meu socorro explicando-me que diabetes não era uma doença tão grave assim. Desse dia em diante fui proibida de comer doces, porque, segundo meu pai, eu era a sua descendente direta na obsessão por açúcar, o que fazia temer pela minha saúde, já que diabetes é uma doença hereditária.

“Se minha mãe não tivesse me incentivado a comer doces, chamando-me carinhosamente de “formiguinha”, talvez eu não estivesse passando por isso”. Dizia meu pai, introduzindo na casa, o uso da sacarina. Mamãe e minha irmã aproveitaram pra fazer regime e entrar na forma dos anos cinqüenta. Só vovó se recusava a fazer dieta e continuava gorda e de cinta, fiel aos caprichos da moda impostos na sua juventude que ainda se reportava, com certeza, a Rubens, Goya... Passamos então a comer carne sem gordura e salada de tomate e alface, que eu mastigava com prazer, pois o fato de papai se preocupar comigo transformava em amor aquelas refeições insípidas. Me orgulhava também de acrescentar mais uma cruzinha no “caderno de sacrifícios”, guardado sigilosamente na gaveta da mesinha de cabeceira, como toda aluna do Sion.

É claro que podia comer açúcar na rua, pois afinal de contas eu só era uma diabética em potencial. E como passava a maior parte do tempo semi-interna no colégio, onde a comida era horrível, o tão temido doce ficava por conta das balas cor de rosa de bonequinho consumidas nas sessões de fim de semana no Metro e nos lanches da Colombo depois.

204

Condicionada as regras impostas por meu pai, e talvez, para continuar a agradá-lo *ad eternum*, mantive essa disciplina até hoje na minha casa, onde não entra açúcar e posso tranquilamente ir ao cinema sem balas (já que acabaram os bonequinhos cor de rosa) mas não dispenso os jantares nos restaurantes, com aqueles *couverts* maravilhosos. Posso ficar horas na Osteria me enchendo de torradinha com manteiga, comendo pão e tomando vinho, o que prefiro ao próprio prato. O duro é voltar a realidade do dia à dia e à dieta radical, substituto moderno das diversas práticas de tortura cometidas contra as mulheres, com o consentimento delas próprias. Pois à medida que a moda avança, volto à minha casa e lembro-me, fascinada, da empregada lá de casa amarrando o colete (quase espartilho) de vovó, do sutiã de arame da minha mãe, gênero Lana Turner, de suas cintas de borracha, dos cintos de lastex da minha irmã, apertando a cintura como a de Gina Lollobrigida e dos sutiãs meia-taça de Brigitte Bardot que seriam queimados pelas feministas na década seguinte. Em compensação a magreza obrigatória lançada por Twiggy na mesma época,

ressucitou a tuberculose, (enterrada junto com a *Dama das Camélias*) e lançou uma nova doença no mercado: a anorexia, que se perpetuou por anos, tornando-se famosa com Lady Di. Por que é que nós, mulheres, temos a necessidade de manter em dia o caderninho de sacrifícios, cujo objetivo é o de sempre acrescentar mais uma cruz ao sofrimento, a culpa e a obediência aos pais, mesmo depois de tantos anos de psicanálise?

E como uma mulher do meu tempo, pretendo refletir sobre isso no Spa da Lígia Azevedo, onde pretendo passar fome até me tornar uma Gisele Bündchen, dando graças a Deus por não ter nascido na China, quando a moda feminina exigia a atrofia dos pés...

O Outro

As pessoas perderam a qualidade de se comunicar ao vivo e a cores nessa época da comunicação. Fico muito impressionada com o pavor que se apossa dos homens diante da possibilidade de se aproximar do outro. Sei que esse novo costume não aconteceu do nada, que existe uma barra pesada nas relações humanas, contraditoriamente, numa época em que só se fala de interação, cultura interativa, etc., as pessoas fogem umas das outras como o diabo da cruz ou a cruz do diabo. O outro, é a ameaça. Real. Não psicológica como afirmava Sartre: "*O inferno são os outros*". O outro agora é sinônimo de perigo eminente e a gente passa a vida se protegendo do outro, se isolando do outro, sofrendo de uma terrível solidão por causa do outro. Bons tempos aqueles em que minha avó dizia: "*Cada ônibus que eu pego é um amigo que eu faço*". Agora as avós se despedem, com lágrimas nos olhos, dos netos, ao entrar nos ônibus porque essa pode ser sua última viagem.

206

Claro, é o outro que puxa o revólver pra você, é o outro que te rouba, é o outro que te avilta cobrando impostos extorsivos, é o outro que é corrupto e te faz pagar por ele, tudo isso é verdade. O mundo parece que se tornou um lugar contra e não a favor do ser humano. Mas existem muitas excessões. Difícil dizer isso, porque numa cidade perigosa como a nossa não dá pra aconselhar: abre a janela do carro,

fala com os menininhos que jogam bola no sinal, ouve o que a pessoa tem a te dizer na rua, aja um pouco com a intuição, com o coração em vez de generalizar o mal e se isolar numa torre com uma metralhadora apontada pro outro. Por que existe um diálogo com o outro.

Já fui assaltada várias vezes. Mas não por displicência, distração. Fico atenta no sinal, atenta na rua. Todas as vezes que fui assaltada foi por pessoas que vieram pra isso, que premeditaram o assalto, que, literalmente, me encurralaram, me tomaram de assalto de uma forma sem saída. Esses assaltantes foram indivíduos que surgiram do nada e que o destino ou seja lá o que for, fez com que eu cruzasse com eles na curva do caminho, mas nunca gente que eu olhei nos olhos e confiei.

207

Por isso continuo acreditando na minha intuição. Acreditando nas pessoas, acreditando no ser humano, acreditando no outro. Se não, em que mais, gente? Nem todas as pessoas do mundo estão armando ou armadas pra puxar o seu tapete, o gatilho, existe gente como a gente passando na rua, entrando nas lojas, dirigindo carros, passando fome... Não estou aconselhando a fazerem o que eu faço, mas as vezes não aguento e ajo como se estivesse numa cidade do interior ou há trinta anos atrás.

Outro dia fiz uma coisa que meus amigos acharam loucura. Ia pegar um táxi de Botafogo pro Leme e o

estava esperando na boca do Túnel Velho quando vi uma moça dirigindo uma Fiat, de janelas abertas. Perguntei a ela: *"Você me dá uma carona pra eu atravessar o túnel?"* A reação da mulher foi a de fechar o vidro na minha cara, em pânico. Como o sinal continuasse fechado, olhei-a no olhos e ela abriu o vidro e disse: *"Só te dou carona se você deixar eu olhar a sua bolsa."* Então eu ri, aí, de repente ela me reconheceu, abriu a porta do carro e disse: *"Pode entrar, isso é uma "pegadinha", né?"* Fiquei abismada pensando que como para ela eu era o outro, é claro que eu só podia estar armando, se não com uma arma real, com uma câmera escondida na bolsa. Entrei no seu carro e quando ela viu que eu não tinha câmera nem arma ficou ameaçada de novo. Disse que jamais daria carona a alguém *"de verdade."* Mas apesar de eu ser *"de verdade"*, acabamos batendo um longo papo porque o outro é você do outro lado.

Depois foi uma jovem negra com uma criança nos braços que bateu na minha porta pedindo comida. Não a fiz entrar, mandei-a esperar, mas levei-lhe comida. A moça ficou tão espantada que não conseguiu agradecer. Olhava pra mim e pra sacola que eu dei pra ela e me perguntava: *"Como? Isso é pra mim?"* Impressionada com a idéia de eu ter falado com ela, isto é com o outro." Contou-me então do marido assassinado numa obra, que viera de Belfort Rôxo pra pedir ajuda na zona Sul, e eu fiquei pensando como seria bom se eu pudesse dizer: *"Fica aí*

com o menino, tenho quartos sobrando...” Mas aí, é claro, seria loucura... Então entrei na minha casa e fiquei, sozinha, vagando pelos quartos e ouvindo o menino chorando na chuva lá fora pelo simples fato de eu não poder abrir a minha pra alguém que é o outro.

Difícil Comunicação

Os meios de comunicação são ambíguos. Dependendo do seu estado de espírito, um telefone, por exemplo, pode funcionar como uma bênção divina que se abateu de repente sobre você ou como o culpado absoluto de todas as suas angústias, ansiedades e depressões.

Quantas vezes, na minha adolescência, fiquei grudada a um telefone preto e fúnebre esperando alguém que não ligava, numa época em que ligar pra homem significava ser uma mulher fácil.

210

Às vezes, num tempo em que ainda não existia secretária eletrônica, punha-se a culpa na empregada desatenta, e no auge do desespero, telefonava-se pro amado, em questão, e perguntava-se, casualmente, com a voz doce e o coração aos saltos:

– *Você me ligou?*

Se ele respondia que não, o que obviamente acontecia, a desculpa era sempre a empregada que não sabia dar recado. Como se os rapazes fossem idiotas e não percebessem que a gente estava armando pra cima deles, assim como eles armavam pra cima da gente.

Mentia-se tanto pra “não dar cartaz”, ou seja: não demonstrar que se estava amando, que um

ex-namorado fez um amigo me ligar dizendo que ele estava passando muito mal e que eu precisava visitá-lo urgentemente. Chamei minha amiga Sonia, e preocupadíssimas, fomos direto pra casa dele, que se encontrava muito bem, debaixo dos lençóis, ao lado do amigo, passado. Os pais viajando pra Friburgo. Tinha inventado esse pretexto pra me ver. Saí de lá, péssima. Minha amiga perguntou o que é que tinha havido comigo e respondi que não sabia o que fazer para vê-lo outra vez. Se telefonasse pra ele, ficaria falada. Mas se ele também não podia ligar pra mim, porque, não ficava falado, mas “dava cartaz”, então pra que telefone? Era melhor um bom pombo correio, pois assim não teríamos que encarar ninguém nem responder na lata.

211

Pois agora me sinto na mesma situação com a internet. Os sentimentos não evoluíram. Só a tecnologia. Passo dias com medo de liga-la, porque se não tiver um e-mail dele, vou fazer o quê? Mesmo sem saber o que é, minha avó não admitiria que eu passasse e-mail pra homem. Pior ainda que telefonar, pois fica tudo registrado. Ali. Como prova. E eu obedeco. Não mando nem morta! Mas onde é que já se viu? Não adianta aperfeiçoarem-se os meios de comunicação, porque a insegurança continua arcaica. Não há tecnologia nem Freud que a desempaquem! Já gastei um dinheirão nos dois, em vão. Demonstrar amor continua sendo uma coisa vergonhosa. Como se a vida não fosse tão curta e a beleza tão necessária. Como se o tempo só desse pra se dizer coisas

práticas. Mas não teria sido mais prático ter dado cartaz, ficar falada, ser uma mulher fácil, do que perder o momento preciosamente preciso da vida que não volta mais?

Por causa disso fui andar na Lagoa. Só ela é generosa a ponto de me apaziguar com sua luz inigualável nessa época abençoada de clima frio e transparente.

212 Há tempos que não via o Rio tão bonito, com meninos pichando os muros floridos da Rua Visconde Silva de uma linguagem coloridamente indecifrável. Parei na frente deles que se assustaram, e quando elogiei o seu trabalho, deram um sorriso agradecido, de aparelho nos dentes e *piercing* na língua. Depois foi a amendoeira da beira da Lagoa se oferecendo em várias bandejas douradas. Minha avó a chamaria de "oferecida", mas ela não tá nem aí pra vovó. Transborda de amor e o demonstra com todo o seu corpo, sua vida. Passa o tempo todo dando cartaz.

A luz do céu contornando as núvens era ainda melhor que os efeitos especiais das Olimpíadas de Atenas. *"Talvez porque Cupido tivesse passado"*. Me disseram.

Lá estava também o homem do côco, (onde sempre comprei, desde que me lembro de andar pela Lagoa), agora um pouco mais gordo, com cabelos

ligeiramente grisalhos. E acionada não sei porque tecla lembrei-me de uma vez que, entretida na conversa com uma amiga, fomos embora sem pagá-lo. Então olhei pra ele e perguntei incrédula:

– *Você lembra que eu saí sem te pagar, há muitos anos atrás? ...*

– *Lembro muito bem.* Respondeu ele.

Paguei as duas águas de côco que tinha bebido há anos, sem juros nem correção monetária, em tempo de ler nas costas de um rapaz que passava de moto: *"Se você está conseguindo ler tudo o que está escrito na minha camiseta é porque a minha companheira caiu..."*

213

Então volto pra casa. As endorfinas emergindo do fundo do meu corpo transformam-se em felicidade e bom humor. E a energia vibrando na minha aura acende o computador numa inesperada ligação direta.

A Morte da Secretária

Quando cheguei do banco, encontrei-a agonizante, a secretária eletrônica, apitando seu derradeiro suspiro de angústia. Ainda repetiu a mensagem do tarado que me perseguiu durante doze anos: “Gostosa”... Depois desencavou um Eric Clapton centenário que eu tinha gravado pra fazer charme pra um antigo namorado, trouxe de volta um recado de uma tia que há muito já não se encontra entre nós, causando-me um arrepio na espinha, e depois de um longo bip deve ter ido encontrar com ela no céu.

214

Fiquei em dúvida se devia desligá-la dos fios, da tomada, do transformador, temendo ser prática de eutanásia. E se ela não estivesse completamente morta? Sim, porque hoje em dia ninguém morre de uma vez só. Não é como antigamente que morreu, acabou, reza por alma. Agora as pessoas viajam, atravessam túneis escuros, vêem luzes, ouvem vozes, encontram duendes, vagam pelo lado de lá e voltam pro de cá de repente, assim de supetão, matando a gente de susto. Antigamente, não. Com a exceção de Lázaro que ressucitou por milagre, ninguém ficava assim cheio de fios, meio morto, meio vivo. Também não tinha tomada nem transformador. Morreu, tava morto. Colocava-se uma pedra em cima do corpo e do assunto. Mas a secretária é moderna. Não morreu de vez. Continua apitando e piscando uma luzinha azulada feito fogo-fátuo.

Ah, meu Deus, e agora? Como é que eu vou viver sem ela? Eu, que sempre gostei de caixinhas de surpresa pra abrir depois e ficar imaginando o que é que tem dentro como nos antigos Natais. “*Já é meia-noite, mamãe?*” Perguntava, ansiosa, olhando os presentes coloridos em volta da árvore. Pois telefone sem secretária, é feito Natal sem presente. Aquela coisa direta, sem sutileza: “*Feliz Natal!*” numa voz seca, sem graça.

– *Desliga logo isso! Pede a filha acordando com os estertores da moribunda.*

“*Isso!*”... Mas que falta de respeito falar assim de quem me serviu tantos anos. Mal, é verdade, coitada, pois sempre teve problemas mentais. O que gastei com ela de analista... O último tratamento custou o preço de um aparelho novo e só durou quinze dias. Mas o que é que a gente não faz pra salvar uma secretária? Depois vem a filha e chama a pobrezinha de “*isso...*” Bem, mas se a gente vira “*corpo*” depois de morto, sem cara nem coração, uma secretária pode muito bem virar “*isso*” ou “*aquilo*”, dependendo da distância... Pronto. Agora é o cachorro da vizinha que desandou a latir com o barulho como faz com os fogos do Santa Marta no dia que chega a droga. (Antigamente chamavam-na de Santa, não sei porque depois de velha começaram-na a chamar de Dona Marta. Será que descobriu-se que a Marta não era tão santa assim?). Melhor desligar “*isso*” antes que a polícia pense que é um sinal... Não tenho coragem...

Quem sabe chamo o vizinho pra fazer esse serviço pra mim? Nada disso. E o feminismo onde fica? Não queimou sutiã na praça? Agora agüenta... Não tenho coragem. Não adianta. E se eu enterrasse a secretária debaixo da mangueira como fazia com os cachorros da minha infância? Ficaria menos culpada que ter de desligar sua sobrevida. E já ia pegando a pá que o pedreiro deixou no jardim pra fingir que ia voltar antes de fugir definitivamente por causa da imbatível goteira do corredor, quando ouço a campainha tocar.

– *Já chamei a polícia. Cochicha a vizinha portuguesa.*

216 – *Polícia?*

– *A senhora não ligou o alarme contra ladrão?*

– *Não. Respondo, aliviada. É a secretária eletrônica...*

– *Fazendo esse escândalo?*

– *É um pouco excêntrica... A senhora tem coragem de desligá-la?*

– *Por que não? Dá choque?*

– *Não... É só uma questão de consciência, uma culpa ancestral, enfim, nada demais pra quem não foi do colégio Sion...*

– *O que é que eu tenho que fazer?*

– *Deligar esses fios todos...* Digo com horror, me trancando no quarto pra não ver o assassinato premeditado, enquanto a vizinha puxa o transformador da parede fazendo a secretária deixar sua última mensagem: “*Gostosa*” ... na voz sussurrante do tarado, fazendo a portuguesa resmungar escada abaixo:

– *Podia ao menos esperar eu sair pra se trancar no quarto com um homem...*

A Corrente Interrompida

Abro a internet e o primeiro e-mail fala de coisas horríveis que podem me acontecer se eu não encaminhá-lo pra 50 pessoas. "*Cinqüenta?*" Argumento com ele. "*Não tenho tempo! Estou atolada de trabalho!*" "*Agradeça a Deus por ter trabalho.*" Diz o ítem 1 do e-mail. Tento fechar a internet, depois de agradecer a Deus, mas o carpinteiro que veio desempenar as portas me interrompe entrando no escritório.

– *Quando a gente começa uma obra nunca sabe o que vai encontrar, madame...*

218

"*Pronto. Começou a vingança do e-mail.*" Penso, apavorada. "*Melhor eu encaminhá-lo logo pras cinqüenta pessoas.*" E já ia começar a fazê-lo quando o carpinteiro me interrompe de novo.

– *Tá tudo ocado aqui dentro.* Diz ele batendo na aduela da porta pra me mostrar que está ôca.

– *Cupim?* Grito, em pânico, esbarrando num botão qualquer do computador.

– *Não. Humildade.* Tem até minhoca morando na *humildade* da porta...

– *Por que é que a senhora não arranca essa velharia e bota tudo de alumínio?* Pergunta a arrumadeira enquanto limpa a estante de livros.

– *Por que eu não gosto, Luizete.*

– *Ih...*

– *O que foi dessa vez, Seu Osvaldo?*

– *As drobadiça. Precisa trocar as drobadiça. Tá tudo enferrujado...*

– *Tá bom, Seu Osvaldo. Troca.*

Volto ao computador e a ameaça dos e-mails não enviados continua paralisando a mim e a seta que nunca mais se move.

– *A senhora percebeu como estão as talba do chão ali perto do banheiro?* 219

– *Não, Seu Osvaldo.*

– *Tudo solto!*

– *Já falei pra botar ladrilho, a senhora não gosta...*
Diz a empregada folheando o livro da Marília Carneiro.

– *Não gosto mesmo.*

– *Aqui a Betty Faria como tá bonita...* Diz Luizete me mostrando uma foto do livro.

– *É, tá linda.* Respondo com a cabeça no computador que continua travado.

– *Também tem que trocar as lâmpada e os grobinho do jardim. Tem uns quebrado ...*

– *Troca, Seu Osvaldo, troca. Quer trocar, troca, mas me deixa trabalhar em paz!*

– *A senhora devia botar tudo de prático. Arremata Luizete. Assim não quebrava mais.*

– *Nossa!*

220

– *O senhor me mata de susto, Seu Osvaldo, o que foi?*

– *Tá goteirando ali no corredor! Precisa subir lá em cima pra tirar as telha.*

– *Sobe, Seu Osvaldo, sobe.*

– *Não posso. Tá garoando. Já pensou se eu escorrego lá de cima, no limbo e caio aqui no pátio, morto?*

– *Vira essa boca pra lá, Seu Osvaldo!*

– *Ah, madame, na minha profissão eu já vi muito acidente...*

– *Seu Osvaldo, preciso ficar sozinha pra trabalhar, tá?*

– *A senhora quem sabe. Quer que eu suba em cima do telhado?*

– *Não!!!*

– *Nossa! Grita Luizete deixando cair o livro com um estrondo.*

– *O que foi?*

– *Pegaram o Saddam!*

Meu Deus! Será que ele também não passou o e-mail pras cinqüenta pessoas?

221

Agora sou eu que saio correndo até a televisão e vejo a alma de Saddam projetada no seu verdadeiro rosto, de olhar alucinado, dentro de um buraco, agarrado a 750 mil dólares numa caricatura sintética da ideologia moderna.

O carpinteiro dá uma martelada no teto e dentro da minha cabeça.

– *Tenho que ficar sozinha, pelo amor de Deus! Grito do escritório, angustiada.*

– *A senhora quem sabe. Diz o carpinteiro. Mas a ripa do teto tá despregada...*

Volto ao computador e tento desligá-lo. Está travado no ítem: "*Agradeça a Deus por ter um teto.*" Então eu agradeço, de joelhos, desligo o computador na marra, vou pro quarto, desligo a televisão e tomo um Lexotan. Sem água.

CQD

Depois de tantas formas de amor, o virtual. O primeiro e-mail chegou depois de trinta anos de ausência. E o primeiro e-mail a gente nunca esquece. Li e reli aquelas frases ali na minha frente umas dez vezes, formando uma idéia difusa, como se uma porta abrisse pro passado, como no filme *Peggy Sue*.

No dia seguinte outro e-mail e outro e outro, e assim durante um mês. E devo dizer que tudo ao som de *Baby, I love you* cantado pela Gal nos áureos tempos e de um incrível repertório que ia de *Cést si bom*, com Ives Montand querendo "*partir n'importe ou, bras dessus, bras dessous*" até George Michael, cantando *I'm gonna love you always*.

223

Depois desse mês virtual, o silêncio total. Telefonei pra minha amiga astróloga. Fomos andar na Lagoa.

– *Você gosta mesmo é de ficar sozinha*. Diz ela andando com um cigarro na mão.

– *Quem disse isso?*

– *Você*. Numa carta que me escreveu de Roma falando do mesmo namorado, numa época material, sem internet, quando carta ainda significava papel mesmo. Ali. Na batata: "... *agora que ele foi embora*

eu sinto saudades daquilo que eu queria que ele fosse. Por que ele não é daquela maneira que eu fico lembrando quando vai embora. Não o tempo todo. Por que se ele fosse sempre daquela maneira que eu gosto, a gente até virava um casal ..."

– *Será que virava?* Perguntei sem lembrar de ter escrito aquilo.

– *Virava nada.* Respondeu minha amiga. Não disfarça. Se ele fosse da maneira que você queria que ele fosse, você idealizaria logo outra maneira diferente pra ele ser.

224 – *Medo da mudança constante de humor do outro.* Dizia meu analista... Por causa da relação permanentemente instável com a minha mãe. O humor dela servindo de termômetro à harmonia ou desarmonia vigente.

– *Saco...* Análise mostra só uma ponta do iceberg. O seu medo de se relacionar com o outro vai mais além. Continuou a astróloga. É o seu Saturno na sétima casa. Enquanto não vencer esse impecilho não vai se relacionar direito com ninguém.

– *E a mãe não conta?*

– *Ah, não bota a mãe no meio, não. Antes da mãe já tinha Saturno.*

– *Pra me aporrinhar...*

– *Aporrinhar, não. Ensinar.*

– *Mas me diz uma coisa: por que é que as pessoas tem que ficar penduradas umas nas outras? Foi o Tom Jobim que inventou essa história de “é impossível ser feliz sozinho...”*

– *Por que o homem foi feito para viver com o seu semelhante. E as garças também. Diz ela olhando um casal de garças voando no céu. Deve ser um barato voar com o semelhante...*

– *Mas também é um barato voar sozinha. Tomar essa água de côco degustando-a milímetro por milímetro sem ter que me preocupar com ninguém, só com o líquido gelado escorrendo pela minha garganta... Se o outro, por exemplo, estivesse ao meu lado, tomando outra água de côco, eu ia ficar preocupada se a água dele estava tão boa feito a minha e essa preocupação iria tirar metade do meu prazer de tomar água de côco. “Azedar o meu almoço como nas discussões em família.”*

225

– *Ih, lá vem o analista outra vez. Diz minha amiga. Com todas essas flores coloridas brilhando nas árvores e você falando de passado... O passado já foi. Já era. A gente só tem que lembrar dele pra deixar ele ir embora mais rápido. Cada e-mail que você recebe e manda é uma saudade que você sente de si mesma, ainda jovem, de posse do futuro e sem biografia definida.*

– *Eu gosto da presença do outro, é claro. Mas tenho uma necessidade enorme de ficar sozinha. E “outro” nenhum compreende isso. Digamos que eu goste de voar junto como as garças, mas de posar sozinha. Não gosto de nada full-time. Me dá aflição.*

– *Aflição ou medo?*

– *Medo de quê? Não tenho medo nenhum do outro. Adoro me apaixonar.*

– *Se apaixonar quer dizer não se aprofundar. Você gosta mesmo é de receber um e-mail dizendo “I love you” como nos filmes de Hollywood. Bota esse cara aqui, materialmente, ali, na batata, que vai dar tudo errado. Chega de ser Peggy Sue, já deu. É melhor mudar o filme pra Back to the future. Até porque a gente não tem mais tempo de lero-lero de ir e vir. Já foi. A biografia tá feita. E de bom tamanho, acha não?*

– *Na verdade, não tenho mesmo do que me queixar... Gosto de ficar sozinha...*

– *C.Q.D. Diz minha amiga jogando o terceiro cigarro fora.*

– *CQD?*

– *Hum hum... Responde ela. É Matemática... Como Queríamos demonstrar...*

As Voltas que o Mundo Dá

Quando a filha de uma amiga declarou estar perdidamente apaixonada por um “marron provocante” e a mãe achou graça, concluí que os hábitos da burguesia tinham mudado de fato, desde *Adivinhe quem vem para jantar*.

Muita coisa foi se transformando depois que o comportadíssimo Sidney Poitier surpreendeu com sua cor escura os pais brancos da namorada, num dos primeiros filmes americanos que engatinhava ainda numa denúncia ingênua contra o racismo.

Com a mudança radical de comportamento que teve início na década de sessenta, a interpretação impecável do ainda negro de “alma branca” criada por Poitier, foi substituída na vida e nas telas pela rebeldia dos *Black Panthers* que passaram a chocar os conservadores (de todos os preconceitos), com seus incríveis *despenteados afros*, afirmando com o punho em riste que *black era beautiful*. Tão *beautiful* que até a atriz e ariana pura, Bo Derek, ousou copiar Bob Marley trançando, a la caribenha, seus lisos cabelos louros, o que causou sérios problemas de racismo, ao contrário com o Movimento Negro, que pra se estabelecer no mundo abusava do radicalismo.

Mas graças a Deus despontou no horizonte a era pós-moderna que recebeu os cabelos afros, as

trancinhas do Caribe, a retomada da escova, o alisamento japonês, os *crioulos* ou o laquê de Doris Day com a naturalidade adquirida pelo *déjà-vu* que coloca negros, brancos, gays, héteros, transformistas e bofes no mesmo saco *blasé* do novo milênio. (Com algumas excessões, naturalmente, como a proprietária de um apartamento no Condomínio Golden Green, que talvez por ser emergente ainda não tenha chegado à tona da modernidade, ousou discriminar a família de Ronaldo, o ...Fenômeno!)

228

Mas voltando a 2002, o fato é que os meninos da favela passaram a inspirar o visual e os corações das patricinhas da zona Sul e esses *marrons provocantes* mostraram que são bons também como atores além de sempre terem sido reconhecidamente bons músicos. Depois do *Nós do Morro* arrasar em Cidade de Deus, foi Lázaro Ramos que me deixou tão *mexida* com sua inspirada interpretação de *Madame Satã* que fui parar na Cobal de Botafogo pra tomar alguns chopes. De pé. Feito *cowboy*. Pra esquecer a miséria, a violência, a indignidade e a injustiça da nossa cidade de Deus ou de São Sebastião. Só depois de um ligeiro *distanciamento brechtiano*, causado pelo álcool, é que mudei de astral, consegui sentar e pedir uma pizza, decidida a só ver o *Ônibus 174* na próxima semana, que ninguém é de ferro.

Então, entrando, felizmente, num clima oposto, lembrei, divertida, de uma história de Madame

Satã, a própria, que fará, para sempre, parte do anedotário da minha geração de atores.

Um conhecido diretor de teatro, baiano, assumidamente gay, que foi meu ótimo professor de interpretação no MAM, namorava um ator famoso e foi passar com ele um fim de semana romântico na Ilha Grande, onde Madame Satã estava preso, porém, em liberdade condicional – podia circular pela ilha.

Quando o casal passou pelo malandro, com o diretor baiano fazendo charme pro namorado mais moço, gesticulando muito e recitando Macbeth, Madame Satã que tomava sol no jardim não resistiu e gritou da porta do presídio: "*Bonecas também?*"

229

Não sei de que maneira a história foi parar na *Fiorentina*, reduto de artistas e gozadores da década de sessenta. O fato é que cada vez que o casal despontava no restaurante, os vários elencos ali espalhados pelas mesas se catucavam, e numa brincadeira devidamente ensaiada, levantavam ao mesmo tempo de suas cadeiras perguntando em uníssono: "*Bonecas também?*"

Esperando a Telemar

230 Tanto o fim de ano no campo como o início do novo ano aqui em casa foram surpreendentes. Surpreendentemente agradáveis, Pra ninguém botar defeito. Às vezes você está meio de saco cheio, achando que tudo é um *déjà-vu*, que é melhor nem acordar porque já sabe de cor e salteado no que é que aquele dia vai dar, que festas de fim de ano são um saco, então vem Deus, resolve dar uma lição na gente e diz: "*Vou mostrar pra essa mal-agradecida como a vida é maravilhosa*". E aí, assim, do nada, começam a acontecer coisas inusitadas. Você conhece pessoas novas, lugares novos, ou pessoas e lugares já conhecidos mudam de astral, de conceito, se transformam porque no fundo era você que os via de outro jeito. Enfim, Deus, quando quer, faz dessas gracinhas. Foram assim as minhas festas. Cheias de gracinhas de Deus. Tanto que até uma caixa nova de Olcadyl que levei pro campo sumiu, e eu não fiquei nem aí pra ela.

Mas então entrou em cena a Telemar...

É que meu primo está dando um tempo aqui em casa e resolveu colocar uma linha extra de telefone no quarto dele junto com uma secretária eletrônica. Então liguei pra ela, a Telemar! Foram educadíssimos, finérrimos. Quer dizer, as vozes gravadas na máquina eram muito bem educadas. Todas. E olha que liguei pra uns oito números diferentes, fora

quando caía a ligação. Disseram que em 48 horas estariam aqui em casa fazendo o serviço, e em meia hora vieram. Mais meia hora pra colocar a nova linha. Meu primo e eu, maravilhados. Despedimos do funcionário (educadíssimo também) e eu comentei: *"Tá vendo que competência? Coisa do Lula... E você que votou no Serra, lembra?"* Meu primo emburrou e eu fui ligar da minha antiga linha pros amigos, dizendo que voltei do campo, etc... Tudo mudo! A nova linha, um biju, mas a velha tinha ficado muda, provavelmente de ciúmes da outra. Liguei outra vez pra Telemar e eles vieram de novo! Rápido! E consertaram a linha velha. Dei graças outra vez ao governo Lula pela competência da operação. Meu primo emburrou de novo até perceber que eles não tinham ligado sua secretária eletrônica e eu me dar conta de que a internet estava em curto. Saí do sério, fiquei maluca, liguei os 450 números que a Telemar, educadamente me pediu na gravação e ainda tive de agüentar meu primo dizer: *"Quem mandou votar no Lula..."* Implorei à voz gravada que mandasse alguém, que eu era jornalista, pelo amor de Deus e ela respondeu: *"A Telemar agradece."* Mas agradece o que? Por ter me enlouquecido? Me tirado do sério? Cadê meu Olcadyl, droga! Vou mandar a crônica como? Meus vizinhos não estão... Vou a um cyber-café. Nunca tinha me metido em nenhum antes. Achei estranho que a média de idade das pessoas ali, fora o instrutor, fosse de dez anos!!! DEZ ANOS! Ficaram todos me olhando extasiados, como se eu fosse uma

pedófila. O que é que eu poderia querer ali? “*Escrever um texto*”. Disse ao único funcionário, espécie de babá que toma conta de umas 300 crianças que jogam os mais variados games, sempre com muita arma e muito tiro, muita morte, aos gritos de “*papa frag!*”, aos palavrões, e como se não bastassem esses 300 computadores atirando, defronte a eles, uma televisão ligada em *Malhação*. Aos berros, naturalmente. O funcionário mandou eu sentar em frente a um computador e ligou a internet. Abriu-se diante de mim a possibilidade de milhares de sites. Quase liguei pra Cora Ronay, de desespero, mas o funcionário estava mais perto e perguntei: “*Como é que eu entro no Word?*” O homem disse que não tinha a menor idéia, que ele era só segurança e nunca tinha ouvido falar em Word na vida dele. Peguei meu dinheiro de volta. Fui pra casa, bufando. A Telemar não passou mais. Enjoou de mim. Meu primo tenta ligar a sua secretária eletrônica. “*Oi, querido!*” diz ele deixando recado pra ele mesmo. Depois liga de novo pra ver se gravou o recado e... nada! Mas nada funciona mais nessa casa de loucos. Quando contei da minha aventura no suposto cyber-café, meu primo deu gargalhadas e me explicou que eu entrara numa *Lan House*. Concluí que isso é uma espécie de creche moderna, e ele continuou a explicar que é lá que os *newbies* participam de *counter-strikes*, onde TRs lutam contra CTs e que em Dallas, por exemplo, o vencedor pode receber 100.000 dólares e na Itália, uma Ferrari, que os meninos aprendem rapidinho a dirigir...

Depois dessa explicação sucinta, fui tomar um copo d'água pra me recompor pensando que o máximo que a gente ganhava no jogo de víspera no colégio era um saco de bala de bonequinho pra chupar quando crescesse, esperando a Telemar...

O Chamado de Deus

Foi na década de setenta que se começou a *virar*: "*Fulano virou?*" Perguntávamos, *blasés*, vendo mais um amigo, outrora tradicionalíssimo, aparecer de *kaftan* indiano tipo saia, unhas pintadas de verde ou de baton e de barba. As mulheres também *viravam*, e ex-donas de casa exemplares apareciam de vestido de cetim e chuteiras pretas, de braço dado com a ex-melhor amiga a quem passavam carinhosamente a chamar *de meu bem*.

234

Estou me referindo a *virar gay*. Isso valia pra homens ou mulheres. Meninas que *sapateavam* ou rapazes que "*embarbisavam*", "*embunecavam*", depois de anos *guardados no armário*. Alguns nem estavam guardados, nem *viravam* geral, mas davam uma viradinha de leve, assim tipo *fui*, só pra não serem chamados de ultrapassados, numa época experimental onde era obrigatório se experimentar de tudo: droga, sexo e *rock' n roll*. Hoje em dia quando se diz: "*Fulano virou*", quer dizer que virou crente, evangélico, Sara Terra Nostra, Sara Terra Vostra... Ex-ator vira pastor e funda a igreja *dos Cafajestes dos últimos dias*, ex-socialite vira perua de Deus... Enfim, já vi gente virar o diabo, no sentido figurado da palavra, não nesse que estão dando à ela hoje em dia, cruzes!

Semana passada apareceu uma moça com a bíblia debaixo do braço, no restaurante, perguntando se podia pregar. "*Pregar?*" Perguntei, incrédula.

"*Aqui?*" Ela me olhou com a cara que se olhava, em 68, pra alguém que se achava *alienado*, respirou fundo e respondeu firmemente: "*Aqui.*" E com muita paciência me explicou que tinha conversado com Jesus e que ele tinha lhe dado permissão pra pregar. "*Jesus?*" Me assustei de novo. "*Conversou com Jesus assim... em sonhos?*" "*Não.*" Respondeu. E com a calma de quem antigamente, explicava o que era um baseado pra um careta, declarou: "*Falei com ele pessoalmente. Ele. Jesus. O Nazareno, e Ele me deu permissão pra pregar, certo?*" "*Certo.*" Respondi. Vou lá discutir com Ele?

Aí começou um tal de o meu Deus é que é bom, o seu não tá com nada, que me assustei, porque daí pra virar talibã é um pulo!

235

Na falta de ídolos, já estão querendo fazer do Bin Laden um Che Guevara. Vi (várias vezes) um documentário sobre ele na Net dizendo que ele dá a roupa do corpo a quem estiver precisando. Um Robin Hood moderno. Acredito. E com a vontade que se tem de torcer pelo bandido contra o *cowboy*, com a revolta que se sente olhando a miséria do Oriente, com os Estados Unidos investindo bilhões de dólares na guerra em vez de gastá-los pra reconstrução do que já destruíram, com o mistério que se faz sobre a vida de Bin Laden e a necessidade que se tem de um mito, Osama, lá nas alturas das montanhas tem tudo pra virar um deles. Só não dá pra esquecer que aquela gracinha misteriosa, com figurino descontraído, voz pausada e olhar de guru do bem, manda

espancar ou matar as mulheres que não estiverem cobertas, luta contra todas as conquistas que a duras penas e muito capengamente fomos conseguindo, é devoto de um deus que assassina, explode vidas inocentes e está envolvido diretamente com o tráfico de heroína mundial. Tudo isso é esquecido em favor do surgimento de um novo ídolo, porque é difícil viver sem eles. Mas houve uma transformação no mundo que as pessoas não estão percebendo. É que os ídolos não estão mais fora de nós. Os que vieram antes já deram o seu recado. Os ídolos agora estão dentro de nós mesmos e só a consciência individual pode mudar o coletivo. Não tem mais esquerda nem direita, só volver. Pra dentro. Porque por fora, pode parecer estranho, mas essa é uma guerra em que não se torce por ninguém. Não tem nem Fla nem Flu. Pode parecer utópico, setentista, ingênuo, mas enquanto o coletivo não muda prefiro engrossar o coro dos artistas e idealistas do mundo inteiro: imaginando *all the people living life in peace...* enquanto arrasam o Afeganistão com a fome e os Estados Unidos com a vontade de comer.

... Por que daí pra virar talibã, é um pulo. O meu Deus é que é bom, o de vocês não tá com nada e começa uma espécie de Fla-Flu num Maracanã repleto sobrando pra quem não é nem Fla nem Flu, muito pelo contrário. Porque antigamente a gente tinha heróis, gente. Cada um mais legal que o outro. Na falta deles agora, querem fazer de Bin Laden um Che Guevara... Me poupem! No especial

que vi na Net sobre ele, o cara tira a camisa do próprio corpo pra dar pro vizinho... E como muitas vezes a gente fica por aqui com os Estados Unidos matando o Guevara, o Allende, fazendo Operação Condor e outras barbaridades mais, e não se tem mais herói... dá aquela tentaçãozinha de torcer pelo bandido em vez do mocinho americano vestido de *cowboy*.. Mas já vimos que os dois são dose, gente. Não se sabe é de que tamanho...

Por que eu sou cada vez mais mística. Fico aí *buscando* o tempo todo. No Oriente, no Ocidente, no caminho do meio, vou pro johrei, faço daimoko, meditação transcendental, meditação do Maharish, do Rajneesh e acho que tudo vale a pena se a alma não é pequena e te faz entrar em sintonia com o universo. Portanto, longe de mim, criticar toda e qualquer religião. Acho que cada um é chamado pra um tipo de comportamento, sabe Deus, necessário ao seu crescimento espiritual, já que cada um está num nível. Mas tem cada um, que Deus do céu, que nível! O Pastor Caio Fábio, por exemplo, que eu achava bacana, como é que foi se meter numa fria daquelas, pagar aquele mico de quinta, do dossiê Cayman? No meu tempo Cayman ia pra Barranquilla (*se vá el Cayman, se va el Cayman*, cantava Ruy Rei nos filmes da Atlantida), hoje vai pra Miami onde a cada segundo se constrói uma nova Casa da Dinda com o dinheiro da Casa de Deus. Isso não pode dar certo... Acho até legal a banalização da prática, antes chamada oculta, do *ocultismo*, propriamente dito, porque você pega um livro da Blavatsky, por exem-

plo, que é divina, maravilhosa, mas vamos combinar que não dá pra leigo entender, então vem o Paulo Coelho, prático e moderno, e dá aquela *Janete Clairizada* aquela clareada geral no lance. Tá certíssimo. Tá aí o Gasparetto que não me deixa mentir, afirmando no Jô Soares "que na casa dele os fenômenos são tão freqüentes que ninguém mais se espanta..." "Hoje mesmo", contou, "minha avó (morta há trinta anos) apareceu na sala. Então chamei minha mãe gritando: Mamãe, vovó tá aqui!" Ao que a mãe respondeu: "Meu filho pergunta o que ela quer porque eu tô ocupada, passando roupa!" É o sinal dos tempos. Ninguém mais o perde com elocubrações. As religiões são unânimes em dizer que é tudo pra agora: o Paraíso na Terra... *Paradise now*, eu acredito, tudo bem. Mas acho uma má compreensão do fato ficar entupindo o computador dos outros com e-mails de gnomo que fala com fadinha em cima do cogumelo, na frente do duende, amiguinho do Sací, assim como acho *over* uma feira de adesivos com Jesus estampado entre James Dean, Che Guevara, Xitãozinho e Xororó, uma faixa escrita: jiu-jitsu, outra *Como criar galinhas* e outra *Cachorras X Tchutchucas*. Também não quero julgar ninguém, quem sou eu, mas cá pra nós, pôxa, precisava se gritar nas igrejas, nos *playgrounds*, no rádio, nos cabeleireiros e bares da cidade inteira: "É ele? É ele! E pra ele, nada? Pra ele tudo! Jesus! Jesus! Jesus!" em ritmo de rock globalizando o mundo num insuportável programa de auditório?

O Desemprego

Meu amigo, desempregado, se entediava bárbaramente em casa. Quando acabou a última torta de maçã do *Sabor de Pecado*, teve a idéia de telefonar pra uma agência de massagens. Veio um rapaz simpático. Chamava-se Elias. Meu amigo só queria conversar. Um tédio... Uma solidão...

Ofereceu-lhe um uísque. O rapaz não bebia em serviço. No meio daquela falta de assunto, meu amigo contou que era cenógrafo. O rapaz não tinha idéia do que isso significava. Meu amigo explicou o que era um cenário e como os fazia para a televisão. Pronto. Tinha pronunciado a palavra mágica. O rapaz aceitou o uísque. Afinal de contas, estava na casa de um artista. Sentiu-se à vontade. Sentou-se na melhor poltrona e perguntou pelos seus ídolos. Depois quis saber se não tinha emprego pra ele.

239

– *Fazer o quê?* Perguntou meu amigo, espantado.

– *Massagem... Falar nisso, o senhor não quer uma zinha no pescoço?*

– *Não me chama de senhor. Não se preocupe. Vou pagar direitinho a sua hora mas não quero massagem, só quero conversar.*

O rapaz aceitou outro uísque já que não se achava muito bom de conversa. Depois descontraíu-se, contou da vida difícil que levava no subúrbio dando

um duro danado na agência de Copacabana pra ganhar uma comissão ridícula... Coisa humilhante... Rachava o aluguel com um colega de trabalho. No aniversário da noiva teve que fazer um empréstimo e ainda tinha que mentir pra mãe, mineira, que estudava Medicina...

Meu amigo escolheu um vídeo pra verem juntos. Era um musical da Metro. No meio do filme o rapaz estava aos soluços. Meu amigo escondeu a garrafa de uísque. No final do filme o rapaz assustou-se com o adiantado da hora.

– *O que é que eu vou dizer na agência, meu Deus do céu? Seu Fidélis me mata!*

240

– *Pago as horas extras. Consolou meu amigo.*

– *Não desmarquei os outros clientes... Um dia cheio, o senhor sabe, com essa chuva...*

– *Pára de me chamar de senhor!* Diz o dono da casa estendendo-lhe o dinheiro. O rapaz dirigiu-se ao elevador alaromadíssimo com a hora.

Meu amigo fez mais um uísque depois dormiu o sono dos bêbados e acordou no dia seguinte com um estranho telefonema matinal.

– *Seu Fidélis? Não, não conheço ninguém com esse nome. Que Elias, meu senhor?*

Sentou-se na cama fazendo um esforço de memória um tanto lesada pela ressaca.

– Agência? ... Claro, lembro... O que é que tem? O quê? O senhor ficou louco? Eu não mato uma mosca, imagina se eu ia bater em alguém! Aliás, basta olhar pro rapaz e pra mim, aquele homenzarrão de dois metros de altura! O Elias foi parar no hospital? Ora, meu senhor, deve ser um engano... O quê? O senhor quer conversar comigo pessoalmente? Tá bom, pode passar aqui em baixo no bar... Responde meu amigo louco pra tomar uma cerveja pra melhorar a ressaca.

Às dez em ponto da manhã, Seu Fidélis se aproximou, muito sério, com uma pasta na mão. Diria-se um crente. Sentaram-se em desconfortáveis cadeiras de alumínio coloridas que reverberavam ao sol queimando os últimos neurônios do meu amigo, já consumidos pela bebida. Meu amigo ajeitou os óculos escuros.

– Olha aqui, Seu Fidélis, não é do meu feitio bater em ninguém. Olha bem pra minha cara.

– Quem vê cara não vê coração. Rebateu Seu Fidélis. Não é a primeira vez que isso acontece lá na agência. Essa profissão tem desses riscos. Mas o senhor exagerou! Mandar o rapaz pro hospital! Nem pôde atender os outros clientes...

– *Hospital?* Perguntou meu amigo num esforço de raciocínio começando a compreender que Elias tinha inventado aquela história pra se redimir dos compromissos faltados em prol do filme musical na tv.

– *Olha aqui, Seu Fidélis, vamos acabar logo com isso. Nunca batí em ninguém, deve haver um engano, de qualquer maneira estou disposto a qualquer coisa pra me livrar do senhor e desse encontro kafkiano. Me diga, por favor, o que o trouxe aqui? Dinheiro?*

Seu Fidélis se ofendeu. De jeito nenhum queria dinheiro.

242 – *Então me diga, pelo amor de Deus, o que é que o senhor quer de mim?*

Seu Fidélis baixou os olhos, e numa voz velada, respondeu timidamente: “*Eu quero apanhar também...*”

O Perigo Iminente

Estar apaixonada era uma necessidade, uma mania. Uma constante. Um perigo iminente. Como se eu tivesse a imunidade baixa, sujeita a esse tipo de doença. Ficava roxa. Me trancava no quarto de olhos abertos no escuro, olhando o teto. Não queria ver ninguém. Nem mesmo o amado em questão, já que este, era, em geral, uma espécie de fantasia, um pretexto pra desencadear em mim o processo latente que se repetia da infância. Qualquer coisa podia deslanchar aquela avalanche: um bigode, uma boca, uma mão... pronto: caía de cama.

Mamãe se preocupava:

243

– *Tá lá estirada de novo...*

Talvez fosse um problema genético, se bem que eu fosse a única estirada da família. Ninguém ficava assim. Minha irmã era mais objetiva, mais prática. Não dava “cartaz” pra ninguém. Papai dizia:

– *Homem não gosta de mulher estirada.*

– *É culpa minha, é?* Gritava da cama abraçada a uma almofada imensa. – *Homem não gosta é de nada! Saco!*

Ficava febril, suspirava pelos cantos. Mamãe levava susto.

– *Que foi, minha filha?*

– *Aquilo, mãe.*

– *De novo?*

Talvez se desse uma volta na Lagoa melhorasse... E lá ia eu de tênis liberar endorfina pra ver se esquecia do resto. Debalde. Ficava olhando as garças pousadas numa pedra fazendo um quatro com as pernas pra fingir que não estavam de porre. Tá certo... só eu que sou doida, né?

244 Quando caiu a tarde não me contive e gritei pra uma moça que corria com um *smile* no peito: “*Que barato, né?*” A moça perguntou indiferente: “*O quê?*” “*A vida!*” Mas a moça não via, andava em “braile” preocupada em superar a corrida da véspera. Mas de que sorri então? *Smile* de que se não via nada? Eu via tudo. Entendia tudo, mais ligada que as antenas do Sumaré que me faziam sinais numa linguagem surda-muda. Respondia por gestos, dava adeus, ria. Reparava até nuns insetos minúsculos transando em cima de um graveto. E ria. Tornava-me canastrona, boba... parecia aqueles livrinhos de auto-ajuda. Via anjos, falava com as borboletas. Todo mundo apressado. Pra quê? Para nada!

– *Apressadinho come cru!* Gritava chamando a atenção, pagando mico, dando um toque. Não adiantava. Ninguém entendia. Não se interessavam.

Às vezes sentava no banco pra apreciar a lua crescente, alheia àquela correria desenfreada. Ninguém reparava que tinha lua no céu, quanto mais banco na margem da Lagoa... E tinha. De azulejos portugueses e tudo. Daqueles azuis e amarelos como os dos claustros dos mosteiros. Lembrei-me então de um sonho recorrente, quando me via sentada num catre puxando a camisola por cima dos joelhos e olhando uma janela de grades que filtrava a lua. Saía voando por ela fazendo fiau. Gostava de voar, de me apaixonar. Era uma coisa atávica. Uma marca registrada, um traço de caráter. Tinha me viciado naquilo e achava bom. Feito alcoolismo. Ou droga. Como a minha tia-avó com o Pif-Paf. Não importava perder. Queria era mais. Ficava criativa, inventava moda... gostava de todo mundo. Falava com os mendigos. Tinha uma pena deles... se pudesse levava tudo pra casa. Dava banho, penteava, dava comida... numa dessas levei um cachorro perdido que botei no jardim. Vovó ficou danada..

– *Agora cuida!*

Ah, meu Deus! Cachorro dava um trabalho!

Também ficava esquecida. Dava recado errado pra mãe:

– *Sua amiga ligou.*

– *Que amiga?*

– *Aquela...*

Não dizia coisa com coisa. “*No ninho do mafagafo tem três mafagafinhos...*”

– *Essa menina não tá batendo bem...*

Estava em transe... A primeira vez que me apaixonei foi em Quitandinha, num baile infantil de carnaval quando ainda existia lança-perfume. Zum... O menino estava fantasiado de tirolês e olhou pra mim puxando os suspensórios de flores com os dois polegares. Pronto. Subi pro quarto e fiquei a noite toda pensando nele. Zum...

246

E por aí foi. Um estado quase permanente de alteração. Só variando o objeto de desejo. Cheguei a ter medo de perder essa capacidade de ficar entregue. É que tinha passado algum tempo sem me apaixonar. Fiquei seca, triste, murcha... Completamente opaca. O olho sem brilho. Tive um medo horrível que a vida um dia pudesse ser assim insossa. Credo! Mas Deus teve pena e mandou logo um outro tirolês, munido de suspensórios e lança-perfume. Zum... foi o tempo de chegar em casa e atender o telefone.

– Tô indo pra aí.

Pronto. Pensei, aliviada. Começou tudo outra vez...

O Estranho Jantar

Foi no fórum, dia desses, onde fui servir de testemunha num processo, que encontrei o casal. Ele com 82 anos, ela com 78. Estavam se divorciando para se casarem outra vez com os namorados atuais! Muito amigos os dois, acompanhados do filho cinqüentão. Eu já os conhecia de Paris, quando ele era ministro, não me lembro na época de que presidente. Foi há muito tempo e fiquei contente de vê-los tão bem. Ela muito magrinha e elegante como sempre. Ele, bem, embora um pouco surdo. Combinamos de nos rever. Então o filho deles ligou um dia, convidando para um jantar na casa da namorada onde os pais estariam livres, isto é, sem os respectivos-futuros-cônjuges, numa espécie de despedida de solteiros. Disse também que eu encontraria velhos amigos.

247

A primeira pessoa que encontrei foi um ex-namorado que nunca me perdoou o fim do namoro, que acabou com ele dando socos na parede do seu apartamento até o vizinho reclamar e eu aproveitar a deixa pra sair correndo. Estava sozinho. Depois encontrou uma mulher que não suporto, uma das únicas pessoas no mundo que me fazem sair do sério.

O jantar era sentado e pra poucas pessoas. O ex-namorado ficou defronte a mim, a mulher que não suporto, também. Graças a Deus, um arranjo de flores escondia parte deles. Fiquei com torcicolo de tanto puxar conversa com o senhor ao meu lado,

que eu jamais vira, mas que até a sobremesa, virou amigo de infância.

Depois do jantar e de alguns vinhos, o ex-namorado se aproximou e conversamos animadamente como se nada de ruim algum dia tivesse acontecido entre nós. O ex-ministro e a ex-mulher estavam juntos, amigos e falantes. Ele contando histórias de um modo amplo, geral e irrestrito, ela se atendo, femininamente, aos detalhes das mesmas. Um casal que se completava até nos pontos e parágrafos. Porque será que se separou? Vai ver que por isso mesmo... Quem sabe os pontos e parágrafos tão previsíveis já estivessem precisando de algumas reticências ou de um bom ponto de exclamação?

248

Os convidados passaram a beber uísque e ficaram cada vez mais animados. Eu parei de beber vinho e fui ficando com sono. A mulher que me tira do sério começou a me provocar falando com o meu ex-namorado sobre assuntos gerais mas que também me diziam respeito. Pensei em fazer um escândalo, gritar, jogar o copo na cara dela, mas claro que em vez disso me levantei e avisei que ia embora.

O ex-namorado se levantou e disse que iria comigo. O casal de "ministros" me pediu carona. Eu disse que meu carro era pequeno, mas ele, surdo, não entendeu. Descemos os quatro no elevador. O casal, alegre, comentando a festa. O ex-namorado, tenso, com a minha saída brusca. Chegamos no carro e o

ex-ministro perguntou, espantando:

– *Que carro é esse?*

Eu disse:

– *Ford.*

– *O quê?*

A ex-mulher respondeu quase gritando:

– *Ford!*

Ele retrucou:

– *Imagine! Então não conheço um Ford? Isso nunca foi Ford!*

249

Meio sem graça eu expliquei que tinha avisado que o carro era pequeno.

– *O quê?* Perguntou o ex-ministro. E depois de nova explicação da mulher ele disse:

– *Pequeno, não. Mínimo! Vamos pegar um táxi.*

– *Quer ser assaltado essa hora da manhã?* Gritou a mulher.

Quando abrí a porta do carro me lembrei que a cadeirinha do meu neto estava no banco detrás. O

ex-namorado tentou tirá-la mas o fecho da cadeira travou e não houve santo que a liberasse. A mulher do ministro informou:

– *Vou sentada nela*. E antes de eu dizer que ela não caberia, ela já tinha se acomodado na cadeira cheia de bolinhas coloridas pra criança brincar. O marido foi ao lado. O ex-namorado na frente, meio de porre. Perguntei onde ele ia ficar e ele respondeu que iria comigo pra minha casa. Levei um susto e disse que o deixaria na porta da casa dele. Ele se enfureceu e disse que se eu queria me livrar dele então era melhor que o deixasse no meio da rua. E saltou, de madrugada, em plena Lagoa deserta. O ministro perguntava o que tinha acontecido. A mulher, na cadeirinha, explicava que tratava-se de uma *amitié amoureuse* e que ele não se metesse.... Eu gritava que não tinha *amitié amoureuse* nenhuma.

250

– *O quê?* Perguntava o ministro.

– *Amitié amoureuse!* Gritava a mulher, detrás das bolinhas coloridas.

Parei defronte ao edifício do casal. A mulher saltou, fagueira, da cadeirinha. Mas o ministro empacou. Não conseguia sair do carro de jeito nenhum. Um pouco sem graça, estendi-lhe as mãos pra ajudar e ficamos eu e a mulher puxando-o, com toda força, pelos braços. Então ele reclamou do carro: *“Isso nunca foi Ford!”*

E aí, depois que saiu e se acalmou, virou-se pra mim e disse:

– Sabe? Aos oitenta anos a gente pode disfarçar tudo. Cabelo a gente pinta, sobrancelha a gente pinta, unha a gente pinta, mas perna a gente não pinta, não!

Tempos Blasés

O namorado, fotógrafo bem sucedido que trabalha na noite, tinha de cobrir um evento badaladíssimo na Barra. Então minha amiga me ligou durante o jornal das oito, morrendo de ciúmes.

– E se ele resolver ficar com aquela perua que botou silicone na boca e fez um narizinho micro que não combina com as bochechas?

– Gente, mas aquela mulher é muito esquisita! Comentei vendo o massacre de Bangú 3 na televisão. Por que ele haveria de ficar com ela?

252

– Por que a mulher não para de passar e-mail, telefonar, chamar pra fazer fotos particulares, dá medalhinha da campanha da aids, nariz de palhaço pela paz...

Mudo a tv de canal e vejo um pouquinho da tortura, no Iraque.

– Esse negócio de trabalhar na night, é dose, sabia? Continua ela.

– Sabia. Respondo vendo a cabeça do prisioneiro de guerra rolar pelo chão.

– E depois, meu analista falou que ele tinha outra.

Disse até o nome dela...

– *Gente, mas isso não é análise, é fofoca...* Falo ao telefone vendo os judeus explodindo parte da Palestina.

– *Também acho. Admite minha amiga. Mas adoro meu analista, adoro meu namorado, então resolvi fingir que não ouvi e continuei com os dois: namorado e analista.*

Um massacre em Bangú 3 acontece entre os chefes do Comando Vermelho e dos Amigos dos Amigos. Os corpos mutilados deixam o presídio enquanto um preso baleado é esquecido lá dentro.

253

– *Perfeito. Então, não vai se aporrinhar por causa de uma pobre peruca de nariz micro e boca de silicone. Deixa ela se divertir...* Digo distraída, olhando um cadáver deixar a Rocinha num carrinho de mão.

– *Pois é. Continuou minha amiga. Eu vou é fazer um número irresistível pra quando ele chegar.*

– *Então, merda!* Despeço-me com a saudação que se usa pros atores prestes a entrar em cena.

– *Obrigada.* Responde minha amiga. *Boa noite.*

– *Boa noite.* Digo bocejando, ouvindo um barulho meio surdo que me distrai da entrevista de um filho

que nega ter assassinado os pais em São Paulo.

– *Que foi isso, Helena?* Pergunto a empregada que dormiu na minha casa por causa de um ônibus queimado na Linha Amarela.

– *Nada não senhora. Uma AR-15...*

– *Ah...*

Dou uma zapeada na tv e dou com o terceiro ciclone passando pela América do Sul.

Desligo tudo, pego o livro novo do Fernando Sabino e mal começo a ler, minha amiga liga de novo.

254

– *Delegacia?* Pergunto espantada, ao telefone. *Mas você não ia fazer um número pro seu namorado?*

– *E fiz.* Responde ela, do celular. *Sabe aquela camisolinha de cambraia transparente que a Ornela Mutti usou naquele filme que nós vimos nos anos 80 que não me lembro o nome?*

– Han...han... Respondo vagamente, morrendo de sono. O que tem ela?

– *Mandei fazer uma igualzinha.*

– *O quê? Fala mais alto que o morro tá atirando!*

– *A camisola da Ornela Mutti!* Diz ela gritando.

Lembra?

– *Lembro... Minto com preguiça de fazer um esforço pra lembrar da camisola de uma atriz num filme dos anos 80. Sei...*

– *Pois é. Coloquei-a grudada ao meu corpo, em cima da pele, calcei um sapatinho tipo boneca igual ao da Ornela e quando ouvi a chave entrar na porta lá de casa, peguei uma taça de champanhe, fui até a janela, bem sexy, e fiquei olhando pra ele, que ficou louco, me agarrou, me beijou e quando estávamos no auge da paixão olhei lá pra baixo de repente e vi que estavam roubando o meu carro. Então dei um grito, saímos correndo, pusemos uma roupa rápido e viemos aqui pra delegacia dar parte.*

255

– *Eu bem que te avisei que li a entrevista de um ladrão, na Veja, dizendo que se amarrava num Ford Ka... Você deixa o carro na rua...*

– *Deixei só enquanto esperava o João, depois a gente ia sair pra jantar... ladrão maldito! Continuou minha amiga. Roubou meu carro e cortou a minha onda... O João foi pra casa, exausto. Será que eu posso dormir aí?*

– *Vem, concordei. Mas dá um tempinho que o Santa Marta está atirando.*

– *Bobagem... Responde ela, daqui a pouco, passa...*

O Qüiproquó

Queria me vestir de vermelho como manda o atual figurino, mas meu guarda-roupa parece o de uma viúva recente, daquelas de Machado de Assis, Eça de Queiroz. Tudo preto, azul-marinho, cinza chumbo, cruces... nem um lenço, uma meia que fosse, nada. Tudo negro! Essa mania de emagrecer. Tá na hora de usar um vermelhinho básico pra dar um alô naquele amor reprimido, naquele grito contido, naquele samba no escuro... Vermelho-cheguei- finalmente, vermelho-vai-passar-nessa-avenida-um-samba-popular. Debalde. Do meu guarda-roupa não sai vermelho. Procurei nas coisas da minha filha. Muito vermelho pra nada. Manequin 38, há! E aquela faixa que circunda barriga e bunda, a chamada faixa etária, como é que entra num tamanho *small*? Não há santo que faça. Não é uma questão de gordura. Com o perdão da má palavra é de idade mesmo... é um pacote que a gente adquire com ela, uma espécie de kit aporrinhção que vem junto com os fios de cabelos brancos e os óculos. De longe, por que os de perto já tinha até me habituado fazendo charme com eles no restaurante na hora da conta, mas quando se começa a achar que a televisão tá com defeito e o amigo mais jovem, ao seu lado, quer saber "mas que defeito?" aí a coisa pega. Mas voltando ao vermelho, a única coisa que achei nesse tom foi um baton de três anos atrás, (ainda por cima, agora só uso marron). E lá ia eu, o baton ressecado, talhando nos lábios berrantes.

A empregada perguntou onde eu ia maquiada daquele jeito. Meu neto de dois anos disse que eu tava com cara de palhaço. Não entenderam o espírito da coisa. Decepcionada passei um *Kleenex* rápido naquela pasta indelével que de tanto eu esfregar me deixou com boca de silicone. Meio Sra. Simpson... Tudo pra mostrar pro povo que eu pertencia ao novo Comando Vermelho. Aquele do bem, claro. Minha filha ponderou que se era pra me inserir no contexto, por que eu não colocava o capacete de operário que eu usara numa escola de samba que saí um tempo atrás quando desfilei com uma patota em homenagem a Zuzu Angel.

Resolvi a questão usando um tipo luto aliviado, vestida de negro com uma estrelinha do PT dando o tom otimista e me mandei, atrasada, pra Fiorentina.

257

Comentava-se a campanha do Lula, *Fome Zero*, na mesa de traz, quando uma inusitada discussão começou na nossa. Uma amiga disse que o Dirceu tinha sido *trocado*. O cara ao lado entendeu "drogado". "*Não diga isso agora que não pega bem. O Dirceu é o Presidente do PT, acabou de ganhar as eleições e você começa a espalhar que ele foi drogado?*" "*Eu que espalhei? Saiu até no jornal!*" Disse ela tirando um exemplar da bolsa. "*No jornal?*" Levantou-se ele, indignado. "*Pronto. Começou o patrulhamento. Querem difamar o Dirceu.*" "*Difamar por que?*" Perguntou a amiga. "*Foi*

*nos anos 70, o que é que tem?" "Pra mim, nada." Gritou ele, já histérico. "Todo mundo era drogado nos anos 70, pra mim tá limpo, eu entendo, mas esse pessoal é muito careta... drogado... Eu sabia que ia sobrar pro Dirceu!" E num ataque de fúria mudou-se pra mesa do Carvana, ao fundo, deixando a ex-amiga boquiaberta com a página do jornal na mão onde se via a foto do José Dirceu, em 72, entre os companheiros que foram *trocados* pelo embaixador americano.*

Paixão e Chocolate

O bom do começo ou do final do ano é que nos permitimos, sem culpa, toda sorte de excesso. Como se baixasse uma entidade que ficasse soprando nos nossos ouvidos: *"Vai comprar essa roupinha, vai filhinha, vai filhinha! Vai comer esse docinho, vai filhinha, vai filhinha!"*

Não sou uma pessoa consumista e só compro mesmo alguma coisa, se acontece por essa coisa um amor irresistível à primeira vista, a ponto de chegar em casa e ficar com ela na cabeça. Feito homem. Ou rola uma paixão, de cara, ou não estou nem aí...

"Mas ele é tão bom pra você, tem dinheiro, posição, bens..." Podem dizer os amigos. Não adianta, se não rolar, não há posição, dinheiro ou bens que preencham aquela falta de graça! Fazer o quê, meu Deus? Pra mim tudo funciona assim: amor à primeira vista ou zero. E isso serve pra roupa, sapato, carro. Não me ligo neles, em geral, mas quando, de repente, me apaixono por um sapato na vitrine de uma loja, pronto, vira idéia fixa, obsessão. Pode custar os olhos da cara que eu compro. Minhas grandes paixões sempre aconteceram de repente, do nada. Sei perfeitamente quando estou ferrada e que não vai ter jeito. E claro, por causa disso, de não pesar devidamente os prós e os contras, leva-se alguns gatos por lebre, é natural... Já com os objetos, não. Objeto é mais objetivo. São o que são, não mudam

de humor depois que a gente os conhece mais a fundo. Se compro um sapato dourado, ele vai ser sempre dourado, não é como alguns homens que só são brilhantes por algum tempo. E não adianta tentar engraxar porque são falso brilhantes... Tenho sapatos de dez anos aqui no armário, e cada vez gosto mais deles. Quanto mais velho, mais a gente cria intimidade, cumplicidade, afeto... Já meus casamentos nunca duraram mais do que cinco anos... Acho que escolho melhor os sapatos... Agora mesmo estou toda ansiosa, porque me apaixonei por um par deles, na Cantão. Separei-os pra mim e só penso naquilo... É fim de ano e acho que mereço tudo, mesmo que vá me encalacrar depois.

260 E como se não bastasse o consumismo, despertei também para a gula, como sempre, nesse final de ano. A culpa foi de umas trufas enviadas pelo Sabor de Pecado dentro de uma caixa de chocolate maciço com tampa coberta de frutas secas a guisa de pedras preciosas, como um pequeno cofre saído das *Mil e Uma Noites*.

Foi paixão à primeira vista. Daquelas brabos, que te deixa irracional. Tranquei imediatamente a caixa na geladeira, com ciúmes, e a cobri com um plástico vulgar por causa dos ladrões. Toda hora abria a geladeira, levantava o plástico e ficava ajoelhada defronte a caixa, tirando-lhe pedaços. Escondida de mim mesma. Por que a gula é um pecado tão sensual que a gente acaba cometendo-o em sigilo, trancada

no quarto escuro, para que ninguém suspeite. Não sei se pela culpa que a sociedade nos impôs desde a adolescência: não engordarás, não comerás doce, açúcar mata, olha o colesterol... Ou se foi a Igreja Católica que determinou que gula é pecado, quem é puro faz jejum. Sei lá quem veio primeiro se o ovo ou a galinha, o fato é que só consigo ter com o chocolate uma relação pecaminosa e a dois. Mesmo no fim de ano quando tudo é liberado, o chocolate, não. Só fico à vontade com ele, a sós. Desisto de qualquer programa, fico entregue, como a uma paixão perigosa e excludente. Desligo o telefone, sumo, não falo com ninguém. Minha amiga, preocupada, aconselha-me na secretária eletrônica. "Pára! Excesso também tem limite!" E eu nem aí. Até o namoro acabar, quer dizer, até acontecer aquele enjôo mortal e irreversível que uma hora pinta, em relação a homem ou a chocolate.

261

Meu pai era assim. Felizmente, só em relação a açúcar. Por causa disso ficou diabético. Pudera! Papai era o rei do exagero! Na véspera de Natal mandava a cozinheira fazer uma torta de nozes só pra ele. Nós, tínhamos as nossas. E pra garantir a dele, trazia, de repente, do quarto, sua calçadeira de sapatos e comia a torta usando-a como colher, para não haver perigo da gente querer roubar-lhe um pedaço. Nós, crianças, nos divertíamos também quando ele pegava o bolo inteiro de cima da mesa, de repente, e fugia com ele lá pra dentro, como um gato ladrão.

O bom das festas de fim ou começo de ano é que trazem com elas um espírito de aventura, de bem estar, de prosperidade, de confiança, de opulência, de desperdício, de certeza de que não vai faltar, de que Deus dará, mesmo que isso seja apenas uma hipótese: *"Uma coisa que não é, mas que a gente finge que é, para ver como seria se fosse."* (Barão de Itararé).

Hotel Quitandinha

Quando li sobre a CPI dos Bingos no jornal me lembrei das minhas férias em Quitandinha, quando era pequena, em Petrópolis. Isso porque eu era apaixonada pelo hotel que oferecia todas as mordomias que uma criança pode almejar na vida: em primeiro lugar: uma piscina quente, outra fria. Só frequentávamos a quente, é claro, (que era novidade na época), dentro de um salão azul que tinha eco, e cujas paredes eram pintadas com peixes e polvos. Ainda me lembro do frio lá fora e a gente quentinha dentro d'água de maiô inteiro olhando pelo vidro e touca de borracha a la Esther Williams. A piscina fria era de água natural e ficava dentro do lago, cercada por pedras e pedalinhos que chamávamos de "gaivotas". Alguém inventou que uma mulher tinha se matado no lago, e que um dia, uma criança pegou uma espécie de planta e puxou de dentro d'água. Então, apavorada, a criança viu que não era planta o que ela tinha nas mãos, mas os cabelos da mulher morta que trouxeram junto a sua cabeça decomposta. Babá contava essa história sempre que tomávamos o barquinho, para que eu e minha irmã não metessemos a mão dentro da água escura do lago.

Fora isso, tinha o salão de jantar das crianças com bichos pintados na parede: onças, leões e imensos tigres de boca aberta, o cheiro de lança-perfume no ar, os artistas de Hollywood no bar e uns gram-

pos louros da Lana Turner, que minha babá, se ajoelhou, compungida, no chão, para pegá-los no tapete do corredor que dava pros quartos, guardando-os numa caixinha como relíquia sagrada.

Íamos também aos bailes infantis onde meu coração batia dentro da fantasia de tirolês pelo garoto do ginásio que esnobava me achando pirralha, mas lançando ao mesmo tempo olhares significativos por cima dos confetes e serpentinas que coloriam o chão de mármore preto e branco do chão.

À noite ouvíamos a música que vinha dos bailes dos adultos e dormíamos ao som de *"Jardineira, porque estás tão triste?"* ... *"Um dia encontrei Rosa Maria na beira da praia a soluçar..."*

264

Melhor do que isso era verdadeiramente impossível. Quitandinha era o paraíso. Mas papai e mamãe afirmavam que: *"O hotel já não era mais aquele depois que o Dutra fechou o jogo. Tinha sido muito mais animado antes..."* E seus amigos falavam mal do Dutra e de Dona Santinha *"que era uma carola e por causa dela se fechou o jogo no Brasil."* Agora vem o Lula e dá uma de Dona Santinha, gente? Se o problema é dinheiro de bicheiro, por quê não acabam também com as escolas de samba, com o carnaval? Não vem tudo da mesma fonte? Não é tudo farinha do mesmo saco? E a CPI do Valdomiro, nada? Não é meio esquisito tudo isso? Estou achando esse governo igualzinho ao do Dutra, só

que mais decepcionante, porque quanto ao Dutra, que eu saiba, ninguém tinha a menor expectativa... Mas a geração 68 que lutou contra a ditadura, que foi exilada, torturada e morta em prol da liberdade e da justiça, que hoje está no Poder, era uma geração de missionários, de heróis. Foi a primeira vez na vida, desde que me entendo por gente, que votei acreditando que "nós" (sim, porque me sinto parte dessa geração, pelo menos na idade) íamos, finalmente, mudar o Brasil. Como poderia imaginar que depois dele ter virado "um imenso Portugal", na época da ditadura, o Brasil virasse agora uma nova Quitandinha, como ela é atualmente: caída, pobre, decadente e triste por causa do jogo eterno dos políticos, o qual não há Dona Santinha que dê jeito. Pensei, ao contrário, (e ainda tento acreditar na tal da virada, sou otimista) que a alegria contagiante como aquela que eu sentia nas férias, tomasse, finalmente conta do país inteiro. Que o povo não ficasse de fora, no frio, mas pudesse nadar em piscinas e lagos sem que o mesmo cadáver putrefato emergisse mais uma vez do fundo da história trazendo medo, insegurança e desesperança. Que todos pudessem comer nos restaurantes sem que as feras desenhadas nas paredes saltassem, de boca escancarada, de repente, abocanhando, famintas, a comida do prato. Que pudéssemos sentir o perfume da honestidade e da mudança no ar em vez de continuarmos tratando os políticos americanos como artistas de Hollywood, ajoelhando-nos diante deles como Babá com os grampos louros de Lana

Turner e os governos diante do FMI. Gostaria que a alegria dos velhos carnavais se alastrasse contagiando o povo e que cantássemos e dançássemos com serpentinas e confetes colorindo o chão da cidade, sem ver mais nenhuma Jardineira triste ou Rosa Maria à beira da praia, a soluçar.

Os “Pontos” e os Flashmobs

Imagina se em 1968 a gente tivesse um *flashmob* na internet só pra reunir a estudantada na rua gritando: “*Abaixo a ditadura!*” Tinha que haver um código, claro, pros milicos não chegarem antes da gente e caírem de pau, mas se fôssemos internautas naquela época, teríamos tido, muito antes, uma democracia no Brasil.

Bill, o inventor da “turba instantânea”, (tradução literal da coqueluche que abala o mundo através da internet), diz que criou os “agrupamentos relâmpagos”, por mera futilidade, sem objetivo nenhum. Que pena... que força incrível teriam os *flashmobs* com objetivos definidos... O psicanalista Erik Itakura afirma que tais manifestações refletem o desejo de ser ouvido e que no coletivo, isso é possível. A gente, pra ser ouvido no coletivo, cortava uma lenha!

267

Tinha-se que marcar um “ponto” (lugar de encontro) numa esquina determinada, (tudo isso ao vivo e a cores, porque telefone era censurado) onde o interessado via o interlocutor parado, em geral, fingindo que estava lendo um jornal, e passava reto olhando o outro de soslaio pra não dar bandeira, mal conseguindo ouvir a informação urgentíssima da reunião no próximo “aparelho”, (lugar destinado a reuniões políticas). Era um perigo porque às vezes a pessoa entendia errado e não podia voltar pra perguntar direito porque o companheiro pa-

rado no ponto já tinha se mandado ou sido preso. Então virava aquele jogo que tinha no colégio chamado “telefone sem fio” que cada um ia passando a informação pro colega ao pé do ouvido até o conteúdo da mensagem virar um disparate.

Se a pessoa entendesse e transmitisse certinho o recado, se todo mundo conseguisse comparecer a hora certa à reunião no aparelho, se todos conseguissem driblar os pais, os colégios e ir as passeatas, também não era fácil fazer a turba instantânea ouvir nossos líderes que subiam em postes como o Vladimir Palmeira pra arrasar com a ditadura em tempo relâmpago. Não íamos rosnar pra um Tirano-sauro Rex que decora uma loja de brinquedos em Manhattan, como os *flashmobs*, mas para o exército brasileiro que respondia com bala! Mas mesmo que a coisa naquela época tivesse sido muito séria (e bota séria nisso), a gente era jovem! E jovem é irresponsável, gente! Por mais sério que seja inventa logo uma diversão, não obedece o advogado, não fica quieto. Se não, não é jovem!

268

E foi por isso que quase fui presa durante uma peça de teatro: *O Avaro* de Molière, onde eu fazia Marianne, a Mocinha. Procópio Ferreira fazia o Avaro. Era a sua volta ao teatro, em 69, vinte anos depois. A peça era ele. Ele era um sucesso estrondoso, o gênio da comédia que nos fazia rir o tempo todo, nós, pobres atores estreantes. Ouvia as nossas conversas do camarim ao lado e dava um jeito de

repetí-las em cena sem que ninguém notasse, só nós. E tínhamos de prender o riso até as lágrimas. O que se discutia, em geral, no camarim, era a que bar se iria no final do espetáculo, o Varanda ou a Fiorentina. E estávamos justamente nessa discussão uma vez, quando chegou o dono do teatro, Orlando Miranda, pra me dizer, discretamente, que a polícia estava no escritório pra prender o Marcos, meu namorado, líder estudantil, na época, que iria me buscar no meu fusca na porta do Príncipeza Isabel, mesmo estando procurado e proibido por seu advogado, Marcello Alencar, de por o pé na rua. (Os jovens são assim, Marcello, *sorry*...).

Fui falar com o policial no intervalo da peça, toda vestida de época. O homem jogou uma foto do Marcos em cima da mesa, disse que tinha me visto com ele e perguntou onde ele estava. Respondi que em Minas, sei lá porque. O policial disse que a sala estava cercada e que se eu estivesse mentindo ou contasse pra alguém que eles estavam ali, iria presa também. Fiquei apavorada pois Marcos viria me buscar no final da peça. Saí dali e fiz uma reunião com alguns atores simpatizantes no meu camarim. Pros outros, não podíamos abrir nada, pois o elenco era grande e as ideologias variadas. Thaís Portinho, saiu vestida de Molière pra telefonar pra minha irmã, da padaria da esquina (ainda não existia celular) pra avisar ao Marcos que não viesse me buscar, enquanto nós, no camarim, resolvemos prolongar a peça pra dar tempo dele

chegar na porta do teatro e encontrar minha irmã em vez da polícia, que estava lá dentro e só sairia de lá no final do ato. Pra isso retomamos o texto que o diretor tinha cortado nos ensaios sem avisar aos outros atores.

Entramos em cena e vimos os policiais cercando a platéia, na certa pensando que Marcos estava lá dentro. Minhas pernas tremeram. Metade do elenco começou a dizer o texto antigo, que tinha sido cortado e a outra metade, estarrecida, ficou furiosa, achando que era deboche. Isolda Cresta, uma das atrizes, que fazia Frosine, chegou a levar um tapa de um colega. Eu entrei em cena antes do tempo pros atores verem que tinha alguma coisa séria acontecendo. Isolda chorava. De repente olhamos pra platéia e vimos minha irmã com o Roberto Bonfim e Heloísa Buarque de Holanda. Minha irmã sacudiu as chaves do meu carro pra eu ver que estava tudo bem. Metade dos atores se abraçaram em cena e choraram de alegria. A outra metade não entendeu nada. A filha pequena de Isolda gritava da platéia: "*Bateram em mamãe!*" E Procópio, achando que era mais uma brincadeira nossa, olhou pra gente e perguntou: "Então: vamos ao Varanda ou à Fiorentina?"

Dia de Votação

Levo menos de um minuto pra votar numa escolinha em Botafogo. Os mendigos de sempre estão espalhados na Voluntários por onde passo por algumas pessoas fazendo boca de urna. Pergunto a um dos moradores de rua se melhorou de saúde e ele me responde: "*More or less...*" O cachorro me faz festa. Acho que sou querida nesse meio de onde já levei um deles pra um abrigo indicado pelo Viva Rio onde ficou para sempre. Os outros não querem ir. Preferem beber. Dizem pra mim: "Não está na hora ainda." Acho que a hora é mesmo a de morrer ou um pouquinho antes.

Livre do voto num domingo sem chuva vou caminhar na Lagoa e fico pensando no tempo que meus pais levavam pra votar, quando eu era pequena. Mamãe se vestia com um *tailleur* e salto alto, vovó, de chapéu, meu pai, não. Meu pai era mais esportivo e sempre me lembro dele de jeans e mocassin.

Saíam de casa cedinho e voltavam no fim da tarde, exaustos. Minha mãe suada de enfrentar a fila do banco, onde se votava, numa época pré-ar condicionado, ia direto pra cama, de mau humor.

E enquanto meus pais votavam no Brigadeiro, minha irmã e eu ficávamos cantando a paródia do Pirata da Perna de Pau, tendo o Getúlio como personagem principal. "*Eu sou o Getúlio, já fui dita-*

dor, eu sou pai dos trouxas, eu sou senador...Minha galera tem quinze anos de navegação, trouxe a miséria, o câmbio negro e a inflação. Por isso se sou pai dos pobres, sou mãe dos ricos em compensação. Ao Borghi, já dei muita roupa. Roupa de algodão!"

Se as empregadas chegavam perto, a gente parava de cantar pra não ouvirmos o discurso à favor do Getúlio. Babá chegava a chorar de desgosto por causa da gente. É claro que não entendíamos uma palavra do que dizíamos, mas adorávamos cantar a música que tínhamos escutado em Quitandinha, durante o Carnaval, em meio a confetes e lança-perfume rindo às gargalhadas com uma turma de garotos. Papai achava graça. Vovó, falta de respeito e nós adorávamos a polêmica e a discussão que comentávamos no quarto do hotel, antes de dormir, abrindo a caixa de madeira de lança-perfume Rodouro.

272

– Papai disse que a gente só não pode cheirar. De jeito nenhum. Dizia minha irmã. Por que será, hein? Vamos experimentar?

Foi minha primeira transgressão. Minha irmã esguichou a lança na beirada do lençol e demos uma cheirada forte. Ficamos às gargalhadas e começamos a dançar no quarto, ouvido zunindo, cantando O Pirata da Perna de Pau com letra do Getúlio. Babá, que passava roupa no quarto ao lado, entrou, furiosa, e nos pegou com a boca na

botija. Agora, além da letra abjeta que cantávamos a todo pulmão arriscando acordar o hotel inteiro, ainda cheirávamos lança! Ameaçou chamar papai. Fez um escândalo, disse que podíamos morrer. Tirou a lança de nossas mãos e foi embora batendo a porta.

Nós ainda ficamos com mais duas Rodouros, pois Babá esqueceu que a caixa de madeira continha três delas. Mas faltou coragem pra continuar a farrá. O escândalo de Babá tinha valido a pena. E se a gente morresse como aquela menina que morreu no colégio e foi enterrada com o uniforme do Sion, na capela? Ou como o Getulinho, filho do Getúlio, que tinha um túmulo no São João Batista que Babá nos levava pra ver? Desistimos da lança. Mas o lençol molhado com ela podia ter nos intoxicado pois por muito tempo ainda o senti gelando os meus pés.

273

Anos depois, também em Quitandinha, aprendemos uma musiquinha com uma letra trocada que falava da Martha Rocha. E uma vez, na mesma sala de pingue-pongue, nossa turminha cantou a música enquanto ela passava no hall.

"Todo o Brasil se ufana dessa miss tão bacana... Martha, não confunda, o concurso era de miss e não de bunda..."

Babá nos deu uma bronca de novo. Estávamos rindo de um patrimônio nacional. Martha Rocha era

como o Garrincha, o Pelé.

Só porque ela perdeu o concurso por causa de duas polegadas a mais, isso não nos dava o direito de criticá-la. Nós todos concordávamos em que Martha era linda. Só queríamos nos divertir. Mas Babá levava algumas coisas à sério e Getúlio Vargas e Martha Rocha eram duas delas. Sagradas. Intocáveis.

Volto pela mesma Voluntários, depois da caminhada na Lagoa e da viagem à Quitandinha, encontro os mesmos mendigos espalhados na rua e despeço-me deles que me respondem com um aceno: "*Bye-bye.*"

Mulher-escudo

Fiquei fascinada pela manifestação mundial pela paz que acontecerá no Iraque onde os participantes servirão de escudo humano contra a investida americana naquele país. Vi, inclusive, na tv, um brasileiro entre eles, despedindo-se da namorada pra mergulhar nessa aventura, muito risonho e contente como se fosse abraçar a Lagoa Rodrigo de Freitas com o Gabeira, defendendo-a da poluição. Gostaria de participar dessa enorme passeata... Como é que podemos ficar olhando, tranquilamente da nossa cama, em frente a Globo News, as tropas americanas desembarcando no Golfo ao custo de 300 trilhões e 600 milhões de dólares (não consigo nem imaginar o que é isso) pra arrasar países inteiros e matar meio milhão de pessoas, quando essa quantia daria pra exterminar a miséria do planeta e reconstruir o mundo? Foi me dando uma coisa, um ataque de justiça... Como é que se pode assistir quietinha a mais esse holocausto? A cara do Bush, a puxa-saquisse do Tony Blair? Me deu um saracutico em frente a televisão que só penso em aderir a esse evento e pegar o ônibus que cruza a Europa junto com a turma da paz, como se fosse uma trupe de teatro viajando pelo mundo pra encenar, quem sabe, o último samba no Iraque? Se Aderbal topasse, poderia dirigir... Não ia sobrar pra ninguém. Camilla Amado concorda em ir como atriz convidada. O problema é que até pra fazer parte dessa peça precisa de patrocínio... captar recursos...

Ando tão cansada da palavra captação... recursos... Ai!... Quem sabe o Falabella ajuda? Vai ser um espetáculo super-popular, Miguel, e comercial também, com o povo do mundo inteiro cantando *We are the world!* Mas se alguém me desse uma chance de viajar como atriz de antigamente, sem regalias, sem hotel cinco estrelas, sem revista *Caras* fotografando a despedida de avião, tipo circo mesmo, eu também ia. Numa ótima. Mesmo que a classe teatral decidisse se reunir antes pra discutir o assunto no Joquey. Tudo bem, eu até aguentava. Fazer o quê, né? Só quero ir. Se morrer, morro feliz, cantando e lutando que é o que sempre fiz na vida. Quero ir. Fiquei obsessiva. Só penso naquilo... Porque essa coisa de guerra, petróleo, racismo, ficou tudo muito antigo, ih!... Tá na hora da virada! Será que os Silveirinhas não percebem que foram trocados pelos Silva? Que estão no governo errado, que ficaram mais antigos que Collor, PC, Anões do Orçamento (lembra deles?) Georgina do INSS, Juíz Lalau e Operação Uruguai juntos? Que o Bush tá falando sozinho, que ninguém quer mais cafagestada no poder? A hora é essa. Da virada do Bem contra o Mal. Não dá mais pra ficar olhando. "*Você que é explorado, não fique aí parado!*" Dizíamos em 68 convocando o povo pras passeatas. Tô falando sério. Se alguém souber como é que se realiza esse sonho de virar mulher-escudo me inclua nessa e *bye-bye Brazil*. Me amarro num *road movies*. Sou igual ao Cacá. E não vou morrer, não, gente, porque Deus é brasileiro!

O Sinal Continua Fechado pra Nós...

No fundo meu pai gostava do Brasil, é lógico, senão, teria emigrado, ido embora pros Estados Unidos, seu sonho de consumo. O pretexto é que não podia largar os negócios no Rio e dizia pra mim: "*Minha filha, foge. Esse país não tem jeito.*" Eu ficava dividida. É claro que eu gostava de viajar. Mas mais ainda do que a neve, a patinação no gelo, os shows do *Radio City*, o que me fascinava nas viagens era a calma. Ninguém brigava na família. E como eu era pequena, ficava achando que as brigas aconteciam por culpa do Brasil. Ainda não sabia que o bom humor, à disposição, a curiosidade e as alegrias pelas pequenas descobertas eram características inerentes ao turista, eterno privilegiado a quem tudo e todos só expõem o que há de melhor. Não era a toa que quando me perguntavam, o que eu queria ser quando crescesse, respondia: "*Turista*". Por que quando pensava na possibilidade de papai viajar pra sempre, deixar definitivamente minha casa, meus cachorros, minha babá, ia dormir aos soluços. Na minha cabeça, minha casa era o Brasil. Depois compreendi que era mesmo. É com ele e com os brasileiros que me identifico, que sinto piedade, amor e carinho. Nasci com uma noção definida de justiça e ficava confusa quando presenciava qualquer tipo de ato que a contrariasse. E foram muitos que presenciei desde pequena. Os "moleques" do morro apanhando do jardineiro português por serem moleques e do morro, injustiça das freiras no

colégio cometidas contra as meninas pobres que serviam às ricas ou às meninas judias, que a gente chamava pejorativamente de "judéias" (sem ter idéia, naturalmente, do que isso significasse), até a tortura no Brasil.

278 Presente às passeatas em 68, no Rio, eu achava, ao contrário do meu pai, que o Brasil tinha jeito. Meu namorado, líder estudantil, na época, vivia me dizendo: "*Espera a gente tomar o Poder.*" É claro que eu achava aquilo impossível. Uma rapaziada de vinte anos com o Poder na mão... Passei anos imaginando como seria a minha geração no Poder. A geração 68, o mesmo "elenco" das passeatas gritando, orgulhoso, em uníssono: "*O povo unido jamais será vencido.*" Achava a minha geração o máximo. Revolucionária na política, nos costumes, na vida.

Então, depois de 34 anos, eles tomaram o Poder, de verdade. Não na raça como Fidel, Che Guevara, mas no voto, o que era uma coisa mais do que comumente, extraordinária. Fui pro encontro do Lula com os artistas no Canecão, aos prantos. O Brasil tinha jeito. O sonho em vez de acabar, tinha se realizado! Era uma recompensa e tanto! Eu não dormia pra ver os noticiários e o Lula na televisão.

Pagava mico por causa dele no supermercado. "*Ignorante é a senhora! Alienada! Careta!*" la deixar falar da minha geração?

Pois agora, nesse exato momento, dez meses depois do Canecão, ando tão decepcionada com os fatos... Quem sabe não deveríamos mesmo ter tomado o Poder aos vinte, quando ainda éramos heróis intolerantes? Será que novamente, como dizia Belchior, *"Eles venceram e o sinal está fechado pra nós?"* Mas "eles" quem, cara pálida? O Poder agora não somos "nós"? Infelizmente acho que "nós" nunca seremos nós... e que "eles" é uma espécie de entidade do Mal, um tipo Exú, que no lugar da liberdade, sempre abriu as asas sobre nós, seja sob a forma de imperialismo, globalização, ou outro apelido mais moderno impedindo-nos de sermos nós. Porque se fosse a verdadeira ideologia de 68, quer dizer, se fôssemos "nós" que estivéssemos no Poder, por que é que os expoentes máximos dessa geração, os mais competentes e brilhantes estariam pedindo demissão? O Gabeira, O Luiz Eduardo Soares, por que é que tentam afastar o Dr. Joaquim Ribeiro do Rio Transplante e tomar seu registro de médico? Por que será que apoiam a liberação dos transgênicos, as usinas no Amazonas, que camuflam a tortura do Araguaia, que a ecologia está um caos? Com que direito demitem funcionários, trocam orçamentos em favor do Fome Zero, despindo um santo pra vestir o outro se o projeto ainda nem saiu do papel? Por que será que o povo continua sem transporte descente, que vetaram o metrô, que não tem escola, saúde, direitos, por que é que nada em favor do povo, da classe média, dos idosos, que as boas intenções (e o governo está cheio delas) nunca

saem do papel? Ou seria ele, o povo, um outro tipo de entidade abstrata que não é de carne e osso, mas só existe no papel?

Será que a geração 68 foi mesmo um sonho e que o destino dos sonhos é não se realizar jamais? Que teria sido melhor mesmo ter feito *lobby*, puxado o tapete de todo mundo pra se tornar celebridade, ou ficar de turista na vida achando que o Brasil não tem jeito?

Será que foi isso que sobrou pra nós, que amávamos tanto a revolução?

Secretária Eletrônica

Não sei porque, mas acho sempre que vou chegar em casa e algum recado na secretária eletrônica vai mudar a minha vida para sempre. Talvez a secretária tenha ganho esse poder depois que enjoei de cartomantes, tarólogas, astrólogas, desde que a última que consultei, pra saber de um trabalho que perigava não começar, me disse que dava a cara a tapa, se o trabalho não saísse. Não saiu. Não sei se levo à risca a sua sugestão, vou até a casa da moça e dou uma surra nela, ou se relevo e tomo isso como lição pra desistir de vez dessa angústia. Fico pasma quando vejo anúncios de Mãe Benta, Mãe Sinhá, não importa mãe de quem seja, jurando trazer de volta em três dias a pessoa amada. Mas como, gente? Algemada? Já pensou que sacanagem a pessoa amada ter enjoado da outra, ter conseguido se livrar daquele encosto, estar curtindo uma ótima e de repente surgir um espírito de porco carregando-a de volta pra aquele casamento falido? Pra aquela desvairada, que como na novela das oito "amava demais"? Melhor ficar quieto, na sua, esperar as coisas acontecerem naturalmente e depender apenas da secretária eletrônica que é objetiva, impessoal, não cobra nem paga o mico de dar a cara a tapa. Não gosto nem de celular, pra não estragar a surpresa de chegar em casa e ouvir o que a máquina tem a me dizer. Tomo aquilo como um ato de amor. Nossa! Quanto recado! Como sou querida! Chego da rua e faço todo um ritual. Entro na sala da secretária,

olho de soslaio o número de recados no visor, disfarço pra secretária não achar que estou ansiosa, cantarolo uma música básica, faço pensamento positivo, me concentro e pimba! Aperto o botão da máquina como se colocasse uma ficha naqueles jogos eletrônicos de cassino arriscando a sorte. Às vezes tem notícia ruim também. A Telemar explicando que esqueceu de mandar a mensalidade de maio e por isso eu vou ter que pagar duas contas juntas, por exemplo... Também já aconteceu de uma secretária velha ficar caduca e começar a repetir recados antiquíssimos até de gente que já morreu. Pôxa, foi mal! Mas pior ainda, é quando não tem recado nenhum. Como se a secretária eletrônica fosse um objeto inventado para medir carência. Muitos recados, carência zero. Poucos ou nenhum recado, uma sessão extra de análise.

Então voltei de viagem. Cheguei em casa e fui direto ouvir as mensagens. Três dias fora. Dá tempo até do príncipe encantado se desculpar pelo atraso... Acendo a luz da sala, pego caneta, bloco de notas e quando me aproximo do incrível objeto que iria mudar para sempre a minha vida, vejo o meu gato dormindo tranqüilamente em cima dele depois de ter desligado o aparelho com o peso avantajado do seu corpo.

Fico exausta de repente. Mas me recuso a deprimir, pensando que a minha vida só não mudou definitivamente nesses três dias por causa do gato.

Onde Andará Guigui?

Quando vi a foto do Guilherme Guimarães, na Hilde, morri de saudades e resolvi ligar pra ele. O telefone que eu tinha de São Paulo não era mais dele. O do Rio, ninguém respondia. Então soube por uma amiga comum que ele estava no Hotel Glória. Liguei pra lá. Atendeu uma gravação muito educada que me deu bom-dia.

– *Bom-dia.* Respondi distraída.

– *Para recepção disque 1, para falar diretamente digite o número do apartamento, para a copa, disque 2, para restaurante disque 3, piscina, disque 4, hall, disque 5 para atendimento em Inglês disque 6, Francês, disque 3, italiano, 4, japonês...*

283

Aquilo foi me dando um sono... Então, sempre com o telefone no ouvido, fui lembrando da minha vida com Guigui.

Começou na Av. Atlântica, Posto Seis, onde éramos vizinhos e colegas de praia. Depois ficamos amigos e fomos pra Roma com a amiga Sonia Ramalho. Hospedamo-nos no *Albergo del Sole*, na *Piazza del Pantheon*, onde o Guilherme, toda noite fazia um show diferente pra nós, que assistíamos no quarto dele, acompanhada dos nossos respectivos namorados italianos: Venantino Venantini e Antonio de

Teffé, ambos atores. Guilherme imitava todo mundo e trocava de roupa mil vezes. Dançava muito também e contava histórias hilárias de sua vida.

O telefone diz que minha chamada é muito importante pra eles. Por favor, não desligue... Então volto as minhas recordações de Roma, quando subíamos no elevador do hotel, Guilherme, Sonia e eu, junto com uma senhora de cabelos grisalhos, muito branca e com cara de gringa. Sonia, reconhecendo-a como uma passageira que teria subido com a gente num outro dia, alertou-nos em alto e bom som:

– *Não aperta o nosso andar antes da velha apertar o dela, senão o elevador passa direto e não para no dela.*

284

– *Pois é.* Emendou o Guilherme. *A velha já está p da vida com a gente...*

Imediatamente a senhora de cabelos grisalhos e cara de gringa, respondeu no mais castiço português:

– *Pode deixar. Se o elevador não parar, eu desço pelas escadas.*

Subimos os quatro sem dizer uma palavra. Guilherme, Sonia e eu, olhando pra frente sem coragem de encarar uns aos outros. Quando chegou no nosso andar caímos sentados no chão as gargalhadas e nunca mais falamos português, essa língua

aparentemente inusitada, na frente de nenhum suposto “gringo”.

Ouçõ outra vez o telefone dizer ao meu ouvido:

– *Para Esperanto, disque 355.* E quando ele começou a contar a história do hotel, construído em tal ano, durante o governo de tal presidente, tendo o hall de mármore sido decorado por... o salão de festas por... o restaurante por... os quartos por... voltei a viajar no tempo antes de entrar nos banheiros, lembrando do Guilherme imitando uma amiga nossa que dizia as maiores barbaridades pra mim e pra Sonia na hora de sairmos com os nossos namorados que esperavam no hall com a intenção de nos deixar inseguras.

285

– *Vocês não estão saindo, estão, minhas bonequinhas?*

– *Estamos.* Respondíamos as duas, caindo sempre na mesma armadilha.

– *Assim?* Perguntava ela, olhando-nos de alto a baixo.

– *Assim como?* Perguntávamos, ingênuas.

– *Com essas roupas, minhas bonequinhas?*

Presto atenção no telefone que fala agora da piscina do hotel, onde nadou Esther Williams, e

quando a gravação começou a repetir a história em hebraico, pensei no vestido de casamento que o Guilherme fez pra mim. Era uma super-ultra-mini-saia com um enorme decote, este e a barra da saia, praticamente se encontrando os dois. “O luxo e a glória” como dizíamos na época, branco, de cetim. As amigas de mamãe ficaram um pouco chocadas, mas eu arrasei e ainda fomos todos depois da festa lá em casa, assistir ao show do Lennie Dale, no Zum-zum. Um casamento moderno com o casal voltando pra casa da noiva depois da boate, com preguiça de viajar pra lua-de-mel.

286

Guilherme me vestiu também pra eu representar o cinema brasileiro em Cannes junto com a equipe de *Vidas Secas*, filme exibido oficialmente no festival. É claro que a saia era do tamanho da do vestido de noiva, só que dourada. Um verdadeiro sonho.

Sou novamente interrompida nas minhas recordações por uma voz, agora masculina, que fala grosso comigo do outro lado.

– *Por favor, minha senhora, deseja falar com quem?*

Como já tinha me esquecido pra quem tinha ligado, faço um esforço de memória enquanto a voz pergunta, educada:

– *English, French, Japanese, paquistanês?*

Então me toquei e dei um grito, antes que ele sumisse de novo e voltasse a gravação.

– *Com o Guilherme Guimarães!!!*

Ao que a voz, muito educada, respondeu do outro lado da linha:

– *Acabou de deixar o hotel, senhora. Have a nice day...*

M de Morte

– *Mamãe, hoje vem visita?*

– *Vem.*

– *Posso ficar na sala pra ver?*

– *Não. As visitas vão chegar tarde.*

Babá está ocupada pondo a mesa com mamãe o que me faz ir até o quarto de vovó.

– *Vó, lê As Reinações de Narizinho?*

288

– *Não vê que estou ocupada serzindo as meias do colégio de sua irmã?* Pergunta vovó dando uma laçada numa meia esticada contra um ovo de madeira.

Olho o tempo escorrendo lentamente pelo pêndulo de bronze do relógio de pé. Fecho a porta do quarto de vovó e vou pro jardim brincar com a sobrinha da empregada..

– *Vira-bola é esse bichinho cinzento que quando a gente toca ele se enrosca e vira uma bolinha, tá vendo?* Explico a ela. *Faço coleção de vira-bolas, sabe? Guardo eles todos na minha caixa de vitaminas Viscineral. Quer ver?*

Saimos as duas correndo pro meu quarto. Abro a tampa da caixa de remédios e mostro a minha amiga uma quantidade enorme daqueles insetos.

– *Estão mortos.* Diz ela.

– *Mortos?* Pergunto sem entender.

– *É. Mortos. Feito aquele cachorro morrido que a gente viu na estrada de Nogueira.*

Uma sensação desagradável tomou conta de mim.

Rememoro o cachorro *morrido* de Nogueira. Não era mais cachorro. Era um bicho inerte, de olho vidrado, sem expressão. Não corria nem brincava com a gente, abanando o rabo. Olhei os vira-bolas sem vida na caixa e eram como o cachorro *morrido*: não tinham mais graça, não viravam mais bola.

289

– *Você matou os bichinhos. Sufocou-os dentro da caixa. Não sabe que eles precisam de ar pra viver?*

Lembrei dos pintinhos que tranquei no quarto do jardineiro de brincadeira e quando abri a porta de novo estavam mortos. Tentava reanimá-los mas o jardineiro os pegou em suas mãos dizendo:

– *Estão mortos.*

Mortos.

Também tinha visto uma velha morrer numa ambulância na Rua Macedo Sobrinho, perto do hospital.

Babá tapou os meus olhos.

– *Não olha, não. Está morta.*

Lembrei-me também dos enterros dos “anjinhos” que passavam pela rua. Criancinhas como eu dentro de caixões pequeninos, cor de rosa, azuis...

Detestava aquela palavra: “morte”, que fazia todo mundo mudar de humor, de expressão, de assunto, de calçada.

290

Guardei os vira-bolas na caixa jurando pra mim mesma que no dia seguinte eles estariam brincando comigo outra vez. Um sentimento profundamente desconfortável tomou conta de mim. Era culpa, que logo se extravasou em raiva da sobrinha da empregada por ter, através de uma informação dada, proporcionado o desencadeamento do mal estar até então bloqueado no meu inconsciente infantil. Sai correndo com a caixa de Viscineral na mão.

Esbarrei com minha irmã no hall de entrada debaixo do lustre cheio de formigas de asa esvoaçando ao redor da luz.

– *Sabe quem vem ler a mão das visitas hoje à noite na festa?* Pergunta ela subindo as escadas pro quarto acompanhada por mim. O Sana-Khan. Ele

vê o que vai acontecer na vida da pessoa através das linhas de sua mão. O Sana-Khan, é um vidente tão importante que lê até a mão do Getúlio!

– *Quero que ele leia a minha mão.* Digo a minha irmã enquanto Babá coloca meu pijama de flanela.

– *Não se lê mão de criança.* Responde minha irmã, superior. *As linhas ainda não estão formadas.*

– *A minha mão tem um M grandão desenhado, olha aqui.*

– *Ah, isso todo mundo tem, boba. É o M de morte. Quer dizer que todo mundo vai morrer.*

Não conseguia dormir ouvindo as vozes das visitas na varanda contígua ao quarto. Lembrava dos pintinhos, dos vira-bolas, da velha da Macedo Sobrinho, do cachorro *morrido* no Hotel Promenade, do M de morte...

– *Vamos ouvir o que o Sana-khan está dizendo pras visitas?* Pergunta minha irmã levantando da cama pé-ante-pé. Entreouvimos, excitadas, algumas fofocas em meio as consultas, mas o mais estranho, sem dúvida, foi o vidente se recusar a ler a mão de Helena, a amiga mais jovem de minha mãe (por mais que ela insistisse), pretextando cansaço. Helena desistiu da consulta e voltou pra sala. Ouvimos então o vidente pedir a empregada que chamasse papai, o dono da casa. E quando ele chegou, lhe

disse que Helena não teria mais que seis meses de vida. Papai, impressionado, levou Sana-Khan pra sala e apagou a luz da varanda colocando um ponto final no futuro de seus convidados.

Dormi essa noite agarrada com vovó, sem coragem de abrir a caixa de Viscineral pra olhar os vira-bolas.

Seis meses depois estávamos viajando por Nova Iorque quando mamãe recebeu um envelope negro com a notícia da morte de Helena.

O Leopardo

Minha amiga estava louca pra mostrar os novos seios que fizera num incrível cirurgião plástico. Nem muito grandes nem muito pequenos. Seios com um desenho perfeito pra quem entendia do assunto, já que sempre trabalhara com design numa loja de móveis em Miami. Precisava inaugurá-los com uma grande paixão. Seios novos, vida nova.

As colegas de trabalho descobriram o homem perfeito pra ela, entre um e outro *cosmopolitan* num bar chic de Miami Beach. *"Como é que vocês ainda não se conheceram, meu Deus? Foram feitos um pro outro!"* Dizia uma. *"Ele tem uma boutique de roupas anos quarenta riquíssima, a sua cara, um escândalo!"* Emendava a outra.

293

Já meio de porre uma delas ligou pro homem em questão, usando o mesmo argumento: *"É tua alma gêmea! Você tem que sair com ela ainda hoje! Agora!"*

Depois dessa previsão garantida de felicidade a dois, os desconhecidos marcaram encontro. Ela despediu-se das amigas e foi-se encontrar com *ele*, o prometido, num restaurante charmoso com vista pro mar. Chegou cedo, ansiosa. Pediu outro *cosmopolitan* pra relaxar. Já estava apaixonada pela descrição do "namorado", que pra cúmulo

do romantismo ainda era italiano! Quem sabe um Mastroiani nos áureos tempos?

Quando ele chegou, ela quase deu um grito. Era Ele. O Príncipe Encantado, descendo do seu cavalo branco. Gente, que homem! Usava uma calça larga de preguinhas, uma camisa bem cortada, os sapatos mais chics que ela já vira, ai! Tomou mais um gole do drinque que pedira pra esperá-lo e sorriu enquanto ele se sentava defronte a ela, educadíssimo. Depois da terceira taça convidou-a pra ver a decoração nova do seu apartamento na parte antiga de Miami.

294

Tudo estampado de oncinha, sofá, poltronas, um luxo! Brindaram o acontecimento com champanhe e depois de um ótimo e irresistível papo cheio de sofisticação e humor, levou-a pro quarto. Logo, logo, ela entrava nos lençóis também estampados de oncinha, tomando cuidado com as meias coloridas que tinham lhe custado 100 dólares. Num segundo ele as rasgou com os dentes numa demonstração (ou simulação) selvagem de desejo. Foi o primeiro susto. Cem dólares, meu Deus, e ele nem sequer olhou! Essa era uma falha imperdoável. Mas... um homem tão maravilhoso, bem que ela podia dar um desconto... Foi então que ele tirou a roupa. E aí, ela quase caiu da cama. Uma tatuagem minuciosa de oncinha cobria-lhe todo o corpo, do pescoço até os pés, o que aliado ao peito cabeludo dava a sensação exata de que ela estava acariciando um leopardo. O

sonho transformou-se em pesadelo. E aí, sem dizer uma palavra, ela pegou suas roupas do chão, catou os trapos do que antes tinham sido as suas meias coloridas de cem dólares, foi-se vestindo apressada pelo corredor e em cinco minutos se olhava, atônita, no espelho do elevador iluminado apertando desesperadamente o botão do térreo.

O Fundo do Poço

Não tenho a menor dúvida de que estamos vivendo o Juízo Final. No sentido de que tudo o que chega ao apogeu, declina, como declinaram os povos egípcios, gregos, romanos, todas as formas de governo, os ideais, os costumes, os casamentos, as sociedades, a moda, pois que "tudo é passageiro, menos o motorista e o motorneiro" ...

Não acredito que os túmulos se abrirão e que deles sairão cadáveres putrefatos, esperando ansiosos pelo julgamento de suas ações. O sentido é figurado. O que estamos vivendo é a decadência absoluta, a putrefação generalizada. O final de um ciclo como o *The End* escrito na tela de um filme que surge depois que o diretor, segundo o seu próprio *feeling*, ordena à equipe: "*Corta!!!*"

296

Tá na hora de cortar. Começar de novo, tomar juízo, afinal...

Vive-se a guerra pela guerra, a tortura pela tortura, a banalização da morte, do sexo, ambos expostos como carnes num gancho de açougue, sem se entender bem em nome de quê, de quem. Vive-se uma mentira que de repetição em repetição vai-se tornando verdade. Ninguém mais sabe o que é a verdade. Verdade virou sinônimo de manipulação. Mas ela está lá, como dizia Diógenes, no fundo do poço. E o Juízo Final (penso que seja isso), a trará

à tona, aos poucos, pela pontinha do iceberg. É com a decadência que o mundo se refaz e estamos visivelmente vivendo esse momento do refazer em relação à lei do eterno retorno, que traz consigo uma espécie de vassoura pra varrer o lixo acumulado debaixo de sucessivos tapetes. Vivemos a falência cultural de todas as formas de cultura que faz dessa falência uma nova forma cultural, sem cara nem coração. Até o tempo, cansado do *déjà-vu* atual, mudou seus padrões estabelecidos, segundo Schuman, físico alemão, que constatou, em 1952, que *“a Terra é cercada por um campo eletromagnético que possui uma ressonância responsável por seu equilíbrio, fazendo com que, durante milênios, o seu “coração” batesse numa certa frequência. À partir dos anos 80, devido ao* 297 *desequilíbrio ecológico, essa frequência mudou e o coração da terra disparou. Diante da aceleração geral, a jornada de 24 horas foi reduzida à 16!”* Por isso, quando se diz entre a sobremesa, de pé, em frente a geladeira, com o cigarro aceso às pressas no hall do elevador: *“Mas não dá tempo!”* É que não dá mesmo!

Era infinito o intervalo que existia entre as duas férias escolares, de dezembro a dezembro. Quando deixávamos o Hotel Quitandinha, onde nos hospedávamos, em Petrópolis, imediatamente o via novamente pela janela do carro de papai como uma utopia, uma ilha novamente inalcançável e distante. Hoje meu neto de quatro anos pergunta:

"Mas já é férias de novo?"

As crianças, hoje em dia, nascem de olhos abertos e pré-informatizadas, pois não há mais tempo a perder... mas perder mais o quê, se só perdemos, o tempo todo? Perdemos a ética, perdemos a liberdade, perdemos os conceitos de bem e de mal. Vivemos na época da relativização, da empulhação, perdemos a legitimidade.

298

Quando vi *Laranja Mecânica*, do Kubrick, achei, na época, que não tinha entendido. Por que tanta violência gratuita? Por que os protagonistas do filme saem chutando a tudo e a todos sem razão, cantando *Singing in the rain*? O que o diretor quis dizer com aquele tipo de comportamento? Não imaginava que iria viver isso hoje no dia a dia com a banalização da violência liberada de dentro de cada indivíduo que passou a exercê-la, a seu bel prazer, "cantando na chuva"... E quem tá na chuva, é pra se molhar...

Então, com a graça de Deus, ganhamos a tecnologia que tira uma carta da manga, como o DNA, por exemplo, ou o cerne da verdade; e invalida qualquer discussão. Mesmo assim há quem tente negá-la abafando o caso. Abafando, abafando... (Acho que a Terra ficou mais quente por causa de tantos casos abafados durante esses três milênios..). Mas o que é abafado hoje em dia, explode em verdade através de informação por gravações,

binas, e-mails, tvs, bips, prontos a delatar bombas nucleares e outras técnicas ainda mais sofisticadas contribuindo pro Juízo Final, que já estaria em vigência, se não faltasse ainda a peça fundamental da mudança que é a tomada de consciência de cada um, alavanca imprescindível pra que a verdade emerja, finalmente, do fundo do poço.

Homens...

Há muito tempo que não ficava bebendo só entre amigas. Tomando champanhe e falando de homem, na casa de uma delas. Coisas acontecidas há muitos anos, poucos anos, décadas passadas... conversa fútil com minhas amigas íntimas precisando todas de um fresco, que ninguém é de ferro...

No começo uma certa seriedade, falou-se de trabalho, trabalho, projetos, projetos... mas assim que o champanhe foi subindo, começamos a lembrar de antigos namorados, antigas transas, antigos encontros e desencontros até que uma delas, que não conhecia uma das outras, contou de um caso que teve com um cara que acabou quase imediatamente, quando ela notou quantas vezes por dia ele lavava as mãos.

300

– *Ah, eu também tive um homem assim...* Disse a outra. *Lavava as mãos e escovava os dentes sem parar... Era lindo, olhos azuis, conheci em Angra...*

– *O meu eu também conheci em Angra...*

– *Não brinca. Como era o nome dele?*

– *Fernando.*

– *Fernando? Olho azul, bonito, em Angra? É ele!*

– *É... Disse a terceira amiga. Tem coisas que não dá... Vocês acreditam que eu saí com aquele ator...*

– *Aquele gato? Perguntamos animadas. Que tal? Foi bom?*

– *Inacreditável! Conheci-o no Guimas da Gávea. Tínhamos bebido muito, eu estava doida... Então fomos lá pra casa que era ali perto. Chegamos no meu quarto, eu me joguei na cama, toda sexy, e o cara nada de vir. Quando percebi, ele estava pendurando o paletó no encosto da cadeira, depois dobrou a camisa bem direitinho, botou em cima do assento, tirou o relógio, colocou-o do lado da camisa, tirou a calça, fez uma espécie de vinco, dobrou-a direitinho, colocando-a no assento da cadeira, tirou um sapato, depois tirou o outro e colocou do lado do primeiro, tirou uma meia, colocou dentro do sapato, ficou de cueca e quando ia tirando a outra meia eu não vi mais nada, peguei num sono profundo! Cada vez que encontro com ele finjo que esqueci...*

301

– *Falar em esquecer, outro dia encontrei um cara na praia e ele veio me cumprimentar, me deu dois beijinhos. Eu fiquei olhando pra ele com um olhar vago, aí ele me perguntou: “Você não está me reconhecendo?” Eu disse: “...não...” Aí ele ficou furioso e respondeu: “Puxa a gente namorou!”*

– *E você não lembrava?*

– Não... acho que foi numa época que eu tomava muito Mandrix, fumava, sei lá...

– Ah... Disse a dona da casa... Essa era mesmo uma época complicada de lembrar alguma coisa...

– Se era! Uma vez combinei com um paquera de ir ao cinema. Aí fumei um cigarrinho pra esperar, botei um disco... Quando ele chegou pra me pegar, eu estava deitada no tapete olhando pro disco que rodava tocando Beatles e dei um adeuzinho pra ele, do chão. (naquela época a gente nem trancava a porta, os amigos iam entrando, era normal..). Aí ele perguntou: “Nós não vamos ao cinema?” Eu disse: “Ué... não me lembrava...”

302

– E aí? Perguntamos, curiosas. O que foi que aconteceu?

– Aconteceu que eu nunca mais o ví, ele sumiu, me achou doida...

– E não era?

– Era. Mas naquela época todo mundo era.

– Mas ele não era.

– Pois é. Eu fui pegar logo um que não era...

– Mas também tinham uns que eram doidos demais... Uma vez fiquei encantada com um cara

chiquésimo, em Miami, fomos pra casa dele e a decoração era toda de oncinha. Achei o máximo. Sofás, cadeiras... quando entramos no quarto dele, o quarto também era de oncinha: cama, almofadas, achei meio over, depois os lençóis ídem e quando ele tirou a roupa, a cueca era de oncinha!

– E ele era uma boneca!

– Claro. Então peguei minha roupinha e saí correndo...

– Bom, histórias de gay, se a gente for começar... Eu tinha um amigo em Nova Iorque que tinha uma cadeira elétrica em casa pra amarrar os bofes, só de brincadeira...

303

– Ah! Lembra daquele meu namorado lindo, gay, que ficava sentado na janela com as pernas pro lado de fora, em plena Vieira Souto?

– Devia ser pra fugir de você... Se você o agarrasse, ele se jogava...

– Acho que era... Diz ela pegando um champanhe...E eu sofria por causa dele!...

Nesse momento o marido da dona da casa, que narrava a história, chegou de repente e tivemos de mudar de assunto.

– Quem era ele? Perguntou-me, entredentes, a outra amiga.

– Fulano. Disse no seu ouvido, ao que ela retrucou, aos berros, quase deixando cair o champanhe.

-Fulano? Era gay? Não sabia! Porque eu também o namorei e ele fazia a mesma coisa comigo! Ficava com as pernas penduradas pra fora!

Fila de Idosos

Estava no supermercado com meu neto, que adora sentar na cadeirinha do carrinho olhando tudo lá de cima, sentindo-se superior.

Na fila dos idosos, ao lado, um senhor me perguntou:

– *Você é você?*

– *Bom, pra mim, eu sou eu e você é que é você. Respondi brincando. Mas como eu sou você pra você, gostaria de saber que “você”, você pensa que eu sou?*

305

O homem fez cara de quem falava com uma maluca e respondeu:

– *Nada, não, desculpe. Achei que você era aquela artista...*

Uma senhora de idade na fila se meteu na conversa:

– *Não. Ela escreve no jornal.*

Aí o homem respondeu:

– *Sabe porque é que eu falei isso? Porque ela parece a Maria Lucia Dahl.*

A senhora continuou, olhando pra mim:

– *Você é a Maria Lucia Dahl?*

Meu neto respondeu:

– *Ela é a vovó.*

E assim se encerrou o papo sobre quem eu era ou quem deixava de ser, interrompido por uma observação na mesma fila dos idosos:

– *Olha só aquela garota com aquele velho, viu? Ali na outra fila. Na certa, o velho não vem pra essa fila pra fingir que não é idoso. Deve ter vergonha da garota...*

306 – *Esse velho deve ter muito dinheiro... Disse a moça. Quem é que ia ficar com esse traste? É igual a minha patroa. Tem 75 anos e um namorado de 30. Mas ela dá tudo pra ele. Agora vai abrir uma academia de ginástica pra ele tomar conta, já pensou?*

– *E ele nunca te paquerou?* Perguntou a senhora atrás da moça.

– *É ruim, hein? Tô lá à fim de perder meu emprego?*

– *Essa fila não anda, não?* Reclamou um velho com um carrinho transbordando de cervejas. *Fica todo mundo aí conversando e andar que é bom, nada?*

– *E a culpa é minha?* Perguntou a moça do caixa. *Calma aí, moço... Tô aqui ralando desde às oito da*

manhã...

– *Não disse que a culpa era sua...* Continuou o senhor das cervejas resolvendo abrir uma das latas e tomar ali mesmo.

– *E ainda por cima ganho uma miséria!* Disse a moça do caixa.

– *Pior que é...* Comentou a empregada doméstica. *Eu tenho que aturar aquela velha com aquele garoto mas pelo menos não ganho salário mínimo...*

– *Pois eu não preciso de dinheiro, graças a Deus.* Disse a senhora de idade atrás da doméstica. *Eu faço um bolo de nozes maravilhoso que levo lá pra academia e não sobra um pedaço. A turma da hidroginástica come tudo, depois fica com medo de engordar, mas comer, elas comem. Então eu disse ao meu marido que ia botar uma banquinha de bolos na academia. Ele ficou furibundo. Não quer que eu trabalhe. Homem não gosta de mulher que trabalha, não. Homem gosta de mulher boa de cama.*

307

– *Ah, também não é assim, não...* Diz a doméstica. *Amor conta também, gente...*

– *Amor... Que nada, minha filha... Vai falar de amor com homem que ele sai correndo. Homem quer lá saber de amor?*

– *Será que meu noivo se mandou porque eu vivia*

dizendo que amava ele?

– *Há... Exclamou a senhora. Num falei?*

– *Essa fila não anda, não?*

Pedi ao senhor que reclamava da fila que guardasse o meu lugar porque eu tinha esquecido dos fósforos. É que desde que minha filha tem dormido lá em casa, fósforos e canetas parece que combinaram de desaparecer para sempre. Meu neto disse que não ia sair da cadeirinha pra procurar fósforo comigo de jeito nenhum. Queria ficar ali. Na certa pra ouvir aquelas fofocas meio pornôs. Nunca pensei que fila de idosos fosse assim.

308

A senhora de idade disse que tomaria conta dele. Na seção de importados, uma *socialite* conhecida dizia pra irmã:

– *Compra o carpaccio, boba... Faz mais vista...*

Volto pra fila a ponto de ouvir a senhora perguntar ao meu neto.

– *Como é o nome da sua avó?*

– *Vovó. Respondeu ele. Já disse.*

O velho enfezado já tomava a terceira lata de cerveja enquanto a empregada doméstica dava detalhes da vida sexual da patroa de 75 anos.

– *E isso lá é amor?* Insistiu a senhora.

Peguei uma revista num compartimento do caixa em frente aos idosos com detalhes da virgindade de alguém que eu não conheço.

Nunca pensei que a fila dos idosos fosse tão animada...

Escravo do Silêncio

Ontem atendi o telefone e uma voz de homem disse que queria ser meu escravo. Habituada a receber milhões de telefonemas oferecendo cartões de crédito, casa própria, automóvel, carnês, cheques especiais, sempre nas horas que estou ocupada, pensando noutra coisa, perguntei:

– *Ah, quanto é?*

– *Nada. Respondeu uma voz sexy. Quero ser seu escravo e pronto. Seu escravo. Sussurrou. Seu escravo...*

310 Mais distraída do que nunca, olhando um inseto que nunca vira na vida subir na árvore, respondo que ia pensar, como faço pra me livrar das propostas mirabolantes dos bancos.

– *Quem era?* Perguntou meu primo que está dando um tempo aqui em casa.

– *Um cara dizendo que queria ser meu escravo...*

Meu primo ficou apavorado.

– *Aqui não tem senzala, meu Deus! Onde é que você vai enfiar esse sujeito? E depois esse homem vai ficar falando, querer conversar... Ai, Deus me livre de alguém falando aqui dentro!*

É que meu primo passa o dia inteiro defronte ao computador.

Às vezes a gente está no meio de uma frase, contando a ele uma história superinteressante que aconteceu em Nova Iorque ou Paris, e quando vê, ele fugiu de mansinho, fechou a porta do quarto e voltou ao computador.

Eu também, pra falar a verdade, detesto ter que falar, fazer o social.

Não sei o que está acontecendo nessa casa que só se fala por e-mail ou então, o estritamente necessário, tal como:

– *Por favor passe o pão.*

311

– *Você esqueceu o guardanapo.*

Sempre pensei que isso fosse coisa de casal, quando enjoa um do outro e começa a ficar mudo e de mau humor. A diferença é que nenhum de nós dois fica de mau humor. Deve ser porque somos primos e não casal. Só uma vez que emprestei o carro a um vizinho, que sumiu dois dias, ensaiei uma leve preocupação.

Meu primo ficou furibundo, porque na tarde do dia seguinte, pedi a ele que falasse um pouquinho comigo. Debalde. Detesta falar. Só virtualmente. Com o computador. Engraçado que antes dele, meu primo era o que se podia chamar de “causeur”.

Filho de diplomata, era o que se dizia “*a alma da festa*”. O que uma máquina pode fazer com as pessoas, meu Deus... Fui dormir chateada. Pôxa, meu primo bem que podia dizer que “*não foi nada, amanhã o carro aparece*”...

No outro dia encontrei-o na rua me procurando com uma cara desesperada.

– *O que foi?* Perguntei saindo do banco.

– *Por favor volta pra casa porque tem uma amiga sua lá querendo conversar.*

Voltei. Minha amiga estava pasma.

312 – *Teu primo sumiu no meio da construção da minha frase quando eu tentava lembrar o nome de uma atriz.*

Coitada, estava se achando uma chata. Tive que explicar que o problema não era dela, mas nosso, que essa casa, se depender de nós dois, primo e prima, vai virar um claustro ou mosteiro informatizado... Então deixei-a sozinha com os gatos (que também não falam nem gostam de visitas de outros gatos), e fui ver o bicho novo que tinha subido na árvore de manhã. (Só gosto dessas coisas agora). Era uma espécie de besouro só que fantasiado de oncinha. Se não for gay, deve ter saído de um *photoshop*. Minha amiga desistiu de conversar comigo ou com meu primo e foi dormir rejeitada. Eu não consegui,

porque o telefone começou a fazer um barulho esquisito. Uma espécie de apito, a cada vinte minutos, ou seja, cada vez que eu pegava no sono. Coloquei-o debaixo de uma almofada bem gorda. Nada. O apito continuou. Desliguei-o da parede mas o apito não parou. Um barulho virtual. Uma coisa sutilmente insuportável. Melhor do que os barulhos mecânicos da minha infância, é verdade, quando se tinha que aturar máquina de costura Singer, no quarto de vovó, máquina de cortar grama no jardim, latido de cães, canto de galo, cacarejar de galinha, prove-nientes da horta. Mas esse barulhinho do telefone é incomparável. Como um “blim blão” de tom mais alto, fininho, altamente irritante.

Resolvi dormir no escritório pra me livrar do aparelho de telefone, que mesmo desligado continuava assobiando. As máquinas mecânicas de antigamente, a gente conseguia desligar, domar. Agora são donas do mundo, têm vida própria e só fazem o que querem. Então subí as escadas, deitei e fiquei pensando pra que eu gostaria de ter um escravo.

Pra consertar máquinas... pintar paredes, acabar com infiltrações, jogar caxangá, atender telefones, dizer que não estou, fazer shiatsu, e sobretudo, não falar nem deixar ninguém faze-lo aqui dentro de casa.

Meu Deus... será que estou ficando um pouquinho neurótica?

É Dezesseis Só

– *Sinto-me completamente adolescente.* Digo, ao telefone, a uma amiga, que também anda cantando na chuva por causa de um novo amor.

– *I could have danced all night!* Continuo. *E dançaria assim até o sol raiar. Quantos anos você me dá?* Perguntei pintando as unhas de “Rosa Rei”.

– *Dezessete.* Disse ela.

– *Dezessete é um pouco de exagero.* Respondi. *Dezessete e setecentos... Como na música de Luiz Gonzaga?*

314

– *Não. É dezesseis só.* Diz ela continuando a letra da música.

Olho pra lua cheia, faço uma meia lua na unha como antigamente, admiro os planetas, ouço cds e estrelas, por certo perdi o senso...

– *Mãe! Você está exagerando... Posso abaixar o som?*

– *Caraca!* Resmungo ouvindo a voz do George Harrison sumir no alto-falante.

Mas não eram as filhas que punham o disco aos berros pra desespero das mães, senhoras distin-

tas, preocupadas com o que a vizinhança pudesse pensar? Pois estou pouco me lixando pros vizinhos. Não me preocupo nem um pouco. Tô nem aí, meur-mão... Uma espécie de maluquice se abateu sobre mim. Dou gargalhadas altíssimo no restaurante, converso com qualquer um, me meto na conversa dos outros. Minha avó deve estar se remexendo no túmulo, coitada... E as freiras do Sion? Caraca!...

Ontem mesmo vi uma moça indecisa escolhendo um tecido na loja e me meti: "*Compra o laranja.*"

A mulher se espantou mas logo embarcou na conversa, descreveu a decoração da sala, achou melhor o laranja que o verde...

– *Demorou, hein?* Gritei lá de fora na maior falta de modos.

– *Você gostou mesmo?* Perguntou a moça.

– *Já é!* Respondi comprando um chiclete.

Depois foi uma casa maravilhosa em Botafogo de portas abertas. Parei e olhei lá pra dentro observando suas bandeiras de vidros azuis. A dona da casa veio. O marido em seguida, podia ser um assalto... Mas a mulher se aproximou e me contou a vida. "um dos seus irmãos queria vender aquele patrimônio!"

– *Sinistro...* Respondi.

O marido desconfiado.

– *Calma aí, sangue bom! Qual é, brother?* Continuei, me afastando.

Falei também com o jornalista, o bombeiro, o cabeleireiro, entrei no salão pra mostrar a ele como meu corte de cabelo estava manero, dando uma volta em torno dos saltos (altíssimos!)

316 Depois comprei flores. Rosas cor de rosa. Lindamente redundantes. Coloquei-as num vaso e liguei o micro procurando novos e-mails. Estavam lá. Com músicas emocionantes, palavras delicadas, bênçãos transbordando da tela, sons enviados dos céus. Espécie de novela colorida, o sonho voltando à vida, a vida modificando roteiro, atualizando *flash-backs*, misturando os tempos na trilha sonora, legendas em Inglês, traduzindo biografias... Clico em "responder". Sem som. Num tipo de telepatia ou linha direta ligada ao interlocutor e captada, milagrosamente, pela tecnologia.

Quando volto à sala, o gato tinha comido as rosas e ainda as mastigava inocentemente no tapete, lambendo os beiços, as pétalas rosadas espalhadas pelo chão. Falta de poesia... *Mas por que? Uma rosa é uma rosa é uma rosa...*

– *Vó, vamos fazer um castelo?* Pergunta meu neto adorando essa minha fase.

– Pegar tartaruga no lago?

– Se esconder da mamãe?

Corro de salto alto pela casa. *Unidúnitê. Salamê, mingûê. Um sorvete colorê ...Vou pegar vo...cê!*

Sou sempre a mulher do padre, a que chega por último, que come carniça, um péssimo goleiro que nunca faz gol.

– *Viu a aranhinha, vovó? A lagarta verde, a amarela, o piriquito azul?*

– *Viu o barquinho, o avião?*

– Vovó viu a vida. Respondo, pegando-o no colo.

317

Aos dezessete e setecentos...

Ou dezesseis só.

Divagações de Carnaval

Passei o carnaval em casa, quieta, fazendo nada. E quando digo “nada” é um “nada” sem culpa. Por que não há nada no mundo que me dê mais culpa do que não fazer nada. Pois nesse carnaval me dei férias. Fiquei no computador vendo os meus e-mails, escrevendo, e raramente saindo pros restaurantes que nessa época ficam ótimos (pra mim, né?) vazios... Ontem fui a Osteria, e não é que ela estivesse vazia, mas vazia de gente desconhecida. Uma delícia... Aquele velho clube que ela já foi um dia e que é a sua grande marca registrada, uma espécie de Antonio's. Claro que ninguém vai chegar lá e encontrar o José Carlos de Oliveira batendo à máquina, fila pro banheiro, Roniquito dizendo absurdos, nem algum bêbado dormindo no banco como se fosse uma coisa normal, o manobreiro delicadamente pondo-o no carro e levando-o pra casa, pois tudo isso só acontecia mesmo na década de 70. Mas um Antonio's 2004 onde ainda encontramos aquela cumplicidade entre garçons, *maitrês*, clientes, manobreiros e donos.

Fora isso, fiquei namorando a obra aqui de casa que está quase pronta... Quer dizer, estaria, se obra ficasse pronta, né? Alguém, algum dia, em sã consciência, já conseguiu que a obra planejada pelo dono da casa, os engenheiros, os arquitetos, o mestre de obras e os pedreiros, começasse e terminasse no tempo estipulado? Será que algum

dia isso já aconteceu com algum privilegiado ou é uma perseguição comigo que basta pensar em obra pra surgir do nada, um cano a mais, uma infiltração gigantesca, um buraco numa parede que daria pra hospedar Saddam Hussein... Tudo escondidinho, sem ninguém suspeitar, rindo da gente e fazendo fiau. Sim, porque se eu suspeitasse desse buraco, podia hospedar Saddam, de verdade. Quer dizer, alugar o buraco pra ele. Dava pra pagar a obra e ainda pra fazer mais mil casas ou uma só, estilo Barreto Pinto, por exemplo (aquela cheia de torres que não acabava nunca). Mas nem eu nem a equipe sabíamos do buraco. Não deu pra rachar uma graninha entre a gente. Tudo eu! Tudo eu! Essa coisa *yuppie* é desagradável... Se eu fosse uma comunidade, se morasse no Solar da Fossa, por exemplo, não tinha que arcar sozinha com o buraco do Saddam. Mas também, graças a Deus, (pois tudo tem sua contrapartida), não fico mais na fossa. Cruzes! Se fosse naquela época, só o fato de ter que fazer a obra já seria motivo pra arrancar os cabelos e chorar no ombro do namorado antes mesmo do estouro do primeiro cano. Pensando melhor, acho que eu preferia a fossa chorada no ombro do namorado do que as gargalhadas sozinha... Porque tá feia a coisa... Deu um desencontro no mundo que ninguém mais acha graça em ninguém... Ninguém agüenta ninguém por mais de meia hora! É o que dura uma "ficada" numa festa, dizem as meninas. Depois, pronto, é rezar por alma. Naquela época, não, a gente chorava de barriga

cheia. Sei lá quem estabeleceu a regra da fossa. A alegria não era politicamente correta. Como é que a gente podia rir se o Nordeste não tinha água, por exemplo? Agora o Nordeste continua sem água mas o politicamente correto é ser feliz. Graças a Deus. Mas que é uma coisa contraditória, lá isso é... Antigamente ficava-se aos prantos com um namorado apaixonado, fazendo carinho, declaração de amor. Hoje fica-se às gargalhadas sozinha! Sabe o que eu acho, sinceramente? Que esse negócio de amor não é pra ser real. Amor é pra se imaginar. Como na época das saias compridas e anquinhas que só era permitido ao homem ver o pé da mulher. O resto, era a imaginação que decidia. E quando casavam, pronto: dava aquele enjôo... Sucesso absoluto também faziam (e fazem) os galãs de Hollywood que a gente imaginava como quisesse e causavam paixões eternas porque não os conheceríamos jamais... E também os grandes ídolos como Che Guevara, Fidel Castro, John Lennon. A internet substituiu-os por pessoas normais, mas escondidas atrás da tela, o que desencadeia novamente o mesmo mistério até que acontece o encontro fatal: quando a realidade substitui a fantasia e aí rola aquela sem-graceira de novo... Quando eu era adolescente e me apaixonava (platônicamente, no Carnaval de Quitandinha) não gostava de ficar ao lado do "muso". O grande barato era me trancar correndo no quarto pra "pensar" nele. Acho que o amor verdadeiro é muito maior que a relação homem-mulher. Sabe o que concluí aqui com os

meus botões nesse carnaval, fazendo nada? Que o amor não pode ser individual. O verdadeiro amor não é personificado. É abstrato e universal. É ele o verdadeiro Príncipe, que virá encantar a humanidade numa explosão concomitante do inconsciente coletivo abrangendo e unificando o mundo como uma única nota musical.

Cabelos!

Sou escrava do meu cabelo desde que me entendo por gente.

Ainda criança pedia a Babá pra enrolá-los e depois ficava encantada com a minha própria imagem de cachinhos dourados refletida no espelho.

Então veio a adolescência enfatizando a vaidade e junto com ela uma paixão escondida que nutria por um menino do ginásio. Em nome das duas, vaidade e paixão, passei a dormir todas as noite (ao menos tentava) de rolos, mesmo que eles repuxassem meu couro cabeludo, que os grampos o espetassem como uma coroa de espinhos e que vovó dissesse que eu ia acabar careca. Uma verdadeira tortura que eu suportava contanto que os cabelos ficassem pra dentro, tipo "pagem", com uma única onda em cima do olho. Tudo por causa da moda e do menino do ginásio, que chegava de moto, *nem te ligo* pra mim... Então eu voltava pra casa e falava sozinha defrente ao espelho, em inglês, como nos filmes da Metro, imaginando o motoqueiro do colégio se declarar: *I love you...*

Depois, com os anos sessenta, vieram os Beatles. Fui vê-los no Teatro Olympia, em Paris, e esperá-los na porta de saída pra gritar de histeria, na chuva, no meio das outras tietes. Daí em diante os Beatles passaram a ditar a moda dos pensamentos, palavras

e obras de todos os jovens do planeta. Aí começou o problema. Porque cabelos crespos naquela época eram sinônimo de palavrão, e alisá-los, pra mim, era muito mais difícil que encrespá-los. Então comecei a passá-los a ferro, ajoelhada no chão do quarto de empregada em frente a tábua de passar roupa, com a mesma Babá, que um dia os havia ondulado, numa nova modalidade de tortura. Depois fazia uma touca e colocava um pano por cima, achatando-os pra que não armassem. Repetia toda semana o mesmo ritual e chegávamos ao ponto, eu e minhas amigas, de enrolarmos os cabelos no escurinho do cinema e só soltá-los quando ia acender a luz. Um dia perdi uma paquera porque a luz acendeu enquanto eu tentava desprender o grampo do lenço que, por sua vez, tinha agarrado no brinco. Minha amiga gargalhava e eu escondia o rosto, apavorada que o rapaz me visse daquele jeito. Até hoje ele deve achar que lhe dei o bolo, faltando a sessão das quatro.

323

Depois, mais tarde, quando já era atriz, fiz uma peça viajando pelo Nordeste e não saía do hotel refrigerado pros cabelos não encrespem enrolando-se nas gotas de umidade local.

O cabeleireiro do teatro perguntou se eu queria fazer a "*rudilha*" depois do "*mise-en-plis*." Levei um tempo até descobrir que *rodilha* era touca. E passei a temporada inteira de *rodilha*, dormindo de touca.

Lugar quente era um problema sério pra mim naquela época a ponto de me recusar a passar os fins de semana na ilha particular do pai do meu namorado porque teria que mergulhar na água transparente e secá-los ao léu, o que faria com que meu namorado e o da minha amiga descobrissem que tínhamos cabelos crespos. Então preferíamos Petrópolis, que era frio e tinha tomada e luz elétrica, onde podíamos conectar o secador e nos sentir mais protegidas, embora chovesse a cântaros e os respingos e a humidade estragassem todo o nosso *mise-en-plis*.

324

Metade da minha vida e dos passeios maravilhosos, perdi, na época, por culpa dos Beatles e dos Rolling Stones que vieram pra nos libertar de muitos tabús, mas não o da forma ou fôrma obrigatória dos cabelos.

Então veio a época hippie e resolvi adotar os cachos pra, (escrava da moda), não parecer careta. Mas me achava horrível! Gostava da bata indiana, da calça boca de sino, mas dos cabelos ondulados, forçava a barra pra tolerar.

Até que chegou a fase pós-moderna (graças a Deus!) quando cada um usa a moda que lhe ficar melhor, do jeito que lhe der na telha, numa gama de escolhas que vai da década de 20 ao século 21. Então escolhi ficar lisa de novo, voltei a enrolar o cabelo, a usar touca. Então fui fazer escova no

cabeleireiro e ele perguntou se eu não preferia um alisamento japonês, definitivo. Disse que não. Detesto aquele horror espetado, de ponta seca feito Visconde de Sabugosa. E sobretudo qualquer coisa definitiva!

Então o cabeleireiro ajeitou o piercing do nariz, fez um trejeito contrariado e disse que pra cabelo "bandido" era o único jeito. Perguntei o que era cabelo bandido e ele respondeu mal humorado:

– É aquele, madame, que quando não está preso, está armado.

As Tias

Junto com vovó eram três: as tias-avós.

Sempre de chapéu.

Com enfeites de uvas ou pássaros empalhados e um véu pequenino cobrindo o rosto. No inverno usavam também uma raposa mordendo o próprio rabo enrolada ao pescoço. Eram absolutamente incorretas politicamente.

Os moleques debochavam delas, as únicas remanescentes de uma época distante. As empregadas cochichavam quando elas chegavam lá em casa dizendo terem nascido no século passado.

326

Um dia o cachorro policial, Dick, implicou com uma delas e deitou-a no chão colocando a pata em cima do seu peito. Lá ficou ela, inerte, de chapéu, no chão, enquanto papai chamava o jardineiro pra tirar o cachorro.

Usavam luvas de pelica e iam tomar chá na Colombo, de bonde e chapéu. Comiam doces sortidos e “pilhas” de sanduíches minúsculos de patê, presunto ou queijo.

Eram amicíssimas as três, cúmplices de uma época há muito ultrapassada. Mas sempre falavam mal, entre si, da que estivesse ausente.

Antes de dormir, vovó cochichava segredos com uma delas, cobrindo o bocal do telefone com a ventarola japonesa pra que eu e minha irmã não ouvíssemos.

Chloé era a mais moderninha, desquitada e casada de novo com Lorí, que gostava de ler *A Careta*.

Chloé (assim mesmo, em francês), que se chamava Chlotilde, com h, fazia permanente e avermelhava os cabelos.

Titide fumava e tinha os dedos amarelos de nicotina, cheios de anéis e aumentava a paranóia de mamãe, quando papai chegava mais tarde do trabalho, cochichando dramaticamente ao seu ouvido: *"Isso mesmo, minha filha, salva a tua felicidade!"*

327

Vovó e Titide eram viúvas.

Viúva Penalva, Viúva Amaral.

Não tinham nome próprio.

Não existiam como seres.

Nasceram pra se casarem e serem viúvas.

Falavam mal dos ex-maridos que eram "piratas."

Moravam no Catete.

Tratavam-se com homeopatia.

Belladonna, noz vômica, alium sativo.

Eram positivistas e filhas de juiz.

Tinham uma massagista alemã, Dona Helena, que fazia massagem e fofoca. Sabia-se, através dela, tudo o que acontecia na família, afastada por brigas devido à sociedade no Rhum Chreosotado.

Faziam o cabelo no Seu Eduardo, na Praia do Flamengo.

328 Pintavam as unhas de vermelho com meia-lua e usavam uma bombinha de laquê pra conservar o penteado.

Também usavam "estrato", colar de pérolas com fecho de brilhantes, guarda-chuva com cabeça de cachorro, liam romance e iam ao teatro assistir Alda Garrido.

Não sabiam fazer nada.

Davam ordens às "criadas".

Viviam do montepio dos maridos, da Marinha.

O Comandante Bello era apaixonado por vovó e lhe fazia visitas esperançosas à tarde.

Criticavam as filhas, que achavam problemáticas e asmáticas.

Não tinham nenhuma predileção por crianças ou cachorros.

Gostavam de ir ao Cinema São Luiz.

Faziam estação de águas em Araxá, Cambuquira, São Lourenço, pra onde iam vestidas de *slack*, com uma máquina fotográfica pendurada no pescoço pra compor o tipo esportivo. Mas não sabiam fotografar nada.

Andavam de charrete e “sombriinha”.

Titide foi a primeira a morrer.

329

Me deixou um anel de ouro com três pérolas.

Depois foi a vez de Chloé que não sobreviveu a morte de Lorí.

Vovó ficou sozinha.

Única representante de sua geração, sentiu-se deslocada.

Parou de tomar homeopatia e usar chapéu.

Levada por uma amiga mais moça, entrou pro “Clube das Velhas”, onde dançava, cantava e foi eleita miss.

As Mães e as Filhas

Uma é mãe, a outra é filha. Uma, a extensão da outra, difícil destino que se entrelaça, revolta, recusa-se, esperneia, reflete-se, trapaceia. Uma é a outra amanhã, outra foi aquela ontem. Uma sabe, intui, adivinha o que a outra esconde, inverte, imita, finge que não é. Uma menina, outra mulher.

Brincando de casinha de boneca, procurando estrela do mar, fazendo castelo, aprendendo a nadar.

– *Não quero comer, não quero.*

330 – *Come os legumes, eu espero. Olha só o aviãozinho. Anda, vai, logo, come, se não o aviãozinho some!*

À noite a mãe conta história. A filha tem medo da bruxa.

– *Que maldade, mamãe, puxa!*

– *Não tem que se preocupar! Branca de Neve caiu dura, mas chega o Príncipe, e a coisa toda muda de figura...*

Se a mãe sai, a filha lhe deixa bilhetes presos na parede e fica esperando a mãe, balançando-se na rede.

– Espera, não lê agora. Ainda não está na hora. Assim que a gente deitar. Você pode começar.

Saem, riem, se completam. Não querem saber de ninguém. Ficam as duas muito bem.

A mãe veste a blusa da filha, a filha, a saia da mãe, mãe e filhas refletidas numa inversão divertida.

Mas a filha vai crescendo e a mãe nem vai percebendo.

A mãe corta o cordão umbilical da filha quando nasce. A filha, quando adulta, corta os laços. A mãe pra existir, se dá à filha. A filha, pra poder viver, a rejeita.

331

Em que momento da vida deixaram de ser cúmplices? Quando é que pararam de se divertir? Contar histórias? Trocar de roupa, rir? Desde quando que a mãe chora? Quando é que a filha foi embora?

Uma já viveu ao seu modo o que a outra vive agora.

A filha é a criança da mãe, a mãe, o super-ego da filha.

A filha se enche de impaciência diante da mãe, a mãe de amor pela filha. Ambos os sentimentos se extrapolam em ninharias ridículas. Uma fez isso, outra aquilo. Uma agiu assim, outra assado.

– *Olha, mãe, tudo acabado.*

– *Quem terá razão, as mães ou as filhas?*

A filha não agüenta mais nada. A mãe sempre agüenta mais uma. As dores são ondas que oscilam de intensidade. Uma ou outra mais forte tirá-lhe o folego, joga-a no chão. Nada que não a faça voltar à tona, ver de novo a onda verde, retomar a respiração.

A filha nada contra a mesma maré que um dia embrulhou a mãe. A mãe estende-lhe a mão, delicada. A filha recusa, indignada.

332

– *Me deixa nadar sozinha.*

Sempre a mesma ladainha...

Quantas ondas grandes a mãe teve que furar? Quantas arrebentações driblar? Onde estará ela, a filha? Ali boiando, esquecida, e a mãe a se preocupar que se afogue, nas ondas verdes da vida.

– *Me empresta o carro pra eu ir à festa?*

– *Por que não põe uma roupa mais transada, uma blusa decotada, um vestido de outro tom? Minha filha, não acredito: cê vai sair sem baton?*

– *Ai, meu saco, vou-me embora. Dá pra me emprestar agora?*

- *Como é que foi o trabalho? Cê fêz aquela leitura?*
- *Mãe, foi tudo uma chatura. Anda mãe, cadê a chave? Estou atrasada. Ave!*
- *Queria saber da peça.*
- *Já disse que é chata à bessa... Anda, mãe, que eu tô cansada e ainda por cima com fome...*
- *Então dorme aqui, vê se come...*
- *Esquece. Não quero ficar.*
- *Pena... Tinha tanta coisa pra contar...*
- *Ora, mãe, para de fazer drama... Cê quer mesmo é cair na cama.*
- *Já voltou a essa hora?*
- *Se não quiser, vou me embora...*
- *Levei um susto, foi isso. É que você me acordou...*
- *Dorme de novo, eu já vou...*
- *Vai de novo viajar?*
- *E você? Me controlar? Saco, tá mais que na hora. Escuta, mãe, vou-me embora.*

*– Não esquece de fechar a porta. Apagar a luz...
Cuidado com a violência...*

– Ai, mãe, tenha paciência...

Em cima da mesa um bilhete: "Mãe, desculpe o mau humor, mas é que eu ando uma pilha..."

Quem tem razão? As mães ou as filhas?

As caras da moda

Hoje as mulheres se vestem como nas décadas anteriores, só que sem a ideologia que essas décadas carregavam por trás dos figurinos, ou melhor, usando justamente os figurinos para negar as ideologias anteriores.

As moças do pós-guerra cortaram seus cabelos de Veronica Lake para que estes não lhes caíssem nos olhos e elas pudessem enxergar melhor o recém-inaugurado *métier* de operárias. Veronica e seu cabelo não condiziam mais com o que a época requeria: agilidade e competência. E tanto o lindo cabelo comprido de Veronica, como ela própria, caíram em desuso, deixando de ser símbolos. O ícone da mulher moderna passou a ser o contrário da feminina (ou do que estabeleceu-se ser feminino) e esta passou a se vestir de *tailleur* que masculinizava o seu corpo, com enormes ombreiras que lhes fortaleciam o porte. Sapatos anabela substituíram o salto fino da mulher bibelô e o look masculino e agressivo de Marlene Dietrich passou a determinar o sucesso. Mas isso era só uma espécie de fantasia, de fachada, já que no comportamento, as mulheres continuavam as mesmas. Nos anos 50, os enchimentos saíram dos ombros femininos para os seus sutiãs, e suas cinturas foram novamente apertadas por cintas que as reduziam a metade voltando outra vez ao que se estipulou chamar de feminilidade. O símbolo dessa mulher-tanajura era

Gina Lollobrigida ditando as regras novamente de cima dos saltos finos, certamente por exigência dos homens que já tinham voltado há muito da guerra e aos antigos preconceitos. A década de 50 idealizava a mulher num feminismo não só de cintura fina e saltos altos mas também na subserviência, na mulher-dona-de-casa-perfeita que recebia o marido à noite, de robe de nylon semi-transparente, sorriso nos lábios e *dry-martini* na bandeja, tipo Doris Day. Os vestidos "tomara que caia" de barbatanas realçando o busto e cinta pra diminuir a cintura escancaravam uma sensualidade "velada", de mulheres que ainda sonhavam com o altar, uma aliança de ouro para sempre no dedo esquerdo e um marido, que, obviamente as bancasse e cobrisse de jóias e presentes. Os homens concordavam com essas exigências e juravam o mesmo amor eterno à mulher que dedicavam à secretária, no escritório, no centro da cidade. Em geral bonitinhas, solteiras, de cabelo "demi de biquinho" ou "demi sem biquinho", muito risonhas e principalmente "cúmplices" da senhora do patrão, mas discretas nos recados e perguntas por telefone.

Cansadas de sorrir, fazer *dry-martinis*, anunciar geladeiras e máquinas de lavar na televisão, e sobretudo do golpe das secretárias, quase sempre sinônimo de amante do marido, as mulheres dos anos 60 queimaram os sutiãs em praça pública e meteram literalmente os peitos, delineados agora pela camiseta, na luta desenfreada pelos seus di-

reitos. O direito de obter os mesmos postos que os homens nos seus trabalhos, o direito de receberem o mesmo salário, de transarem com tantos homens quanto os homens transavam com as mulheres, ou ter um secretário, e o de rachar as despesas, já que tinham deixado de ser objetos.

As saias foram levantadas como minibandeiras coloridas, acenando a liberdade sexual conquistada com sessões de psicanálise e pílulas anticoncepcionais. Cintas, enchimentos, barbatanas, robes transparentes e *dry-martinis* foram substituídos por batas indianas, que igualava homens e mulheres, no visual, trazendo para o ocidente a descoberta libertadora da filosofia oriental que substituía a culpa pelo prazer de viver. Os longos cabelos dos homens e mulheres foram ornamentados de flores a la *Hair*, numa homenagem a ecologia, que começava a se tornar ciência, pela vivência comunitária dos *hippies* nos campos. Deus tinha ressuscitado entre a natureza e as portas da percepção que se abriam agora pro infinito liberando a felicidade bloqueada por preconceitos. A descoberta da vida refletia-se também nos espelinhos dos nossos coletes coloridos e os vestidos amplos predispunha-nos a dançar. As experiências lisérgicas sintonizaram-se com outras cores e sons provenientes do inconsciente e transformados em moda pela mídia. O mundo transparecia o brilho de uma descoberta holística influenciando vestimentas, arte e decoração, que hoje voltam ao uso, como num baile de máscaras,

sem nenhum compromisso, obedecendo somente ao eterno retorno, já desprovidos do antigo significado ideológico, uma vez que o sentido da moda atual é a liberdade de não conter nenhum sentido mas de ser a retrospectiva descompromissada de todas as modas e sentidos anteriores, sem cara definida que pudesse fazer a mulher pagar mico diante da rapidez da tecnologia que se supera a cada momento tornando moda, mídia “celebridades”, tribos e comportamentos vertiginosamente obsoletos.

A Inversão dos Valores

Um dia eu acordei e tinha mudado tudo. Uma inversão de valores. Tive que me adaptar. Aprender uma porção de coisas na marra. Com a experiência. Experiência besta essa de aprender tudo o que não devia. Estudei no Sion, debalde. Me aporrinhei à toa com aquelas freiras ensinando francês, boas maneiras... Fiquei sabendo, por exemplo, que hoje em dia não se retorna mais ligação. É chique. Dá *status*. O importante é ser inatingível, grosseiro. Bons tempos aqueles que eu falava com Fellini, em pessoa, na Cinecittà, sem intermediários e passeava com ele pelos estúdios. *"Aqui, minha filha, é o restaurante"*, mostrava-me ele, o braço por cima dos meus ombros, ali os camarins..." Uma vez liguei também pro George Benson, em Los Angeles, pra mostrar-lhe uma fita da Adriana Calcanhotto, e ele retornou a ligação, interessado! Minha irmã me diz: *"Para de contar essas coisas que vão achar que você é Princesa Anastácia, que acabou no hospício, feito louca."* Mas tinha uma delicadeza... Ontem vi Nara Leão, na TV Cultura, linda, cantando *"Com açúcar, com afeto"* Hoje não tem mais açúcar, foi substituído pelo *diet* e afeto então, há! Corre-se dele como o diabo da cruz. Também ninguém mais canta com aquela delicadeza que fazia até carcará ficar sutil.

Secretária eletrônica só serve mesmo pra pessoa se esconder, ficar quietinha, ouvindo o palhaço deixar o recado. *"Tá pensando que eu vou responder, há!"*

Coitado!..." Celular é pra ficar fora de área. Tem coisa mais brega que celular funcionando? Antigamente, não. Gente bem educada tinha, não só, que dar o retorno assim que chegasse em casa e a empregada (nervosa com a possibilidade de errar e perder o emprego) contasse quem ligou, como também tinha que telefonar pra agradecer a festa ou a reunião que tivesse ido na véspera. Pros homens valia também ligar pra moça no dia seguinte de uma transa, mesmo que fosse pra fazer uma gracinha qualquer, dizer: "*Oi, tô aqui .*" Agora, não. Ninguém mais tá aí pra nada. Isso dos homens ligarem no dia seguinte então, acabou faz tempo. Foi substituído primeiro por um: "*A gente se vê*" muito vago, com um beijinho nos lábios, depois de uma suposta noite de paixão, quando se ia levar o cara na porta. Depois virou um beijinho na testa, já com o pé no elevador, sem texto nenhum. E mais tarde um gesto que queria dizer *tchau* de longe, sem beijinho nem texto pra deixar bem claro que não tem gancho pra próximo capítulo muito menos pra novela. Também não há possibilidade de virar filme porque não monta. Não tem edição. Falta roteiro, sequência, diálogo. É no máximo um clip rápido, uma cena que você grava na cabeça e fica voltando se quiser. Vive-se um trailer do que poderia ter sido. Um *flash*, uma hipótese. Outro dia uma amiga jovem concordou em ir pro apartamento do cara contanto que ele ligasse no dia seguinte. Combinaram assim. No dia seguinte ele ligou, como prometera e quando ela perguntou:

"E aí quando é que a gente se vê de novo?" Ele respondeu: "Ah, assim também é demais. Isso eu não prometi pra você..."

Mas não houve só uma mudança negativa. De positivo há a vantagem de que hoje em dia mulher pode ligar pra homem, por exemplo, coisa inadmissível naquela época longínqua do Sion, quando mulher tinha de ser inatingível, cobiçada de longe, de preferência passando de helicóptero, dando adeus. Isso quando o auge da transgressão no colégio era matar aula na Sears ou no Jardim Botânico e não matar o colega de carteira na sala de aula ou a professora no recreio com uma rajada de metralhadora. Mas cá entre nós, se mal que me pergunte, o que é que adiantou mulher poder ligar pra homem se ninguém responde as ligações? Conclui-se então que telefone, celular, bip, secretária eletrônica, e-mail, servem pra gente se *proteger* do outro e não pra se comunicar com ele. Ninguém mais quer se comunicar com ninguém nessa era da Comunicação. O *outro* é uma ameaça constante. O que sempre foi, aliás. A diferença é que vivíamos sonhando com ela. Agora, não. Quando perguntei a filha de um amigo porque ela não *ficava* de novo com o garoto da festa, se foi tão bom, ela respondeu categórica: *"Repeteco não preenche álbum de figurinha..."*

341

Transam-se todas as possibilidades de sexo, droga, *rock and roll*, mas o afeto continua encerrado no peito há tanto tempo que até perdeu-se a chave

substituída por um controle remoto.

"E se o Bush invadir o Iraque, a Coréia acabar com os Estados Unidos, um asteróide se chocar com a Terra?" Perguntei a um amigo, por fax. *"A gente toma um Lexotan e espera bater."* Respondeu ele, por e-mail, uma semana depois.

O Quebra-Cabeça

Raramente me senti pertencer a alguma coisa. Pertencer mesmo, inteiramente, no sentido mais amplo da palavra. Ali no duro, na batata. Sempre fui em busca de mim mesma e eram tantos eus que fui buscá-los em várias trips, várias turmas, vários países, sempre pertencendo e despertencendo a todos eles. O pertencer nunca me veio de encontro assim facilmente, de bandeja. Nunca encontrei a alma gêmea, mas parecida, nem a outra metade, mas muitos pedaços dela espalhados em aparentes contrastes. Eu, sim, que sempre fui buscá-los. Era uma porção de retalhos querendo virar colcha. Um quebra-cabeças a procura dos encaixes.

343

Encaixava com a minha família até o ponto que encaixava melhor com as babás. Comparecia as suas festas nos seus quartos (naquele tempo as dependências de empregados das casas de Botafogo equivaliam a um amplo quarto e sala moderno), onde iam as outras empregadas da casa e também as da vizinhança e seus noivos eternos. Lá elas me mostravam os seus enxovais guardados em malas, tenho a impressão que para sempre.

Dividida entre a sala de visitas e o quarto de empregadas eu ouvia louvores a Carlos Lacerda numa e na outra declarações de amor a Vargas.

Foi também essa divisão que formou minha cultura

musical: Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Dalva de Oliveira no rádio Telefunken do quarto de fora, Edith Piaf, Yves Montand e Frank Sinatra lá dentro. Também me deliciava com mamãe tocando Chopin no piano à tarde, e papai, à noite tirando *Bonequita Linda*, de ouvido.

Me enturmava com algumas colegas de colégio mas com pouquíssimas freiras e absolutamente nada com a repressiva instituição. Acho que foi aí que comecei a dizer não ao não.

O racha de ideologias no *Country* começou quando meus amigos odiaram a *Cantora Careca* que eu vira duas vezes estrelada por Luis de Lima e Camilla Amado. Ionesco foi o divisor de águas da minha adolescência. Passei muito tempo depois da descoberta dele sem me identificar muito com ninguém. Só quando conheci o Cinema Novo, me senti novamente compreendida. Apaixonada pela *Nouvelle Vague*, me dividia entre o bar do *Country* e o Cinema Paissandú.

Foi em 68 que saí definitivamente do clube quando me apaixonei por um líder estudantil. Os sócios radicalizaram com o meu namorado e ele com os sócios. Outro racha. Pendi pras passeatas e pro Movimento Estudantil.

No exílio, de carona, me dividia entre os exilados políticos e a casa do embaixador Paulo Carneiro, onde conheci Di Cavalcanti, Murilo Mendes, Almei-

da Salles e a nata dos intelectuais em Paris. Não pertencia à França, mas muito menos ao sistema de ditadura no Brasil.

Com a perda dos meus pais e dos privilégios, fiquei reduzida a alguns pedaços meus, e com a nostalgia dos outros, fui fazer análise de grupo onde parecia finalmente *pertencer a alguma coisa*. Tinha encontrado uma família. Amava os meus colegas e o analista e esperava ansiosamente pelos dias de terapia como as festas da minha infância no quarto de Babá.

Hoje percebo que o que me fazia dar a impressão de *pertencer*, era a materialização da busca de mim mesma que se refletia no grupo, além do afeto.

345

Pertenci também a alguns (muito poucos) homens toda vez que me apaixonei. A paixão nos inclui automaticamente no Todo, numa sintonia, direta com Deus. Mas formando-se do nada, também se desfaz como veio, estraçalhando-nos novamente em porções doloridas atiradas no vácuo. *"Vai procurar sua turma!"* Consolavam os amigos. Mas a onde?

Achava que, como sempre, ela continuava salpicada pelo mundo afora, até que percebi que ele, o mundo, tinha mudado. Estávamos vivendo, eu, e os meus pedaços espalhados por ele, um momento histórico de reunião. O fim da fantasia. O início da vitória. O começo de uma nova realidade que une

a sala da minha infância ao quarto de Babá. Tive essa clara impressão participando do encontro do Lula com os artistas. Vi a Benedita governadora, os jovens atores do Nós do Morro fazendo sucesso junto com os da Globo. O Hino Nacional em ritmo de olodum cantado pelo coral infantil de Xerem, e entendi que embora nosso ídolos (ou ideologias), ainda fossem os mesmos, (graças a Deus) já não vivíamos mais como nossos pais.

Então me senti *pertencer* ali, naquele encontro, vendo meus pedaços reunidos em forma de amigos. Os mesmos das passeatas, das Diretas, do *Impeachment* e de tantos *Lulas lá* dessa vez vencedores. E tive a incrível sensação de que o quebra-cabeças da minha vida tinha se convertido finalmente num colorido e harmonioso mosaico.

Entre a Cigarra e a Formiga

Sempre adorei comer doces, desde que me entendo por gente. Balas de bonequinho cor de rosa que minha tia trazia, de surpresa, escondidas na bolsa, balas de côco, que a cozinheira fazia e, as grandes "orgias" de açúcar, que eram as festinhas de aniversário lá de casa, ou dos primos e filhos de amigos dos meus pais. Tinha paixão por olho de sogra, docinhos caramelados, brigadeiro, guaraná caçula ou Coca-Cola naquela garrafinha de design esperto que cabia na mão. O açúcar, pra mim, estava, portanto, relacionado a alegria e ao prazer. Chamavam-me de "formiguinha", de forma carinhosa, o que me fazia sentir, de uma certa forma, obrigada a corresponder ao apelido, exagerando minhas aptidões açucareiras.

347

Era magrinha e podia comer livremente, até o dia em que meu pai ficou diabético, o que eu via como uma tragédia, já que ele nunca tinha ficado doente. Chorava achando que ia perde-lo, pois ele tinha quarenta anos, o que, a meu ver, era a mais provecta das idades.

Depois disso papai encanou em mim, já, que segundo ele, eu era a filha que tinha todas as características possíveis pra herdar dele, aquela peste hereditária. Passei a ser então "a herdeira", no péssimo sentido da palavra, é claro, e perseguida por isso. Já não podia comer docinhos nas festas e

Babá era a encarregada de policiar a “formiguinha” apelido que, agora, passava a ter um sentido pejorativo. Tive então que arranjar, inconscientemente, outro “número” pra conseguir sucesso. Passei então a me fazer de vítima. Quando a dona da casa me oferecia um doce, eu recusava de olhos baixos e expressão de dor.

– *Obrigada... Eu não posso...*

348 Todos achavam aquilo lindo e me apontavam como exemplo, o que me dava uma satisfação tão grande quanto o período de análise que tive que dedicar a essa “vítima” alimentada depois pelo caderninho de sacrifícios do Colégio Sion. Ninguém explicava, naquela época, que ser bom, é fazer o bem, sem ser preciso pra isso, se privar dele, mas sim, partilha-lo com os outros.

Não sei o que me fez mais mal, ou à qual das duas dediquei mais tempo no divã: se à “formiguinha” ou a “vítima”. Talvez, à formiga, pois além da sua loucura por doce, encarnava também a personagem de La Fontaine, que era vista com muitos bons olhos, por pensar no futuro e não ser imediatista como a cigarra, vilã da história. Mas com essa formiga francesa, eu não me identificava. Achava-a mesquinha, pão-dura e careta. Tinha muito mais a ver com a cigarra que adorava música e varava a noite tocando violão. Apanhava então, por ser formiga ou por ser cigarra.

Formiga, com papai me proibindo de comer os marron-glacés que o Antenor de Rezende mandava de presente pra família, embrulhados naquele papel prateado, por exemplo. Por ser cigarra quando, já adolescente, cheguei em casa às oito e meia em vez das sete da noite, porque fiquei olhando o incêndio da boite Vogue com os amigos, do alto do Hotel Miramar.

Mal tinha me livrado da acusação de ser formiga, agora era a cigarra que atacava o império da minha adolescência repleta de culpas e figuras de mártires que me atormentavam em suas torturas mostrando-me as chagas antes de eu dormir. Cansada deles, optei radicalmente pela cigarra e comecei a sair até tarde da noite, bebia, fumava, tocava violão. Além do que, estava numa idade em que todo mundo queria ter a magreza da Twiggy, (a manequim da hora), curti os Beatles e os Rolling Stones. A formiga, portanto, estava absolutamente *out!*

349

Continuei por muito tempo sendo cigarra, até que um dia enjoei de sair. Não completamente, mas daquela forma compulsiva que tinha substuído a de comer doces. Continuei gostando de música que passei a ouvir na sala. Descobri a televisão, que antes da Net, servia apenas, pra mim, como mais uma mesinha de colocar objetos, e me dei conta de que ficar em casa era uma delícia! Mas aí, talvez pelo fato do ser humano não poder viver sem vícios ou transferências e também porque só gosto de

beber quando saio, voltei aos doces!!! Isso mesmo! Papai só não está se revirando na tumba, porque, por causa dele, nunca deixei de fazer exame de diabetes. E como tá limpo, nesse sentido, quase tive uma *overdose* de açúcar outro dia com uma torta que ganhei de presente e com os docinhos árabes que comi no jantar da Kátia Chalita.

Mas embora, à princípio, tenha ficado culpadíssi-
ma, como de hábito, não voltei pra análise. Apenas reconheci que foi exagero da minha parte e prometi a mim mesma que não repetirei a dose, não por causa de papai, porque virei careta feito a formiga da fábula, ou por causa da magreza da Twiggy, mas porque já não gosto de nada que me faça mal ao espírito ou à matéria. Talvez tenha chegado ao tão almejado caminho do meio... Será a tal sabedoria que dizem vir com a idade? Pois então, bendita seja...

2002

2002 coroou o balanço do milênio de forma super positiva no Brasil. Os marcianos não desembarcaram na Terra, como se imaginava nos anos sessenta, não houve nenhuma odisséia no espaço, nada se tornou mais obsoleto que os *futuristas* discos voadores que durante décadas ocuparam a imaginação e as capas da revista *O Cruzeiro*, os astronautas se aposentaram junto com o *espaço sideral*... Cadê ele? Acho que acabou o espaço. Até o sideral, tão *válido*, na época... A implosão do World Trade Center destruiu valores, transformou a economia e as cabeças mundiais, mas para o bem do povo e felicidade geral da nossa nação, *os alquimistas*, estes, sim, estavam chegando por aqui, realmente, como afirmava Jorge Ben, na sua música. Pois se não fosse por eles, como acreditar que aquela utopia de 68, de se tomar o poder se concretizasse finalmente? Quando meu namorado, na época, afirmava que isso aconteceria, achava muito mais fácil encontrar um unicórnio no jardim, do que ver aquela bela juventude delirante e inflamada depor a velharia cinza estagnada para sempre no palácio com cara de quem já morreu. Quantas vezes saímos vestidos de vitória pra encarar a derrota sob a forma de uma nova puxada de tapete, afogando as mágoas nos chopos do Álvaro's com pastel?

Mas é que os alquimistas trabalhavam em silêncio, esperando a hora certa, na sua função privilegiada

de transformar metal em ouro e aí, de repente, olha o Lula lá, de diploma de Presidente da República na mão. Olhei pra televisão e acreditei em milagre embora tenha limpado a tela do televisor como limpavam o vidro da janela, outro dia, pra ver se era mesmo Nossa Senhora que aparecia nela ou apenas um reflexo no vidro. E pensei na Nara Leão cantando no Opinião com o João do Vale, "*eu chego lá, queira ou não queira eu chego lá...*" Minha geração chegou lá. Depois de tanta loucura, tanta tortura, tanta ditadura, tanta repressão, tanta transformação, depois de ter dito tantas vezes não ao não. Nós, que fomos pras passeatas, pro exílio, pros shows de *rock*, que sequestramos embaixadores, que fizemos o amor em vez da guerra, que mudamos os costumes, que abolimos a virgindade, que transformamos o casamento, usufruindo de sua breve graça até que o tédio nos separasse, que amamos os Beatles e os Rolling Stones, que fomos tropicalistas, que comemos macrô, que lemos o I Ching, que nos "orientamos" com Gil, que meditamos com o Osho, que queimamos sutiãs, que usamos tanga de crochê, que marchamos com os gays, que lutamos com os Black-Power, que atravessamos as portas da percepção, que dissemos palavrão, que vimos a coisa preta, que inventamos a palavra careta. Nós, os alquimistas, estávamos nos preparando pra chegar. A geração 68.

Chegamos!

Nós, que amávamos tanto a revolução.

Uma antipatia gratuita

Não adiantava ela ser uma santa. Meu tio-avô detestava a Beth, melhor amiga de sua mulher, Geni.

– *Que foi que ela te fêz, criatura?*

– *Não gosto e pronto, acabou-se.*

Tudo terminava em discussão à mesa quando a Beth vinha almoçar. Foi assim, conta minha tia, quando o Barreto Pinto saiu de cuecas n’O cruzeiro.

– *Pouca vergonha.* Disse a Beth. *“Não se tem mais respeito...”*

353

Já tio Eugenio achava a única reportagem interessante da revista.

Outra vez se desentenderam por causa da música Chiquita Bacana. *“Não usa vestido, não usa calção?”* Preocupava-se a Beth com as crianças enquanto tio Eugênio nos ensinava a letra: *“Se veste com uma casca de banana-nanica...”*

Beth era devota de São Judas Tadeu e frequentava diariamente a sua igreja.

– *Como é que ele agüenta, Geni? Só sendo santo mesmo...*

Beth fazia tudo pra agradar: pé de moleque, doce de laranja, biscoito de nata.Qual...E ugênio não comia. Detestava a Beth.

– *Também é filha de Deus, criatura!*

– *Com aquele nariz, Geni?*

Um dia faltou parceiro pra jogar Pif-Paf e tia Geni chamou a Beth pra tapar buraco.

– *Chamasse o Cosme.*

– *Onde já se viu chamar o porteiro pra jogar com as visitas?*

354

– *Melhor que aturar a Beth.*

No Natal ela trouxe um bolo de nozes e tio Eugenio não resistiu. Trancou-se no banheiro e comeu até passar mal.

– *Culpa da Beth. Tinha alguma coisa esquisita naquele bolo...*

– *Por que é que ele me odeia, Geni?*

– *Qual nada, criatura, no fundo, no fundo, ele adora você...*

Quando a secretária do tio faltou, Beth se ofereceu pra bater uns papéis à máquina. Mas tio Eugênio

mandou-a pra casa. *"Bateu espaço dois, eu queria três.*

A viagem à Caxambú foi um desastre. Depois que o garçom Fioravante morreu de repente, tio Eugenio foi bem cedinho assustar a Beth na Fonte de São Pedro. *"Avante, avante, quem fala aqui é o Fiô!"* Deste dia em diante a Beth teve de beber água da fonte sulfurosa que tanto detestava. Também foi em Caxambú que tio Eugenio fêz disparar o cavalo da Beth batendo-lhe no lombo disfarçadamente. E por último, mandou um bilhete pro coronel reformado do quarto 505 em nome da Beth. *"Estou irremediavelmente apaixonada por você."* O que fêz o militar mudar de hotel com a família.

355

Meses depois tio Eugenio ficou doente. Problema de coração. Mandou chamar a Beth. *"Arrependeu-se"* Pensou Geni, comovida.

Beth chegou nervosa, de preto. Apesar de tudo nunca guardara rancor. Tia Geni levou-a ao quarto do marido, deixando-os a sós..

"Chega mais perto." Pediu o moribundo. Beth se aproximou, chorosa. *"Agora sinta aqui do meu lado."* Beth obedeceu. *"Agora se aproxima mais."* Quando a Beth chegou o rosto bem perto dele, tio Eugenio levantou a cabeça e deu-lhe uma dentada no nariz, sussurrando: *"Nariguda!"*, antes de cair duro pra traz.

Viúva processa Walt Disney

Minha amiga está apaixonada por um cara quase vinte anos mais moço. Pra homem, tudo bem. É a prática normal. Mas quando é mulher, pega. No geral, né? Como está pegando pra ela. Muito moderninha, muito descolada, mas falou em paixão, pronto. Vira Penélope esperando Ulisses, que tá lá no meio do mar, numa boa, de celular desligado, babando pela Pequena Sereia...

Minha amiga está se sentindo muito insegura. Se acha gorda, se acha velha, se acha feia, compara-se a Giselle Bündchen, as gatinhas de vinte anos, compra umas roupinhas de Barbie. Eu fico pasma!

356

Passei a noite dizendo a ela que se o cara está na dela não é porque ele quer uma Giselle Bündchen ou uma Barbie. Se ele quer "ficar" com ela, de alguma coisa nela, ele gosta...

Ninguém teria uma conversa dessas com um cinquentão careca e barrigudo, claro. Gostar de meninhas, faz parte, é inerente a eles. Não se questionam se são um Johnny Depp, um Brad Pitt nem saem comprando roupinha de surf. Ficamos combinados assim, né? Quem foi que combinou, não se sabe... Se foi o inconsciente coletivo acho que ele não aprendeu nada nesses últimos milênios. Ainda vai ter que voltar muitas encarnações. Mas porque é que a nossa geração, que lutou contra to-

dos os preconceitos, que inventou o politicamente correto, que dá força pra todas as minorias, só tem preconceito com velhice?

Os velhos estão sujeitos a um verdadeiro campo de concentração.

Não podem se misturar com os mais jovens. Quer dizer, os velhos, podem. Podem até ir pras raves tomar ecstasy e dançar até de manhã correndo o risco de um enfarte. Mas as velhas? (Digo: todas as mulheres que passaram dos quarenta!), que fiquem na sua cadeira de balanço, como uma Dona Benta moderna, vendo televisão.

Mas voltando a minha amiga apaixonada, ela parecia uma Doris Day. Só que em vez de um *dry martini* pra esperar o maridão louro, de olhos azuis, tinha uma cerveja esperando o bofe tatuado ligar. Não deixou o celular em paz um minuto, telefonava pra casa pra conferir a secretária eletrônica, roía as unhas e andava de um lado pro outro numa ansiedade adolescente de quem espera o Príncipe Encantado. Mas que diabo de príncipe é esse que não se aposenta nunca? Que raio de ícone é esse que não cai do cavalo? No que um vira sapo, lá vem o barulhinho do galope do substituto. E que mulheres são essas que não simplificam a vida, não olham pros homens à pé, só à cavalo e ainda por cima, branco? Olha, sabe de uma coisa? Estou chocada com minha amiga.

– *Mas por que não “fica” com ele como ele “fica” com você? Pergunto, trazendo uns biscoitinhos pra alegrar tensão.*

– *Não posso. Diz ela. Estou de regime. Só faltava eu virar uma velha gorda!*

– *Mas que mania, meu Deus! Por que é que sempre tem que querer casar e constituir família? Uma senhora viúva que, graças a Deus, não pode mais ter filhos, não vai mais casar de véu e grinalda, foi comunista convicta, hippie e maconheira nos anos rebeldes, podia aproveitar a vida com um companheiro legal, ex-doiso feito a gente, e ainda me vem com essa lenga-lenga de conto de fada?*

358 – *Não adianta. Responde ela dando um golão de cerveja e uma baforada no cigarro. Enfiaram isso na cabeça da gente.*

– *Enfiaram? Pergunto arrumando a mesa. Foi você que enfiou!*

– *Não foi. Eu estava quieta no meu canto...*

– *Então quem foi que enfiou?*

– *Hollywood, ora...A Metro, a Paramount, a Columbia, a Fox, as Doris Days, as Esther Williams, os Ricardo Montalbens, sem falar do Walt Disney que destruiu a nossa geração! Faço análise há trinta anos por causa dele! Pois tá na hora de mandar a conta. Gritou ela.*

– *Não foi o Walt Disney que inventou o Príncipe Encantado, menina!* Respondo vendo-a andar de um lado pro outro. O príncipe, propriamente dito, é medieval. E também os contos de Andersen sempre acabavam com as belas adormecidas sendo felizes para sempre. *Acorda, poxa! Na Idade Média já tinha príncipe!*

– *Ter, tinha, mas foi o Walt Disney que divulgou! Feito Marlboro, por exemplo. Todo mundo fumava desde a idade média, seus cigarrinhos de palha, de rôlo, sei lá, mas não era generalizado assim. Não tinha marketing, entende? Ninguém fazia comercial de cigarro, nem de príncipe. Faz tão mal que agora é obrigado a pôr no maço que “o cigarro é prejudicial à saúde”. E o príncipe, não é? Vou processar Hollywood por propaganda enganosa.*

359

– *Acho que você vai perder... Eles têm bons advogados, vão provar que bofe não é príncipe e que a louca é você...*

– *Bofe não é príncipe e nem príncipe mesmo é príncipe. Taí o Príncipe Charles que não me deixa mentir. Passou a pobre da Diana pra traz. Não existe príncipe nenhum! Só sapos, sapos! Meu jardim tá infestado de sapos! Não consigo dormir com o barulho do chacoalhar dos sapos.*

– *Não é chacoalhar é coachar.*

– *Vou ligar pra minha amiga advogada. Tem que ser mulher. E vou convocar a mulherada toda da minha geração. Vamos ficar ricas. Pagar nossas dívidas com os psicanalistas, terapeutas, acupunturistas, astrólogos, tarólogos, videntes. Vou fazer um site. Vai botar mulher pelo ladrão. Pelo menos vamos obrigar Hollywood a botar um aviso nos filmes: “príncipe encantado faz mal ao coração”.* Diz ela atendendo o celular com expressão de Branca de Neve e chamando um táxi, na falta de carruagens, pra dar tempo de fazer um *dry martini* antes do bofe chegar.

– *E o pobre do Walt Disney, meu Deus, que dizem que está congelado, nem sabe o que o espera quando acordar...*

A folga da empregada

Começo a escrever a crônica depois de ler o jornal que escondi de mim mesma por causa das fotos de Usai e Qusai Hussein, os filhos de Saddam, entregues, massacrados e assassinados por trinta dinheiros por um primo Judas nessa história sem Cristos. Pra mim era demais ficar olhando aquele horror que me lembrou as cabeças de Lampião e Maria Bonita fincadas naqueles espetos e expostas para sempre numa vitrine. Se ligava a tv lá vinham elas, as duas carinhas embalsamadas e reconstituídas, costuradas, alinhavadas e retorcidas em nome da democracia, da justiça e da paz.

No primeiro parágrafo da crônica o telefone toca. Era o pedreiro precisando trabalhar. Quem não precisa?

361

Tento voltar à crônica, no dia de folga da empregada, mas o interfone toca lá embaixo. Desço a escada do escritório com o telefone na mão, vou até a cozinha e quando atendo o interfone, não tinha mais ninguém do outro lado. Olho pro sofá e vejo as carinhas de Usai e Qusai me olhando de novo, na página do jornal que o gato arranhou pra fazer uma caminha. Desvio o olhar e quando vou subir de novo a escada vejo algumas contas pagas em cima da mesa e penso em aproveitar a viagem e leva-las pra pasta de contas abertas no escritório. O telefone toca outra vez. Não sei onde o coloquei. Procuo a casa toda,

com as contas na mão, que largo em cima do sofá, ao lado do gato e das fotos dos Hussein, que viro ao contrário. Desisto de atender o telefonema que acaba caindo na secretária e volto pra crônica. Subo outra vez pro escritório mas lembro que não tomei os remédios: o anti-depressivo inteiro e meio calmante receitados pelo Dr Carlos Alberto, as cinco vitaminas ortomoleculares do Dr. Pasquale, os hormônios naturais do Dr. Vagner. Pego água na geladeira e lembro de descongelar os congelados do Sabor de Pecado. Acho o telefone em cima da mesa da cozinha, perto do interfone e quando ia pega-lo minha filha entra com meu neto que quer brincar de quebra-cabeça. Esqueço o telefone na mesa, o copo d'água em cima da pia e os congelados no congelador.

362

Pego o quebra-cabeça no "quarto da bagunça." Minha filha vê as fotos dos Hussein no jornal que o ventilador de teto virou de novo e dá um grito:

– *Mãe, o que é isso? Que mazoquismo ficar olhando esse horror!*

– *Estou tentando não olhar esse horror! Grito do quarto.*

Meu neto pergunta cadê o A de Antonio do quebra-cabeças. Fico de quatro procurando o A de Antonio que sumiu. Encontro-o debaixo da cama mas minha filha diz que está com pressa e só veio pegar o carro. Sai com o meu neto.

Subo as escadas de novo com o A de Antonio na mão. Coloco-o em cima da mesa. Lembro dos remédios que não tomei. Desço de novo.

Pego água na geladeira, depois vejo a outra água, que já tinha pego, dentro do copo, em cima da pia. Vou joga-la lá fora e percebo que não reguei as plantas. Abro a torneira da mangueira. O telefone toca outra vez. Lembro-me dele esquecido em cima da mesa da cozinha, corro pra lá e o atendo, ofegante. É a secretária da dentista perguntando porque não fui. Esqueci de olhar a agenda. Agora só daqui a um mês. Coloco o telefone na fonte, subo outra vez a escada e quando sento em frente ao computador penso na mangueira no jardim. Desço correndo. A água jorra pela borracha entrando pela sala. Agora o jornal com as fotos de terror está molhado. Aproveito e joga-o no lixo. Passo pelo quarto e vejo a agenda em cima da mesinha de cabeceira, fechada. Pra que serve uma agenda então? Aproveito pra marcar a dentista pra daqui a um mês. Que dia mesmo que ela falou? Ligo pra secretária da dentista, que fica meio de mau humor.

363

Subo de novo a escada. Vejo o A de Antonio na mesa, as pastas das contas pagas abertas sem as contas. Resolvo deixar pra lá. Mas a concentração se foi. Perco o fio da meada. Decido almoçar, mas a comida ainda está no congelador. Então volto outra vez pro quarto, pego de novo a agenda e ligo pra

Sonia Cruz, (que ninguém é de ferro), e peço uma hora extra pra relaxar no seu sofá.

Saio de lá tão calma que vejo as terríveis fotos dos filhos de Saddam na banca de jornal, no Leme, mas nem ligo. Desvio o olhar pro vidro de uma vitrine e me vejo dez anos mais moça como se tivesse feito uma plástica no rosto e na alma graças a Sugestologia.

Índice

Apresentação - Hubert Alquéres	05
Introdução - Rubens Ewald Filho	13
A Bela Escritora	17
Maria Lucia por Ela Mesma	21
Prova dos Nove	27
Macaquinhos no Sótão	31
O Revólver de Brinquedo	34
O Naufrágio	37
Fumacê	41
A Invasão do MST	45
Eu e Meu Gato	49
Macaca Sofia	53
Turismo no Rio	56
O Centro da Cidade	60
O Petróleo é Deles	63
O Parque de Diversões	67
O Rio Gay	70
Lagoa	73
Angústia	76
A Velha CNH	78
Búzios Again!	81
Casa Cor de Novo	84
A Lapa	88
Um Chopes e Dois Pastel	91
Copacabana me Engana	94
Descobrimo Paquetá	97
A Selva Carioca	100

	O Mico no Fashion	104
	O Gato de Programa	108
	O Mapa do Brasil	112
	Passeata	116
	Petrópolis	118
	Posto Nove	122
	Praça Serzedelo Correa	126
	Niterói	128
	O Tempo Passa...	131
	Festival de Gramado	135
	Dorinha	139
	Aqui e Agora	143
	D. Maria, a Louca	146
	Celebridades	150
366	A Broadway Brasileira	154
	Parem o Mundo que Eu Quero Saltar	159
	Rhum Creosotado	163
	Que Onda...	167
	Almoço no Campo	171
	Os Shows da Vida	175
	A Farra do Boi	179
	Rod Stewart e a Festa Que Não Houve	183
	A Má Notícia	186
	As Máquinas	189
	Os Piratas no Brasil	193
	Os Sapatinhos Vermelhos	197
	Novos Tempos, Novos Cortes	200
	O Caderninho de Sacrifícios	203
	O Outro	206

Difícil Comunicação	210
A Morte da Secretária	214
A Corrente Interrompida	218
CQD	223
As Voltas Que o Mundo Dá	227
Esperando a Telemar	230
O Chamado de Deus	234
O Desemprego	239
O Perigo Iminente	243
O Estranho Jantar	247
Tempos Blasés	252
O Qüiproquó	256
Paixão e Chocolate	259
Hotel Quitandinha	263
Os "Pontos" e os Flashmobs	267
Dia de Votação	271
Mulher-escudo	275
O Sinal Continua Fechado Pra Nós...	277
Secretária Eletrônica	281
Onde Andará Guigui?	283
M de Morte	288
O Leopardo	293
O Fundo do Poço	296
Homens...	300
Fila de Idosos	305
Escravo do Silêncio	310
É Dezesseis Só	314
Divagações de Carnaval	318
Cabelos!	322

As Tias	326
As Mães e as Filhas	330
As Caras da Moda	335
A Inversão dos Valores	339
O Quebra-cabeça	343
Entre a Cigarra e a Formiga	347
2002	351
Uma Antipatia Gratuita	353
Viúva Processa Walt Disney	356
A Folga da Empregada	361

Créditos das fotografias

Todas as fotografias são do acervo pessoal de Maria Lucia Dahl.

Coleção Aplauso

Perfil

Anselmo Duarte - O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Aracy Balabanian - Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Bete Mendes - O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Carla Camurati - Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Carlos Coimbra - Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach -

O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

Cleyde Yaconis - Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso - Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Djalma Limongi Batista - Livre Pensador

Marcel Nadale

Etty Fraser - Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Gianfrancesco Guarnieri - Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Helvécio Ratton - O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

Ilka Soares - A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache - Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

- João Batista de Andrade -
Alguma Solidão e Muitas Histórias**
Maria do Rosário Caetano
- John Herbert - Um Gentleman no Palco e na Vida**
Neusa Barbosa
- José Dumont - Do Cordel às Telas**
Klecius Henrique
- Niza de Castro Tank - Niza Apesar das Outras**
Sara Lopes
- Paulo Betti - Na Carreira de um Sonhador**
Teté Ribeiro
- Paulo Goulart e Nicette Bruno - Tudo Em Família**
Elaine Guerrini
- Paulo José - Memórias Substantivas**
Tania Carvalho
- Reginaldo Faria - O Solo de Um Inquieto**
Wagner de Assis
- Renata Fronzi - Chorar de Rir**
Wagner de Assis
- Renato Consorte - Contestador por Índole**
Eliana Pace
- Rodolfo Nanni - Um Realizador Persistente**
Neusa Barbosa
- Rolando Boldrin - Palco Brasil**
Ieda de Abreu
- Rosamaria Murtinho - Simples Magia**
Tania Carvalho
- Rubens de Falco - Um Internacional Ator Brasileiro**
Nydia Licia
- Ruth de Souza - Estrela Negra**
Maria Ângela de Jesus
- Sérgio Hingst - Um Ator de Cinema**
Maximo Barro
- Sérgio Viotti - O Cavaleiro das Artes**
Nilu Lebert

Sonia Oiticica - Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Ugo Giorgetti - O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Walderez de Barros - Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Especial

Dina Sfat - Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

***Gloria in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Maria Della Costa - Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca - Uma Celebração

Tania Carvalho

Sérgio Cardoso - Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

372

Cinema Brasil

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores

Carlos Reichenbach e Daniel Chaia

Cabra-Cega

Roteiro de DiMoretti, comentado por Toni Venturi
e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Vittorio Capellaro comentado por Maximo Barro

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Luís Sérgio Person e Jean-Claude Bernardet

Como Fazer um Filme de Amor

José Roberto Torero

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Dois Córregos

Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade por Ariane Abdallah e Newton Cannito

Narradores de Javé

Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Teatro Brasil

Alcides Nogueira - Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta e o Circo Teatro

Danielle Pimenta

Luís Alberto de Abreu - Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

***Trilogia Alcides Nogueira - ÓperaJoyce -
Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso -
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

Ciência e Tecnologia

Cinema Digital

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Os livros da coleção *Aplauso* podem
ser encontrados nas livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual

ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 6099-9800 - 0800 123401
www.imprensaoficial.com.br

Esta não é uma biografia tradicional. Nem uma autobiografia, até porque a escritora já publicou uma (*Quem não ouve o seu papai, um dia balança e cai*, pela Editora Codecri). Pela primeira vez, a **Coleção Aplauso** amplia sua proposta editando as crônicas escritas por **Maria Lucia Dahl** para o carioca *Jornal do Brasil*, um dos periódicos de maior prestígio do país. Todas com uma coisa importante em comum: relatam fatos de sua vida ou acontecimentos vistos pelo seu ponto de vista.

Como uma das mulheres mais bonitas deste país, **Maria Lucia** tem uma importante carreira como atriz em cinema (com participações marcantes em *Menino de Engenho*, de Walter Lima Jr.; *O Bravo Guerreiro*, do ex-marido Gustavo Dahl; *Macunaíma* e *Guerra Conjugal*, ambos de Joaquim Pedro de Andrade; *A Arvore dos Sexos* e *Mulher Objeto*, de Sílvio de Abreu). E também no teatro e na televisão (*Gabriela*, *Dancin' Days*, *Anos Dourados*, *Primo Basílio*). Mas seu senso de humor e dom de observação encontraram o veículo certo nas crônicas sempre inteligentes e oportunas. E para apresentá-las convidamos outra mulher de talento notável, sua irmã a figurinista Marília Carneiro.

É uma viagem deliciosa pelas aventuras, pensamentos e observações de **Maria Lucia Dahl** que a **Coleção Aplauso da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo** tem o prazer de editar tornando conhecido de um público maior a vida e o talento desta atriz/escritora.

ISBN 85-7060-401-7



9 798570 604018